

Clássicos da Literatura Romântica

No país dilacerado pela Guerra de Secessão floresce um amor sem fronteiras, um sonho de esperança...

Sarah Mackenzie, educada nos rígidos padrões puritanos da sociedade americana, cedo aprendeu a temer o futuro imposto a todas as mulheres: casar-se sem amor, submeter-se a um marido autoritário e a uma vida árida sem horizontes. Rebelde, obstinada, dona de uma inteligência arguta que a fazia tomar partido dos oprimidos, ela jurou jamais se curvar à vontade de um homem!

No entanto, ao conhecer Philip Calvert, Sarah se defronta com um destino inesperado. Ao lado desse incansável defensor da liberdade, ela descobre os mistérios da paixão, o violento despertar da sensualidade e a doce conquista de um prazer sem culpas ou barreiras...

Mais um romance de Maura Seger a consagrada autora de bestsellers de sucesso mundial!

Título original: Sarah

Copyright: by Maura Seger

Publicado originalmente em 1987 pela
Worldwide Romance, Ontário, Canadá.

Tradução: Vera M. D. A. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1989

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda e impresso na Cia. Lithográfica Ypiranga

A autora e sua obra

Maura Seger

Maura Seger já é conhecida do público brasileiro por seus incomparáveis bestsellers *Céu em chamas*, *Luzes, câmera, emoção!* e *Liberdade para amar* publicados na série Clássicos da Literatura Romântica da Editora Nova Cultural. Autora de quase quarenta romances, Maura ocupa hoje um lugar de destaque entre as melhores escritoras românticas do mundo, cumprindo assim a promessa que fez a si mesma aos 12 anos de idade.

Sua brilhante carreira iniciou-se em 1980 e já no ano seguinte, com *Desafiant Love*, ela recebeu da crítica o reconhecimento por seu talento: foi agraciada com a medalha de ouro do Romance Writers of America.

Como todas as outras obras de Maura Seger, esta que agora apresentamos a nossos leitores cativará pelo fascinante retrato de uma época. Com rara sensibilidade, a autora traça o perfil da sociedade americana em meados do século XIX, na qual as mulheres tinham poucas oportunidades de se realizar fora do casamento e da maternidade. É nesse mundo dominado por homens e arrasado por uma sangrenta guerra civil — a Guerra de Secessão — que a heroína Sarah conquista com coragem e obstinação seu próprio caminho.



PARTE I

1848-1852

CAPÍTULO I

Lowell-Massachusetts

Os gritos cessaram só no fim do dia.

As primeiras sombras da noite se infiltravam na casa e com elas veio um silêncio ameaçador. Sentada no último degrau da escada, Sarah Mackenzie sentiu o ar, denso pela ausência absoluta de sons, entrar em seus pulmões, dificultando-lhe a respiração, prestes a sufocá-la de medo.

Quando tudo começara na tarde anterior, a sra. Hobson, cozinheira da família há anos, fora à procura da garota. Custara muito até encontrá-la escondida no quarto, com as mãos sobre os ouvidos, numa esperança vã de bloquear os sons angustiantes. Forçando-a a ir para a cozinha, tentara distraí-la com biscoitos de gengibre e chá, revoltada contra a atitude desumana de não afastar as crianças daquele ambiente de dor, evitando-lhes mais sofrimento.

Infelizmente, naquela casa, o relacionamento entre patrão e empregados não permitia sequer uma tentativa de aproximação, quanto mais a ousadia de um palpite, e nenhum dos criados se arriscara a demonstrar sua indignação.

Josiah Mackenzie sempre fora um homem profundamente religioso e acreditava nos atos de um Deus implacável mas justo. O poder do Senhor, que distribuía a Justiça sem misericórdia, era aceito como parte integrante de uma vida austera, regida pelos princípios rígidos do Velho Testamento. Ele não admitia nenhum motivo válido para poupar seus filhos de conhecerem a punição quase aterradora da mão divina.

Naquela noite Sarah não tinha pensado no Deus de seu pai. Num estado de semiconsciência que oscilava entre um sono muito leve e a insônia, percebera os sons se tornando mais fracos com a chegada da manhã. Com a luz do dia, o medo diminuía e ela havia se consolado, pensando que os gritos eram apenas o resultado da luta de sua mãe contra algo horrível, muito além da sua imaginação. Mas o silêncio, quando chegara, mostrava-se ainda mais assustador, pois trazia a dúvida.

A fisionomia infantil carregava as marcas de infindáveis horas de angústia: o lábio inferior inchava de tanto cravar-lhe os dentes, os olhos estavam vermelhos e os cabelos castanhos se colavam ao rosto suado. A magreza provocada pelo crescimento rápido dos últimos dois meses parecia mais evidente pela postura de derrota e medo.

— Ela está morrendo.

A voz do irmão a assustou e Sarah levou alguns segundos até compreender o sentido real daquelas palavras. Gideon e ela eram muito parecidos mas a expressão dos dois pares de olhos cinzentos jamais seria semelhante. Enquanto se lia no olhar de Sarah a ânsia de acreditar no lado bom de todas as coisas, o de Gideon afirmava sua convicção de que o pior sempre iria acontecer.

— É mentira! Ela não está morrendo!

— Você não sabe de nada, Sarah! O dr. Carter avisou-a para não ter mais nenhum filho além do Nathan.

O caçula já completara sete anos, Sarah tinha doze e Gideon treze. No período entre os dois e após o nascimento de Nathan, Catherine Mackenzie tinha sofrido inúmeros abortos e dado à luz a duas crianças que não sobreviveram, sempre cumprindo seu dever de esposa submissa e dócil.

Sarah foi impedida de retrucar pela chegada do médico que saía do quarto de Catherine, acompanhado pela mãe de Josiah.

A figura alta e corpulenta da avó Mackenzie surgiu no patamar da escada, vestida de preto como o fazia há mais de um quarto de século. O luto pelo marido jamais fora aliviado pois uma viúva decente vivia apenas de memórias..

— É preciso comunicar a situação ao sr. Mackenzie. — O dr. Carter fitou a mãe de Josiah

com um olhar esperançoso. — A não ser que a senhora mesma prefira dar-lhe a notícia.

— É melhor que ele saiba através de um médico. Diga a meu filho que estou a sua espera no quarto.

Enquanto o dr. Carter descia as escadas, acompanhado por Gideon que se esgueirava para não ser notado, Sarah viu tia Caroline aproximar-se da avó. Como o irmão, a garota encostou-se à parede e seu vestido marrom, sem qualquer enfeite, se mesclou com o papel de parede, do mesmo tom sóbrio cujo objetivo principal era o de não incentivar a vaidade.

Tia Caroline também se vestia com tons apropriados à modéstia de uma moça bem educada. De ossos grandes e feições duras, ela era uma versão mais jovem da mãe e de traços ligeiramente mais suaves que os do irmão. Os lábios finos expressavam apenas duas emoções: desaprovação e orgulho de suas qualidades excepcionais. Jamais conseguira compreender por que nenhum homem a pedira em casamento, tendo-se em vista seus dons insuperáveis e a elevada posição social da família Mackenzie em Lowell.

A decepção e o tempo fizeram a amargura crescer como uma planta voraz e as raízes dessa erva daninha haviam se tornado parte do corpo jamais exigido para cumprir sua maior função: a maternidade.

Para Sarah, cuja sensibilidade aos aromas era incomum, a tia sempre lhe trazia à mente pastilhas de garganta, leite de magnésia e cânfora. Eram cheiros que, desde bem criança, ela associara a doenças, embora Caroline, esquecendo-se do pecado do orgulho, se vangloriasse de ter uma saúde perfeita. Aliás, a esse comentário automaticamente se seguia uma crítica à fragilidade de Catherine.

A garota não queria ser vista. Aproveitando-se da concentração das duas em algum assunto evidentemente grave, ela girou a maçaneta com extrema cautela e, esgueirando-se pela fresta da porta, entrou no quarto da mãe.

As pesadas cortinas de veludo vinho ainda não tinham sido fechadas e a escassa luminosidade do crepúsculo impedia as trevas de invadirem aquele aposento tão conhecido de Sarah. A cesta de costura estava em seu lugar habitual, ao lado da poltrona estofada, e o banquinho recoberto com uma tapeçaria de pontos diminutos permanecia na distância exata para que Catherine pudesse apoiar os pés quando se sentava para consertar as pilhas de roupas da família.

Sarah adorava aquela poltrona confortável que parecia envolvê-la num abraço macio. Quando a mãe a utilizava, ela se deitava de bruços no tapete chinês e ficava horas seguindo com a ponta dos dedos os desenhos intrincados de flores e pássaros orientais. O livro de Catherine, que ela também gostava de folhear embora não tivesse permissão para ler, continuava sobre a mesinha, entreaberto na última página vista pela mãe. Tudo parecia exatamente igual a todos os outros dias em que entrara naquele quarto.

Gradativamente, Sarah notou as diferenças. Lençóis amarrotados, com manchas cor de ferrugem, jaziam numa pilha próxima a cama e sobre a cômoda havia uma vasilha de louça branca também com marcas de ferrugem. Ela estava tão concentrada que só percebeu não se encontrar mais sozinha ao ver a avó pegar uma trouxa de pano do lado da bacia.

— É melhor dar um jeito nisso antes que Josiah entre no quarto, Caroline.

— Ponha dentro do armário... por enquanto.

— Sarah mal prestou atenção ao diálogo de murmúrios entre as duas mulheres pois finalmente vira a mãe e não conseguia tirar os olhos daquele rosto quase irreconhecível. A palidez era tão profunda que a garota vacilou e segurou-se na cama para não cair. Todo sangue de Catherine parecia ter fugido de seu corpo junto com o ventre que agora voltara ao normal.

Quando a porta se abriu, mais uma vez Sarah procurou a sombra dos móveis encostados à parede para passar despercebida. O dr. Carter e seu pai entraram no quarto. O médico, gordo e corado, parecia muito menor ao lado do homem imponente que tinha o efeito de fazer todos a seu lado diminuírem de estatura.

Alto e corpulento, Josiah Mackenzie jamais perdera a aparência robusta de trabalhador da terra que fora sua ocupação no passado. Apesar do fino sobretudo de lã preta, das botinas polidas como um espelho e do cabelo dominado pela brilhantina, o filho de camponeses se revelava através dos traços rústicos, quase grosseiros.

As sobrancelhas espessas não disfarçavam a expressão dura dos olhos escuros do mesmo modo que o farto bigode negro só ajudava a evidenciar a boca carnuda e

involuntariamente sensual. A submissão aos princípios religiosos o convencera de sua espiritualidade, mas o ar de penitência apenas tornava mais nítida a extrema imoderação de seus instintos carnis.

Como Sarah o fizera, Gideon se esgueirou por detrás do pai e aproximou-se da irmã, colada à parede mais distante do grupo de adultos. Crianças nunca deviam ser vistas nem ouvidas.

— Não disse que era mentira sua? Ela está dormindo.

— Você é mesmo idiota, Sarah. O médico foi procurar o pai para dizer que ela não vai durar muito tempo mais.

— Durar?

— Vai morrer! Tudo por causa do bebê!

Então Sarah lembrou-se da trouxa de pano mas não entendia como a avó podia se referir a um bebê como *isso*!

— Seja forte, meu filho. — A mãe de Josiah não demonstrava o menor sinal de emoção em sua fisionomia fria. — Nós sabíamos que Catherine não tinha boa saúde e uma tragédia como esta não tardaria a acontecer.

— E a sina de todas as mulheres, irmão. Carregamos o pecado e só nos salvamos através da dor.

Eram palavras sem sentido, muito além da compreensão de Sarah, mas uma onda de raiva a envolveu. Não podia ser verdade que a vida de todas as mulheres do mundo só encerrasse dor e sofrimento.

— Eu canso de dizer coisas mas você não me escuta, não é, Sarah? Ela vai morrer por causa do bebê como acontece com *todas as mulheres*. Por que não presta atenção ao que eu falo?

Havia uma razão para não ouvi-lo. Sarah não gostava do irmão mais velho e lutava contra esse sentimento reprovável, rezando para que Deus abrisse seu coração para o amor fraterno. Infelizmente, suas preces jamais eram atendidas e a antipatia pelo adolescente fisicamente tão parecido com ela apenas aumentava. Mesmo tentando ser imparcial, Sarah não conseguia ver nenhuma semelhança entre ela e Gideon ou sentir qualquer identificação com aquela criatura de olhar furtivo cuja presença só lhe causava mal-estar.

— Onde está Nathan? — murmurou, temerosa de elevar a voz e provocar a cólera dos adultos. Não queria sair do quarto da mãe e se a ouvissem seria mandada para junto dos criados.

— Ele ficou na cozinha. Vá buscá-lo, Sarah.

— Não. Nathan é criança demais.

— Você está sempre protegendo aquele molenga! Por que ele não deve saber como nós?

— É lógico que vai saber mas não precisa ser assim. — Nem a si mesma Sarah conseguira explicar por que queria impedir Nathan de presenciar aquela cena. Intuíra que nem ela nem Gideon teriam permissão para ficar no quarto e, caso fossem vistos, seriam logo afastados. Era um ambiente triste e pesado demais para crianças.

Quando ouviu a porta de entrada ser aberta, Gideon segurou o braço da irmã e, ignorando-lhe a resistência, tentou puxá-la para fora do quarto. Era mais forte e sempre conseguia dominá-la mas não se arriscaria a provocar uma cena diante dos adultos.

— Vamos embora daqui, Sarah.

— Não. Eu não quero sair.

— Está bem. — Gideon cedeu ao perceber a expressão teimosa de Sarah. — Só não vá me culpar quando se arrepender de não ter me obedecido.

Ela já estava bastante arrependida de ter entrado ali e visto mais do que devia. Iria sonhar com aqueles lençóis manchados, com a trouxa escondida no armário e principalmente com a fisionomia desfigurada da mãe, mas seria muito pior ficar em seu quarto, imaginando o que estaria acontecendo.

A chegada do reverendo Foster tornou a situação ainda mais grave aos olhos de Sarah e Gideon. Um dos poucos sentimentos em comum entre os dois era o ódio contra aquele ministro jovem e de voz aguda que os prendia por horas com seus sermões intermináveis e inflamados, todos os domingos.

— As crianças! Elas não devem ficar aqui!

— Sinto muito, reverendo, mas não recebi nenhuma ordem a respeito deles. — A sra. Hobson tinha recebido o ministro e o acompanhara até o quarto. No entanto, não pretendia permanecer naquele ambiente trágico onde nada mais havia a ser feito. — O sr. Mackenzie não demonstrou desejo de afastar os filhos desta casa.

Aproveitando-se da opinião do reverendo Foster, a sra. Hobson tentou puxar as crianças para fora do aposento apesar da resistência de ambos. Gideon soltou-se das mãos dela e ficou à espreita pela fresta da porta, mas Sarah permaneceu imóvel sem no entanto se dispor a acompanhar a cozinheira.

— Vamos, querida. Nathan está tomando um leite quente e você devia ficar ao lado dele.

— Eu prefiro ficar aqui... no caso de mamãe acordar e me chamar.

— Querida... ela não vai acordar. — A sra. Hobson torcia o avental a ponto de rasgar o tecido.

— Eu falei para essa boba que ela está morrendo. Cansei de dizer mas Sarah não quer acreditar.

O tremor nos lábios daquela criança e o medo contido no olhar cheio de desespero provocaram uma piedade infinita na sra. Hobson. Colocando o braço nos ombros frágeis demais para suportar o peso da perda da mãe, ela a afastou dali.

— O menino Gideon pode ficar, se quiser. Você vem comigo, querida.

O primeiro impulso de Sarah foi ceder e se entregar ao conforto proporcionado pelas formas amplas e maternais da sra. Hobson. Num contraste vivido com tia Caroline, a cozinheira só emanava odores agradáveis como gengibre, açúcar e calda de açúcar. As mãos ásperas e calejadas eram capazes de carinhos e gentilezas e a mesma voz que parecia rugir quando repreendia algum fornecedor impertinente podia cantar com a leveza perfumada de uma brisa de verão. Mas... aquela mulher amorosa não era sua mãe e nada a afastaria da maior proximidade possível de Catherine.

— Eu vou ficar — disse Sarah com uma voz inesperadamente firme para alguém tão jovem diante de circunstâncias incompreensíveis e trágicas.

A sra. Hobson aceitou a decisão da garota, reconhecendo a teimosia que aprendera a compreender e até admirar. A severidade de Josiah tinha desenvolvido nos filhos, principalmente em Sarah, uma resistência obstinada. Essa revolta permanecia oculta e raramente vinha à tona diante do pai mas nem por isso cessava de crescer.

Resignada ao inevitável, a cozinheira deixou as duas crianças no patamar da escada, imóveis diante do quarto da mãe. Gideon não a preocupava e continuava a espreitar pela fresta da porta, mas Sarah parecia tão desamparada!

— O reverendo está rezando. — Ele esperou até a sra. Hobson desaparecer ao pé da escada para fitar a irmã com um olhar assustado. Apesar de suas afirmações anteriores, ainda não tinha percebido o significado profundo e irrevogável das próprias palavras. Só agora se dera conta de que a mãe realmente ia morrer e essa constatação o deixou pálido e abalado.

— Pelo menos ela não vai sofrer mais. — Sarah notou o desespero transformar as feições de Gideon e segurou-lhe a mão num impulso.

— Vai sofrer, sim! — Ele rejeitou bruscamente o gesto de consolo da irmã. — Se ela for para o inferno vai queimar no fogo eterno!

— Mamãe não vai para o inferno. Ela nunca fez nada errado, Gideon.

— O pai diz que todos nós somos pecadores e devemos vigiar nossos atos, palavras e pensamentos em todos os dias de nossa vida.

Sarah ouvira aquelas frases do pai tantas vezes repetidas mas nunca explicadas que não prestava mais atenção. Catherine não podia estar incluída entre esses terríveis pecadores pois era uma fonte de conforto e de amor constante. De que modo uma pessoa como a mãe poderia pecar?

No entanto, havia tantos erros a evitar, tantos pecados dos quais fugir, que era muito fácil se esquecer de algum. O menor descuido, como um pensamento de ambição, orgulho ou vaidade, destruía toda uma vida de pureza e modéstia.

— O que vai acontecer conosco, Gideon?

— O pai precisará mais de você. Com certeza irá encarregá-la das ocupações da mãe.

— Oh, eu não posso! Nem saberia por onde começar!

Sempre ao lado da mãe, Sarah tinha a consciência do trabalho incessante necessário para tomar conta de uma família. Catherine conseguia acumular incontáveis tarefas sem dar a

impressão de desgaste físico ou sequer de um grande esforço. Os homens ignoravam como eram infundáveis os deveres de uma dona de casa.

Desde as primeiras horas da manhã até à noite, a mãe supervisionava todos os aspectos da complexa estrutura doméstica. Apesar da importância conferida pela posição de destaque do marido, que era proprietário de inúmeras fábricas de tecido e, por isso, lhe possibilitava o conforto de uma numerosa criadagem, Catherine acompanhava ativamente toda a preparação dos alimentos, cuidava das roupas da família, além de fiscalizar a conservação da casa.

As palavras-chave de sua vida eram modéstia e humildade pois Josiah afirmava que nada desagradava tanto a Deus como vaidade, tentação e desperdício. Cada centavo gasto devia ser justificado em um prestar de contas semanal e ele jamais hesitara em punir a esposa por algum desvio involuntário de seu padrão de parcimônia e simplicidade.

— Eu não posso mesmo cuidar da casa!

— Você estava sempre atrás da mãe e ela lhe ensinava tudo. Será que não aprendeu nada?

— Lógico que sim. Aprendi muito mas não o suficiente, ainda vou precisar de alguns anos...

— Em alguns anos, o pai já terá se casado de novo e não vai mais querer a sua ajuda.

— Casar? Ele não pode fazer isso! Ninguém irá ocupar o lugar da mãe.

— Você é muito tola, Sarah. O pai é um homem muito importante, precisa de uma esposa que tome conta da casa e, acima de tudo, para lhe dar mais filhos.

A idéia de casamento automaticamente lembrava Gideon uma imagem que se gravara com extrema nitidez em sua mente, recusando a desaparecer apesar de seus esforços.

Na primavera, ele tinha presenciado uma cena cujo impacto era revivido noite após noite, provocando reações estranhas em seu corpo. No campo pertencente aos Dart, qualquer um podia ver os garanhões e as éguas em plena demonstração de sua bestialidade. Gideon também estava entre os garotos curiosos, escondidos atrás das moitas, e seguira cada passo daqueles atos animalescos e brutais.

Em muito pouco tempo, o adolescente associou os ruídos daquela tarde no campo aos sons guturais vindos do quarto onde dormiam seus pais, em cuja porta ele começara a escutar. A gravidez de Catherine o embarçou a ponto de impedi-lo de olhar para a barriga da mãe, uma evidência concreta de que ela se submetera ao mesmo ritual vergonhoso que julgara reservado apenas aos animais.

Era mais fácil para Gideon pensar no alívio por não precisar mais ver aquele corpo deformado do que admitir medo diante da morte.

Para Sarah, a idéia de passar mais uma vez por horas torturantes só porque o pai queria mais filhos era inconcebível.

— Não vou pensar nisso. Não quero!

— Faça como achar melhor... só não fique surpresa quando acontecer.

— Você é odioso, Gideon. — Sarah já não se preocupava mais em esconder suas lágrimas do irmão. — Não está sofrendo nem um pouco por causa da mãe e ainda fica falando essas mentiras horríveis só para me magoar mais.

Antes que Gideon pudesse responder, a irmã desceu a escada, fugindo para longe daquela conversa perturbadora. Ele tentou detê-la mas logo desistiu pois sabia que a raiva de Sarah desapareceria depressa. Aquela garota estranha só não o perdoava quando o ofendido era Nathan e ele se esforçava para não tocar um fio de cabelo do irmão caçula.

As árvores já formavam sombras soturnas no campo atrás de casa quando Sarah atravessou a grama alta onde uma raposa tinha feito sua toca. Ela não tivera coragem de voltar ao seu quarto, onde passara as piores horas da sua vida na noite anterior. Preferia pensar sobre tudo o que acontecera no meio da natureza.

O quintal chegava até a beira do rio e Sarah sempre se refugiava para sonhar em meio ao coxar dos sapos que se escondiam entre as pedras. Dali, ela via na outra margem a rua onde ficavam as pensões que recebiam as moças que trabalhavam nas fábricas. Era capaz de permanecer por horas acompanhando o movimento daquelas criaturas que a intrigavam tanto.

Muito cedo, as moças saíam para trabalhar, com seus vestidos de pano rústico muito limpos. Caminhavam com dignidade, conversando e rindo. No final do dia, retornavam quase desmaiando de exaustão. Mesmo de longe era possível notar o esforço de cada passo e, como o barulho dos teares as deixava temporariamente surdas, não trocavam nenhuma palavra.

Um dos deveres de Catherine, como esposa do patrão, era visitar as operárias que adoeciam e Sarah muitas vezes a acompanhara. Doenças de pulmão eram as mais freqüentes e logo as garotas vindas do campo, robustas e coradas, transformavam-se em sombras pálidas. Na maioria das vezes, eram enviadas de volta para casa a fim de que sua condição não perturbasse as demais, porém, quando a situação se mostrava mais grave, iam à clínica que os donos das fábricas de tecido haviam criado.

Lembrando-se da bondade da mãe em relação àquelas pobres jovens, Sarah sentiu ódio dos que tinham rezado para pedir a Deus que perdoasse os pecados de Catherine. E, com o ódio, veio a certeza de que já não podia mais escapar da realidade.

Nos últimos meses, ela observava a face da mãe perder o brilho da saúde, cada dia mais desanimada e tensa enquanto a barriga se tornava sempre maior. Tinha visto a expressão reprovadora do pai ao criticar a falta de energia da esposa e a preocupação refletida na fisionomia da sra. Hobson.

Catherine tentara ouvir os conselhos da cozinheira que lhe recomendara repouso absoluto sem provocar a cólera do marido. Forçando -se a agir normalmente quando Josiah chegava em casa, ela passara a ter dores de cabeça horríveis e os pés começaram a inchar. No final da gravidez, já não era mais possível evitar o repouso e a pobre mulher quase não levantava da cama.

Sarah lembrava-se com nitidez de todos os detalhes da última vez que entrara no quarto da mãe...

A tarde de final de agosto estava excessivamente quente e, apesar das cortinas fechadas, o calor abafado tinha tornado aquele aposento um verdadeiro inferno. O som das vozes de Gideon e Nathan, brincando no lagunho onde eram criados os patos, fazia com que Sarah ansiasse por se juntar a eles. Mas a mãe mandara chamá-la.

Sem dúvida, Catherine percebera o desconforto da filha e seu evidente mal-estar naquele quarto que cheirava a doença e morte.

Soltando-lhe a mão, mandou-a para a cozinha ajudar a sra Hobson a preparar biscoitos, uma das atividades preferidas de Sarah.

Ela tinha fugido do quarto, com uma vaga sensação de culpa. A mãe quisera lhe falar e ela só pensara em sair dali para brincar com os irmãos.

Com o rosto encostado no chão ainda quente dos últimos raios do sol, Sarah lembrou-se da voz, do olhar, dos gestos e das palavras. Suas lágrimas molharam a grama ressecada pelo verão impiedoso e foram recebidas como gotas de chuva pela terra sedenta.

CAPÍTULO II

O calor opressivo não tinha diminuído após as violentas tempestades das duas últimas noites. No cemitério de Lowell, não soprava sequer a brisa morna, único alívio daqueles dias excessivamente quentes até mesmo para o verão.

O pequeno grupo, vestido de negro, ouvia numa respeitosa indiferença o som da terra caindo sobre o caixão de Catherine Mackenzie, muito simples e modesta para simbolizar a ausência de vaidade mundana necessária para a viagem de volta aos braços do Senhor. Na fisionomia de todos lia-se um desconforto que não provinha da presença da morte e sim das roupas de lã pesada, os trajes reservados para ocasiões importantes como casamentos e funerais.

Para não ver a terra cobrindo o caixão, Sarah fitava um enorme carvalho rachado por um raio durante a tempestade da noite anterior. No entanto, não conseguia fixar sua atenção em nada pois o vestido de sarja preta, feito às pressas, era quente demais e o suor escorria-lhe pelas costas, obrigando-a a cerrar as mãos para não se cocar em público. Era ainda mais difícil permanecer em pé, imóvel, pois seu corpo doía de tanto chorar e, principalmente, por causa da surra de dois dias atrás...

Josiah Mackenzie tinha chamado os filhos para presenciarem os últimos momentos de Catherine, certo de que a visão da morte seria a melhor prova de que a existência humana era apenas um breve momento antes da glória da vida eterna. Gideon obedecera de bom grado mas Nathan tinha sido forçado a entrar no quarto, em prantos. Quanto a Sarah, ninguém havia

conseguido encontrá-la.

Ela voltara para casa uma hora depois e fora obrigada a aceitar a morte da mãe e também enfrentar a fúria do pai. Josiah acreditava piamente na eficácia dos castigos corporais; afirmando que ajudavam a moldar as personalidades jovens. Portanto, não causou espanto algum a Sarah o fato de encontrá-lo à sua espera com a vara de marmelo nas mãos.

Mesmo freqüentes, as surras sempre provocavam revolta e apanhar logo no dia em que a mãe tinha morrido deixou Sarah com um ódio profundo. Cerrando os dentes, ela não se permitiu nem um gemido e suportou a fúria crescente do pai diante de sua atitude rebelde. Quando ele desistiu de fazê-la pedir misericórdia e parou de bater, Sarah perguntou se podia ir para o quarto. Depois desse incidente não haviam mais trocado uma única palavra.

A presença da avó Mackenzie e de tia Caroline tornara mais fácil para Sarah evitar a presença do pai. As duas mulheres tinham vestido a morta e o corpo ficara na sala de visitas por dois dias até que o calor inclemente os impedira de esperar a chegada da família de Catherine.

Os Vandenheuvel viviam em Nova York e, devido à distância, mandaram apenas um cartão de condolências ao genro. O casamento da filha jamais fora bem aceito por eles e, embora Catherine tivesse feito o possível para aproximá-los, a família de Josiah também se mostrara irredutível, impedindo até mesmo uma convivência suportável.

Sarah tinha visto os avós maternos apenas uma vez e Nathan nem os conhecera. O caçula era uma criança sensível que sentia falta de amor e agora iria depender apenas dela. Na noite após a morte da mãe, o garoto não conseguira dormir e Sarah tinha ficado ao lado dele até o amanhecer.

— ... nós somos pó e para o pó voltaremos. Na certeza da ressurreição...

Sarah forçou-se a pensar em outra coisa a fim de não ouvir as palavras terríveis do reverendo. Após o funeral, todos que haviam comparecido iriam para a casa de Josiah Mackenzie onde lhes seria oferecido um lanche. Entre as trinta pessoas reunidas ao redor do túmulo, apenas quatro estariam ausentes, pois seria inconcebível receber as representantes das operárias. Os outros, industriais amigos de seu pai e as respectivas esposas, partilhariam da refeição preparada pela sra. Hobson.

A preocupação de Sarah com os detalhes que ainda deveria verificar tão logo chegasse em casa a distraíam tanto que não percebeu o movimento das pessoas ao seu lado. A mão de Nathan, puxando-a pela manga, a alertou que a família se dirigia para a carruagem pois a cerimônia já tinha terminado.

Sentada entre a avó e a tia, Sarah não prestou atenção à conversa das duas, relembrando a cena que presenciara na noite anterior. Por um mero acaso. Havia ido até a cozinha buscar água para Nathan, que não conseguia dormir, e fora impossível não ouvir vozes altas e alteradas vindas da biblioteca..

— Nunca entendi sua teimosia em nos manter numa outra casa — a avó Mackenzie falava, como sempre com uma autoridade quase equivalente a do filho. — Agora será ainda mais absurdo. Como pretende tomar conta de tudo sem uma mulher para dirigir seu lar?

— Sarah já tem idade suficiente para assumir todas as responsabilidades. Se minha filha não souber fazer algo, a sra. Hobson a ensinará.

— Ora! Uma criança e uma criada! Acha que vai ser fácil?

— Já discutimos este assunto antes, mãe. — A voz de Josiah soava quase impaciente. — Eu presenteiei a senhora e minha irmã com uma casa confortável, a poucas quadras de distância da minha, e, se pensarem bem, não irão gostar de perder esse conforto, essa liberdade.

— Não quer mesmo morar conosco, não é? Nossa presença o incomoda?

— Não é correto que um homem adulto viva com a mãe e a irmã se tem condições de provê-las do que for necessário! Além disso, pretendo me casar pela segunda vez e minha esposa vai querer tomar conta de sua própria casa!

Aquelas palavras tinham permanecido na mente de Sarah e, ao observar o pai durante o funeral, ela concluiu que a morte da mãe não causara sofrimento algum àquele homem egoísta. Era bom ter ódio. Ajudava-a a não pensar na tristeza.

Ao chegarem em casa, Sarah sentiu vontade de acompanhar Nathan e se esconder no quarto. Mas as vozes que vinham da sala a lembraram de suas novas obrigações e ela fez um esforço para aceitar aquela responsabilidade pesada demais. A austeridade apropriada a um

funeral já começava a se dissipar e risadas se mesclavam às vozes mais estridentes das mulheres.

Como era difícil tornar-se adulta! O vestido grosso e quente a incomodava, os pés apertados nas botinhas de verniz doíam e a trança feita por tia Caroline provocava-lhe dores de cabeça. Seria tão bom correr descalça na grama, de cabelos soltos e com um vestido leve de algodão!

Mas Sarah fora moldada por uma disciplina rígida e, endireitando os ombros curvados pelo desânimo, ela foi ao encontro dos convidados de Josiah Mackenzie.

Catherine tinha mobiliado a sala de visitas num estilo em moda já há alguns anos e ainda muito popular. Guirlandas de gesso em alto-relevo decoravam o teto alto e um enorme lustre de cristal, onde havia lugar para quarenta velas, iluminava o aposento pintado de verde. Havia uma infinidade de móveis escuros e pesados que exibiam pés torneados em forma de patas de leão e mesinhas com tampo de mármore sustentando castiçais de bronze, lâmpadas com cúpulas de opalina lapidada e estatuetas de marfim. As cortinas de veludo verde e as paredes recobertas de gravuras sentimentais tornavam o ambiente entulhado de móveis e enfeites rebuscados ainda mais abafado e sufocante.

Era quase impossível se mover e ninguém se arriscava a dar um passo com medo de perder o lugar que conseguira assegurar. Os homens, como sempre, permaneciam em um grupo isolado, próximo à janela, tomando uísque e discutindo a situação econômica. As mulheres afundavam-se nas poltronas recobertas de pelúcia, abanando-se enquanto divagavam sobre os eternos assuntos domésticos sem ouvir umas às outras.

Sarah não tinha o menor desejo de unir-se a elas, adivinhando o desconforto daquelas formas amplas comprimidas por rígidos espartilhos e tecidos grossos e quentes. Não saberia explicar a repulsa que lhe causava o confinamento do corpo em prisões de barbatanas e cintas modeladoras. Ninguém prestaria atenção nela se ficasse no canto da porta, o único lugar onde, como num último alento, chegava uma brisa morna muito fraca.

— Não tenho nada contra os sulistas! — A voz de Josiah suplantava as demais. — Conheço alguns e os considero pessoas agradáveis. No entanto, não vou negar que também são bastante atrasados. Não têm a menor noção de que o mundo caminha em direção a um progresso espantoso e se obstinam em impedir qualquer tipo de transformação.

— Os sulistas não vêem o progresso como nós. — Daniel Holstein era o mais próspero de todos os industriais ali reunidos. Ele pressentira a grande mudança provocada pela Revolução Industrial e não hesitara em se beneficiar da incrível prosperidade causada pela primeira máquina de descaroçar algodão.

— Eles consideram qualquer passo adiante como um grande risco e nisso estão certos. Porém seu modo de vida se tornou obsoleto e recusam-se a mudar porque o acham agradável — disse Matthew Withers, o advogado que servia a todos os industriais de Lowell com sua extrema habilidade e contatos preciosos em Washington.

— Agradável apenas para um punhado deles! — atalhou Holstein. — A maioria dos sulistas não passam de pequenos proprietários, lutando para retirar a subsistência de um solo exaurido.

— Apesar de não terem escravos, esses agricultores pobres estão dispostos a defender essa instituição abominável! Alguém sabe por quê?

— Ambição, meu caro Withers! O sul está numa fase de expansão e fortunas incalculáveis são feitas da noite para o dia. O mísero lavrador esquece o cansaço ao sonhar com a imensa fazenda de tabaco e algodão onde poderia reinar sobre centenas de escravos. Enquanto ele se sentir dono de um sonho, lutará contra quem quiser destruir suas ilusões.

— Por esse motivo, norte e sul se enfrentarão brevemente num conflito inevitável — acrescentou Holstein. — A escravidão não pode continuar!

— Além de ser um fato ofensivo à moral, pesa também o lado econômico. A escravidão é um sistema ineficiente, pois alimentar, vestir e abrigar escravos do nascimento até a morte consome um capital que poderia ser investido em novas atividades. São lucros que se deixam se ganhar!

— E sobra menos para gastar com os nossos produtos — declarou Josiah. — Aliás, os sulistas preferem sempre fazer negócios com a Inglaterra ou com a França. Nós temos que competir com esses países europeus para disputar o algodão que nasce no solo do *nosso* país.

— Eles não se consideram iguais a nós! Apesar de termos lutado juntos em duas

guerras, os sulistas nunca desenvolveram o sentimento de sermos uma única nação. Vêm apenas suas terras, mais nada.

— Sempre demonstraram muita coragem. — Josiah abaixara a voz, pensativo e preocupado. — Eu não gostaria de ser obrigado a empunhar armas contra oponentes tão cheios de brio e valor na batalha.

Nenhum daqueles homens discordou pois, apesar do orgulho, eram extremamente realistas e reconheciam a verdade nas palavras de Josiah. O sul dos Estados Unidos parecia-lhes uma região repleta de tradições misteriosas e inexplicáveis, onde arrogância e honra tinham o mesmo significado. Duelos ao romper do dia eram contemplados com uma naturalidade que vinha de antigos princípios, tão arraigados quanto as raízes dos ciprestes, profundamente infiltradas na terra vermelha e fértil.

Acima de tudo, o sulista pautava-se por um código de valores incompreensível para aqueles nortistas de princípios básicos e límpidos. Para eles, a vida se lia em colunas de contabilidade onde fracasso ou sucesso eram simbolizados pela imutabilidade racional dos números.

Como compreender um lugar onde a terra valia mais do que o dinheiro?

O sulista por sua vez também não entendia que as moedas podiam se multiplicar e se prendia à propriedade que fora sua herança e legaria sem modificações para os filhos e netos.

Era inacreditável que aquelas criaturas, mesmo apegadas às tradições, não percebessem ou ignorassem deliberadamente os sinais do terremoto que percorria o norte e avançava rapidamente para o sul. O menor abalo poderia romper a cadeia de elos frágeis que ligava as fábricas de tecido da Nova Inglaterra às plantações de algodão da Virgínia e mesmo assim os sulistas permaneciam impassíveis, indiferentes ao perigo que se avizinhava.

No meio da tarde, o último dos convidados despediu-se, cansado de rever todos os aspectos desse problema aparentemente insolúvel, e a casa dos Mackenzie pôde finalmente iniciar o primeiro dia sem a presença apaziguadora de Catherine. Nathan estava dormindo, Gideon fora nadar no rio e Sarah preparava-se para descansar, depois de ter ajudado os criados a arrumar a sala, quando foi avisada de que o pai queria lhe falar.

A lembrança da surra ainda era vivida demais e ela não levantou os olhos para fitar Josiah.

— Foi uma situação difícil... a morte inesperada de sua mãe nos apanhou desprevenidos e...

— Ela não devia ter tido mais nenhum bebê! — As palavras de Sarah saíram num impulso e ecoaram por alguns minutos no silêncio da biblioteca.

As feições de Josiah se desfiguraram e ele cerrou os punhos como se lutasse para manter o controle. Sarah estremeceu. Desta vez tinha sido insolente demais e se resignou a receber o castigo merecido por sua impertinência.

— Você é uma criança, e ainda por cima uma menina, por isso não discutiremos o assunto. O importante é saber que, com a morte de sua mãe, muito mais será exigido de você, Sarah.

— Eu farei o possível. — Ela realmente estava disposta a evitar que a avó encontrasse uma desculpa para mudar-se com tia Caroline para a casa deles.

— Ótimo! A sra. Hobson disse-me que você foi bem orientada e vou lhe confiar o dinheiro necessário para as despesas de uma semana. No final de sete dias, você prestará contas e, se tudo estiver correto, passarei a lhe entregar a quantia mensal. Fui bem claro?

— Sim. E... e a escola?

— Você continuará a freqüentar, é claro!

— Eu tinha planos de ir para a academia da sra. Davies como interna.

— Sua mãe mencionou esse assunto e eu já havia declarado que não vejo a menor necessidade disso.

Então Catherine já tinha recebido a resposta e só não a avisara para evitar que um sonho longamente acalentado fosse destruído. Sarah fitou o pai que, sem dúvida, não tinha escrúpulo algum em arrasar esperanças sem fundamento.

— Seu lugar é em casa, cuidando de seu pai e seus irmãos. Assim você estará se preparando para o futuro de maneira bem mais adequada do que poderia aprender em qualquer escola.

Sarah ia protestar mas recuou em tempo. Não ignorava qual seria a consequência de

suas objeções e preferia evitar mais uma surra. No momento só podia obedecer mas, algum dia, iria lutar por uma vida diferente. A morte de sua mãe era a prova concreta de como a submissão ao marido levava a trágicas conseqüências. Ela sentia ódio e medo desse tipo de relacionamento e era muito jovem ainda para encontrar um meio de fugir. Porém, com o tempo, descobriria o caminho certo.

CAPÍTULO III

Calvert Cypress, Virgínia

A casa despertava antes da alvorada dissipar a bruma que envolvia os ciprestes à beira do rio James. As árvores seculares que davam seu nome à imensa fazenda ainda permaneciam mergulhadas nas sombras densas da noite mas, no alto da colina, a luz da madrugada já clareava as paredes altas da residência que abrigava gerações de Calvert há mais de cento e cinquenta anos.

Muito branca em meio ao verde dos gramados, a construção de três andares transmitia uma impressão de graciosidade e leveza graças às esguias colunas de inspiração neoclássica. Janelas altas, de venezianas azuis ainda cerradas, logo revelariam alvas cortinas de renda, e o enorme alpendre ao redor da casa, para onde se abriam as portas de todas as salas, permaneceria sombreado e fresco durante todo o dia, apesar do sol ardente.

No céu, a cada instante mais claro, recortavam-se as duas chaminés de tijolos brancos e, com a crescente luminosidade, era possível distinguir as flores que flanqueavam a escada de acesso ao terraço.

Aquelas rosas magníficas eram o legado de uma jovem noiva que as trouxera da Carolina do Norte para adornar seu novo lar. Elizabeth Calvert já morrera há mais de dez anos, porém sua índole amorosa e doce permanecia viva na beleza delicada e no aroma suave que perfumava todos os cômodos de Calvert Cypress.

A luz fraca de um lampião brilhava através da janela do quarto de Augusta, provavelmente já desperta e pronta a acordar o marido. O velho Rameses era mordomo há décadas e jamais despertara um minuto depois das cinco horas da manhã. Ele iria em seguida chamar os outros escravos cujo trabalho ligado à casa lhes permitia dormir nos Pequenos quartos do sótão. Fogões a lenha precisavam ser acendidos, água devia ser fervida, legumes descascados, roupas lavadas... Iniciava-se a infundável rotina de trabalho que sustentava a enorme mansão.

Philip Calvert inclinou-se na sela para apreciar melhor a visão diante de seus olhos. Aos vinte anos, era alto e magro, com cabelos um tanto longos de um louro dourado que brilhava ao sol pálido da manhã. As roupas de viagem estavam empoeiradas, pois ela viajara a noite toda, esgotando a si mesmo e ao cavalo para chegar em casa junto com o alvorecer.

Do alto da colina fronteira divisou Calvert Cypress; seu olhar abrangia o centro vital da fazenda despertando para mais um dia de labuta. Os olhos azuis demonstravam todo o orgulho de um Calvert ao verificar a extensão daquele mundo auto-suficiente. A cozinha externa, a horta, o defumador, a despensa e a lavanderia ficavam a poucos passos da casa e, mais ao longe, localizavam-se; os celeiros, os currais e os estábulos, as cocheiras e os silos. Havia: ainda outras construções, destinadas à matança de animais, à fiação dos tecidos usados pelos escravos, enfim, tudo o que era preciso para sustentar aquela comunidade sem a necessidade de recorrer ao mundo externo. E, ao redor das construções, até se perder de vista no horizonte, estendiam-se os vastos campos verdes onde as flores brancas do algodão se abriam ao* sol quente do sul.

Philip soltou as rédeas do cavalo, tão ansioso quanto ele por chegar ao lar, e percorreu os últimos metros de sua longa jornada ouvindo as vozes melodiosas dos escravos. Na senzala, separada da casa por um velho muro de pedras soltas, os negros se reuniam em torno do fogo onde, num imenso caldeirão, fervia o mingau que era seu desjejum habitual.

Eram seis horas e os grupos saíam para o campo, seguindo a cadência da voz dos marcadores de ritmo. Atrás de todos ia o feitor, a cavalo, mas Philip não reconheceu o homem que sem dúvida fora contratado após sua última visita ao lar.

Foi Augusta quem o viu em primeiro lugar, certa de que o cavaleiro a galope não podia ser apenas mais um dos freqüentes visitantes. Ninguém seria tão indelicado a ponto de chegar tão cedo numa casa de respeito. Além disso, havia algo familiar naquela silhueta recortada contra o céu e ela correu para chamar o marido.

— Olha lá, Rameses... aquele ali não parece o patrãozinho Philip?

O preto velho não se levantou da mesa, continuando a passar manteiga no pãozinho recém-saído do forno.

— Que bobagem, negra. O patrãozinho está na escola lá no norte.

— Não está mais, não! Aquele ali é o patrãozinho Philip. Ele voltou para casa.

Augusta chegou ao lado do cavalo no momento em que Philip desmontava e foi levantada do chão pelos braços fortes do rapaz.

— Voltei mesmo, Bá. E faça o favor de me dar muita comida pois lá no norte não encontrei ninguém que cozinhasse tão bem quanto a minha mãe preta.

Com um sorriso de orgulho, Augusta fitou o rapaz que retornava homem feito a Calvert Cypress. Os ombros tinham se alargado, as feições se definido e havia uma aura de força naquela postura orgulhosa.

— Seja bem-vindo, patrãozinho — Rameses cumprimentou-o com a cordialidade formal que escondia uma imensa ternura pelo jovem a quem vira nascer. — Ninguém sabia da sua chegada. O patrão falou que ainda ia levar um mês até o patrãozinho voltar.

— Eu não agüentei mais ficar longe da casa, Rameses — declarou Philip, enquanto começava a retirar os alforjes da sela do cavalo.

— Não vai fazer isso, não. O patrãozinho "num" pode carregar essas coisas. — Augusta bateu palmas e um adolescente esguio destacou-se do grupo de crianças negras que rodeavam o recém-chegado, cheias de curiosidade. — Carrega "pra" ele, Sansão.

— Deixei Jacob no trem com o resto da minha bagagem. Ele deve chegar dentro de dois dias, mas eu não agüentei esperar e vim a cavalo.

Jacob tinha a mesma idade de Philip e o servia desde que os dois eram crianças. Acompanhara seu dono à faculdade, acumulando as funções de criado de quarto e acompanhante.

A mesma impaciência que impedira Philip de enfrentar a lenta viagem de trem o fez galgar de dois em dois os degraus da escada do alpendre e entrar na casa. Parando diante da imensa escadaria que ligava o vestíbulo ao primeiro andar, ele viu as portas da sala de jantar, da biblioteca, do salão de baile e da sala de visitas mas a penumbra o impedia de distinguir qualquer vulto.

— Ninguém acordou nesta casa?

— E alguém poderia continuar dormindo com a algazarra que você está fazendo?

Philip ergueu os olhos para o alto dos degraus, de onde vinha a voz grave e autoritária. Charles Calvert ainda abotoava a camisa mas sua aparência era de comando apesar de não estar formalmente vestido.

O filho o alcançou no meio da escada e os dois se fitaram por um segundo antes de o pai abraçá-lo, comovido.

— Como é bom tê-lo em casa de novo, filho!

A emoção inesperada impediu Philip de falar. Os sentimentos em relação ao pai sempre haviam sido complexos, uma mescla de amor e respeito, temperados por um certo receio. As diferenças de opinião haviam aumentado com o passar dos anos e ele temia um afastamento criado por posições irreconciliáveis.

A semelhança entre Charles e Philip era espantosa até mesmo Para pai e filho. Altos e bem proporcionados, ambos tinham traços fortes, realçados por olhos azuis de intensidade perturbadora. Se havia fios brancos nos cabelos de Charles e rugas em seu rosto bronzeado, a Philip faltava ainda o ar de autoridade e domínio, tão característicos do pai. No entanto, já se prenunciava na fisionomia jovem o mesmo poder que dispensava nas palavras.

— Tenho a impressão de que Princeton não lhe trouxe nenhum malefício, Philip.

— Tem razão, pai. Gostei muito de ter ido, porém fico ainda mais feliz por estar de volta.

A troca daquelas frases aparentemente sem grande profundidade significava uma enorme concessão por parte dos dois. Charles tinha resistido por um longo tempo em enviar Philip a Princeton, embora essa universidade fosse considerada como parte do sul. Temia que as tendências do filho se tornassem mais arraigadas por estar em contato com as idéias

progressistas do norte. A permissão fora concedida apenas porque ele era um jogador que, em vez de dinheiro, apostava com o futuro.

Charles Calvert tinha o firme propósito de propiciar a Philip o maior conhecimento possível a respeito de todos os assuntos, pois só assim o filho assumiria seu lugar no mundo que havia criado. Embora fosse cedo demais para ter certeza, sentiu que o prazer do filho em rever o lar significava o fim das divergências. Talvez pudessem finalmente se unir num amor comum pela terra e as tradições ligadas ao solo.

— Precisa me contar tudo, papai! Suas cartas eram bem detalhadas mas há tanto por saber! Quantos hectares foram plantados? O algodão parece estável mas os preços se manterão altos? Como vão tia Louise e Kitty? .

— Ainda bem que você se lembrou de nós! — soou uma voz feminina. Philip foi ao encontro da jovem loira que descia a escada, seguida por uma senhora gorducha de olhar amoroso. Enquanto abraçava a irmã, ele não parou de olhar para a tia que viera tomar conta dos dois sobrinhos quando Elizabeth Calvert morrera subitamente. Em muito pouco tempo, ela se tornara uma segunda mãe para aquelas crianças. Agora nenhum dos dois imaginava um lar sem a presença da querida tia Louise.

— Você sabe perfeitamente que deve descer a escada com mais compostura, Kitty. Quanto a você, Philip... como pode chegar tão cedo em uma casa decente e ainda por cima sujo e de barba por fazer? Não costumam tomar banhos no norte?

— Tia querida — Philip abraçou-a com um carinho que jamais deixara de demonstrar e, segurando-a pelo braço, levou-a em direção à sala de refeições —, eu vou tomar um banho mas só depois de refazer minhas forças com um farto café da manhã, ouvindo todas as novidades.

As portas de veneziana da sala de refeições se abriam para o alpendre e esse cômodo fazia parte da construção original iniciada pelo primeiro Calvert a habitar as margens do rio James. Através de gerações, a casa fora crescendo sem um plano determinado até se tornar a ampla mansão ocupada por Charles Calvert.

Os escravos se moviam com rapidez e eficiência sob os olhares severos de Rameses, que permanecia imóvel atrás da cadeira de Charles na cabeceira da mesa.

— Conte-me logo como estão se vestindo as damas no norte! — Kitty sentou-se ao lado do pai e fitou o irmão na outra ponta da mesa. — Não que eu as ache elegantes, é claro.

— Pois se engana, garota. Elas sempre se vestem de seda e até as mais modestas parecem duquesas.

— É mentira! Todo mundo sabe que elas não têm a menor noção de elegância. Além disso, detestam gastar dinheiro em detalhes tão supérfluos como roupas.

— Ah! Minha irmãzinha é esperta demais. Eu não consigo acompanhar a rapidez de sua inteligência.

— Por favor não fale assim. — A expressão de Kitty demonstrava horror. — Os homens detestam mulheres inteligentes.

— Não gostam mesmo! — concordou tia Louise. — Já imaginou como se sentiria se encontrasse uma esposa disposta a discutir assuntos sérios quando você voltasse para casa, Philip?

— Eu ficaria cansado, é claro. No entanto, acho que uma certa dose de inteligência seria bastante bem-vinda numa esposa. O que acha, papai?

— Sem dúvida uma mulher precisa de mais do que uma "certa" dose de inteligência ou não seria capaz de tomar conta dos inúmeros aspectos da vida de sua família e de uma fazenda. No entanto, não é nada atraente que ela demonstre essa capacidade intelectual sob qualquer pretexto. — Charles segurou a mão da filha e sorriu maliciosamente. — Você não precisa se preocupar com isso, querida. O jovem Hudson não imagina nem que você saiba escrever o próprio nome. E, falando nele, Jeremy será convidado Para a festa, não é?

— Que festa? — inquiriu Philip, curioso.

— Tem alguma dúvida de que essas duas mulheres estejam planejando uma festa de boas-vindas para você? Estou certo ou não, tia Louise? Kitty?

— É lógico que sim... mas eu não poderia decidir nada sem sua permissão, Charles. O que acha do próximo sábado?

— Não tenho nenhuma objeção quanto à data mas espero que não exagere no número de convidados, Louise. Apenas cinquenta, está bem?

— Cinquenta? É impossível! Só os nossos vizinhos mais próximos e os visitantes que sempre se hospedam em suas fazendas já ultrapassarão esse número. E quanto aos convidados que virão de Richmond?

— Cinquenta, Louise. É minha última palavra.

Tia Louise olhou para o sobrinho num pedido mudo de apoio, mas Philip evitou intrometer-se em assuntos domésticos e começou a contar suas aventuras em Princeton. Uma hora depois, já saciada a fome, ele viu o pai retirar um charuto da caixa de marfim colocada ao seu lado por Rameses. Era o sinal para que as senhoras os deixassem à vontade para fumar.

— Essa garota está uma beleza — comentou Philip logo após a saída da irmã. — Deve haver muitos rapazes à volta dela, não?!

— Parece-me que Jeremy Hudson tem mais chances de sair como vencedor.

— Aquele garoto magricela?

— Jeremy mudou muito. Por falar em mudanças, você se tornou um homem. — Charles empurrou a caixa de charutos na direção do filho. — Aprendeu a apreciar um bom tabaco em Princeton?

— "Entre outras coisas, papai. Quanto aos charutos... Eu e Marcus já fumávamos muito antes de minha ida para o norte.

— Eu reparei mesmo que meus charutos cubanos desapareciam sem explicações.

— Como vai Marcus?

— Está ótimo. Já é capataz.

— Não o acha um tanto jovem para essa função?

— Marcus tem vinte e dois anos e os negros o respeitam.

Philip não duvidava da capacidade de Marcus em inspirar respeito, pois sempre houvera algo forte naquele garoto que costumava comandar as brincadeiras quando os dois eram crianças. A diferença de dois anos não era a única responsável pela liderança. Ele estava ansioso por reencontrar o antigo companheiro de infância.

— Vou verificar o plantio do campo leste que já deve estar terminado. Vem comigo, Philip?

— Você não conseguiria se livrar de mim nem à força, papai. Mal posso esperar o momento de rever nossas terras.

CAPÍTULO IV

Os dois homens pareciam idênticos sob a luz ofuscante do sol matinal, com camisas brancas de algodão fino, calças de tecido grosso e resistente, botas altas e chapéus de palha para suportar o calor. Juntos, dirigiram-se aos estábulos que eram mais um motivo de orgulho para a família Calvert.

Há mais de um século, os cavalos de raça criados em Calvert Cypress venciam corridas por todo o sul e Charles gastava fortunas importando garanhões ingleses para melhorar a raça de seus potros. Philip nunca sentira o mesmo amor do pai pelas montarias irrequietas e perigosas, embora partilhasse o entusiasmo de todos os sulistas por aqueles animais nobres.

No entanto, sabia que o pai jamais deixaria de desafiar o perigo e observou-o controlar o passo indócil de Satã, um garanhão que provocaria terror em qualquer outro cavaleiro. Em seguida, após ter escolhido uma montaria mais mansa, seguiu Charles pela estrada de terra, cujo chão batido era percorrido pelos escravos todas as manhãs.

— Plantei duzentos hectares de tabaco para vender e a mesma área com trigo que será utilizado apenas por nós. O restante está dividido em lavoura de algodão e terra em descanso.

Com a demanda sempre crescente de fibra de algodão tanto das tecelagens de Nova Inglaterra quanto da Grã-Bretanha, Philip imaginava que a tentação dos fazendeiros em usar cada palmo de suas terras fosse difícil de resistir. Todavia, seu pai sempre fora um homem precavido, preocupado em não esgotar o solo que rapidamente se exauria com os algodoeiros.

Entre os arbustos já bastante altos, os escravos colhiam as flores brancas daquela planta que era o coração do sul. Todos trabalhavam ao som cadenciado do marcador de ritmo. Entre eles, o único a cavalo era o feitor, seguindo com seu olhar vigilante os braços em movimento.

— É bom esse novo feitor?

— Johnson não é melhor nem pior do que todos os outros. Deixei bem claro que não admito o uso do chicote a não ser em casos de indisciplina extrema e até agora ele não me desobedeceu. Parece ser honesto embora eu creia que me roubaria se houvesse a menor oportunidade. Além disso, como tem uma mulher de língua afiada, não persegue as escravas jovens.

Se havia algo que provocava distúrbios nas senzalas era a atitude bastante comum de alguns senhores que forçavam as escravas a se submeterem aos seus desejos. Além da revolta crescente, isso provocava um dos grandes problemas do sul: o aparecimento dos mestiços.

O homem que se aproximava deles era uma prova concreta dessa situação de duplicidade. O chapéu de abas largas escondia-lhe o rosto, mas o corpo musculoso tinha um tom mais claro que o dos escravos. Embora as roupas e a postura fosse a mesma, a pele era quase a de um branco bronzeado pelo sol.

Só quando falava, a diferença entre Marcus e os escravos se tornava mais evidente.

Tendo passado a infância na casa-grande, dormindo no quarto de Philip e sendo educado pelo mesmo preceptor, ele pronunciava as palavras com perfeição, sem a cadência arrastada e musical da voz dos negros.

— Bom dia, patrão. — Marcus inclinou a cabeça na direção do jovem. — Seja bem-vindo, patrãozinho Philip.

— Obrigado pelas boas-vindas, Marcus. Como vai?

— Muito bem. A colheita será ótima este ano.

— Algum problema com os homens?

— Não, senhor. Está tudo calmo.

— O sr. Johnson mencionou que um dos escravos novos não estava se portando bem.

— Foi um engano, patrão. Já está tudo resolvido.

Charles não se convenceu com aquelas palavras mas decidiu não insistir no assunto. Se Marcus tinha conversado com o escravo, não surgiria mais nenhum problema. Sua intenção ao colocá-lo como capataz fora justamente aproveitar-lhe a facilidade de comunicação entre os escravos, impedindo-os de se revoltar. Ele impedia as injustiças, comunicando-lhe todos os pequenos problemas.

— Há algo mais que eu deva saber, Marcus?

— Bem... — O rapaz hesitou por alguns segundos antes de continuar: — A sra. Johnson... ela castigou uma das escravas hoje de manhã... com o chicote, patrão.

— Qual foi o motivo?

— Ela disse que a negrinha estava ficando muito insolente.

— Você concorda com essa opinião, Marcus?

— Não muito. Sally é esperta e rápida mas nunca foi insolente com ninguém.

— Então eu falarei com Johnson.

Os dois homens se despediram de Marcus e só quando já haviam cavalgado alguns quilômetros Philip demonstrou sua preocupação.

— Ele sempre intercede em favor dos escravos, papai?

— Marcus apenas me avisou dos desmandos da sra. Johnson. Por que está com esse ar de dúvida?

— Não sei exatamente.

Na infância, Philip aceitara Marcus como um amigo mas, ao atingir a adolescência, fora obrigado a enfrentar a realidade da presença daquele jovem tão semelhante a ele. Sua atitude mudara diante do rapaz orgulhoso de sua herança africana e também do sangue branco que corria em suas veias. E, agora, a postura controlada e firme do homem que encontrara há poucos minutos despertava-lhe uma inquietação profunda que se recusava a desaparecer de sua mente.

Philip e o pai passaram a manhã inteira cavalgando pois Charles queria mostrar todas as modificações acontecidas durante a ausência do filho. Uma grande área pantanosa à beira do rio tinha sido drenada e logo poderia ser usada para a lavoura, e já haviam sido construídos os galpões onde secaria o tabaco a ser plantado no início da primavera. Do novo cais em fase de acabamento Philip contemplara todas aquelas mudanças que no entanto não o satisfizeram como o pai desejava.

Em parte alguma de Calvert Cypress ele vira o menor sinal da mecanização à qual

Charles se opunha firmemente. Aquele assunto era uma das grandes diferenças entre pai e filho e já causara muitas discussões desagradáveis. No norte, grande parte da mão-de-obra humana estava sendo substituída por maquinaria que fazia o trabalho com maior rapidez e economia. Philip acreditava que o problema da escravidão seria resolvido com menos dificuldades se fosse usada uma tecnologia capaz de torná-la obsoleta.

Essa opinião era extremamente malvista pelos grandes fazendeiros sulistas, sempre cheios de suspeitas diante de qualquer novidade ou mudança. Charles Calvert não concordava com a maioria, aceitando as inovações que se provassem eficazes mas, sobre a escravidão, ele se recusava a mudar de idéia e continuava tão irredutível quanto seus compatriotas.

Para o homem do sul, os negros eram considerados uma raça inferior, destinados apenas a seguir ordens. Todos acreditavam que aquelas criaturas simplórias não conseguiriam sobreviver por si mesmas, e, se deixadas por conta própria, retornariam ao estado de primitivismo selvagem do qual haviam sido salvos pelos brancos.

Philip havia tentado e fracassado no seu intento de convencer o pai de que sua visão dos escravos era absolutamente equivocada. Ele tinha certeza plena de que a aparência humilde, os olhos baixos e a postura indolente dos trabalhadores eram apenas uma fachada atrás da qual fermentava um ódio sem limites.

Quantas revoltas terríveis haviam acontecido e quantas mais ainda ocorreriam antes de se tornar evidente essa necessidade de ser livre? Os fazendeiros temiam como a peste as rebeliões escravas que explodiam com uma violência repentina, com grande derramamento de sangue até que a força dos brancos as esmagasse. A repressão aumentava, o ódio crescia... e a lição nunca era aprendida.

Como um câncer corroendo as entranhas daquela região, a sede pela liberdade devorava as raízes da árvore centenária que simbolizava o poder sulista e, um dia, o tronco viria abaixo, soterrando com seus destroços os homens que não teriam possibilidade de se salvar da destruição. A única maneira de evitar a tragédia seria acabar com a escravidão antes que ela acabasse com o sul.

Apesar de sua convicção de que essa era a solução, Philip achava-se de mãos atadas. Era impossível lutar por suas idéias e muito menos declarar suas opiniões diante de uma comunidade unida pela cegueira. Se mencionasse sequer essa visão do futuro, passaria a ser um pária entre seu próprio povo.

Mais tarde, já em casa, Philip pensara na obstinação de homens como seu pai enquanto ouvia os murmúrios dos escravos que desempenhavam suas tarefas em surdina. Era a hora da sesta e todos descansavam ao som das cigarras que acalentavam o sono repousante da tarde. Então, quando o sol começara a baixar no horizonte, a família havia se reunido no alpendre, saboreando o *mint juleps*, a bebida favorita dos fazendeiros sulinos, enquanto esperava pelo jantar.

Aquele era o momento que Philip mais apreciava. Sentira saudades da conversa animada quando todos mencionavam as novidades do dia que terminava. No jantar havia mais formalidade, pois sempre chegava algum visitante, Já que as fazendas tinham a tradição de manter as portas abertas a qualquer viajante.

Em sua primeira noite em Calvert Cypress depois de quase um ano, Philip ficou acordado até tarde após toda a casa se tornar silenciosa. Descendo a escada, tomou a direção do rio, sentindo a brisa fresca e úmida amenizar o calor que ainda emanava do solo aquecido pelo sol causticante do dia.

A lua cheia clareava as senzalas onde havia alguns lampiões acesos. Os fazendeiros chamavam aquela fase lunar de "lua dos fugitivos" pois os escravos se aproveitavam da luz fraca para encontrar o caminho do norte. Esse problema, constante em outras fazendas, não existia há muitos anos em Calvert Cypress e Philip se orgulhava muito de não existir necessidade de fuga na propriedade de sua família.

Um som o alertou mas logo a sombra que se aproximava o fez ver que não havia motivos para pensar em escravos fugitivos.

— Também perdeu o sono, Marcus? Ou sempre dorme muito tarde?
— Quem trabalha tem de dormir cedo...
— Acho que fiquei excitado demais por estar de volta ao lar. Senti muita falta daqui.
— Sua ausência também foi sentida, patrãozinho. Seu pai vai ficar feliz em ter o filho por perto. Você gostou da vida no norte?

— Foi melhor do que eu tinha imaginado. — Philip retirou dois charutos do bolso e ofereceu um a Marcus. — Papai me contou hoje que sempre soube quem andava fumando escondido.

— Pois eu não duvido. Nós dois ficávamos verdes. Marcus inclinou-se para acender os charutos, e a luz do fósforo iluminou duas fisionomias extremamente parecidas. A testa alta, os olhos azuis e profundos, o nariz reto e o queixo voluntarioso dos dois jovens só se diferenciavam pelo tom mais forte da pele morena de Marcus.

— Eu me senti tão mal a primeira vez que fumamos escondido! Pensei que fosse morrer!

— Se não fosse Augusta, acho que teríamos morrido mesmo, de tanto vomitar.

— Augusta está ótima, não mudou nada e Rameses também.

— Eles sentiram falta do patrãozinho. — Marcus deu um sorriso de zombaria. — Vai ficar aqui agora ou ainda volta para o norte?

— Graças a Deus, não preciso mais me afastar do sul.

— Sua tia Louise já sabe disso?

— Suponho que sim. Por quê?

— Ela não irá perder tempo em lhe arranjar uma noiva.

— Oh, não! Pretendo continuar livre por bastante tempo ainda!

— Não há nada errado com o casamento, Philip. Pelo menos, eu gosto...

— Papai me escreveu contando que você tinha se casado. O nome dela é... Ginny?

— Sim. Ginny era escrava na fazenda Beauterre.

Philip sabia que o pai faria tudo para agradar Marcus, mas comprar uma escrava dos proprietários de Beauterre parecia uma atitude incomum. Os Danvers eram conhecidos na região pelos maus tratos e pela crueldade com que tratavam seus escravos.

— Ela acompanhou a sra. Danvers que veio visitar a sra. Louise. Foi quando a vi pela primeira vez...

— Fico contente de saber que você está feliz, Marcus. Há um bebê a caminho?

— Não, ainda não. Algum dia, quem sabe...

A mescla de frieza e amargura na voz de Marcus perturbou Philip. A situação entre eles era extremamente delicada e tinham estado muito tempo afastados para reataram a antiga intimidade poucas horas após o reinício de uma convivência diária. Além desse problema, havia agora um abismo entre os dois amigos de infância: um se tornara o escravo capataz e o outro, o senhor de todos os negros.

Philip viu o vulto recuar para a sombra dos ciprestes e deu o primeiro passo para resgatar os laços do passado que haviam se tornado tão frágeis.

— Marcus? Uma das grandes alegrias de meu retorno foi encontrá-lo aqui. Calvert Cypress não seria a mesma sem você...

CAPÍTULO V

Tia Louise não poupou esforços durante os preparativos para a festa de boas-vindas de Philip nem deixou de se queixar que apenas cinquenta convidados provocariam um sério problema para o bom entendimento entre os vizinhos mais próximos. No fim, quando a lista ficou pronta, havia oitenta nomes que Charles aceitou sem reclamar.

— Se deixarmos a cargo das mulheres, elas são capazes de convidar centenas de pessoas — ele comentou com o filho. — Coloquei o limite em cinquenta porque já sabia que o número chegaria a cem.

— Nem me lembro de algumas pessoas desta lista, papai.

— Há muitas famílias novas nas vizinhanças pois alguns antigos fazendeiros venderam suas terras após o "Pânico".

Em 1837, uma crise econômica de grandes proporções havia abalado o sul. O preço do algodão caíra drasticamente assim como o valor dos escravos e das propriedades, provocando danos irremediáveis na estrutura rígida dos latifúndios. Agora, em 1848, a situação já se estabilizara mas tinha sido tarde demais para alguns proprietários que perderam até o último centavo. Mesmo sentindo pena das famílias arruinadas, Charles vira nessa situação difícil mais um motivo para jamais pedir empréstimos, oferecendo Calvert Cypress ou as futuras colheitas

como garantia.

A chegada de tia Louise impediu que Charles e Philip iniciassem uma discussão sobre a manipulação dos nortistas que tinham causado essa excepcional queda nos preços do algodão. Muito elegante, a alegre senhora não disfarçava sua excitação diante de uma noite festiva.

— A senhora está maravilhosa, titia!

— Não desperdice seus galanteios comigo, querido. Logo chegarão tantas beldades que você não saberá a qual delas fazer o maior elogio.

— Falando de beldades... — Philip sorriu ao olhar para a porta da biblioteca onde Kitty tinha parado a fim de observar a reação do pai e do irmão.

— Que tal? Estou bonita?

A garota rodopiou diante de Philip para mostrar o bordado inglês das inúmeras anáguas sob o fustão branco do vestido. Apesar de ser ainda um modelo juvenil, Kitty prendera os cabelos e conseguira convencer a tia a deixá-la usar um modelo decotado até os ombros.

— Você está deslumbrante, Kitty! Acho melhor ir até o meu quarto buscar minha espada. Talvez eu tenha necessidade de defender essa criatura fascinante dos avanços masculinos.

— Ah, tolinho! — murmurou a jovem, tocando o rosto do irmão com o leque de marfim e renda.

Philip precisou fazer um esforço enorme para não cair na gargalhada diante da atitude afetada da irmã. Kitty tinha custado mas finalmente aprendera a se comportar com os requintes sociais de uma beldade sulina e estava disposta a demonstrar sua nova arte até para os parentes mais próximos.

— Não há necessidade de duelos, filho. Nós vamos manter Kitty tão ocupada que nenhum admirador audacioso terá tempo de se aproximar dela.

— Oh, não! Pretendo divertir-me muito e...

O som de carruagens aproximando-se da casa interrompeu-a, e os três se postaram no vestíbulo para receber os convidados. Todos demonstravam a alegria de rever Philip: os homens através de abraços e comentários joviais e as jovens, mais recatadas, com olhares cheios de admiração pelo rapaz atraente.

A maioria dos convidados já se encontrava no salão de baile quando um grupo se aproximou da entrada, chamando a atenção de Philip. Tio James e tia Caroline não haviam mudado muito desde sua última visita ao lar, mas a garota ao lado deles o deixou boquiaberto.

— Daphne? É mesmo você?

— Eu mudei um pouco, não acha, Philip?

Uma mulher de olhos verdes e cabelos negros o fitava com um olhar tão cheio de promessas quanto uma noite suave de primavera. Como Kitty, ela ainda se vestia de branco e com o recato de uma jovem solteira mas era impossível não notar a cintura muito fina e a curva dos seios apenas sugerida pelo decote modesto.

— Deus do céu! Você mudou muito, está... Subitamente, Philip notou os olhares maliciosos de Charles e de seus tios. Soltando a mão de Daphne presa entre as suas por mais tempo do que as boas maneiras permitiam, ele tentou fitar o pai. Todavia não conseguiu evitar que seus olhos seguissem a figura de curvas delicadas, sempre rodeada de admiradores, todos disputando sua atenção.

Só quando o último dos convidados foi recebido à porta, Philip pôde entrar no salão, mal contendo a impaciência. O baile só começaria após a ceia mas os grupos espalhados pela imensa sala já demonstravam a alegria de participar daquela ocasião festiva. Jeremy Hudson seguia Kitty como uma sombra e, embora Philip estivesse disposto a conversar com o rapaz para conhecer melhor o pretendente da irmã, não se deteve pois queria aproximar-se novamente de Daphne. Achava-se muito perto de atingir seu objetivo quando uma voz sonora o impediu de continuar.

O juiz Beauregard Rider tinha sessenta anos e possuía uma fazenda imensa a vinte quilômetros de Calvert Cypress. Fora um dos criadores de um tribunal itinerante que percorria as propriedades para fazer justiça e tornar legais todas as situações em que os participantes não podiam se locomover até a cidade mais próxima.

— Conte-nos tudo sobre sua estada no norte, Philip. — Antes do jovem responder, o juiz continuou: — Nunca entendi por que você precisou andar tanto só para estudar. Temos universidades excelentes aqui no sul e, se queria ir mais longe, o Instituto Militar de West Point

seria o lugar ideal.

— Princeton tem um nível bastante bom também, juiz. — Philip já conhecia a franqueza quase rude daquele amigo de seu pai e não se ofendeu com a crítica. — Aliás, há muitos sulistas estudando lá.

— Pelo menos estarão aprendendo a conhecer o inimigo.

— Inimigo? — Charles entrou na conversa, interessado pelo assunto polêmico. — Não acha que é ir longe demais em suas suposições, Beauregard?

— Como prefere chamá-los, Calvert? Querem nos ensinar como viver, como dirigir nossos negócios e pretendem determinar o que é certo ou errado para nós. Quando um homem tenta interferir na minha vida desse modo, eu o considero um inimigo!

— Essa denominação lhes dá uma importância que não merecem. O ianque é apenas um comerciante, um mercador cujo único interesse na vida é o lucro. Ele não tem valores morais, senso de honra ou das tradições e não se prende a nada a não ser a si mesmo. Se compreendermos isso, não teremos problemas.

— Vamos resolver os problemas com a espada nas mãos! — Frederick Danvers juntou-se ao grupo, ignorando as reações dos três homens.

Nenhum dos grandes fazendeiros da região às margens do rio James apreciava aquele homem de olhar furtivo, cuja fama de crueldade com os escravos era verdadeira. Ele, sua esposa Hortense e Paul, o filho, haviam sido convidados apenas porque a cortesia obrigava a não ignorar um vizinho tão próximo.

— Você tem razão, Calvert. — O juiz Beauregard ignorou a interferência de Frederick e continuou a conversa com Charles. — Todavia... não acha esse homem do norte bastante perigoso?

— Ele será se nós deixarmos. Nós, sulistas, somos pessoas de paz e harmonia, portanto nos compete procurar acordo e não dissensão. Não concordo com o sr. Danvers... — A formalidade de Charles ao tratar o vizinho demonstrava todo o seu desprezo. — Acho importante evidenciar que somos pacíficos e não covardes.

— Você viveu muitos anos entre eles, Philip. Qual é a sua opinião? Eles contam com a nossa submissão às regras que estabeleceram para nós?

— Realmente, o homem do norte é muito diferente de nós. — Philip preferia ir em busca do sorriso de Daphne mas o assunto o interessava e estava lisonjeado pelo interesse do pai em saber o que pensava. — Eles não dão muito valor à terra nem reverenciam as tradições ou a importância da continuidade das gerações. No entanto, são espertos o bastante para perceber que temos algo que lhes falta. Talvez por isso sintam-se inferiorizados e, em consequência, tenham medo.

— Ótimo! É importante esse medo, pois tem fundamento. Logo novos Estados farão parte da União e muitos irão votar a favor da escravidão. — O juiz Rider ficou rubro de raiva ao tocar nesse assunto delicado. — Vai chegar o dia em que suplantaremos nossos oponentes abolicionistas.

— Os Estados do norte vão lutar para que isto não aconteça — declarou Philip, muito sério. — Eles querem refazer o país de acordo com sua visão pessoal, construindo fábricas em cada campo cultivado e transformando os pacatos vilarejos em cidades industriais. Para consegui-lo, terão de manter a maioria no Congresso.

Philip tinha convivido por muitos anos com os filhos de ricos industriais do norte e notara um elemento em suas personalidades que o preocupava demais.

— Há a questão religiosa, que não é menos grave. Apesar de frios e pouco emocionais, os ianques demonstram um incrível fervor religioso e adoram encontrar um motivo para liberar sua indignação contra os erros do mundo.

— Esse fanatismo é apenas um modo de mascarar seus interesses materialistas — insistiu Charles. — Eles usam a religião como disfarce.

— Pode ser, papai. No entanto, muitos acreditam que o negro é igual ao branco e por esse motivo não deve ser mantido como escravo. Vi alguns abolicionistas ficarem quase histéricos enquanto defendiam a igualdade das raças.

— Ora, mas que absurdo! — o juiz explodiu. — Se nós libertássemos nossos escravos hoje, não se passariam muitas semanas até que eles nos implorassem para aceitá-los de volta. Os pobrezinhos são tão indefesos quanto crianças e seria uma desumanidade terrível abandoná-los à própria sorte. — Ele fitou Danvers com frieza antes de continuar: — E, acima

de tudo, devemos tratá-los sem crueldade!

— Os ianques não acreditam nisso. Eles imaginam que todos os senhores castigam seus escravos com violência e rigor. — Philip já se cansara daquela discussão e tinha vislumbrado o sorriso de Daphne entre um grupo de jovens, seus amigos de infância. — Desculpem-me, mas preciso cumprir meus deveres de anfitrião.

Nenhum dos homens tentou detê-lo pois todos haviam percebido seus olhares freqüentes em busca da atraente priminha. Continuaram a discutir o assunto do momento, concordando unanimemente em proclamar o desafio dos sulistas aos ouvidos do norte industrializado.

Philip suspirou aliviado por se livrar de um debate que logo o levaria a expressar suas opiniões pessoais e a estragar aquela noite festiva. Era muito mais agradável ir à procura de Daphne, que já se apercebera de sua aproximação e o fitava disfarçadamente.

Apesar de sua fascinação, Philip não podia ignorar que Daphne falava e pensava como se fosse uma cópia de Kitty. As duas jovens seguiam o mesmo padrão de comportamento mas, o que era hilariante na irmã, se tornava atraente na prima.

O grupo à volta dela era composto pelos melhores partidos da região e recebeu com certa relutância a chegada de Philip. Louis Devereaux, herdeiro de duas imensas propriedades ao longo do rio James, possuía uma magnífica mansão em Richmond, e John Carslile era o filho de um grande criador de cavalos para quem o cultivo de algodão não significava nada além de alguns centavos a mais. Ali estavam também William Morgan e Paul Danvers que, embora fisicamente diferente do pai, demonstrava a mesma atração pelas jovens escravas. O número de crianças mestiças em Beauterre demonstrava nitidamente a incessante atividade sexual de pai e filho.

Philip já estava cansado de esperar pelo momento de ter Daphne só para si e pediu licença para afastar-se com ela aos amigos, que se esforçaram para não demonstrar desagrado.

— Não a vejo há muito tempo...

Enquanto conduzia Daphne para uma das janelas, Philip percebeu que demonstrava um interesse excessivo e bastante comprometedor em relação à jovem. Nunca agira assim antes e imaginava os comentários que se seguiriam a uma atitude tão evidente.

— Realmente! Não acha que está sendo muito dominador, Philip? — murmurou Daphne, com um olhar de pleno encorajamento. — Você quase me arrastou do meio de nossos amigos...

Ele olhou para a garota que o levava a agir tão precipitadamente. Os cabelos negros caíam em cachos sedosos, emoldurando o rosto delicado onde os olhos verdes o fitavam cheios de expectativa. A boca carnuda e os seios semidescobertos evidenciavam a presença de uma mulher sob os trajes recatados de uma jovem ainda bem próxima das brincadeiras da infância.

Daphne e Kitty tinham a mesma idade, dezesseis anos, usavam o mesmo tipo de roupa e penteado, o costumeiro para jovens solteiras e bem vigiadas por suas famílias. No entanto, ele via um brilho sensual nos olhos verdes que ainda não existia no olhar cândido de sua irmã.

A partir daquele momento, Philip não saiu do lado de Daphne, ignorando deliberadamente os olhares de seus tios ou o sorriso do pai. Ao concentrar toda a sua atenção nela, não viu a expressão triunfante de Charles Calvert.

Tomando um gole de *bourbon*, Charles se vangloriou por ter jogado com muita habilidade. Afastara os dois jovens o suficiente para que eles se sentissem atraídos após o reencontro, e Daphne seria um elo a mais para prender Philip aos costumes tradicionais das famílias sulinas. Tão logo estivesse casado, o filho esqueceria as tolas idéias progressistas sobre a necessidade de libertarem os escravos ou o desejo de colocar máquinas no lugar de braços negros. O futuro sairia exatamente de acordo com seus planos!

CAPÍTULO VI

O bater dos teares, o ecoar das rodas de água e das carroças carregadas de mercadoria passando sobre os paralelepípedos do pátio eram de uma harmonia incomparável para Josiah Mackenzie. No seu escritório em Merrimack Street, saboreava a melodia que associava ao som

de moedas se empilhando e crescendo sem cessar, formando a única defesa contra algo que jamais voltaria a se submeter.

Mudanças profundas haviam ocorrido em sua vida desde que chegara ao norte. O garoto de treze anos tinha partido do sul em 1821, logo após a morte do pai, no mesmo ano em que um grupo de homens, que se dedicava à tecelagem, fundara a cidade de Lowell às margens do rio Merrimack, cuja correnteza lhes forneceria a força necessária para mover seus teares. O campo sereno dos pequenos fazendeiros em poucos meses se transformara num agitado centro industrial.

Como único filho homem, Josiah tinha o dever de sustentar a mãe e a irmã. Ele as deixara na Virgínia, onde seu pai havia se estabelecido ao chegar da Escócia como imigrante, e viajara para o norte em busca de oportunidades para sair de uma vida sem horizontes.

Por ser alto e corpulento apesar da pouca idade, Josiah conseguiu seu primeiro emprego a bordo de uma das barcas que serviam Lowell. Fazia qualquer tipo de trabalho sem recusar nenhum, por mais exaustivo que se apresentasse. Dormia ao relento, só comia quando a fome o impossibilitava de carregar os enormes fardos de tecido e guardava cada centavo ganho. A perseverança e parcimônia possibilitaram a compra de um barco quando ainda não tinha dezoito anos.

Cinco anos depois, o garoto já se tornara um homem a caminho da prosperidade. Pôde adquirir um terreno e mandar dinheiro para que a mãe e a irmã se reunissem a ele. Usando sua propriedade como garantia, Josiah conseguiu um empréstimo no banco e iniciou a construção de sua primeira tecelagem.

Lowell estava em plena fase de expansão e os banqueiros aceitaram o risco de ceder seu precioso capital a um jovem cuja ambição lhes pareceu uma garantia de sucesso. Em menos de três anos essa confiança foi recompensada. Josiah não só pagou o empréstimo como também comprou o banco!

A nação demonstrava um apetite insaciável pelos tecidos não artesanais, provocando a multiplicação de indústrias têxteis. Com essa onda de prosperidade, Josiah aumentou suas propriedades tornando-se dono de onze tecelagens e sócio de inúmeras outras. Seus negócios o levavam a Boston e Nova York, e nesta cidade conheceu a mãe de Sarah, filha de um próspero comerciante.

Catherine Vandenneuvel completara vinte anos e, embora não fosse considerada uma beldade, tinha traços agradáveis e uma elegância inata que o atraíu desde o primeiro olhar. A aparência serena ao mesmo tempo o acalmava e excitava, levando Josiah a acreditar que ela era a cristalização de seus sonhos. Se conseguisse tê-la por esposa, coroaria o sucesso alcançado em tão pouco tempo.

No início, a jovem relutou em aceitar suas atenções mas a persistência de Josiah acabou-lhe vencendo a timidez. O fato de não existir amor entre eles não o preocupava. Jamais se apaixonara por alguém e, além disso, seus conhecidos também haviam se casado sem levar em conta sentimento tão supérfluo. Alguns homens acreditavam nessa fantasia absurda mas ele se considerava uma pessoa realista e sem ilusões tolas.

Josiah sonhava acima de tudo com dinheiro e posição social, sem os quais um homem estaria desprotegido contra o mundo. Concretizando essa grande aspiração, passara a ser dono de seu próprio destino e quisera filhos pois, sem descendentes, precisaria enfrentar a certeza atemorizante da própria mortalidade. Enquanto pudesse pensar que o império construído por ele passaria para uma geração futura, a inevitabilidade da morte não o atormentaria.

No entanto, a perda da esposa despertara-lhe novas dúvidas, abalando sua confiança na sabedoria divina. E agora, seis meses depois, ainda se censurava por isso, considerando a própria revolta imperdoável para um homem que se julgava profundamente religioso.

Amassando o papel em que começara a escrever, Josiah olhou para a neve sobre os telhados de Lowell. Na Virgínia, para onde iria sua carta tão logo a terminasse, o clima estaria ameno e fresco. Imaginou Charles Calvert em sua biblioteca cuidando dos inúmeros problemas da fazenda. Ou estaria galopando naquele garanhão indomável do qual se orgulhava tanto?

Soltou um suspiro involuntário, indagando-se sobre como seria sua vida se não tivesse deixado o sul.

Mas Josiah Mackenzie não era de perder tempo ou energia em especulações sem resultado prático e reagiu contra esses pensamentos pouco produtivos. Se tivesse

permanecido onde o destino o colocara, seria apenas mais um pequeno lavrador tentando inutilmente arrancar o sustento de uma terra alheia, vendo a juventude se esvaír ano após ano até se tornar uma sombra, como acontecera com seu pai.

Homens como Charles Calvert ficavam ricos com o esforço alheio e Josiah não discordava desse comportamento desde que não fosse ele o trabalhador braçal. Muito cedo, tinha chegado à conclusão de que existiam apenas dois tipos de pessoas no mundo: as que dão ordens e as que as obedecem.

Essa verdade cruel tinha surgido em sua mente muitos anos antes, ainda na Virgínia, numa vez em que tentava soltar uma roda de carroça que atolara na lama. Com barro até os joelhos, Josiah se dera conta de que nem a carroça nem os fardos de algodão lhe pertenciam, assim como também não era sua a terra vermelha prendendo-a ao chão. Naquele momento, ele erguera os olhos para o céu e jurara que não passaria a vida como uma besta de carga para outro homem.

Josiah tinha apenas onze anos quando tomara essa decisão. Levava dois anos até fugir do sul e muitos outros até se assegurar de que nunca mais afundaria os pés na lama. Durante a escalada em busca da segurança financeira, tornara-se duro e implacável mas não sentia remorsos por essa transformação. Podia ser verdade que os humildes herdariam o reino dos céus mas eram homens como ele que usufruíam das riquezas na terra.

Era justamente por não poder desfrutar a vida que agora se sentia perturbado. Só depois da morte de Catherine, percebera o quanto precisava dela. Não pela privação de outros filhos ou da presença de seu corpo na cama, pois a esposa sempre agira na intimidade com a indiferença de uma verdadeira dama. Não. O que lhe fazia falta era a sensação de importância que Catherine despertava nele.

Só havia uma solução e bastante simples: casar-se novamente. No entanto, uma inquietação indefinida o impedia de tomar essa decisão. No início, achara necessário esperar um período decente de luto mas essa fase já tinha passado e ainda nem começara a pensar nas possíveis noivas. Queria uma esposa com todas as qualidades de Catherine porém ansiava por algo mais e, como não conseguira saber exatamente qual o atributo a procurar, era mais prudente esperar.

A noite já começava a cair e Josiah resolveu deixar a solução de seus problemas para uma outra ocasião. Pediu ao cocheiro que trouxesse sua carruagem e dispôs-se a aproveitar os momentos de solidão no curto percurso até sua casa para analisar cada detalha do dia que se passara. Esse hábito iniciado aos treze anos era uma característica integrante de sua personalidade. Ele não deixava nada ao acaso nem aceitava a possibilidade de ter tido sorte. Planejava todos os seus atos metodicamente e sempre se beneficiara com essa disciplina.

Josiah estava concentrado em rever as últimas horas quando percebeu que a carruagem deslizava bruscamente no gelo.

— Qual é o problema? — perguntou ao cocheiro. Josiah abriu a portinhola e recebeu os primeiros flocos de neve no rosto.

— Há uma garota na estrada, senhor. A neve impedia uma visão melhor mas Josiah percebeu um vulto estendido próximo ao veículo.

— O senhor não precisa se incomodar, eu vou tirá-la do caminho.

— Fique quieto, idiota. Você a atropelou.

— Não, senhor! Ela estava tentando atravessar a estrada quando caiu e eu só controlei os cavalos, por isso a carruagem derrapou.

Josiah aproximou-se da jovem para confirmar as palavras do cocheiro. Seu interesse não vinha de nenhum impulso humanitário mas da preocupação com a boa conservação da estrada. Como um dos mais destacados cidadãos de Lowell, era seu dever assegurar que a cidade não tivesse problemas.

— Vamos! Levante-se! — vociferou Josiah ao perceber que não havia nenhum ferimento visível na figura patética coberta por um vestido de algodão muito fino até para um dia de verão.

— Ela desmaiou, senhor. Deve morar em uma dessas pensões, à beira do rio, quer que eu a leve até lá? Assim o senhor pode voltar para casa.

Josiah percebeu que se encontrava numa situação bastante delicada. Poderia entregar a garota desfalecida em qualquer das pensões e pedir que tomassem conta dela. No entanto, esse ato iria provocar rumores desagradáveis sobre alguma ligação escusa entre a jovem e o

dono da tecelagem onde, sem dúvida, ela trabalhava. Prezava muito seu nome para sujá-lo de maneira tão ridícula.

— Vou levá-la para casa. Minha cozinheira tomará conta dela!

O cocheiro não fez nenhum comentário quanto a uma decisão que claramente não entendia e colocou a moça dentro da carruagem.

Enquanto prosseguiam, Josiah observava a garota muito magra cujos olhos pareciam grandes demais no rosto fino. O que teria acontecido com ela?

As indústrias da cidade se orgulhavam do bom tratamento proporcionado aos seus operários. Sem dúvida, havia problemas como as sempre presentes doenças dos pulmões, mas Lowell era considerada uma comunidade perfeita.

As jovens que vinham do campo para trabalhar nas fábricas ficavam em pensões onde eram fiscalizadas por senhoras autoritárias, encarregadas de zelar pela virtude de suas pensionistas. Dormiam quatro ou cinco em cada quarto, o que impedia qualquer possibilidade de desvio, e nas horas livres eram incentivadas a assistir a palestras, participar de corais ou outras atividades culturais. O trabalho era bastante pesado mas nada justificava que alguém se descuidasse a ponto de chegar ao estado dessa jovem!

Josiah foi obrigado a carregar a moça pois ela ainda não voltara a si quando chegaram em sua casa. A sra. Hobson levou um choque ao abrir a porta e ver seu patrão com alguém nos braços.

— O que houve... quem é...

— Não tenho a menor idéia, sra. Hobson. Há alguma cama desocupada no quarto dos criados?

— Sim... sim... — A cozinheira estava completamente atônita diante do inesperado e custou-lhe recuperar o bom senso e se encaminhar para a ala reservada aos empregados. Havia um quarto livre e ela indicou o leito ao sr. Mackenzie.

— Este quarto está frio demais. Arranje mais cobertores e tudo o que for preciso. Se a jovem acordar e lhe disser quem é, vá logo me avisar, sim?

Depois da saída do patrão, a sra. Hobson fitou por um longo tempo a garota. Não tinha a menor idéia do motivo pelo qual um homem tão orgulhoso e insensível como Josiah Mackenzie teria trazido aquela moça desamparada para sua casa. Infelizmente, ela conhecia bem demais a maldade dos homens e não pôde evitar uma suspeita bastante desagradável.

CAPÍTULO VII

A neve caíra durante toda a noite, cobrindo as colinas ao redor de Lowell. Pela janela do quarto, Sarah via os tons cinzentos da manhã de inverno. Apesar de ser seu aniversário, seu estado de espírito mostrava-se tão sombrio quanto a paisagem.

Devido à nevasca, não havia aula e ela tinha aproveitado a folga para ler em vez de cumprir seu dever e ir ajudar a sra. Hobson na cozinha. Era tão raro ter alguns minutos para dedicar a si mesma! As incontáveis responsabilidades assumidas após a morte da mãe a mantinham ocupada de manhã à noite, obrigando-a a deixar para trás a liberdade da infância.

Nesse dia em que completava treze anos, Sarah acordara com um mal-estar inexplicável. Talvez seu corpo estivesse reagindo com o excesso de obrigações, pois a dor que começara muito cedo não cessava de aumentar. Desistindo de tentar concentrar-se na leitura, foi para a cama e deitou-se, embora fossem dez horas da manhã, um horário absolutamente impróprio para descansar.

A leve batida à porta provocou-lhe um sorriso, um fato agora muito raro. Só podia ser Nathan, uma vez que Gideon jamais respeitava seu pedido de não entrar sem pedir licença.

— O que você tem? — Ao entrar, o garoto se assustou por ver a irmã na cama. Desde a morte da mãe, ele se tornara extremamente sensível a qualquer menção de doença, em especial quando a pessoa afetada era Sarah.

— Não é nada, Nathan. Estou só com preguiça. Vou levantar já; preciso ajudar a sra. Hobson na cozinha.

— Só depois de falar com o pai, Sarah. Vim chamar você para ir encontrar com ele na biblioteca.

Sarah não conseguiu disfarçar o aborrecimento. As conversas com o pai nunca eram agradáveis, além disso a indisposição continuava. Mas não havia como escapar e ela lavou o rosto com água fria numa tentativa de sentir-se melhor.

Quando finalmente entrou na sala sombria onde a escrivaninha do pai se destacava entre as estantes escuras, ficou surpresa por não encontrá-lo sozinho como de hábito. Uma garota frágil, de cabelos loiros e roupas muito simples mantinha os olhos baixos e as mãos firmemente entrelaçadas.

— O senhor queria me falar, pai?

Josiah fez um aceno afirmativo enquanto olhava alternadamente para as duas jovens. As roupas da filha eram de boa qualidade enquanto as da pobre garota, embora limpas, haviam sido cerzidas e remendadas inúmeras vezes. Porém a grande diferença entre elas não se encontrava no vestuário. A humildade da postura da recém-chegada à casa dos Mackenzie contrastava com o ar de desafio de Sarah.

O relacionamento entre Josiah e a filha estava se tornando mais difícil à medida que o tempo passava. Depois da morte da mãe, tornara-se necessário que eles se falassem com maior frequência sobre a manutenção da casa, e Sarah, embora não o desafiasse abertamente, também não demonstrava a deferência respeitosa que Josiah acreditava ser uma obrigação filial.

Na presença do pai, Sarah quase não falava e sua expressão fechada chegava a ser ofensiva. Evitava permanecer no mesmo cômodo que ele, escapando para o quarto na primeira oportunidade. Se Josiah insistia em obter uma resposta, ela se refugiava atrás de uma muralha de resistência que era impossível derrubar.

Josiah não ignorava o motivo dessa reação da filha: Sarah o culpava pela morte da mãe. Quanto mais ele lutava para acreditar na própria inocência, mais se enfurecia com a condenação estampada naqueles olhos que o fitavam com rancor. Agora estava disposto a forçar Sarah a mudar e tinha encontrado como fazê-lo.

— Esta é Marilee Jamison, filha. Ela me contou que veio para Lowell após a morte do pai, um professor de Boston. Como a mãe já havia morrido, Marilee e o irmão ficaram sozinhos no mundo e ele embarcou num navio de carga, deixando-a por conta própria. Esta jovem encontrou emprego em uma das minhas tecelagens mas o trabalho era duro demais.

Sarah fitou Marilee, cuja constituição delicada era bem diferente das robustas garotas que largavam o trabalho pesado do campo para poderem viver numa cidade e receberem um ordenado, mesmo insignificante. Era evidente que alguém tão frágil não resistiria por muito tempo à vida exaustiva das fábricas de tecidos.

— Quantos anos você tem, Marilee?

— Quinze, senhor.

Josiah lembrava-se perfeitamente da idade da jovem mas fizera a pergunta para que Sarah reparasse no tom de respeito com que Marilee se exprimia.

— Eu não costumo trazer uma jovem para casa a não ser para trabalhar como criada. Todavia, a educação primorosa de Marilee é bastante fora do comum e decidi contratá-la como sua dama de companhia.

Sarah fitou o pai, boquiaberta. Nunca suspeitara que Josiah tivesse intenções de provê-la de uma companhia feminina e também não sabia se gostaria de ter uma. No entanto, conhecia-o muito bem para saber que, após ter tomado uma decisão, ele não voltaria atrás.

— Marilee ficará no quarto ao lado do seu — Josiah continuou quando percebeu que a filha não iria ser tola a ponto de protestar como ele imaginara. — A sra. Hobson a ajudará a fazer algumas roupas para ela, Sarah. Agora podem se retirar...

Do lado de fora da biblioteca, as duas garotas se fitaram em silêncio, sem saber como agir. Finalmente, Sarah conseguiu superar o constrangimento e percebeu que não estava sendo caridosa com aquela jovem tão sozinha no mundo.

— Vou mostrar-lhe o seu quarto...

Após subirem as escadas, Sarah mostrou o dormitório de Gideon, o de Nathan, o seu e enfim abriu a porta do último deles. Como em todos os cômodos da casa, exceto a sala de visitas, a decoração era sombria e severa, embora confortável. Nas paredes recobertas de tecido verde-escuro havia reproduções de cenas bíblicas e, além da cama, uma mesa de trabalho e uma cômoda eram os únicos móveis.

— É lindo! Eu nunca tive um quarto assim tão grande!

— Espero que você se sinta confortável. — Sarah não tinha imaginado que outros olhos achassem bonita uma decoração com a qual convivera desde menina, não vendo nela nada de excepcional.

Apesar das suspeitas sobre o motivo que levava seu pai a tomar essa atitude caridosa e tão fora do normal, Sarah teve pena da garota e decidiu fazer o possível para tornar-lhe a vida mais fácil.

— Se estiver com fome, podemos ir até a cozinha pois a sra. Hobson adora alimentar todos nesta casa. Ela faz os biscoitos de gengibre mais gostosos do mundo.

— Eu gostaria mas... só se não lhe der muito trabalho.

— Ora! Que bobagem! Depois de tomarmos um lanche, eu lhe mostrarei o resto da casa, então iremos para a sala de costura procurar alguns vestidos de minha mãe e os reformaremos para você.

Sarah sentia a compaixão por Marilee aumentar diante de sua humildade. Era evidente que ela tinha sofrido muito nos últimos meses mas, apesar de uma curiosidade quase incontrolável, conseguiu não fazer nenhuma pergunta. A cortesia e o respeito humano a forçavam a esperar por explicações espontâneas.

Sem dúvida, a sra. Hobson pensava do mesmo modo que Sarah, mas suas suspeitas a respeito das intenções de Josiah Mackenzie eram bem mais definidas. Depois de ter colocado um prato de seus famosos biscoitos sobre a enorme mesa da cozinha, não se conteve e perguntou:

— O que você estava fazendo no meio da estrada de noite, mocinha?

— Eu... bem... — Marilee não levantou os olhos do copo de leite à sua frente. — Eu perdi a noção das horas e não percebi a mudança do tempo.

A cozinheira mostrou-se cética diante daquela resposta mas, ao ver a expressão faminta no rosto de Marilee, virou-se de costas para esconder o olhar de piedade. Por um breve instante, tinha deixado de pensar no quanto aquela jovem devia ter sofrido e esquecera-se de seu dever cristão de ajudar os mais desamparados.

— Eu sempre quis conhecer Boston, Marilee. Você gostava de morar lá?

— Sim, mas não sei se era por causa da cidade ou das circunstâncias. Minha vida era muito diferente...

— Seu pai era professor, não? Ele lhe dava aulas?

— Não. Minha mãe me ensinou a ler e depois eu passei a frequentar uma academia para jovens. — Marilee evitou mencionar que o dinheiro gasto para mantê-la nessa escola tinha sido retirado da poupança da família e no final não sobrara nem um centavo.

— Eu sempre quis estudar em uma academia desse tipo! Minha mãe ia tentar convencer papai mas não houve tempo.

— Ela... morreu?

— Sim. Foi no ano passado.

— Quantos anos você tinha?

Quando Sarah contou-lhe o sofrimento que ainda não se afastara daquela casa enlutada, Marilee sentiu uma intensa piedade daquela garota, dois anos mais nova e tão inconformada.

— Eu também tinha doze anos quando minha mãe morreu. Compreendo como deve estar se sentindo, é muito triste...

Subitamente, Sarah não se sentiu mais tão sozinha em sua dor. Encontrara alguém que entendia seu sofrimento porque também Padecera por motivos semelhantes.

Logo após o almoço, Sarah levou Marilee para o quarto de costura e abriu as caixas onde estavam as roupas usadas por Catherine antes do nascimento de Gideon. Apesar de esguia, a mãe era mais alta do que Marilee e elas sentaram-se à mesa de trabalho para encurtar alguns dos vestidos.

As duas trabalharam quase toda a tarde e Marilee, mais à vontade, contou a Sarah o que tinha sido a sua vida após a morte do pai. Mesmo evitando criticar os donos das fábricas para não ofender seu benfeitor, deixou bem nítido que sentia-se extremamente feliz por escapar daquele tipo de trabalho.

— Eu pensei que fosse capaz de agüentar mas me enganei profundamente. Depois de dez horas diante do tear, começava a cometer um engano após o outro! A mulher que nos fiscalizava tentou me encontrar uma função mais leve, porém minhas forças acabavam antes da hora de terminar o horário de trabalho.

— Você foi despedida?
— Sim... eu não tive coragem de dizer nada diante da sra. Hobson. Ela parece tão competente.

— É verdade. Mas é muito bondosa, também. Ela jamais a criticaria por não conseguir executar tarefas acima de suas forças.

— Não sei o que seria de mim se seu pai não tivesse me socorrido. Depois de ser despedida, eu não poderia ficar na pensão pois é restrita às jovens que trabalham nas tecelagens. Tentei encontrar outro emprego e andei pela cidade inteira.

— Não lhe ofereceram nenhum?

— Bem... — Marilee enrubescceu ao lembrar das únicas ofertas que recebera. — Não encontrei nada que pudesse aceitar. Eu já estava sem dinheiro, com fome e pensei em ir até a igreja para poder dormir quando caí na estrada.

— Que horror! Você poderia ter morrido!

— Sim. Eu teria morrido mesmo se o sr. Mackenzie não tivesse surgido! Devo a minha vida a ele!

A visão do pai como o salvador de uma única criatura que fosse era tão inconcebível para Sarah que ela começou a rir. Marilee o via como um cavaleiro de armadura brilhante e essa imagem lhe parecia extremamente ridícula!

— Desculpe-me. — Sarah percebeu o ar de preocupação da jovem que não entendia o motivo de sua risada inoportuna.

— Não estou rindo de sua história... Sinto-me um tanto estranha hoje.

— Eu percebi que você não estava bem disposta. Há algum problema?

— Não... acho que não. — Sarah não conseguia superar o constrangimento inexplicável que aquelas cólicas lhe causavam.

Marilee não insistiu mas continuou observando Sarah, que se concentrava em seu trabalho com a cabeça abaixada. Uma onda de afeição pela garota, ainda uma criança, tomou-a de surpresa. Não sentira uma emoção tão forte assim desde que sua família se desfizera! Sempre tinha desejado uma irmã e, se não fosse muita presunção de sua parte, faria o possível para se tornar uma amiga para Sarah. Não tinha dúvidas de que sua posição naquela casa seria a de uma criada e não devia se iludir, pensando que era ligada à família. O sr. Mackenzie não definira bem quais seriam as suas obrigações, apenas tinha dito que Sarah precisava de uma companheira. O fato de um pai preocupar-se tanto com a solidão da filha apenas aumentava sua convicção de que ele era um homem muito bondoso.

No aposento aquecido e aconchegante, Marilee fez a promessa silenciosa de ser digna da confiança daquele homem e se tornar uma verdadeira amiga de Sarah, ajudando-a em tudo.

Naquele instante, Sarah realmente estava precisando de ajuda. O mal-estar, que quase havia desaparecido enquanto ela se distraía ouvindo as histórias de Marilee, tinha voltado e com maior intensidade. A cólica se tornou tão violenta que a obrigou a levantar-se da cadeira. Algo fora do seu controle estava acontecendo com seu corpo!

— Sarah? O que foi?

— Nada... eu..

Na mente de Sarah aquela dor no ventre significava algum mal tão terrível quanto o que vitimara sua mãe. Escondendo-se atrás do biombo, viu um fio de sangue descendo pela perna e não pôde reprimir um grito de horror.

Apesar de sentir-se uma intrusa, Marilee foi atrás da nova amiga e, ao vê-la tão descontrolada, percebeu qual era o motivo.

— Sua mãe nunca falou sobre esse assunto com você, Sarah?

— Não! Eu não sei o que está acontecendo!

Penalizada, Marilee a abraçou e levou-a até a poltrona próxima à janela. Sua mãe, uma pessoa gentil e compreensiva, não fizera mistério dessa função tão natural e a ajudara a enfrentar sua feminilidade sem revolta. Agora, usando as mesmas palavras simples, explicou a Sarah esse fenômeno da natureza.

Chamou em seguida a sra. Hobson e as duas acalmaram a jovem que se rebelava contra um fato inelutável. A experiente cozinheira fitou com piedade aquela garota que já estava pronta para uma vida cheia de fardos pesados demais.

A luta para manter os olhos abertos foi vencida pelo efeito calmante do chá de camomila com algumas gotas de láudano para amortecer a dor. Sarah queria conversar com Marilee

sobre essa mudança em seu corpo, mas o sono foi mais forte e ela adormeceu com uma estranha sensação de felicidade. Pela primeira vez desde a morte de sua mãe, já não estava mais sozinha.

Marilee permaneceu ao lado da cama por um longo tempo, contente por poder ajudar Sarah naquele período de preparação para se tornar uma mulher forte. Não era muito mais velha mas fora abençoada com pais extremamente compreensivos e criada longe dos padrões rígidos de educação que existiam na maioria dos lares. Não tinha idade para ser mãe, porém tentaria tornar-se uma irmã e guiar os passos ainda incertos de Sarah Mackenzie.

CAPÍTULO VIII

O relacionamento entre Philip e o pai melhorou muito com o passar dos meses. Embora ainda discordassem sobre a escravidão, foram descobrindo inúmeros pontos sobre os quais concordavam plenamente. Philip começou a sair da sombra de Charles para se tornar responsável pelas próprias decisões e, percebendo que o pai permitira que isso acontecesse, mais o admirava.

Charles demonstrava aceitar a maturidade do filho deixando ao encargo dele decisões importantes como a compra de terras adicionais para ampliarem a lavoura de algodão. Essa atitude era rara, pois os jovens da mesma idade de Philip se queixavam constantemente do autoritarismo paterno.

John Carslile, William Morgan, Louis Devereaux e Jeremy Hudson tinham o mesmo problema já que seus pais não lhes entregavam nenhuma responsabilidade nem cediam a menor parcela do comando. Todos guardavam zelosamente seus privilégios embora esperassem que no futuro os filhos fossem capazes de dirigir suas propriedades com eficiência.

— Sem prática alguma como poderemos tomar conta das plantações? — Louis Devereaux não aceitava aquela situação incoerente. — Um dia nos tratam como crianças irresponsáveis e no outro nos querem maduros e experientes!

O grupo de amigos de infância convidara Philip para uma caçada e ele aceitara de bom grado um dia de descanso. Para os outros, aquela atividade era mais uma tentativa de afastar o tédio de suas vidas. Acompanhados por escravos que levaram o almoço requintado, todos tomaram com liberalidade o excelente vinho francês, deixado por horas nas águas geladas de um riacho para esfriar.

— A nossa educação é baseada apenas em teorias — continuou Louis, inconformado. — Aprendemos latim, religião, matemática, artes e literatura, uma formação excelente para futuros professores e absurda para futuros fazendeiros! Precisávamos de noções sobre agricultura, economia, finanças, leis...

— Você é ambicioso demais, Louis! — John Carslile era o mais brilhante e o mais irônico do grupo. — Eu me contentaria com o reconhecimento paterno de que já não sou mais um bebê de colo.

— Sempre foi assim e continuará a ser. — Jeremy Hudson, o mais jovem, parecia não se preocupar tanto quanto os demais. — Nós também não cederemos com muito gosto o nosso poder aos filhos, tenho certeza. Enquanto esperamos, o melhor é procurar distração...

— Todos sabem por que você tem se mostrado tão tolerante nos últimos meses, Jeremy! Para divertimento geral, o rapaz enrubesceu, lembrando que faltavam apenas dois meses para ter só para si aquela criatura delicada e especial: Kitty Calvert.

Os rapazes haviam cavalgado toda a manhã, rastreando os imensos cervos que ainda existiam nas campinas da Virgínia. Todos eles desprezavam a caça à raposa, uma covardia que fora copiada dos ingleses e estava se tornando popular entre alguns fazendeiros de origens recentes demais para a velha aristocracia do sul.

Alguns sonhavam até em ir para o oeste em busca de uma caça mais cheia de perigos. Como o México cedera grandes áreas de terra após o final da guerra, havia grandes oportunidades para os mais aventureiros.

— Eu gostaria de ter participado dessa guerra — declarou Louis Devereaux. — Era a oportunidade exata de se cobrir de glória além de ficar rico com os despojos.

— E por que não foi? — John estava cansado de ouvir sempre as mesmas queixas e a insistência em discutir os mesmos assuntos. — Vocês só sabem falar! Por que não agem?

— Sabe muito bem porque nenhum de nós foi! Nossos pais jamais teriam permitido que seus preciosos herdeiros se arriscassem.

— Então não perca tempo se lamentando, meu caro! — John ergueu o copo e fitou os amigos. — Vamos fazer um brinde... a nós, os príncipes herdeiros! Espero que nossa vida seja longa o bastante para podermos usufruir esse trono distante.

O cinismo de John Carslile o diferenciava dos outros, mas todos se sentiam da mesma forma. Philip percebia sua sorte por ter um pai compreensivo e não podia sequer pensar em Calvert Cypress sem a presença segura de Charles. Mesmo a crescente confiança em suas próprias habilidades não o deixava convencido a ponto de não perceber o quanto estava aprendendo com o pai. Ainda era apenas um aluno em tantos assuntos e, em especial, no aspecto incrivelmente complexo das finanças.

Algumas semanas antes do casamento de Kitty, a família Calvert foi até Richmond, onde ficariam hospedados na confortável mansão de um primo, pois nunca haviam construído uma casa na cidade, tal era seu amor por Calvert Cypress. Tia Louise e Kitty iriam fazer compras para o enxoval e os homens aproveitariam a ocasião para resolver assuntos sérios.

Enquanto as mulheres saíram para revirar as lojas de cima a baixo até encontrarem os artigos mais perfeitos, Charles e Philip foram ao banco. Como a situação econômica da fazenda era excelente, foi agradável a conversa com Hiram Bercher, um banqueiro que viera de Nova York para a Virgínia.

— Juro que devíamos considerar a cidade de Lowell como parte do sul. — O exuberante banqueiro já os servira de charutos e *bourbon*. — As tecelagens se mostram tão ansiosas em comprar o nosso algodão que enchem nossas bolsas de dinheiro a cada minuto que passa.

Philip e Charles trocaram um olhar de compreensão tolerante. Bercher fazia o possível para se identificar com os sulistas mas jamais seria considerado nada além de um ianque. Seu modo de falar, os gestos e principalmente a maneira de pensar o traíam. Só o fato de sugerir que a honra de pertencer ao sul poderia ser dada por alguém que não Deus era um sacrilégio e demonstrava a imensa presunção desse homem nascido acima da famosa linha Dixie.

— Você já deve ter lido a última carta de Josiah Mackenzie, não?

— Bercher ofereceu a Charles a cópia da missiva. — Ele está lhe oferecendo cinco centavos a mais em cada fardo de algodão para a safra do próximo ano.

— Muito generoso o nosso amigo Josiah — ironizou Charles.

— Afinal, o preço do algodão pode subir bem mais do que cinco centavos, não acha?

— Ah! Mas também pode cair, certo? O sr. Mackenzie está disposto a fazer um depósito em dinheiro agora, bem antes da colheita...

— Devo deduzir que senhor está me aconselhando a aceitar a oferta?

— Sou um homem prudente e não me envergonho do que considero uma qualidade. Na minha opinião, dinheiro nas mãos, agora, vale muito mais do que a possibilidade incerta de maiores lucros no futuro.

Bercher sorriu satisfeito com sua sabedoria, à espera da aprovação de Charles. Pai e filho se entreolharam de novo, ambos conscientes da visão diferente de um ianque.

— Se Calvert Cypress estivesse necessitando de capital para financiar os custos da próxima colheita, eu talvez pensasse em estudar os termos da proposta de Mackenzie. Todavia, como não existe esse problema prefiro esperar para ver o que acontecerá com o preço do algodão nos próximos meses.

— Pode ser desastrosa a sua atitude, sr. Calvert... já vi o preço despencar como uma estrela cadente!

— Também já viu o preço subir como um rojão, não é verdade? Creio que não existem circunstâncias tão desfavoráveis a ponto de precipitar uma queda de valor para o algodão.

— Mesmo assim... eu o aconselho a ser mais prudente, sr. Calvert. Minhas opiniões...

— Suas opiniões o tornaram um banqueiro e as minhas são as de um fazendeiro.

Charles apagou o charuto, que julgou de qualidade bastante inferior aos seus e levantou-se para sair. Evitou acrescentar que essa diferença de ponto de vista sobre economia era o que o transformava num exemplo da filosofia de vida sulina enquanto a de Bercher o caracterizava como um ianque.

Para Philip, aquela conversa foi extremamente instrutiva e, apesar de ter-se divertido com

a presunção do banqueiro, não pôde controlar uma certa irritação.

— Esse homem é mesmo impertinente! — exclamou ao ver-se a sós com o pai. — Com que direito ele se julga apto a nos ensinar como resolver nossos negócios?

— Bercher se arroga a tomar decisões porquê a maioria dos fazendeiros é incompetente e não tem a menor noção de finanças. Eles sabem quando plantar e o momento exato de colher mas, além dessa atividade agrícola, são ignorantes a respeito de como dirigir seus negócios com habilidade.

— Algo deveria ser feito em relação a essa deficiência para que a minha geração não cometa os mesmos enganos!

— Sem dúvida, filho. No entanto, nossa grande força vem do respeito e obediência às tradições que proclamam o desprezo por assuntos tão mesquinhos quanto as preocupações monetárias.

— É uma filosofia de vida que pode nos custar caro demais, papai!

— Realmente para muitos pode ser a ruína mas, para nós, a fraqueza de alguns abre excelentes oportunidades, desde que sejamos rápidos o suficiente para aproveitar essas chances!

— Só espero que um desastre de grandes proporções não venha a nos abalar irremediavelmente.

Após o jantar, quando Kitty demonstrou seu entusiasmo pelas compras feitas à tarde, Charles convidou Philip para aproveitarem o restante da noite. Essa sugestão não precisava ser explicada com mais detalhes pois era um hábito dos fazendeiros aproveitar as visitas a Richmond para freqüentar os luxuosos bordéis da cidade.

Philip não se surpreendeu com o convite do pai já que sua primeira visita a um desses estabelecimentos tinha sido feita quando completara quinze anos, por sugestão do próprio Charles. Essa era mais uma tradição que, ao contrário de muitas outras, não o desagradava. Ele e o pai não costumavam usar as jovens escravas para satisfazer seus desejos como muitos fazendeiros e, por esse motivo, havia a necessidade de vir a Richmond com maior freqüência. Os bordéis sulinos eram famosos pelo luxo e pelo alto nível de mulheres, cuja beleza dificilmente seria encontrada nos Estados do norte. O champanhe, embora caríssimo, era de excelente qualidade e a decoração, apesar de um tanto exagerada, não desagradaria a nenhum homem, mesmo o mais exigente.

Entre tantas belezas escassamente vestidas, Philip escolheu uma jovem mulata de pele cor de canela e formas sinuosas. O corpo perfeito parecia veludo dourado e ele se deu conta de que não tinha uma mulher há um longo tempo. Depois de se saciar com a perícia amorosa da garota, deixou-a falar sobre sua vida. Não estava realmente interessado nesse assunto mas a voz musical e dolente de Lurraïne o encantava.

Ela viera da Geórgia ainda criança para trabalhar no bordel. Filha de uma escrava e do dono da fazenda, havia ajudado na cozinha até completar treze anos, quando passara a entreter os fregueses de madame Tussaud.

A história de Lurraïne era bastante comum mas causava um certo desconforto em Philip. Quando a escolhera, ele sabia que a jovem só podia ser uma escrava e, se lhe pertencesse, jamais a tocaria. No entanto, o fato de usar aquele corpo, mesmo não sendo ele proprietário, o perturbava. A servilidade demonstrada era diferente do que se encontraria em outra prostituta, evidenciando um fato que Philip não gostava de se lembrar.

A escravidão continuava a ser um ponto de difícil entendimento entre pai e filho, mas Philip evitava tocar no assunto e perturbar um relacionamento que se tornava gradativamente mais satisfatório. Os dois homens jamais discutiam qualquer detalhe referente aos escravos e, enquanto tomavam o farto desjejum antes de voltar a casa dos primos, Charles não fez comentário algum sobre a escolha do filho. Entretanto, havia um brilho estranho em seus olhos e não passou despercebido a Philip. Sabia que o pai não desistia enquanto não o visse concordar com os benefícios da escravidão.

Mais tarde, enquanto Jacob preparava suas roupas para outro dia na cidade, Philip pensou nos encantos de Lurraïne, programando uma volta para Richmond em breve. No entanto, não pretendia que a jovem mulata fosse uma solução permanente para suas necessidades. Freqüentar bordéis o deixava vagamente insatisfeito, pois esse contato meramente físico o fazia ansiar por um relacionamento mais completo e significativo.

Não tinha dúvida de que em Daphne encontraria o que precisava para transformar sua

vida. Encontrara a prima em várias ocasiões, proporcionadas pelas freqüentes reuniões da família, e, quanto mais a conhecia, mais encantado ficava. A jovem era a essência da feminilidade sulina: bela, dócil e cheia de virtudes. Todas as vezes em que ela viera a Calvert Cypress, Philip se surpreendera como Daphne já parecia pertencer àquela casa.

O entusiasmo de Kitty diante do casamento o levava a acreditar que Daphne também se sentiria feliz se ele fizesse logo o pedido. As famílias também iriam se alegrar com a união de dois primos, pois nada lhes soaria tão absurdo quanto procurar uma noiva longe de casa quando havia tantas belezas no sul!

CAPÍTULO IX

Richmond era uma das cidades do sul que possuía o maior número de mercados de escravos. Ali estavam concentrados os mais respeitáveis importadores dessa mercadoria tão procurada e seus leilões eram anunciados nos jornais, atraindo multidões. Grandes fazendeiros eram a maioria mas também havia comerciantes, capitães de navio e particulares que procuravam um escravo para trabalho doméstico.

Antes do início do leilão, os interessados avaliavam com atenção os escravos que seriam oferecidos naquela tarde, a fim de fazerem uma escolha prévia. No pátio, sob um sol inclemente, os negros permaneciam imóveis, entre a palha imunda. Há dias estavam ali, sem possibilidades de banhos ou a mais essencial higiene, e o odor se tornava insuportável. Moscas e sujeira aumentavam o desconforto das crianças que choravam mansamente enquanto os adultos, homens e mulheres, mantinham uma expressão de estóica indiferença.

Philip se esquivara ao máximo de cumprir aquela tarefa penosa, mas Charles tinha ignorado seu desconforto e só uma recusa categórica e embaraçosa o impediria de acompanhá-lo.

— Sei como se sente a respeito da escravidão, filho. É por isso que deve conhecê-la sob todos os aspectos.

— O leiloeiro sempre ajudava os fazendeiros em sua escolha, mostrando as melhores "peças".

— Este ainda é jovem e bem treinado para a lavoura. Ele tem muitos anos de trabalho pela frente e o senhor não perderá o seu dinheiro... É obediente, plácido e tem todos os dentes.

Charles observou o negro alto e musculoso de aproximadamente vinte anos sem parecer muito convencido das palavras do leiloeiro.

— Faça-o tirar a camisa.

Quando o escravo mostrou as costas nuas, Philip precisou controlar uma revolta intensa e forçar-se a não se afastar dali. Havia cicatrizes antigas e recentes de marcas de chicote no dorso lustroso daquele homem.

— Não costumamos castigar escravos em minha propriedade — declarou Charles. — Por isso não gosto de comprar escravos que só obedecem à força de chicote.

O leilão começou logo em seguida e Philip evitou admitir sua perturbação crescente. Os escravos mais velhos eram pouco procurados uma vez que seriam um peso morto nas fazendas, e por isso acabavam sendo vendidos para pequenos fazendeiros que os esgotariam em alguns meses, levando-os a uma morte prematura. Quando o leiloeiro apresentou uma mulher jovem e grávida acompanhada por um garotinho, as ofertas se multiplicaram. A mãe respirou aliviada quando um plantador de tabaco a comprou junto com o filho, pois sempre havia a possibilidade de que fossem vendidos separadamente, afastando-os para sempre.

Um a um os escravos foram sendo vendidos, exceto as melhores "peças", deixadas para o final. Os compradores esperavam pelas últimas ofertas e um murmúrio de expectativa percorreu a audiência quando o leiloeiro empurrou para o tablado uma jovem que relutava em sair da proteção do grupo de negros encolhidos num canto do salão.

— Esta "peça" é uma raridade hoje em dia e não vai lhes custar barato, senhores. Foi criada por uma proeminente família de Nova Orleans e está familiarizada com todo o tipo de trabalho doméstico. — O apresentador deu um sorriso malicioso que provocou risadas na platéia. — Ela tem outros atributos que qualquer cavalheiro exigente apreciará.

Com um gesto rápido, abriu o vestido de algodão da negra e o tirou, apesar das tentativas da garota em impedi-lo. O corpo nu e muito jovem indicava ainda o final da adolescência mas os seios bem formados e os quadris arredondados demonstravam que logo ela seria uma mulher de belas proporções.

— Ela precisa de mais treinamento, porém sua natureza é dócil... O lance inicial é de novecentos dólares.

Os lances se sucederam com rapidez até que um fazendeiro de meia-idade arrematou a jovem por dois mil dólares. O sorriso de satisfação no rosto do comprador aumentou a irritação de Philip, que só não expressou seu desagrado publicamente por respeito ao pai. O ligeiro rubor no rosto de Charles demonstrava claramente o quanto o perturbava a evidência de senhores de escravos que usavam as jovens negras para seus caprichos sexuais.

O alívio de Philip foi intenso quando finalmente aquela degradação de seres humanos terminou. Charles escolhera novos escravos e os levaria para Calvert Cypress na manhã seguinte. Não vi a hora de retornar à natureza pura da fazenda onde era mais fácil esquecer que existia um fato tão chocante como a escravidão. Por algum motivo inexplicável, os negros na sua propriedade lhe pareciam parte de uma comunidade livre.

O enorme barco que subia o rio James parou no cais particular de Calvert Cypress e a família Calvert, os escravos e as inúmeras caixas de Kitty foram recebidas por Augusta e Rameses.

— Deus do céu! A "dona menina" deixou alguma coisa "pra" outra noiva comprar lá na cidade?

— Quase nada, Bá. Pelo menos eu comprei o que havia de mais bonito... venha ver.

As mulheres entraram em casa, mas Philip e Charles permaneceram no alpendre, aproveitando a brisa fresca da tarde e discutindo os resultados práticos daquela viagem a Richmond.

— Com os escravos que compramos, poderemos plantar vários hectares a mais. A oferta de Mackenzie é um sinal seguro de que o preço do algodão vai subir muito no próximo ano.

— Acredita que ele esteja certo, papai?

— Mackenzie é um homem esperto e não toma nenhuma atitude sem pensar muito. Não posso dizer que o aprecio como pessoa mas admiro seu sucesso.

— Ele não nasceu aqui pela redondeza?

— A família de Mackenzie veio de algum sítio no interior da Virgínia e, apesar de nunca mencionar essa fase de sua vida, Josiah deve ter sofrido privações. Quando o conheci, ele já era dono de uma fábrica de tecidos em Lowell e se mostrava determinado a possuir muitas mais. Em comparação aos outros industriais com os quais temos negócios, Josiah é mais esperto, mais inescrupuloso e isso tem um significado bem grave pois a maioria deles são duros e implacáveis. Basta dizer que tenho vendido algodão a ele por quase vinte anos e nunca o vi perder um centavo. Aliás... eu também não me saí mal.

Philip sorriu ao perceber o orgulho justificado do pai. Charles fazia excelentes negócios e por esse motivo Calvert Cypress nunca Precisara de empréstimos ou contraíra as dívidas que muitas vezes destruíam grandes propriedades.

— Depois do casamento de Kitty, eu gostaria que você fosse para o norte, Philip. Há uma série de assuntos a serem resolvidos e eu não estou com vontade de fazer essa viagem.

— Ótimo, papai!— Era indisfarçável a satisfação de Philip ao ser encarregado de resolver negócios de tanta responsabilidade. Seria a primeira vez que iria decidir assuntos de Calvert Cypress sozinho e queria demonstrar sua capacidade.

— Antes disso precisaremos fazer um esforço supremo e agüentar as dezenas de festas que sempre precedem um casamento. Kitty já foi convidada para uma infinidade de recepções e irá oferecer outras tantas... por isso fez essa enormidade de compras. Será que ela deixou algo em alguma loja para outras noivas?

— Duvido muito. Nunca vi tantos pacotes em toda minha vida. Ainda bem que vai se casar com um homem rico.

— Pois espero que ele continue rico. Detestaria ouvir Daniel Hudson se queixar que minha filha o levou à ruína.

Não havia o menor perigo de que tal desastre acontecesse e Charles sabia muito bem disso. Antes do noivado, ele verificara o estado de finanças da família Hudson e tinha ficado

satisfeito ao se certificar de que era uma fortuna sólida e bem administrada. Além disso, Kitty tinha um dote bastante significativo. O futuro sogro insinuara que a jovem levasse alguns hectares de terra, mas Charles preferia entregar à filha uma grande soma em dinheiro que poderia ser utilizada na propriedade dos Hudson.

Pai e filho ficaram ainda algum tempo discutindo detalhes relativos ao casamento mas finalmente foram dormir. A escuridão era total e eles nem notaram o brilho pálido de um lampião na senzala.

Ao redor da tosca mesa de madeira, Marcus conversava com um escravo que não pertencia aos Calvert. Ginny os fitava sem esconder a ansiedade. Os olhos grandes e escuros iluminavam a fisionomia atraente daquela mulher de dezenove anos que demonstrava uma força incomum para alguém tão jovem.

— Eles vêm hoje, só "num" sei a hora. Vêm três, Marcus.

— Nós "estará" pronto!

— Eles têm que andar depressa. Tem capitão de mato procurando fugitivo.

— Sempre tem. Mas nós "dá um jeito".

— E você? — Ginny fitou outro homem, desconfiada. — Vai voltar para casa hoje?

— Tenho um "passe".

— Deixe ver... — Marcus fitou o papel amassado e sujo que o negro retirara do bolso da calça. — Aqui diz que você se chama Bartolomeu e é negro doméstico, "num" é da lavoura! Sabia disso?

— Eu "num" sei lê, Marcus. Troquei esse passe por uma garrafa de rum e o escravo que me deu tinha roubado do patrão.

Marcus suspirou desanimado diante da ingenuidade do companheiro. Muitos fazendeiros tinham o hábito de manter os passes assinados para quando precisassem enviar seus escravos em missões fora da própria fazenda. No entanto, era difícil saber a data em que aquele fora roubado e se não haviam sentido falta dele. Se o roubo tivesse sido descoberto, as patrulhas de caça aos escravos fugitivos estariam à procura do homem que iria utilizá-lo.

— Acho melhor você "num mostra" esse passe. Quem vai acreditar que um homem forte como você é negro doméstico?

— Eu sei, eu sei... Mas é melhor "mostra" alguma coisa do que não "mostra" nada.

Marcus não argumentou mais. Sabia que nenhum escravo se sentiria seguro sem um daqueles "passes" mesmo se já estivesse velho e sem valor. Afastar-se da senzala sem autorização era uma ousadia extrema e o castigo ia de uma severa surra até a possibilidade de morte. A única solução era manter-se longe das estradas e fugir das patrulhas.

Depois da saída do outro escravo, Ginny parou de remendar a camisa do marido e fitou o homem com quem vivia já há dois anos. Apesar da convivência diária, Marcus ainda lhe parecia um estranho cujo temperamento fechado era um enigma. Tendo vivido em dois mundos diferentes — o do branco livre e o do negro escravo —, ele não pertencia por completo a nenhum. Apenas o tom da pele o diferenciava dos brancos que tanto odiava, e até falava como eles. No entanto, a semelhança era apenas na aparência...

Ninguém tinha sido tão bondoso para Ginny quanto Marcus. Ele a salvara de uma vida trágica dando-lhe a chance de se tornar uma mulher com mais confiança e respeito por si mesma. Para retribuir esse presente inestimável, ela lhe dedicara todo o seu amor e seria capaz de oferecer a vida pelo marido. Mesmo assim, sentia que a atitude de Marcus era errada!

— Esses homens... eles têm que ficar aqui?

— Fica calma, nega. Eles "vai" embora logo.

— Se alguém souber que eles "tão" aqui...

Marcus não ignorava o destino cruel dos fugitivos encontrados antes de alcançarem a liberdade nem o castigo brutal a todos que os haviam auxiliado. Se alguém descobrisse que ele os ajudava, nem o prestígio de ser filho de Charles Calvert o salvaria. Mas esse era um risco que já enfrentara no passado e continuaria a assumir.

Oito anos atrás, uma organização de ajuda aos escravos que tinham coragem e forças para fugir fora se formando até se tornar Um sistema bem organizado conhecido como Estrada da Liberdade.

Nas fronteiras que faziam limite com os Estados do sul, os abolicionistas recebiam os fugitivos e os levavam até o Canadá. Porém, enquanto não alcançavam esses grupos,

precisavam depender de escravos como ele, que arriscavam a vida para ajudá-los a alcançar a liberdade.

Marcus já perdera a conta do número de foragidos que acolhera em sua mísera choupana na senzala de Calvert Cypress nos últimos anos. Às vezes sozinho ou em grupos e até mesmo acompanhados por suas famílias, os escravos eram recebidos por ele, que lhes fornecia comida e roupas. A jornada já era penosa para os muitos jovens, e os velhos, mulheres e crianças dificilmente sobreviveriam àquela marcha desesperada, sempre ameaçada pelo perigo de serem recapturados.

Ginny cuidava dos feridos e Marcus recolhia a contribuição dos outros escravos de Calvert Cypress, que não ignoravam sua participação na rota de fuga. No entanto, ele se angustiava por receber essa ajuda, responsabilizando-se pelos castigos inevitáveis que recairiam sobre todos os envolvidos nessa atividade fora da lei.

Marcus poderia ter escolhido o conforto do mundo dos brancos mas deixara tudo de lado para partilhar o sofrimento de seus irmãos, vivendo no quarto miserável da senzala ao lado da esposa negra. Dessa decisão difícil, surgira a necessidade de se entregar a uma luta subterrânea e fatal: a da busca da liberdade!

CAPÍTULO X

As cores vibrantes do outono transformavam a sombria Lowell numa região encantadora, cobrindo as colinas de um manto colorido de folhas em todos os tons de vermelho e ouro. Era talvez a única fase do ano em que as fábricas perdiam o aspecto de frieza agressiva sob o céu muito azul e o rio deixava de ser apenas o receptor dos detritos industriais.

Sarah e Nathan voltavam da escola com menos pressa nessa época de tardes cálidas, aproveitando ao máximo as horas fora de casa. No entanto, aquele era um dia muito especial, pois receberiam um hóspede e seu pai atormentava a todos com suas exigências. Talvez por isso a tentação de demorar mais se tornasse quase irresistível.

Mas como não queria envolver Nathan em sua rebeldia, Sarah apressou o passo. O garoto se ressentira profundamente com a falta da mãe e ela tentava suprir as necessidades de afeto daquela criança carente e, sempre que podia, afastava-o do humor cáustico de Gideon, que só provocava o irmão caçula, agravando-lhe a extrema sensibilidade.

Os dois entraram em casa pela porta dos fundos e encontraram a cozinha em uma atividade fora do normal. A sra. Hobson comandava as jovens copeiras que haviam sido contratadas para ajudá-la e fiscalizava o preparo de uma sopa de peixe e do seu famoso rosbife recoberto com massa folhada.

Nathan sentou-se à mesa, acompanhando o movimento febril de olhos arregalados. Desde a morte da mãe, não haviam recebido ninguém e ele não se lembrava de ter visto uma agitação tão grande em toda a sua curta vida.

— Ainda bem que vocês chegaram. — A expressão da sra. Hobson era de total exasperação. — Sua avó já veio procurá-los aqui na cozinha mais de dez vezes. Ela quer vê-los antes do convidado chegar.

O tom de voz brusco da cozinheira não era habitual mas a tensão de preparar um jantar especial aliada à perturbação causada pela interferência da sra. Mackenzie e sua filha a haviam feito perder a calma. As seis visitas à cozinha feitas pela avó Mackenzie e as quatro aparições de tia Caroline tinham transtornado todos os empregados.

Sarah suspirou resignada à presença da avó e da tia que apareciam com uma frequência incômoda naquela casa após a morte de Catherine. Qualquer acontecimento insignificante era pretexto para que viessem visitar o filho e as "pobres crianças sem mãe", mas essas vindas só causavam problemas devido às críticas incessantes. Era evidente que a presença de um hóspede importante as atrairia como moscas ao mel!

Ouvindo vozes na sala de visitas, Sarah aproveitou a chance de escapar à inspeção da avó e da tia e, puxando Nathan pela mão, subiu rapidamente as escadas, ao encontro de Marilee, que os esperava no patamar.

— Venham logo enquanto "elas" estão entretidas com o visitante. Vá vestir seu traje domingueiro, Nathan, e depressa! — Marilee fitou Sarah, ansiosa. — Já separei seu vestido

azul e quero arrumar seu cabelo.

— Não vejo por que tantos preparativos só para receber um plantador de algodão.

— Ele é filho de um grande proprietário do sul, com o qual seu pai faz negócios há mais de vinte anos. O sr. Mackenzie quer que o hóspede se sinta bem-vindo a esta casa.

Ela percebeu o tom de censura de Marilee, que sempre procurava defender as atitudes de seu salvador. A jovem já estava há um ano morando com eles e se tornara uma grande amiga, mas Sarah não aceitava tal veneração por um homem tão sem qualidades como seu pai.

— Você está muito bonita, Marilee.

A garota engordara alguns quilos graças à comida nutritiva da sra. Hobson e a aparência de saúde transformara a mocinha pálida e magra numa mulher de curvas suaves e rosto rosado. Apesar do vestido, que fora de Catherine, ser um pouco severo para os dezesseis anos de Marilee, ela se mostrava realmente uma criatura encantadora.

O objetivo principal de Marilee era infundir mais confiança àquela adolescente ainda desajeitada mas já revelando a jovem atraente que se tornaria. Pretendia convencer Josiah a lhe dar permissão para fazer um novo guarda-roupa para Sarah, cujas curvas começavam a destoar dos vestidos muito infantis.

— Ainda não sei como você conseguiu convencer meu pai a me deixar participar desse jantar. Ele nunca permitiu nossa presença antes.

— Eu apenas mencionei que você está se tornando uma moça e precisa de ocasiões para praticar suas graças sociais.

— Eu não tenha graça alguma... social ou de outro tipo.

Sarah estava naquela idade difícil entre criança e mulher quando nada parecia se harmonizar aos seus olhos inseguros e críticos. Ela detestava o cabelo castanho e muito liso e considerava seus traços imperfeitos e insignificantes. Quanto ao corpo, preferia não pensar nas mudanças evidentes que a perturbavam sobremaneira.

— Vamos precisar alargar esse vestido no busto, Sarah.

— Eu detesto essas modificações. Por que não podia ficar exatamente como era?

— Você não gostaria de permanecer criança para sempre, não é? — Marilee já terminara de ajudá-la a vestir-se e agora começava a pentear-lhe os cabelos longos e sedosos. — Tudo se transforma, querida.

— Eu sei. A alternativa de me tornar adulta também não é agradável.

— Logo você mudará de idéia. Vamos! Olhe o penteado que eu fiz... gosta?

— Está ótimo! Não sei o que faria sem a sua ajuda, Marilee. Você consegue milagres.

— Deixe de tolices, Sarah! Você é muito mais bonita do que quer admitir.

Sarah não acreditava muito naquelas palavras pois, para ela, a beleza era personificada pelos traços delicados e pelos cachos loiros de Marilee. As atitudes femininas daquela jovem serena contrastavam com seus gestos desajeitados e principalmente com sua constante raiva contra o mundo. Se conseguisse a aceitação dócil da amiga sem dúvida seria mais feliz. No entanto, não conseguia impedir a revolta contra as restrições impostas pelo pai ou contra a traição do próprio corpo se modificando contra sua vontade. O futuro lhe parecia cheio de expectativas e deveres que não seria capaz de cumprir ou sequer aceitar. A pior parte de sua inquietação era desconhecer os motivos que provocavam tanta rebeldia.

— Bem... pelo menos será interessante conhecer um sulista — comentou, enquanto desciam as escadas para se reunirem à família. — Eu nunca vi nenhum antes...

— Ora, Sarah! Eles não podem ser diferentes de nós.

— Oh! São e muito! O meu professor disse que todos são indolentes, orgulhosos e não fazem nada porque os escravos os servem dia e noite, São uns verdadeiros parasitas destruindo a terra que afirmam amar acima de tudo e vivendo do suor e do sangue dos negros, que mantêm escravizados como se fossem animais. Consideram-se cristãos quando na verdade estão condenados a pagar eternamente por seus pecados.

Sarah tinha ouvido os ataques violentos do professor contra os sulistas e, embora se mostrasse tão chocada quanto suas colegas, não conseguira aceitar aquelas acusações como verdade absoluta. Sempre desconfiada da visão religiosa e parcial demonstrada pelo pai, preferia tirar conclusões por conta própria.

Nenhuma vivência anterior poderia ter preparado Sarah para o impacto de conhecer Philip Calvert.

No ambiente sombrio e severo da sala de visitas, o recém-chegado parecia tão deslocado quanto uma ave do paraíso entre pardais de plumagem fosca. Os trajes de linho claro contrastavam com o tecido escuro usado por todos ali presentes e a pele dourada e os cabelos cor de trigo maduro traziam o aroma da natureza tropical e livre.

Sarah não tinha coragem de levantar a cabeça e rever os olhos azuis como o céu de primavera de algum lugar distante de Lowell, e foi com esforço que se lembrou de cumprimentá-lo. Se Marilee não a tivesse segurado pelo braço, ela teria se comportado como uma garota grosseira e sem educação.

— É um prazer conhecê-lo, sr. Calvert. — Marilee tomou as rédeas de uma situação que ia se tornando constrangedora devido ao silêncio de Sarah. — Fez boa viagem? Foi...

— Ele já nos falou sobre isso — a sra. Mackenzie interrompeu a jovem, demonstrando, como sempre, sua desaprovação. Ela não aceitava a atitude do filho em receber uma estranha em sua casa e, quanto a tratá-la como se fosse da família, era intolerável!

No entanto, Marilee já se acostumara com as intermináveis censuras daquela mulher severa e sem condescendência com o próximo. Ignorando a interrupção indelicada, sentou-se ao lado do visitante, sorrindo amigavelmente.

— Fiz uma excelente viagem, senhorita. — Philip também não deu ouvidos à mãe de seu anfitrião. Nunca seria rude com uma senhora, mas os poucos minutos em companhia daquela mulher o haviam convencido de que a sra. Mackenzie era fria, dura e incapaz de apreciar qualquer gesto de cortesia. Aliás, ele não faria esforço algum para tratá-la com muitos requintes.

Philip tinha imaginado que a maioria das mulheres do norte fossem semelhantes à sra. Mackenzie e ficara agradavelmente surpreso ao conhecer muitas que não eram muito diferentes de suas conhecidas do sul. Fora recebido com gentileza e tratado com uma atenção inesperada, convencendo-se de que a fama de rudeza era infundada. Sem dúvida, eram mais falantes e se interessavam por assuntos que tia Louise consideraria inadequados, mas demonstravam inteligência sem temor de afastar os homens.

Aquela era uma casa típica do norte, onde a jovem loira parecia gentil e cortês e a garota, embora tímida e calada, não ostentava os mesmos traços severos da avó e da tia. Já o rapaz, embora parecido com o pai, tinha um olhar furtivo e bastante desagradável que lhe provocava uma sensação indefinida de repulsa.

— Eu saí de Virgínia há muitos anos, Calvert. Como está tudo por lá?

— Acredito que o senhor não encontraria grandes modificações se voltasse. Tudo continua quase exatamente da mesma maneira que décadas atrás.

Josiah espantou-se ao perceber um tom de aborrecimento na voz daquele moço, que em sua opinião tinha uma vida absolutamente perfeita. O que faltava a Philip Calvert?

— Você esteve em Princeton, não foi?

— Fiquei quatro anos aqui no norte.

Como a juventude daquele rapaz tinha sido diferente da sua! Ele lutara a cada passo do caminho, negando-se a tudo que não fosse trabalho e poupança para atingir seus objetivos. Deixara de usufruir inúmeros prazeres que homens como Philip Calvert aceitavam como algo merecido e jamais pensariam em não tê-los. No entanto, Josiah não cometeria a grande insensatez de julgá-lo mais fraco só porque não tivera uma vida dura.

Havia em Philip Calvert a mesma força interna do pai e talvez ainda algo mais... Charles era um homem cuja honestidade se prendia a um código de honra rígido, mas o filho parecia ultrapassar essa noção de moralidade baseada apenas em tradições, demonstrando uma fidelidade a seus próprios princípios. Tal diferença deixava Josiah inquieto, pois ele não sabia até que ponto essa modificação o tornaria mais vulnerável ou mais seguro do que o pai.

— Algum dia as mulheres também poderão ir para as Universidades! — disse Sarah com a voz muito firme. Aquele comentário inesperado provocou um silêncio constrangedor nos presentes, rompido apenas pela exclamação de raiva da avó Mackenzie.

— Cale a boca, menina. Quando alguém quiser sua opinião ela será pedida e, enquanto não o for, mantenha-se calada.

Aquele tipo de repreensão não afetava Sarah mas, por algum motivo que ela não conseguia definir, sentiu-se humilhada por ser censurada na frente de um estranho.

— Eu só quis dizer...

— Obedeça a sua avó, Sarah.

O rosto de Josiah estava rubro de cólera diante da impertinência da filha. Seria intolerável que Calvert julgasse alguém de sua família tão mal-educado e pudesse relatar esse acontecimento a seus parentes.

— O senhor deve ter sentido muita falta dos seus familiares quando esteve em Princeton, não é? — Novamente Marilee tentou dissipar o constrangimento geral. — Tem muitos irmãos e irmãs?

— Minha família não é muito grande, de acordo com os padrões sulinos. — Philip ainda estava chocado com a violência da censura feita à pobre garota que abaixara os olhos, envergonhada. — Tenho apenas uma irmã, Kitty, que se casou há duas semanas.

— Kitty casou-se? — A exclamação de surpresa de Josiah foi involuntária. — Ela não é jovem demais?

— Completou dezessete anos. É uma mulher.

— Esta parece ser mais uma das diferenças profundas entre o norte e o sul, sr. Calvert — Caroline interveio na conversa com uma voz altiva. — Aqui as jovens casam-se mais tarde e os homens têm o discernimento de preferir uma noiva mais madura.

Philip controlou a vontade de dar uma resposta apropriada àquela mulher a quem só um homem fora de si pediria em casamento. Resignado a passar uma noite entediante, seguiu o dono da casa para a sala de jantar, notando que a garota ficara em último lugar. Não a censurava, pois, se estivesse em seu lugar, faria o possível para escapar dali!

Pelo menos a comida era suportável e percebia-se que alguém se esforçara muito para apresentar pratos bem cuidados, embora não fosse comparável à refeição mais simples de sua casa. Nenhuma bebida foi servida além de água nem antes nem durante o jantar.

— Soube que você e seu pai compraram mais algumas dezenas de hectares, o que me parece sensato devido à demanda crescente de algodão.

— Esse tipo de lavoura esgota a terra e há necessidade de deixarmos algumas áreas em descanso. Calvert Cypress prosperou porque sempre mantivemos uma grande parcela sem qualquer plantação.

— Sempre podem-se comprar mais terras, não é? Agora que os territórios do oeste foram abertos há oportunidades de expandir as plantações.

— Mas não é a nossa terra, sr. Mackenzie. Nós precisamos cuidar do que já temos há séculos.

Philip não tinha esperanças de que Josiah compreendesse o seu ponto de vista. Descobrira em seus anos em Princeton que os ianques se empojavam com o futuro do país a ponto de esquecerem de cuidar do presente. Alguns sulistas também agiam de modo semelhante, embora por motivos diversos: acreditavam cegamente que seu modo de vida se perpetuaria para sempre, independente de suas ações.

— É um sentimento admirável, Calvert! Todavia, não aceito essa prisão ao passado e às tradições. Nós vivemos num mundo em constante progresso.

— Sem dúvida, senhor. As mudanças são inevitáveis.

— Estarei ouvindo bem? Um sulista admitindo que existe a possibilidade de modificações em seu sistema tradicional? Sempre imaginei que a simples menção de progresso fosse considerada uma heresia ao sul da Linha Mason-Dixon.

— Alguns de nós pensam realmente assim, mas outros acreditam que tudo segue uma trajetória de crescimento e morte. Os sistemas sociais não são exceção à regra.

O som daquela voz melodiosa em comparação ao falar ríspido dos seus conhecidos acabou obrigando Sarah a erguer os olhos e fitar o visitante. Ele estava sendo polido e cortês mas era nítida sua expressão de desconforto. Como alguém conseguia mostrar-se tão bem-educado diante de perguntas indiscretas e comentários agressivos de seu pai, era um completo mistério!

Só Marilee percebera seu mal-estar e, aproveitando um momento em que a conversa se tornou mais geral, perguntou a Sarah se estava bem. Com um gesto afirmativo, ela forçou-se a ficar na mesa. Pois, apesar do desejo incontrolável de fugir dali, continuava fascinada pelo visitante.

Além dos entregadores ou alguns caixeiros-viajantes que passavam rapidamente pela casa dos Mackenzie, o único homem que Sarah tivera a oportunidade de observar com mais atenção fora o pai. E o contraste entre Philip e Josiah não poderia ser mais chocante!

A sombria rusticidade de Josiah acentuava-se ainda mais ante a luminosidade

aristocrática de Philip. A tensão, a raiva e a austeridade severa habituais na expressão do pai não pareciam presentes na fisionomia aberta daquele homem cuja aura de certeza serena afirmava não ter dúvida alguma sobre si mesmo ou sobre seu lugar no mundo.

Sarah achava ridícula a atitude de Marilee em ver Josiah como um cavaleiro de armadura brilhante que a salvara da morte, pois enxergava o pai de modo radicalmente oposto. No entanto, entendeu ainda que parcialmente a visão romântica da amiga ao fitar Philip. Ele lhe parecia ter saído das páginas do livro de rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, um verdadeiro sir Galahad, disposto a lutar pelo bem e pela justiça. No entanto, nem sequer conhecia esse homem!

A voz aguda e irritante da avó Mackenzie interrompeu suas fantasias com uma pergunta que a trouxe de volta à realidade.

— Quando será o casamento, sr. Calvert?

— No Natal, madame. Minha noiva está terminando de preparar o enxoval e, por sinal, me forneceu uma lista enorme de encomendas sem as quais não ousarei voltar para casa. São os últimos detalhes...

A expressão de Philip suavizou-se ao lembrar de Daphne, a sua esposa em Calvert Cypress. Como era costumeiro, a noiva viera hospedar-se com eles algumas semanas antes do casamento para familiarizar-se com o novo lar. Ele gostaria imensamente de estar ao lado dela naquele momento, mas sabia que era melhor manter-se afastado. Dificilmente controlaria o desejo de fazê-la sua se convivessem diariamente.

Sua decisão de pedir a prima em casamento tinha sido recebida com júbilo pela família toda. O pai de Daphne já lhes oferecera uma bela mansão em Richmond como presente de núpcias e Charles iniciara a reforma da ala leste de Calvert Cypress para o uso do jovem casal. Seu pai demonstrara a enorme satisfação de vê-lo casado de um modo que o entusiasmou: destinou os lucros de uma nova área a ser cultivada para o filho e, pela primeira vez na vida, Philip teria uma renda pessoal.

O único conflito surgiu quando Daphne declarou que traria seus escravos para a casa do marido e com isso ele passaria a ser o dono de doze vidas. Philip já não podia ignorar o sistema que tanto abominava. Tinha tentado explicar à jovem o seu ponto de vista, mas só lhe provocara lágrimas desconsoladas e acabara cedendo. Ele não pretendia ser tão facilmente convencido e sabia que no futuro teria de se mostrar mais firme, mas... Daphne era tão sensível! Subitamente Philip percebeu, pelo silêncio à sua volta, que esperavam resposta a uma pergunta não ouvida por ele. A sra. Mackenzie tentou distrair a atenção do filho, impedindo-o de persistir num assunto que se prenunciava constrangedor, mas Josiah prosseguiu encarando o visitante:

— Qual a sua opinião sobre o ambiente em Washington, Calvert? Quando os políticos vão parar de discutir inutilidades para chegar a uma conclusão definitiva sobre o problema da escravidão?

Philip escondeu um sorriso, compreendendo a inquietação da sra. Mackenzie diante da pergunta indiscreta do anfitrião. A escravidão era uma questão extremamente delicada para ser abordada quando havia ianques e sulistas presentes. Ele se admirava da ousadia de Josiah Mackenzie em fazer-lhe uma indagação tão polêmica.

— Creio que esta conclusão definitiva ainda demorará bastante a ser alcançada. As diferenças são muito profundas e os ânimos exaltados demais.

— Pois é um amontoado de tolices, se quer saber a minha opinião! Esse sistema já está arcaico e é antiprodutivo. Os Estados do sul logo reconhecerão essa verdade e verão que não há motivos para um conflito armado.

— Gostaria que mais indivíduos fossem tão esclarecidos como o senhor, porém a maioria quer impor sua opinião sobre nós a qualquer custo.

— O senhor aprova a escravidão? — perguntou Gideon, que até então não se manifestara.

— Concordo com seu pai que o sistema é obsoleto e, com o tempo, desaparecerá.

— Quanto tempo? — O rosto de Gideon exprimia uma fúria contida ao fitar Philip. — Quanto?

— Bem... é um tanto difícil precisar a data. Na verdade, tudo depende de se encontrar soluções satisfatórias em relação ao destino dos escravos. Como você deve saber, alguns querem enviá-los de volta à África, outros pensam em mandá-los para o Caribe ou América do

Sul. Uma pequena minoria sugere que eles fiquem aqui mesmo após serem libertados.

— E por que não? O que há de errado nisso?

— Gideon... chega. — Josiah interrompeu o tilho sem elevar a voz mas o efeito foi instantâneo. O rapaz abaixou os olhos e emudeceu.

— Não se preocupe, Mackenzie. Não me ofendo com a curiosidade de um jovem interessado no futuro do seu país. O grande problema de uma extensa população de negros libertos seria a conseqüente mudança da estrutura de nossa raça. Eles iriam se dedicar à lavoura, construiriam cidades, enviariam seus filhos à escola e talvez quisessem até o direito ao voto. Essa situação diluiria a pureza de nosso sangue, uma herança européia, e os resultados seriam imprevisíveis.

— O que pode ser feito para evitar essa situação?

Sarah ergueu a cabeça, assustada com a ousadia de Marilee em entrar numa conversa política. No entanto, já devia ter-se acostumado à atitude muito mais tolerante de Josiah em relação à jovem do que aos próprios filhos.

— Minha opinião pessoal é que os negros devem se tornar livres e serem colocados sob a proteção dos Estados Unidos, mas exatamente onde não sei. Talvez na África ou...

— Então não acredita que a abolição seja iminente?

— De modo algum, senhorita. Seria necessário reembolsar os senhores de escravos por suas perdas e não existe uma estimativa exata da quantidade de negros a serem libertados. Acredita-se que a soma esteja em torno de muitos milhões de dólares e a União não tem esse dinheiro.

— Por que não os deixam ir embora apenas? — Sarah não pretendia fazer mais nenhum comentário depois de sua experiência desastrosa de poucas horas atrás. No entanto, jamais lhe ocorrera, esse problema de dinheiro a respeito da abolição e queria inteirar-se melhor.

— Seria muito bom mas não é possível, senhorita. Não se preocupe, pois muitos escravos são contratados para fazer trabalhos extras e podem usar esse dinheiro para comprar a liberdade.

— Não entendo! Eles comprariam a si mesmos?

— Sim, de um certo modo... podem comprar a liberdade de suas esposas, filhos e parentes próximos. Alguns negros livres têm seus próprios escravos.

— Isso prova que a escravidão não é essa tragédia pintada em cores tão sombrias pelos abolicionistas. — Josiah sorriu satisfeito ao ouvir o comentário de Philip. — Se fosse tão terrível, aqueles que tivessem sido escravos jamais possuiriam escravos próprios, não é?

Apenas Philip poderia responder à pergunta mas já estava cansado demais e não via a hora daquele jantar interminável acabar. Tinha concordado em passar a noite na casa de Josiah e não poderia agora se esquivar sem criar uma situação desagradável. No entanto, na manhã seguinte, iria para bem longe daquele ambiente pesado. Ele só pensava em retomar o longo caminho de volta a Calvert Cypress e a Daphne.

CAPÍTULO XI

A intenção de Josiah ao abrir uma garrafa de conhaque tinha pouco a ver com os princípios elementares de cortesia. Após convidar o hóspede para uma conversa masculina na biblioteca, ele fez o possível para saber detalhes sobre a situação das finanças de Calvert Cypress.

Philip percebeu logo o intuito do anfitrião e tomou o maior cuidado para não lhe dar informação alguma. Não existiam motivos para agir assim, uma vez que a propriedade de seu pai estava em franco progresso, mas o desagradava a atitude furtiva de Josiah. As grandes noites de seus anos em Princeton o ajudaram a permanecer sóbrio à medida que a garrafa se esvaziava e Josiah se embriagava a olhos vistos.

Ele deixou o ianque dormindo com a cabeça sobre a escrivaninha e encontrou, no escuro, o quarto onde iria pernoitar. Tinha mandado Jacob esperá-lo em Boston por consideração aos sentimentos do anfitrião. Já havia problemas suficientes no relacionamento difícil entre norte e sul para que ele trouxesse uma prova concreta do abismo entre dois modos opostos de pensamentos.

Sempre atento ao que se passava em volta, Philip notou que diferença básica entre os escravos do sul e os empregados nortistas era que estes obtinham um salário pelo trabalho. Porém a quantia irrisória era gasta em alimentação e moradia, sobrando lhes muito menos do que os negros recebiam como presente de seus senhores nas freqüentes ocasiões festivas.

No entanto, seria cegueira de sua parte não admitir que a situação do trabalhador nortista apresentava algumas vantagens. Não tinha dúvidas de que Josiah bateria num empregado caso este desobedecesse, mas jamais faria uso de um chicote ou outro tipo de punição a que alguns senhores de escravos estavam habituados. O fato de não castigarem escravos em Calvert Cyçress não servia como argumento. Era um caso isolado embora não muito raro.

Philip notara servilismo em todos os criados com os quais tivera contato mas também verificara uma dignidade e um respeito próprio que não existia no negro escravo. Sentiam-se donos de suas vidas embora essa liberdade não lhes trouxesse muitos benefícios. Um criado podia mudar de patrão caso fosse maltratado, porém, se não tivesse uma carta de apresentação com referências comprovadas, estaria condenado a uma miséria brutal e na maioria das vezes fatal.

Apesar da sonolência provocada pelo excesso de conhaque, ele se deu conta de que estava tentando convencer-se de que a escravidão não era um mal tão grande, igualando-se a outras formas de servidão. Philip acreditava que ainda se passariam décadas até aquele sistema cruel ser totalmente abolido e, para não se torturar inutilmente, procurava encontrar desculpas válidas que lhe permitissem viver sem remorsos.

O esforço para descobrir essas respostas foi logo vencido pelo cansaço e ele adormeceu, poucos segundos antes de poder ouvir os passos diante de sua porta.

Sarah tinha passado alguns minutos angustiantes, sem saber se desistia ou não de seu compromisso por causa do visitante, cuja luz acesa brilhava sob a porta do quarto, impedindo-a de sair. Finalmente, decidiu enfrentar a possibilidade de ser descoberta. A presença de Philip não iria aumentar tanto assim os riscos!

A residência estava completamente às escuras pois Josiah considerava um desperdício muito grande deixar uma única luz acesa. Com uma capa marrom sobre o vestido, Sarah se esgueirou pela porta dos fundos, mesclando-se com as trevas da noite.

Tão logo se viu fora de casa, deixou de lado a excessiva cautela e atravessou o jardim correndo. O ranger do portão de ferro lhe pareceu um ruído estrondoso e Sarah deixou-o entreaberto para facilitar-lhe a volta. Cobrindo a cabeça com o capuz para abrigar-se da garoa fria, apressou-se até Bridge Street e entrou em uma das inúmeras vielas onde viviam as operárias das fábricas de tecido.

Não havia movimento algum nas ruas escuras, apenas o vento espalhava as folhas secas e nenhuma luz se divisava atrás das cortinas cerradas. No verão, quando as janelas permaneciam abertas, era possível ouvir o som que as centenas de jovens ali alojadas faziam ao dormir. Naquela noite, os quartos eram mantidos isolados do frio de outono e havia um silêncio profundo e assustador que só seria rompido às quatro horas da manhã pela campainha que acordava as operárias para seu longo dia de trabalho.

Sarah caminhou rapidamente pelo labirinto de vielas até encontrar a porta estreita que dava acesso ao porão de uma casa de cômodos. Bateu três vezes com intervalos regulares. Uma jovem pálida atendeu, examinando-a atentamente pela fresta antes de permitir-lhe a entrada.

Havia cinco mulheres reunidas na sala sombria e todas tinham o mesmo ar de exaustão em suas fisionomias abatidas. Os vestidos muito simples de algodão fino e insuficiente para agasalhá-las eram semelhantes, como também se pareciam os penteados severos e a tosse seca que soava intermitentemente.

— Pensamos que você não fosse aparecer, Sarah.

— Eu quase não pude sair de casa. Recebemos um hóspede hoje e meu pai o convidou para conversarem na biblioteca. Ficaram acordados até tão tarde que eu quase desisti mesmo!

Sarah tirou o casaco e, ao sentar-se à mesa junto com as outras, viu alguns papéis dispostos em pequenas pilhas.

— Oh! Chegaram os panfletos? Estão corretos?

A mais velha das mulheres, Lucy, tinha trinta e cinco anos e já trabalhava há vinte numa fábrica de tecidos. Da robusta jovem de faces coradas restara apenas uma sombra

acinzentada de voz rouca por problemas respiratórios.

— Não há erro algum e devemos nos sentir felizes por terem chegado tão depressa. Essa tipografia se arriscou demais ao imprimi-los pois, se fossem descobertos, os donos das fábricas os impediriam de continuar trabalhando aqui em Lowell ou em qualquer cidade próxima. Leia para nós, Sarah.

— Irmãs! Vamos erguer nossas vozes contra as injustiças! Nossos patrões desrespeitam as leis sanitárias e querem aumentar a jornada de trabalho, diminuindo os nossos salários. Lutemos pelo dia de dez horas de trabalho, pelo pagamento de horas extras e contra as metas que nos obrigam a tecer mais fardos de algodão do que é humanamente possível! Caso não ouçam nosso protesto, convocamos todas para um dia de greve na próxima segunda-feira!

— Vamos distribuir esses panfletos por toda a cidade. — A voz de Lucy demonstrava calma, mas nenhuma das mulheres ali presentes ignorava os riscos que estavam correndo. Qualquer pessoa pega com um material tão subversivo em mãos poderia sentir-se feliz se fosse apenas despedida.

— Tenho notícias para vocês — disse Sarah sem rodeios pois aprendera ali a não perder tempo com delicadezas inúteis. — Os donos das fábricas já sabem que há algo por acontecer. Estão tentando descobrir quem são os incentivadores dessa desordem que se iniciou há meses.

— Mas... Eles ainda não sabem, não é? — Todas as fisionomias ficaram ainda mais pálidas, em especial a de Lucy, que insistiu. — Não têm idéia, certo?

— Acho que não. Ouvi meu pai reclamando e dizendo como as responsáveis tinham sido espertas em não se expor diretamente. Ele afirma que vocês, por serem clandestinas, significam um perigo muito maior do que as organizações declaradas e abertas a qualquer interessada.

— Mackenzie tem toda razão. As mulheres que pedem por seus direitos publicamente vivem apavoradas com a repressão e no final só rogam por compaixão. Nós exigimos o que nos é devido!

— Resta ver se conseguiremos algum resultado, Lucy. Se não houver uma ação unida, perderemos tudo. — Deborah era a mais jovem de todas e, por ser filha da dona de uma pensão, estava arriscando não só o próprio futuro mas o de toda a sua família. — Para cada uma de nós que se dispõe a perder tudo na luta, há dezenas de outras dispostas a aceitar qualquer miséria a fim de ocupar o nosso lugar.

Todas abaixaram a cabeça em silêncio, acabrunhadas diante daquela verdade inelutável. A greve era um risco grande demais e só seria deflagrada como último recurso. Se esse ato de desespero também falhasse, elas estariam condenadas a uma vida de miséria tão profunda que lhes causava angústia. Embora as condições atuais de trabalho fossem rigorosas e muito duras, algo pior poderia acontecer.

Há mais de um ano, Sarah tinha se unido àquelas mulheres em sua luta pela melhoria das condições de trabalho nas fábricas. Soubera da existência desse grupo por um mero acaso, ao visitar uma operária doente como era seu dever agora que Catherine já não podia fazê-lo. Ao ser informada de que os donos das fábricas pretendiam aumentar as horas do dia de trabalho, reduzindo assim os salários, ela encontrou um objetivo contra o qual canalizar sua raiva.

Como seria de se esperar, Sarah gastara meses em conversas introdutórias e, só depois de muito tempo, fora recebida pela direção do grupo. Mesmo agora não se iludia sobre uma completa aceitação por parte das operárias, pois nunca esqueceriam quem era seu pai. Elas apenas a toleravam em função das informações que trazia sobre as providências tomadas pelos donos das fábricas e por sua visão diferente e mais esclarecida.

Seu envolvimento com o movimento clandestino das operárias era o único segredo que mantinha em relação a Marilee. A amiga iria preocupar-se com o risco de uma garota sair sozinha à noite para encontrar-se em porões escuros com militantes subversivos e, por temer algum perigo, talvez se sentisse tentada a contar tudo a Josiah. Para evitar que isso acontecesse, Sarah fora obrigada a planejar as minúcias mais insignificantes de suas escapadas e conseguira desenvolver um método à prova de surpresas desagradáveis.

Na ponta dos pés, Sarah atravessou a cozinha e, enquanto pendurava a capa para secar, sentiu a intensa satisfação de todas as outras vezes em que triunfara em seu intento. Com

aquelas mulheres corajosas, passara horas pregando os panfletos em todos os postes de iluminação, cercas e muros no percurso habitualmente percorrido pelas operárias. Quando amanhecesse, os ilustres industriais iriam levar um grande choque! Sem dúvida mandariam arrancar todos os folhetos mas seria tarde demais, pois a notícia da greve já teria se espalhado.

Ao entrar em seu quarto, Sarah soltou um suspiro de alívio por estar em segurança, sem que ninguém tivesse notado sua fuga. Mas um ligeiro rostir de tecido a alertou, provocando-lhe um pânico incontornável.

— Quem... está aí?

— Você devia ser mais cuidadosa, *maninha*! — Gideon levantou-se da cadeira próxima à janela com as feições transtornadas pela raiva. — Onde esteve?

— Não vou lhe dizer nada. Você não tem o direito... Gideon segurou-a pelo braço e forçou-a a recuar até a cama. Ele era muito mais forte e Sarah não tinha condições de lutar. Muito menos podia gritar pedindo auxílio a Marilee, uma vez que não queria envolver a amiga naquele episódio desagradável.

— Vou contar tudo ao pai e então você vai ver quem tem direito. Ele lhe dará uma surra tão grande que logo seus segredos serão revelados. Fale logo ou...

— Saí para dar uma volta porque estava sem sono.

— Com esse frio e debaixo de chuva? Não me trate como se eu fosse um idiota! — Ele levantou o braço para bater em Sarah mas a garota esquivou-se e, tropeçando, correu para o outro extremo do aposento. — Fale logo, miserável!

— Não se aproxime de mim ou eu começo a gritar!

— Ah é? E como vai explicar o que está fazendo completamente vestida às três horas da madrugada? Eu direi que a ouvi chegar e a segui até seu quarto... Ninguém irá me culpar por querer saber sobre os passos de minha irmã.

— Está bem, eu não gritarei. O que você quer saber?

— A verdade! Onde esteve até agora?

Sarah não podia pôr em risco as vidas de suas companheiras e tentou encontrar uma explicação aceitável.

— A conversa do sr. Calvert sobre a escravidão me perturbou muito e, como eu não conseguia mesmo dormir, fui até a beira do rio... É lá que eu penso melhor! Quando o frio aumentou muito, eu voltei.

Rubro de cólera, Gideon ergueu novamente o braço e desta vez acertou o rosto de Sarah. A brutalidade do tapa a fez bater a cabeça no encosto da cama e custou-lhe reprimir o grito de dor.

— Mentirosa! Eu fui até o rio, olhei por toda parte e não a vi. Você foi se encontrar com alguém na cidade, não é? — Ele a agrediu com mais violência e, deitando-se sobre Sarah, aproximou seu rosto do dela. — Era um homem, eu sei! Você foi encontrar algum operário e... o que deixou ele fazer com você, sem-vergonha?

Sarah fitou-o sem compreender o que Gideon estava insinuando. Sabia que algumas garotas permitiam certas liberdades pecaminosas aos homens, mas jamais imaginara que o irmão a julgasse capaz desse tipo de comportamento.

— Não havia homem algum. Eu não sei sobre o que está falando, Gideon.

— Não? Eu a vi olhando para o Calvert... você parecia uma vagabunda!

Sarah não podia se mexer e a expressão de Gideon demonstrava um descontrole total. Se não concordasse com tudo, ele seria capaz de cometer alguma loucura.

— Prometa que não vai deixar ninguém tocar em você! Prometa, Sarah! Aposto que não vai gostar, quando eles puserem as mãos sujas em seu corpo e...

— Eu prometo, eu prometo.

Sarah não tinha a menor idéia a respeito do que estava concordando mas precisava impedir o irmão de continuar agredindo-a.

— Vai parar de fugir de mim, agora serei eu quem irá tomar conta de você, Sarah.

Não havia como negar que ela fazia o possível para esquivar-se da convivência com Gideon. O irmão mais velho sempre lhe despertara receios indefinidos e sua antiga apreensão agora se mostrava justificada. Havia uma violência contida em Gideon que se tornara perigosa e ele só a deixaria em paz se aceitasse as suas imposições.

— Está bem, Gideon. Eu farei o que você quiser. Erguendo-se, ele puxou Sarah pelo

braço até os dois ficarem em pé, muito próximos. Segurando com firmeza o queixo da irmã, examinou atentamente o rosto molhado de lágrimas e só a soltou quando percebeu que ela não tentava se livrar de suas mãos.

— Vá lavar a cara com água fria antes de dormir. Você não vai querer mostrar-se ao Calvert com as marcas de meus dedos no rosto, não é? E não tente repetir essa escapada pois da próxima vez o castigo será maior e garanto-lhe que não poderá sentar-se por semanas.

O sorriso malévolo de Gideon provocou náuseas em Sarah. Ela esperou até a saída do irmão e correu para o banheiro. Muito tempo se passou até que criasse coragem para fechar os olhos sem ver aquele rosto contorcido por emoções desconhecidas e ameaçadoras.

CAPÍTULO XII

As costas musculosas reluziam sob o sol da tarde, erguendo a pesada tora de madeira que sustentaria o teto do novo celeiro. Entre inúmeras cabeças de negros, os cabelos loiros se destacavam pelo brilho incomum.

Marcus observava atentamente o amigo de infância, preocupado com a evidente perturbação evidenciada pelas rugas na testa de Philip. Não era costumeiro que um senhor de escravos tirasse a camisa para acrescentar o seu esforço ao dos negros e todos tinham ficado surpresos com aquela atitude fora do normal.

O problema surgira após o casamento de Philip. Nos seis meses seguintes, ele começara a se ocupar mais com as atividades de Calvert Cypress, voltando para casa só à noite.

Marcus lembrou as palavras de Ginny a respeito daquela união que só prenunciava felicidades e alegria.

— "Num" sei, marido... Essa menina parece que "num" tem juízo.

— Você nunca vê a patroazinha, Ginny.

— Eu trabalho na cozinha e "nhá" Augusta faz tudo "pra" me proteger dessa menina mas...

— O que há de errado com ela?

— "Num" sei. Só sei que nem a menina nem o patrãozinho têm cara de felicidade.

Marcus também já percebera os olhos perturbados de Philip e só podia ter pena do amigo. Era realmente um absurdo sentir-se assim em relação a alguém que tinha tudo quando ele não possuía nem a roupa do corpo. No entanto, em sua cama havia uma mulher madura que o completava e na de Philip... existia apenas uma criança mimada e voluntariosa.

O primeiro sinal de que o casamento não era tão feliz quanto parecia surgiu logo depois da volta da lua-de-mel. Daphne, já grávida, perdera o bebê e, embora Philip nunca tivesse mencionado o assunto, Marcus soubera de tudo através de Ginny. Como manter segredos numa casa onde os escravos comentavam os menores incidentes?

Não era apenas o desejo de repetir os fatos a outros. Para os escravos, trocar informações era uma questão de sobrevivência. O caso de Daphne não tinha sido nada diferente pois aquele aborto repercutira na vida de todos que estavam em contato com ela.

A jovem esposa se tornara tão irritadiça e sem paciência com os escravos da casa que tia Louise fora obrigada a repreendê-la. Depois dessa reprimenda, Daphne afastara-se de todos, fechando-se no quarto, sem dar a menor atenção aos trabalhos da casa. Passava o dia deitada, levantando-se apenas para comparecer às refeições em família quando então se queixava incessantemente de tédio.

Se Marcus não gostasse tanto do amigo, sentir-se-ia bem satisfeito com a situação, agradecendo à justiça divina por lhe conceder um bem precioso em troca de sua condição de escravo, enquanto retirava da vida de Philip o conforto de uma esposa amorosa.

Philip nem imaginava que Marcus soubesse de seus problemas íntimos. Tinha uma profunda necessidade de discutir suas angústias com alguém, mas nem com o companheiro de infância conseguia se abrir. Tentara conversar com o pai, no entanto Charles afirmara que havia conhecido inúmeras mulheres como Daphne e que todas tinham ficado mais tranquilas após o nascimento do primeiro filho.

— A perda do bebê perturbou a pobrezinha, Philip. Trate de providenciar logo um outro e tudo voltará ao normal.

Como explicar ao pai que Daphne se recusava a engravidar novamente? Ou como dizer que ela já se indignara com a primeira gravidez?

Philip percebera as modificações no corpo esguio da esposa e, após várias semanas sem que Daphne mencionasse o assunto, ele mesmo procurara avisá-la. Daphne tinha perdido a mãe muito cedo e talvez não soubesse exatamente o que estava acontecendo.

— Eu... estou grávida? Quer dizer que vou ter um filho?

— Exatamente, querida. — A felicidade de Philip era tão grande que ele foi ainda mais paciente do que costumava. — Você logo será mãe e...

— Não! Eu sou muito jovem ainda.

— Daphne querida! Você sabia que isto iria acontecer, não é? Nós somos casados, portanto teremos filhos.

— Então foram... as suas ações que provocaram... isso?

Philip controlou-se para não demonstrar o quanto aquelas palavras o chocaram. Não forçara a esposa a se submeter aos seus desejos pois, tão logo passara a timidez da primeira noite, Daphne se mostrara ansiosa pelos momentos de prazer. A confiança e o entusiasmo que ela demonstrara o haviam tornado ainda mais ardente.

No início, Philip hesitara em procurar na esposa o mesmo prazer que tinha encontrado nas prostitutas mas logo a natureza passional de Daphne afastara o sentimento de culpa. Ela acabara se revelando uma amante ardorosa. Só o perturbava o brilho indefinível naqueles olhos verdes nos momentos de paixão mais intensa, mas estava tão envolvido pela força do desejo que não conseguia nem pensar, quanto mais analisar uma suspeita fugaz e indefinida.

Logo após a confirmação da gravidez, Daphne passou dias andando pela casa, criando problemas com os escravos e tendo crises repentinas de choro. No final da semana, ela foi até os estábulos e, sem que ninguém percebesse, selou sua égua predileta e desapareceu.

Philip sabia que ela sempre cavalgara muito bem mas, quando a noite começou a cair, não pôde mais manter a calma. Junto com Charles e alguns escravos, saiu à procura da esposa com um pressentimento funesto. Daphne foi encontrada a quinze quilômetros da casa ao lado da égua, que quebrara a perna ao ser forçada a saltar uma cerca alta demais.

Naquela noite, toda a casa acordara com os gritos da jovem que estava perdendo o bebê no terceiro mês de gravidez. A partir desse dia, Philip passara a dormir no quarto de vestir para não incomodar a esposa. Porém muito tempo já transcorrera. Ele era um homem saudável, com desejos normais e queria uma mulher, ou melhor... precisava de uma esposa.

Entretanto, não queria ainda pensar nesse assunto sem solução e chamou os escravos para terminarem o trabalho. As providências a serem tomadas em Calvert Cypress o ajudavam a não entrar em pânico. Distraía-se com novos projetos, esquecendo-se assim da situação angustiante em que se encontrava.

Marcus percebia o conflito do amigo e preocupava-se também com sua decisão de trabalhar ao lado dos escravos. Sabia que o feitor não aceitava esse comportamento do patrão e previa grandes problemas no futuro.

Ele não era o único a se preocupar... tia Louise também não compreendia os caprichos absurdos do sobrinho e havia alertado Charles para que ele tivesse uma conversa séria com o filho. Naquela noite, o pai convidou Philip para tratarem dos problemas da fazenda logo após o jantar.

— Este conhaque é excelente — comentou ele, assim que as mulheres deixaram a sala. — A safra é muito boa.

— É realmente ótimo. — Philip estava contente por ter algumas horas de lazer ao lado do pai. — Está ventando bastante, acho que vai chover de madrugada.

— Espero que sim. O algodão precisa de um pouco de umidade. O celeiro já está pronto?

— Pelo menos já colocamos o telhado ou nossos esforços se perderiam com a chuva.

— Ótimo! Gostaria que você fosse a Richmond e só estava esperando o final desse seu projeto.

— Eu pretendia começar um novo cais para embarcar o tabaco, papai.

— Deixe isso a cargo de Johnson.

— Ele não entende nada de construção...

— Realmente Johnson não entende quase de nada mas sabe ver quando algo está errado. Você tem que parar de trabalhar lado a lado com os escravos, Philip.

— Droga! — Philip pousou o cálice de conhaque com tanta força sobre a mesa que

quase o partiu. — Aquele intrometido veio se queixar?

— Você sabe muito bem que eu jamais permitiria a um empregado a ousadia de fazer críticas ao meu filho, Philip! Johnson apenas mencionou que o esforço físico dispensado numa construção é excessivo e apenas os escravos estão acostumados a isso, você não!

— Eu gosto do trabalho, papai. Ajuda-me a manter a mente ocupada em outros assuntos.

— Eu compreendo.

A afirmação de Charles foi tão inesperada que Philip perdeu a fala. O olhar do pai lhe revelava um conhecimento profundo da natureza humana, mas como ele poderia ter adivinhado seus problemas?

— Procure outras atividades... vá caçar com Louis ou aprender boxe ou...

— Pelo amor de Deus!

— ... ou, em último recurso, vá a Richmond.

— Está sugerindo que eu esqueça minha esposa e procure prostitutas?

Charles não respondeu às palavras agressivas do filho. Depois de servir-se de outra dose de conhaque, ele fitou Philip com um olhar duro.

— Nós sempre tivemos nossas divergências mas nunca perdemos o respeito mútuo. Essa situação deixou de existir?

— Sinto muito, papai. Eu não devia ter perdido o controle.

— Então deixe-me ajudá-lo, filho. Posso ao menos tentar?

— Eu agradeceria mas não creio que seja possível.

— Você e Daphne estão passando por uma fase difícil e bastante comum a todos os casais. Por mais que você conheça a mulher com a qual se casou, ela sempre será uma surpresa.

Apesar de seus problemas, Philip sorriu diante da voz resignada do pai diante do que parecia considerar um aspecto inevitável da vida de casado.

— Aconteceu assim com você e mamãe?

— Sem dúvida! Por favor, não tire conclusões apressadas, Philip. Elizabeth era uma mulher excepcional e não me envergonho de dizer que a amei com paixão e nunca fui infiel a ela. Todavia, logo após o nosso casamento, percebi que não a conhecia como tinha imaginado.

— Realmente não entendo, papai. Você e ela eram primos e vizinhos, praticamente cresceram juntos e mesmo assim ela o surpreendeu?

— O fato de duas pessoas se conhecerem muito bem não significa nada diante da intimidade partilhada por um casal. Sua mãe não era mais culpada do que as mulheres de sua geração e do mesmo nível social. Todas foram educadas desde o berço a desempenhar um papel e, embora seja chocante a minha comparação, elas são como atrizes num palco.

— Está afirmando que nos enganam... deliberadamente?

— Eu não disse que iria chocá-lo com minha comparação? Pois é a pura verdade, filho! Elas nos enganam com tanta perícia que freqüentemente acabam acreditando ser o que fingem. Faça uma única pergunta a si mesmo, Philip... alguma mulher poderia ser uma criatura indefesa, tola e sem inteligência como nos querem dar a impressão e sobreviver a tanta fragilidade? Tome tia Louise como exemplo. Ela dirige esta casa sozinha, supervisionando dezenas de escravos além de tratar os da lavoura quando é preciso. E consegue fazê-lo sem demonstrar cansaço ou tensão, como se jamais tirasse as luvas de renda ou despenteasse os cabelos! Essa façanha exige uma força tão imensa que poucos homens seriam capazes de conseguir!

— Mas Daphne não é como tia Louise.

— Não é mesmo. Mas também não é a criatura tímida e dócil que pretende ser. A seu modo, Daphne desenvolveu forças próprias e, no caso dela, tenho medo de que essas forças lhe sejam prejudiciais.

— Eu não compreendo... o que está querendo me dizer, papai?

— Estou tentando não me intrometer em assuntos muito pessoais mas... Daphne aceitou bem as intimidades do casamento?

— Sim.

— E quer ter filhos?

— Essa pergunta já é mais difícil de responder. Quando ela soube que estava grávida, ficou furiosa e descontrolada mas eu julguei que essa reação fosse causada pelo medo do desconhecido. Agora já estou começando a pensar que Daphne não quer nenhum laço,

nenhum envolvimento.

— Então eu tinha razão! Desde o início, achei que Daphne não queria ser mãe porque assim poderia continuar como criança!

— Ela não é...

Philip se calou diante da verdade contida naquelas palavras contra as quais qualquer argumento seria uma prova de sua cegueira. Daphne agia como uma criança ao recusar tudo que não a agradasse. Lágrimas e cenas de desespero se seguiam à menor contrariedade, numa demonstração infantil de rebeldia. Ela só se dignava a pensar em seus próprios prazeres! Mesmo quando estavam juntos na cama, parecia estar provando a si mesma que tinha o poder de dominá-lo, levando-o a concordar com todos os seus desejos.

— Você tem toda razão, papai. Creio que estou diante de um problema muito sério pois jamais aceitarei não ter filhos.

— Não fique tão desanimado, Philip. Basta convencer Daphne... nenhuma mulher resiste a uma persuasão insistente...

Infelizmente, Philip não partilhava da atitude complacente de Charles em relação às mulheres. Quanto mais pensava no comportamento reprovável da esposa, mais se irritava contra aquela criança egoísta. Há quase quatro semanas vinha trabalhando até cair em exaustão para não se sentir tentado a tocar na esposa ainda traumatizada pela perda do bebê e ela jamais lhe agradecera essa consideração nem com um mero gesto de carinho e compreensão.

Charles percebeu o brilho desafiador nos olhos de Philip e o viu subir as escadas com passos firmes. A mimada e voluntariosa Daphne estava prestes a levar o maior choque de sua vida e já não era sem tempo! Ele queria muito ser avô!

CAPÍTULO XIII

A mulher adormecida era visível na escuridão do quarto graças à luz clara da lua, que entrava pela janela junto com a fragrância suave das rosas.

O perfume daquelas flores trouxe de volta a Philip a imagem quase indistinta da mãe. Para ele, Elizabeth era apenas uma lembrança vaga, uma presença que surgia mais viva quando as rosas se abriam na primavera. Há muito tempo a mãe deixara de ser uma criatura real como tia Louise e Kitty e, por algum motivo incompreensível, Daphne sempre tivera para ele a mesma qualidade de sonho irreal.

Desde a noite do baile, quando a reencontrara após anos de ausência, a garota de olhar ingênuo se transformara numa figura etérea, frágil e bela demais para ser amada como uma mulher de carne e osso. Colocá-la num pedestal causara a eles dois um mal quase irreparável, pois a criatura adormecida era real, humana e mortal! Felizmente, ainda havia tempo para ambos se salvarem do desastre de um casamento destruído. Ele poderia desejá-la com todo o vigor de sua juventude, contudo queria mais do que um corpo cálido e receptivo aos seus desejos! Embora ainda não conseguisse definir com precisão qual era a sua ânsia mais intensa, suspeitava que queria uma mulher, uma esposa e, principalmente, uma companheira... talvez até quisesse uma amiga verdadeira com quem Pudesse partilhar seu mundo.

No fundo, Philip sabia que esse era seu sonho irrealizável pois só existia um elo de união entre os casais: o encontro físico, a união de seus corpos. Ele e Daphne viviam em esferas totalmente separadas e diferentes, sem possibilidades de se fundir num universo coeso... o império masculino era o da ação e da decisão, e o mundo feminino girava em torno do dever e da obediência.

Enfim, ainda lhes restava a magia do sexo e ele a queria como o primeiro dia. Ao respeitar-lhe a mágoa após a perda do bebê, não se privara de qualquer contato físico. Quando o desejo alcançara um ponto insuportável, tinha pensado em procurar uma prostituta ou até em encontrar uma jovem escrava atraente como faziam muitos maridos insatisfeitos, mas essa atitude o repugnava. Ao mesmo tempo, envergonhava-se pela noção de fidelidade pouco comum.

Possuía uma esposa jovem, atraente e que jamais se mostrara fria ou indiferente às suas

carícias antes de saber que poderia ficar grávida como consequência do prazer. As recusas não tinham mais motivos e Philip não continuaria aceitando a atitude recalcitrante de Daphne.

Abraçou-a, sentindo o corpo cálido e macio em seus braços, aspirando a fragrância sensual que tanto o excitava.

— Não... Philip! Eu não quero...

Ele ignorou o murmúrio ainda sonolento, acariciando a pele sedosa até sentir os músculos se enrijecerem sob seus dedos. No mesmo instante Daphne entreabriu os olhos, fitando-o fixamente.

— Eu não quero, Philip!

— Não é verdade, querida. Sinto como vibra aos meus carinhos...

Se Daphne tivesse sido uma esposa fria, sem jamais se entregar ao delírio dos sentidos, ele teria se afastado. Mas a lembrança de momentos de paixão desenfreada afastou seus sentimento de culpa. Aquela mulher, feita para o amor, só precisava reconhecer a própria sensualidade.

— Não tenha medo, querida. Não vou magoá-la.

— Não! É cedo demais... eu não suportaria.

Logo depois do aborto, Philip tinha conversado com o médico e, seguindo-lhe os conselhos, esperara dois meses a fim de dar à esposa tempo necessário para se restabelecer do trauma. Já se haviam passado cinco e se Daphne ainda não se recuperara, isso nunca mais aconteceria, significando o fim de qualquer contato físico. Ele estava com vinte e dois anos, no auge de seu vigor sexual, queria filhos e nem a sensação de culpa ou piedade mudariam a realidade.

Daphne o desafiara, obrigando-o a uma castidade forçada mas ele já não se conformava com essa situação. Agora, permanecia imóvel, numa passividade proposital a fim de dissuadi-lo de seu intento. No entanto, Philip lembrava-se com nitidez das reações ardorosas da esposa e decidiu arriscar. Iria levá-la a um tal estado de excitação que ela não poderia mais negar os próprios desejos.

— Eu odeio você, Philip Calvert.

— Posso perceber, querida. Felizmente, adoro seu modo de me odiar.

Por um longo tempo Philip a acariciou, arrancando dos lábios de Daphne suspiros e gemidos de paixão sem nunca recuar ou avançar mais do que pretendia. Daphne precisava de uma lição, não só sobre ele, como também sobre si mesma.

Philip nunca experimentara antes uma sensação tão plena de poder e usou todo o autocontrole para prolongar aqueles momentos de delírio. Mulher alguma resistira a se deixar envolver pelo desejo e Daphne não foi uma exceção. Com um suspiro de abandono, ela acabou cedendo à força avassaladora do amor.

Philip jamais deixaria de se lembrar da noite em que Daphne e ele reencontraram a volúpia. Com a esposa finalmente presa em seus braços, adormeceu sorrindo, certo de que pela primeira vez a possuía de corpo e alma.

Após algumas semanas, as certezas de Philip começaram a ser abaladas por dúvidas, embora Daphne continuasse a corresponder com ardor aos seus desejos. Ela parecia ter recuperado a paixão dos primeiros dias de casados, entregando-se sem resistência às suas carícias.

No entanto, algo tinha mudado e, apesar das tentativas em definir o que era, Philip não encontrava nenhuma explicação. Em momentos inesperados como durante um baile ou numa caçada, ele percebia que Daphne o fitava furtivamente com uma expressão estranha. Era como se a esposa estivesse rindo dele ou soubesse de algo muito importante que não lhe fora comunicado.

Esses olhares misteriosos o perturbavam tanto que Philip não conseguia afastar uma sensação inquietante de estar sendo enganado. Tentara inúmeras vezes explicar à esposa o motivo de sua atitude inusitada, dando a Daphne a chance de admitir que ele tivera razão em forçá-la.

Contudo, ela sempre o interrompia, mudando de assunto ou afastando-se com o pretexto de alguma tarefa importante a terminar. Daphne agia como se o problema entre eles já tivesse sido resolvido. Philip, porém, conhecendo o temperamento da esposa, Pressentia que aquela atitude de aceitação não era verdadeira.

A cada mês ele esperava ansiosamente por uma confirmação de seu sonho de tornar-se

pai, mas os desapontos se sucediam com grandes demonstrações de desconforto. Daphne se fechava no quarto com uma bolsa de água quente e deixava as escravas quase loucas com suas exigências. Ela o bania do aposento e tomava uma quantidade inacreditável de gotas de láudano para diminuir a dor das cólicas.

Philip dava graças aos céus por ter outras atividades em que se concentrar pois assim não sofria tanto com as sucessivas decepções.

O juiz Beauregard Rider tinha finalmente convencido os demais fazendeiros a formarem uma milícia local. Os oficiais seriam os elementos mais ilustres da sociedade e os soldados vinham da camada menos abastada dos brancos da região.

Em virtude de suas experiências na guerra de 1812, o juiz foi escolhido para ser o comandante do regimento. No entanto, seu único esforço restringiu-se a desenhar um uniforme atraente para a tropa.

Na verdade era seu filho, Peter Rider, quem assumia as responsabilidades de treinamento dos homens. Ele tinha voltado recentemente de West Point e demonstrava uma vocação incontestável para a organização militar. Com muita sabedoria, o jovem evitava prolongar os tediosos exercícios, transformando-os em jogos que no fundo eram tão sérios quanto combates verdadeiros.

Duas vezes por mês, Peter orientava os homens nessas batalhas, em um campo próximo a Richmond. Ninguém se feria mas todos acabavam aprendendo os rudimentos da estratégia militar e um certo número de táticas bélicas. Apesar de ser contra toda essa farsa guerreira, Philip conseguia ao menos tolerar aquelas reuniões masculinas onde o único assunto era o inevitável confronto entre o norte e sul.

Entretanto, ele achava bem mais difícil suportar as atitudes desconcertantes de Daphne. Ela continuava a irritá-lo com sua indiferença pela manutenção da casa, não assumindo nenhuma responsabilidade mais pesada do que a escolha de novos vestidos e recusando-se a assumir um comportamento mais maduro.

Talvez Philip não a julgasse com tanta severidade se não a comparasse a Kitty. Sua irmã era o exemplo perfeito da esposa amorosa, rodeando o marido e os dois filhos com atenções e conforto. Assumia as tarefas domésticas com aparente facilidade, criando um ambiente aconchegante do qual Jeremy se orgulhava com toda a razão.

Tia Louise já mencionara inúmeras vezes a Philip suas tentativas infrutíferas de transferir algumas das responsabilidades pela casa a Daphne. A jovem preferia ficar na cama até o meio-dia, passando o resto da tarde se preparando para o compromisso que porventura tivesse à noite. Quando não havia nenhuma festa, ela demonstrava claramente seu tédio e inquietação, andando de um lado para outro da mansão, criticando tudo e todos.

As críticas recaíam sobretudo sobre os escravos que já estavam em Calvert Cypress antes de sua chegada. Em sua opinião, eram todos mal-humorados e preguiçosos. Sua ira se concentrava especialmente em Augusta e Rameses, pois suspeitava que eles a desaprovavam e não perdia a menor chance de repreendê-los.

Essa situação atingiu o clímax numa noite quente de verão, após um ano e meio de casamento, quando a família se reuniu na sala de refeições para jantar.

Tia Louise não se sentira bem nos últimos dias e Philip tinha percebido que a esforçada senhora estava se esgotando embora teimasse em culpar apenas o calor excessivo por seu mal. Apesar disso, acabara solicitando a Daphne que a ajudasse, preparando o cardápio da semana.

Quando Augusta entrou na sala de refeições trazendo a enorme sopeira de porcelana chinesa, Daphne demonstrou o quanto havia se irritado com o pedido de tia Louise.

— Que sopa é essa, Augusta?

— Sopa de lagosta, "dona menina". Eu já fiz uma vez "pra" senhora e a "menina" gostou...

— Não admito que me digam o que eu gosto ou não. Além disso, minhas instruções foram bem claras! Eu mandei preparar uma sopa de alho-poró para hoje, não foi?

— Eu sei, "dona menina" mas o alho "num" estava bom e eu achei...

— Não quero saber o que você achou. Ninguém lhe pediu para achar nada, Augusta. Se você é incapaz de seguir a mais simples das ordens...

— Basta, Daphne! — Philip a interrompeu comum tom delicado mas firme. — Augusta não fez nada de tão errado assim.

Daphne fitou o marido sem responder, como se não pudesse acreditar que ele estivesse tomando o partido de um escravo em vez de apoiar a própria esposa. Quando finalmente as palavras de Philip se tornaram claras em sua mente, ela levantou-se da mesa, rubra de ódio.

— Muito bem! Se é assim que você pensa... tome sua sopa de lagosta, meu caro!

Antes que alguém pudesse impedi-la, Daphne arrancou a sopeira das mãos de Augusta e jogou no centro da mesa. A belíssima peça se partiu, espalhando sopa e cacos de louça sobre todos. Ao presenciar o momento de estupefação antes do caos, Daphne deu um sorriso de vitória e saiu da sala.

A raiva de Philip foi tão intensa que ele permaneceu na biblioteca, bebendo conhaque até altas horas. Ficou completamente bêbado naquela noite, como se temesse que, sóbrio, pudesse cometer algum ato de violência irreparável. Preferiu dormir no sofá de couro ao lado da janela a ficar no mesmo quarto que Daphne.

Augusta o acordou na manhã seguinte, trazendo-lhe café sem açúcar. Com uma expressão de piedade no rosto negro, ela esperou até que Philip conseguisse se sentar.

— Sinto muito por tudo, Bá. Vou falar com Daphne esta manhã, ela não pode agir assim.

Nem mesmo a surpresa de receber um pedido de desculpas vindo de um branco fez Augusta desistir da decisão tomada durante a noite. Embora Rameses tivesse feito de tudo para dissuadi-la, estava decidida a dar uma lição àquela garota mimada e impertinente.

— "Num" precisa se "desculpa", patrãozinho. A menina está com os nervos.

— Pois Daphne não tem motivo algum para ficar nervosa. Nada lhe falta nesta casa!

Philip tinha a impressão de que sua cabeça ia explodir de tanta dor, mas esforçou-se para não tornar a deitar, esperando que assim a tontura passasse.

— "Num" faz mal mesmo. E... quem sabe se a "menina" precisa de mais vinagre?

Ele a fitou, perplexo ao ouvir aquela pergunta sem sentido. Augusta, que jamais faria uma crítica a uma mulher branca, estaria sugerindo que o temperamento de Daphne era tão azedo quanto vinagre? No entanto, o rosto plácido de sua velha babá nada demonstrava além de consideração.

— A Susi, a escrava da "menina", pega vinagre duas vezes por semana na cozinha. Se o patrãozinho quiser... eu posso levar "pra" ela.

— Não entendo, Bá. Por que minha esposa iria querer... vinagre?

Philip realmente não imaginava o motivo daquela sugestão ridícula de Augusta. Daphne usava uma quantidade enorme de cremes para o rosto mas... vinagre? Quanto a usá-lo para cozinhar era o maior absurdo possível pois ela nem sequer sabia onde ficava o fogão.

— Pensei que o patrãozinho soubesse. Depois que a "menina" perdeu a criança... — Augusta conseguiu demonstrar surpresa e inocência diante do olhar interrogativo de Philip — pensei que não quisessem outra criança tão logo.

Nos olhos de Augusta, Philip foi obrigado a ler uma verdade que o revoltava. Trechos de comentários ouvidos nos bordéis mesclaram-se em sua mente com a lembrança de Daphne sempre saindo do quarto após o ato sexual. A esposa só voltava à cama alguns minutos depois e sempre com aquele indecifrável sorriso de satisfação. Então era por isso que, mês após mês, as suas expectativas se frustravam?

Philip encontrou as esponjas e o frasco de vinagre sob as camisolas de Daphne na cômoda. Ao contemplar a prova concreta da traição, a violência sobrepujou a disciplina de uma educação rigorosa. Com um rugido de ódio, ele arrancou a gaveta e a jogou de encontro à parede, onde a madeira se rompeu aos mil pedaços.

Por um capricho maldoso do destino, Daphne teve o azar de entrar no aposento um segundo depois da explosão de Philip. Ela jamais vira o marido a não ser em plena posse de um autocontrole invejável e quase não reconheceu o homem com as feições desfiguradas pela fúria em meio a uma cena de destruição. Daphne também não entendeu por que ele a segurou com brutalidade pelos ombros e atirou-a no chão.

Só quando sentiu o cheiro do vinagre derramado no tapete e viu as esponjas entre as camisolas espalhadas ao redor, Daphne percebeu que se encontrava diante de uma situação bastante difícil. Mesmo assim, não se julgou perdida e preparou-se para dissipar a raiva do marido com astúcia e carícias.

— Oh! Querido! Sinto muito...! Imagino que esteja pensando mal de mim mas eu tinha boas razões para...

— Sei perfeitamente qual é a *única razão*! Você é a criatura mais egoísta do mundo e

não consegue pensar em ninguém além de si mesma!

Philip não queria ouvir mais nada a não ser o som do vestido se rasgando. O álcool ainda dominando seu organismo inflamou o ódio e ele perdeu a capacidade de raciocínio. No chão do quarto preparado para acolher um casal amoroso, Philip possuiu aquela mulher traiçoeira com uma brutalidade da qual jamais se julgara capaz.

No entanto, ao invés de protestos, Daphne presenteou-o com uma gargalhada que o deixou mudo de horror. Ela o acompanhara passo a passo naquela escalada de paixão destrutiva, exigindo sempre mais até que ambos esgotassem todas as forças. E, ao fim, recusou-se a fitá-lo ou secar as lágrimas que brilhavam no rosto amargurado do marido.

No final do outono, Daphne não pôde mais se revoltar contra o fato inevitável: estava grávida novamente.

Tão logo desconfiou do estado da esposa, Philip deu ordem aos criados para que a vigiassem cada minuto do dia. Os estábulos eram um local terminantemente proibido e ela não tinha permissão de dar um passo fora de casa a não ser acompanhada.

A fúria de Daphne ao saber das restrições à sua liberdade provocou uma crise onde choros, queixas e ameaças se alternavam a períodos de desespero quase desvairado. Mas, à medida que percebeu a atitude inabalável do marido, seu espírito de luta se desfez para dar lugar à apatia.

Quando a primavera chegou, despertando a terra com seu toque suave, a passividade de Daphne chegou a tal ponto que já não saía mais do quarto nem para tomar as refeições em família. Diante das tentativas de Philip em animá-la, declarou com uma frieza cortante que não queria vê-lo nem mesmo à porta de seus aposentos.

O jasmim florescia em junho, transformando as noites em Calvert Cypress num sonho perfumado. Quatro semanas antes da data certa, os gritos de Daphne romperam a madrugada silenciosa e por dois dias a casa deteve sua respiração, vivendo em função daquele parto prematuro e difícil.

Daphne gritou até perder a voz, dando a todos a certeza de que a morte seria uma bênção. A agitação frenética, a luta contra o ritmo sábio da natureza e a violência destrutiva voltada contra si própria jamais haviam sido presenciadas pelas velhas parteiras negras nem pelo médico trazido de Richmond. Eles já tinham trazido ao mundo mais crianças do que era possível contar e no entanto não sabiam como agir naquela situação.

Mas a força da vida era mais forte e, apesar da resistência da mãe, um bebê veio ao mundo chorando antes mesmo de estar completamente fora do corpo materno. Daphne nem sequer ouviu a voz do filho pois quando William Philip Calvert encheu os pulmões do ar fragrante dos jasmims, ela soltou seu último suspiro.

PARTE II

1858-1860

CAPÍTULO XIV

O passageiro que desceu do trem vindo do norte naquela manhã de março de 1858 parecia ter mais de trinta anos. Essa impressão de maturidade não era provocada pelo rosto ainda jovem e sim pela aparência de firmeza e comando, geralmente encontrada apenas em homens mais velhos. Philip Calvert emanava uma autoridade indiscutível que muitos invejavam e poucos conheciam a origem.

Ele estava voltando de Washington onde passara quinze dias em reuniões com vários líderes políticos, procurando uma saída pacífica para a crise que ameaçava destruir a paz da

nação. Entretanto, regressava desiludido pois as posições do norte e do sul se tornavam mais rígidas e inflexíveis, afastando as esperanças de um entendimento entre os dois lados. A intransigência mútua era de extremo mau agouro.

As idéias dos poucos que, como Philip, ainda lutavam por um acordo, foram suplantadas por uma esmagadora maioria de opiniões radicalmente opostas e ambas as facções apresentavam argumentos belicosos. Ele jamais participara de guerra alguma, mas não tinha a menor dúvida de que essa calamidade estava muito longe de ser tão gloriosa quanto todos pareciam achar.

Além de temer a destruição provocada por um conflito armado, Philip não concordava com os compatriotas sulinos quanto à superioridade bélica de seus exércitos. A crença de que arrasariam os tão odiados ianques em muito pouco tempo lhe parecia falsa. Ele conhecia muito bem o poderio industrial do norte, sua capacidade de organização e a obstinação com que lutavam por seus objetivos, fatos estes que a maioria dos sulistas não admitia ou por inconsciência ou por ignorância deliberada.

Philip não via a hora de voltar ao lar. Sentia-se apreensivo em relação ao futuro, cansado de discussões inúteis e só a visão do filho restauraria seu interesse numa existência que freqüentemente lhe parecia penosa demais. Era bastante lúcido para admitir que a carga mais pesada resultava de seu profundo complexo de culpa em relação à morte da esposa. Tinha esperado a inevitável punição por seus atos mas, por um capricho do destino, a retribuição atingira a outrem.

Dois meses depois do enterro de Daphne, Charles tinha saído para o habitual passeio em seu indomável garanhão, Satã, e voltara para casa carregado. As diversas testemunhas oculares afirmaram que o cavalo recusara-se a saltar um obstáculo, derrubando o cavaleiro e arrastando-o por quase quinhentos metros. Philip tinha sacrificado o animal mas nada diminuía sua revolta contra as conseqüências daquele acidente.

Charles Calvert nunca mais poderia andar, usufruir do prazer de um corpo feminino ou sequer cuidar de si próprio.

Tornara-se prisioneiro de um corpo inerte, um invólucro sem forças destinado talvez por muitos anos ainda a uma paródia de vida.

Inevitavelmente, todas as responsabilidades de Calvert Cypress passaram a repousar nos ombros de Philip. Incapaz de aceitar a dupla tragédia — da esposa e do pai — ele deixara o barco correr à deriva, sem tomar decisões ou interessar-se por qualquer atividade. Apenas quando Marcus indagara se os Calvert pretendiam vender a fazenda, Philip percebera como havia se afastado da realidade.

Seu choque diante dessa pergunta mostrou-lhe que estava contrariando as tradições mais caras a homens como ele, criados para amar a terra. Philip mergulhou no trabalho, encontrando finalmente o melhor caminho para esquecer o remorso e a dor.

Rameses o esperava na estação, pois Philip decidira não passar a noite em Richmond como costumava fazer sempre que voltava de suas viagens. Estavam ocorrendo revoltas de escravos, a maior delas em Beauterre, e ele queria se certificar de que a serenidade de Calvert Cypress não seria afetada.

Quando a carruagem entrou na alameda que conduzia à casa-grande, uma sensação de felicidade o envolveu. Nem todas as angústias e problemas dos últimos meses conseguiam diminuir a emoção intensa de regressar à razão de sua existência, que agora representava a herança de William Calvert.

O garotinho atravessou o pátio da frente da mansão correndo ao encontro da carruagem do pai. Perseguia-o uma Augusta ofegante e nitidamente furiosa.

— Papai! Trouxe um brinquedo?

— Talvez... você se comportou bem?

— O menino ficou ótimo, patrãozinho. Comeu bastante verduras... — Augusta evitou contar as travessuras incríveis do garoto, como soltar um lagarto na cozinha e colocar cânfora no molho do pernil.

— Não acredite em Augusta, Philip! — Tia Louise chegara ao alpendre para receber o sobrinho. — Esse diabinho precisa de três adultos para controlá-lo e mesmo assim com muito esforço.

Philip observou a tia, que nos últimos meses envelhecera demais. Os cabelos haviam embranquecido por completo, o rosto sempre suave demonstrava exaustão e a postura

invariavelmente ereta se curvara com o peso dos aborrecimentos recentes. Talvez o filho fosse mesmo travesso demais e isso o preocupava não só porque estava esgotando tia Louise como também por temer que William tivesse o temperamento da mãe.

— O meu brinquedo, papai! Onde está o brinquedo? Philip abriu uma das malas ali mesmo no alpendre, sob os

olhares desaprovadores de tia Louise e Augusta, entregando um exército completo de soldadinhos de chumbo para à criança.

— Você está mimando demais esse menino, Philip.

— E quem mais eu poderia mimar, tia Louise? Ele é meu único filho.

Tia Louise franziu a testa como se estivesse lendo os pensamentos de Philip. Ela já havia insistido várias vezes que ele se casasse de novo e se surpreendera com as negativas categóricas do sobrinho.

Philip não queria nem pensar em outra esposa e recusara todas as ofertas da tia em lhe apresentar jovens atraentes. No entanto, temia que seu egoísmo em não se dispor a uma nova união acabasse prejudicando William. Sem irmãos o garotinho se tornaria realmente impossível, pois nem tia Louise conseguia controlá-lo mais. Talvez uma presença feminina trouxesse uma disciplina maior na vida do menino. Todavia, a idéia de ter outra mulher perturbando sua vida era tão desagradável!

— Seu pai está esperando por você, Philip. Ele parece bastante aflito para receber notícias sobre as reuniões em Washington.

— Irei imediatamente, tia Louise...

Ao lado do pai, Philip sempre se revoltava contra um destino que destruíra o corpo mas permitira que a mente continuasse tão lúcida e arguta. Depois de lhe relatar todas as novidades, viu Charles franzir a testa, preocupado.

— Então teremos problemas muito em breve, filho. Os ianques não desistirão enquanto não nos forcem a agir do modo que eles consideram correto.

— Infelizmente você tem razão, papai. Uma grande maioria quer nos privar de tudo, inclusive do nosso orgulho.

— São uns hipócritas! Os ianques têm tanto interesse em libertar os negros quanto nós. O que desejam é destruir a força de nossas tradições, obrigando-nos a ser exatamente iguais a eles.

Philip não concordava com essa opinião do pai mas já desistira há longo tempo de convencê-lo da necessidade de libertar os escravos. Charles não acreditava que alguém pudesse se sentir ofendido pelo fato de seres humanos serem conservados no cativeiro.

— Por falar em negros, Davies precisa de mais escravos. Comprou alguns?

Davies era o novo feitor, contratado por Philip para substituir Johnson, despedido por chicotear uma jovem escrava que se recusara a ceder aos seus desejos. Ele não tinha precisado andar muito para encontrar outro emprego, pois fora contratado pelos Danvers de Beauterre.

— Vim diretamente da estação para casa, papai. Não parei nem dez minutos em Richmond.

— Você se recusa a comprar novos escravos mas quer aumentar as áreas de lavoura. Como pretende realizar esse milagre?

— Há uma máquina nova que eu vi em...

— Máquinas! Sempre as máquinas, não é? Quando irá compreender que nada pode ser tão eficiente quanto braços humanos, Philip?

— São implementos agrícolas destinados justamente a facilitar o trabalho dos braços humanos, papai! Nossas ferramentas não mudam há séculos.

— E por que mudá-las se continuam perfeitas e preenchem suas funções?

— Não vamos mais discutir sobre isso, papai. — Philip levantou-se da poltrona em frente à cadeira de rodas do pai e tocou-o gentilmente no ombro. — Se meu plano não der certo, eu comprarei alguns escravos, está bem?

— Não me resta outra saída, não é? — Charles apenas se fingia de zangado. Confiava plenamente em Philip pois, apesar das diferenças de opinião, os resultados eram sempre positivos. — Onde anda meu neto?

— Provavelmente está parado do lado de fora do seu quarto para lhe mostrar os seus novos soldadinhos.

Ao abrir a porta, Philip encontrou o garotinho sentado ao chão e reprimiu um sorriso de orgulho. William tinha sido um bebê excessivamente bonito mas agora seus traços se tornavam menos delicados, o que muito agradava ao pai. Ele também ficava feliz ao ver a afetividade e a compreensão profunda entre avô e neto, que passavam a maior parte do tempo juntos. Com todas as ocupações absorventes da fazenda, sentia-se grato por seu pai suprir o garoto de algo que ele não tinha tempo de dar: atenção e amor.

Naquela noite, Charles fez um esforço sobre-humano e desceu para jantar com a família apesar das dores que qualquer locomoção lhe causava. Kitty tinha vindo com o marido e os filhos para rever Philip e ele não queria perder aquela reunião de família.

Kitty continuava bonita apesar de cinco gestações consecutivas terem tornado suas formas mais amplas. Ainda era uma mulher alegre e cheia de encanto a quem a maturidade só fizera aumentar a formosura.

Jeremy demonstrava claramente o quanto ainda a considerava a mulher mais linda do mundo e sentia-se feliz por ter podido acompanhá-la naquela visita a Calvert Cypress. Após a morte do pai, há um ano, ele assumira os incontáveis compromissos ligados à sua considerável herança e quase não tinha mais tempo para viagens de lazer.

Depois do jantar, Kitty manobrou até afastar Philip dos outros a fim de conversar a sós com ele.

— Papai está bem ou é um esforço para nos iludir?

— Ele tem dores mas também é dono de uma força de vontade invencível, jamais cederá a uma invalidez total.

— Tenho medo de que ele se esgote.

— Hoje foi uma ocasião especial, Kitty. Não se preocupe que eu e tia Louise o obrigaremos a descansar.

— Também estou preocupada com ela. Achei-a tão frágil. Kitty hesitou antes de continuar. — Você sabe que eu nunca interfeiri em sua vida com palpites, não é, Philip?

— Céus! Pelo seu tom de voz o assunto é sério.

— Apenas ouça tudo o que eu tenho a dizer, está bem? Tia Louise sempre foi uma mulher maravilhosa, ela nos criou e veja o resultado.

— Vai usar este argumento para condená-la?

— Estou falando sério, Philip! Tia Louise era bem mais jovem quando assumiu a responsabilidade de nossa educação. William é um garoto incrivelmente ativo e até eu perco o fôlego com sua energia inesgotável. Ele precisa de uma mãe e de irmãos.

— Agradeço sua preocupação, querida. Sei quanto William pode ser cansativo e...

— Ele é um amor, Philip. Você tem todo o direito de se orgulhar dessa criança encantadora. Só lembre que na infância se forma o homem...

— E você acha que William não está sendo muito bem formado?

— Ele... está se acostumando a ter todos os seus menores caprichos atendidos, Philip querido.

— Não havia necessidade de dizer mais nada.

Em algum dia do futuro, William teria nas mãos não só milhares de hectares de terra como centenas de vidas humanas. A menor falha ou fraqueza em sua personalidade poderiam ter resultados trágicos.

Philip e Kitty já haviam visto situações em que o trabalho de gerações dedicadas à terra passava às mãos de um jovem estragado por mimos. Em muito pouco tempo, os feitores abusavam de seus poderes, escravos eram maltratados e as plantações descuidadas. O lento declínio se tornava irreversível como acontecera com tantas ilustres famílias do velho sul e continuaria a acontecer.

Naquela noite mesmo, bem mais tarde, Philip ainda refletia sobre o assunto. Estava decidido a impedir que o destino de Calvert Cypress corresse qualquer risco, embora ainda não soubesse como evitar os problemas da formação do futuro dono de uma grande fazenda.

Sentado na enorme escrivaninha de mogno que pertencera a seu bisavô, usada por todos os Calvert e que um dia seria ocupada por William, Philip deu um suspiro e resolveu deixar para outra ocasião aquelas questões que o preocupavam. Começou a ler a correspondência acumulada durante sua ausência. No alto da pilha havia uma carta de Josiah Mackenzie e, com um gesto de desânimo, ele a abriu em primeiro lugar.

CAPÍTULO XV

Sons e aromas de primavera entravam pela janela aberta, acordando Sarah que sorriu antes mesmo de abrir os olhos. Estava em Nova York! Tinham chegado na noite anterior e este seria o primeiro entre muitos dias que ela e Marilee teriam para explorar essa cidade fascinante, tão diferente de Boston.

Cinco anos atrás, Josiah Mackenzie comunicara aos filhos sua decisão de mudar-se de Lowell. A cidade tornava-se populosa demais, suja e cheia de imigrantes irlandeses, que ele considerava elementos indesejáveis em uma comunidade.

No entanto, no porto de Boston também desembarcavam diariamente grupos de maltrapilhos que haviam atravessado o oceano em busca de trabalho e, como os outros donos de fábricas, Josiah se aproveitara dessa situação de penúria para contratar operários por salários ínfimos. Aliás, esses capitães de indústrias acreditavam que a resposta divina à sua posição intransigente tinha sido dada através daquelas pobres criaturas que aceitavam qualquer ninharia para não morrerem de fome.

As manifestações dos operários contra os patrões continuavam, mas já não havia como forçá-los a ceder pois sempre se encontrava uma multidão disposta a trabalhar mais por menos dinheiro. Os poucos protestos terminavam em fracasso e Josiah insistia em repetir a Sarah que jamais greve alguma teria sucesso em suas fábricas.

Ele mencionara esse assunto pela primeira vez logo após a tentativa de greve em 1852, quando as companheiras de Sarah haviam sido presas e obrigadas a deixar Lowell. Chocada com a violência da repressão, e acrescentando a essa frustração o medo das ameaças de Gideon, Sarah tinha entrado num estado de profunda apatia.

Marilee afirmava que Josiah planejava a mudança para Boston a fim de oferecer à filha um novo ambiente e melhores chances de se integrar numa sociedade de melhor nível. Mesmo não acreditando que fosse essa a intenção do pai, Sarah se beneficiou com a mudança para uma cidade mais cosmopolita e de vida cultural intensa.

Se Josiah ficou desapontado por não conseguir acesso à aristocracia de Boston, formada pelas ilustres famílias Cabot ou Lodge, não o demonstrou. Continuava absorvido no trabalho com a mesma paixão de sempre. Tornara-se um milionário, muito mais rico do que jamais poderia ter sonhado, e dava aos negócios a atenção amorosa de um pai, numa dedicação que nunca demonstrara aos filhos.

Sarah preferia esse desinteresse pela família às raras ocasiões em que o pai resolvia aproximar-se dela. Fazia o possível para manter sua vida longe das vistas de Josiah e evitava ao máximo que seus caminhos se cruzassem. Quando ele mencionara a viagem à Nova York, havia ficado aliviada por saber que teria algumas semanas de total liberdade.

Qual não foi sua surpresa ao ser avisada por Marilee de que ambas a acompanhariam! Seu aborrecimento aumentou quando a amiga lhe disse que havia sugerido a Josiah a oportunidade de Sarah visitar os parentes da mãe em Nova York.

No entanto, apesar de não terem tido mais contato depois da morte de Catherine, os Vandenheuvel ficaram felizes por receber Sarah, a quem não viam há muitos anos. Amorosos e gentis, os avós trataram-na com toda delicadeza embora se mantivessem frios e distantes com Josiah. Ela ficou encantada por conviver com a família da mãe e só sentiu pena de Nathan, que não pudera acompanhá-los devido aos exames escolares. Mas pelo menos o pior fora evitado, pois Gideon também permanecera em Boston.

Com vinte e quatro anos, o irmão mais velho apurara ainda mais os defeitos latentes durante a adolescência. De olhar duro e cheio de suspeitas, Gideon parecia guardar segredos inconfessáveis em sua vida e Sarah não tinha a menor noção de como escapar à constante vigilância daquele rapaz precocemente amargo.

Sarah evitou pensar no irmão, estragando assim sua primeira estadia em Nova York. Descalça, foi até a janela para apreciar o movimento frenético da Broadway pisando no tapete espesso, mais um detalhe do luxo do Metropolitan, um dos hotéis mais caros da cidade. Não seria nada difícil acostumar-se com uma vida tão cheia de requintes!

Aflita para sair e se misturar à multidão, Sarah bateu à porta de comunicação entre seu

quarto e o de Marilee. A jovem já pedira o café da manhã e a esperava para tomarem juntas a primeira refeição do dia. Apesar de recém-desperta, ela era uma figura cheia de encanto, com os cachos loiros emoldurando o rosto de traços delicados.

Enquanto as duas se deliciavam com panquecas de mel, ovos com bacon e café, cada uma definiu quais eram seus planos para o dia. Marilee estava ansiosa por visitar as famosas lojas da cidade não só porque adorava ver vitrinas mas porque tinha afirmado a Josiah que seria esse o programa perfeito para duas jovens de Boston.

Sarah não compartilhava o desejo da amiga em permanecer horas num recinto fechado quando havia tanto a conhecer em Nova York. Preferia caminhar sem destino, sentindo a essência daquela metrópole onde se misturavam todas as raças e nacionalidades.

Uma hora mais tarde, Sarah e Marilee se arriscaram a enfrentar a multidão em constante movimento. Acostumadas a Boston, consideravam-se bastante cosmopolitas mas a agitação intensa chegou a assustá-las. As calçadas eram intransitáveis tal o acúmulo de pedestres e vendedores ambulantes oferecendo flores, maçãs e jornais. Nas ruas, uma quantidade inacreditável de carruagens se comprimiam, impedindo que se atravessasse de um lado a outro. Os cocheiros gritavam para abrir caminho.

— Meu Deus! Nós devíamos ter pedido ao porteiro do hotel que nos alugasse uma carruagem.

— Oh, não! — protestou Sarah. — É muito mais divertido andar a pé e ver tantas pessoas diferentes, tantas cenas exóticas.

Um italiano tocava realejo enquanto o negrinho de libré passava carregando os pacotes de sua patroa. O velho de bigodes brancos parecia ter desembarcado de um juncó chinês e o garoto engraxate tinha a pele clara e os cabelos escuros típicos dos irlandeses do norte. Tudo encantava Sarah que, ao ver a expressão atemorizada de Marilee, sugeriu que entrassem na enorme loja de departamentos em cujas portas se aglomeravam centenas de mulheres.

— A Macy's está fazendo uma liquidação, pelo que li no jornal de ontem. Que tal nos arriscarmos?

Todo o temor de Marilee diante da multidão desapareceu ao pensar numa tarde de compras. Mesmo preferindo caminhar ao ar livre, Sarah queria proporcionar um prazer àquela amiga que tanto a ajudara nos últimos seis anos.

Todas as vezes em que Sarah se via refletida num espelho, assustava-se com a jovem que a fitava com uma expressão segura e confiante. Por uma fração de segundo, chegava a se perguntar quem seria aquela figura elegante. Devia tal transformação ao empenho e paciência de Marilee, que se propusera a torná-la uma pessoa sofisticada.

Embora francamente cético quanto à capacidade da filha, Josiah dera permissão a Marilee para ministrar aulas de postura, etiqueta, dança, artes, música e moda à garota de treze anos, desajeitada e certa de ser muito feia e sem graça. Com seu próprio salário, a amiga comprava revistas francesas de onde tirava os modelos que ambas executavam com perfeição e bom gosto.

Ao ver os resultados, para surpresa de Sarah, Josiah insistira em pagar essas revistas. Até agora ela não entendia por que o pai se mostrava muito mais condescendente com Marilee do que com os próprios filhos. Sua reação não era de ciúme ou ressentimento, apenas de profunda perplexidade.

Na verdade, Marilee parecia ter o dom de realizar milagres. Conseguira que os cabelos castanhos de Sarah adquirissem um lindo tom dourado com o uso de um shampoo de limão e camomila mas o grande feito fora dar mais segurança à jovem esguia de feições harmoniosas e atraentes.

Sarah talvez não fosse uma beldade dentro dos moldes convencionais da época, que exigiam traços muito delicados, cabelos louros e cacheados além de inocentes olhos azuis. Sua beleza era menos etérea, pois o tom dourado da pele, os olhos esverdeados e a cabeleira farta e brilhante lembravam as forças da natureza. Se Marilee trazia à mente dos homens a imagem romântica das donzelas medievais, Sarah retratava a sensualidade inconsciente das jovens romanas da Renascença. Uma era frágil e vulnerável como as flores de estufa, a outra emanava a vitalidade agreste das rosas silvestres.

Mesmo sem acreditar nos próprios atributos, Sarah já percebera que provocava um certo interesse no sexo oposto, bastante desagradável para ela. Em primeiro lugar, não entendia por

que alguns homens se esforçavam por cativá-la uma vez que não fazia o menor esforço para atrair-lhes a atenção. Além disso, faltava-lhe a capacidade de Marilee em afastar os interessados sem jamais ofendê-los. Tendia a ser sincera demais e não escondia seu pouquinho, o que sempre causava ressentimentos.

Sua grande ansiedade era saber até quando o pai lhe permitiria desencorajar os possíveis pretendentes a sua mão. Já completara vinte e dois anos e a maioria das amigas de sua idade estavam casadas ou ao menos noivas. Como Marilee era dois anos mais velha, Sarah tinha esperança de que Josiah se preocupasse antes com o casamento da amiga e a deixasse em paz por mais algum tempo.

No entanto, ambas estavam em situações completamente diversas. Ninguém iria obrigar Marilee a casar-se e, além disso, ela não possuía um dote nem era filha de um grande industrial. Josiah nunca fizera menção alguma sobre matrimônio em relação a nenhuma delas mas Sarah sabia que o pai esperava que ela encontrasse um bom partido e lhe desse muitos netos.

As duas jovens que escolhiam fitas e luvas na loja chamavam a atenção da maioria dos homens por suas belezas tão diferentes. Marilee recebia um bom ordenado de Josiah e, sempre elegante, jamais seria considerada uma dama de companhia. Ao lado da figura sofisticada de Sarah, parecia ter levado sempre uma vida confortável e sem tragédias.

— Você é mesmo teimosa, Sarah. Por que não quis comprar a fita verde? Ficaria tão bem nos seus cabelos. O vendedor também achou. Aliás, ele ficou encantado...

— Foi você que atraiu a atenção dele, querida.

— Quando irá se convencer de que é realmente bonita? Por que não acredita no espelho?

— Eu fui uma garota feia, uma adolescente sem graça e por isso não consigo me acostumar com a mudança. Você fez um milagre, Marilee.

— Que tolice. Eu apenas vi a beleza escondida atrás da timidez. Encontrei uma miniatura de Catherine e percebi o quanto vocês são parecidas.

Lembrando-se de sua última visão da mãe, Sarah sentiu o antigo terror retornar. Agora ela era uma mulher e, se não conseguisse encontrar um meio de fugir ao seu destino, seria obrigada a aceitar a submissão a uma farsa odiosa. Não queria submeter-se aos desejos de um marido para o qual seria apenas um meio de formar uma família com muitos filhos. Se pudesse dedicar-se a lutar pela melhoria de vida das mulheres, iria realizar seu grande sonho. No entanto, não seria nada fácil seguir esse caminho contra a vontade férrea e dominadora de Josiah Mackenzie.

Sua preocupação era tão intensa que ela mal notou o movimento ainda maior das ruas enquanto voltavam para o hotel. Respondendo distraidamente às perguntas de Marilee, Sarah via apenas figuras sem faces até que um rosto a fez voltar à realidade.

— Marilee! Olhe aquele homem à porta do hotel Lancaster. Ele não lhe parece familiar?

— Pelo amor de Deus, Sarah! Qual deles? Há dezenas de homens no hotel.

— O de cabelos loiros... não é Philip Calvert?

— Philip? Quem é ele?

— Philip Calvert! Aquele plantador de algodão que veio jantar em Lowell há... oito ou nove anos atrás, creio eu.

Na verdade Sarah sabia com exatidão quanto tempo se passara desde a noite em que o vira pela primeira vez. A visão do jovem sulista ficara gravada em sua mente. Mas ela preferia acreditar que se lembrava do fato por ter coincidido com o desagradável confronto com Gideon após ter retornado do encontro com as operárias da fábrica de seu pai.

Se o homem de sobretudo cinza fosse realmente Philip Calvert, ele tinha mudado muito naqueles anos. Havia agora uma aura de força e autoridade inexistente no rapaz despreocupado que os visitara em Lowell. Quando ele se virou, Sarah teve certeza de que não se enganara.

Philip percebeu as duas moças que o olhavam com interesse e, reconhecendo a loira, aproximou-se delas com um sorriso.

— Srta. Jamison? Desculpe minha ousadia porém creio que nos conhecemos. Sou Philip Calvert.

— É lógico! Recordo-me do senhor. — Marilee apontou a companheira. — Esta é Sarah, filha de Josiah, lembra-se dela, não?

Ele não conseguiu ligar a imagem da garota tímida que não lhe causara nenhuma impressão favorável com a jovem esguia e de aparência majestosa que o fitava sem desviar os olhos.

— É um prazer revê-la, srta. Mackenzie. — Philip curvou-se para cumprimentá-la e também para esconder a surpresa. — Eu estava indo para o hotel Metropolitan encontrar-me com seu pai.

— Realmente? Nós também vamos para lá.

— Então permitam-me acompanhá-las.

Como Marilee pousou a mão no braço de Philip, Sarah não quis parecer grosseira e a imitou. A proximidade daquele homem a perturbava mesmo ou seria efeito do dia exaustivo? Essa sensação de fraqueza, sem dúvida, passaria após alguns minutos de repouso e, como os negócios de seu pai eram sempre resolvidos longe da família, ela não veria Philip Calvert novamente.

Sarah não tinha a menor idéia de quanto se enganava. Após algumas horas de descanso, foi ao encontro do pai e, para sua surpresa, soube que Josiah tinha muito a conversar com Philip, por isso o convidara a jantar junto com eles naquela noite e também para o almoço e jantar do dia seguinte.

Philip Calvert não ia desaparecer tão rapidamente da vida de Sarah Mackenzie.

CAPÍTULO XVI

O lado puritano de Josiah Mackenzie jamais perdoaria aquela sensação de prazer causada por bons vinhos e excelente comida aliados a uma agradável companhia. No entanto, a submissão aos princípios religiosos inculcados por uma disciplina austera cedia a uma tendência cada dia mais evidente de usufruir certos encantos da vida. O jantar no Delmonico corria às mil maravilhas e ele sentiu-se satisfeito por ter ao seu lado duas jovens atraentes e um homem cuja conversa brilhante animava a noite.

À luz das velas, Marilee parecia ainda mais etérea. Seu vestido de veludo safira intensificava o tom de azul dos olhos e fazia brilhar os cachos dourados. Examinando a filha com espírito muito mais crítico, Josiah foi obrigado a admitir que ela se tornara uma jovem atraente e sua opinião era confirmada pelo nítido interesse de Calvert em Sarah.

— A minha proposta é realmente sem defeitos, Calvert. — Josiah serviu o convidado de mais vinho antes de entrar no assunto que fora o motivo principal daquele jantar. — A fábrica que me proponho a construir irá combinar máquinas extremamente modernas com as mais eficientes técnicas de produção. Pretendo empregar duzentos operários, homens e mulheres, e apenas uma dezena deles precisará ter experiência. O restante será treinado durante os primeiros meses de funcionamento. Com isso, reduziremos os salários e, por estarmos bem próximos da fonte de matéria-prima, diminuiremos ainda mais os custos... aumentando os lucros, é claro.

Philip evitou sorrir diante da espantosa presunção de Josiah. Aquele homem falava como se ele já tivesse concordado em participar de sua proposta e, embora estivesse realmente interessado, jamais demonstraria interesse tão no início das negociações.

— Parece-me que você já analisou todos os aspectos possíveis, não, Josiah?

— Sem dúvida alguma, meu caro. Não sou o tipo de homem que age precipitadamente e pensei muito tempo sobre as vantagens dessa empresa. Só me surpreendo que outros industriais não tenham chegado à mesma conclusão quanto a estabelecer suas fábricas bem ao lado das plantações de algodão do sul.

— Há inúmeros motivos para que isso não aconteça. Por exemplo, a oposição dos sulistas a qualquer forma de industrialização.

— Ah! A célebre determinação de preservar intactas as tradições do passado! Se isso fosse possível, o mundo estaria ainda na Idade Média, não acha? Mas, pelo que pude perceber, você não acredita que se possa deter o progresso, estou certo?

A percepção aguda de Josiah ajudara-o a detectar a impaciência de Philip com as mentes rígidas e inflexíveis de homens como seu pai. No entanto, aquele não era o momento ideal para discutirem pontos de vista ideológicos ou suas esperanças em relação ao futuro do

sul.

— Essa fábrica... — Philip falou com um tom deliberadamente desinteressado — ... onde pretende construí-la? Presumo que já tenha escolhido um lugar?

Josiah retirou um mapa do bolso do sobretudo e, desdobrando-o sobre a mesa, apontou uma área demarcada em vermelho.

— É bem aqui, Calvert.

— Por acaso, estas terras me pertencem, Josiah. Sabia disso, não?

— Claro que sim! Foi o presente de casamento que seu pai lhe deu.

Apesar de conhecer muito bem a franqueza de Josiah, Sarah ficou chocada com a falta de tato do pai ao mencionar um assunto tão delicado. Lembrava-se de ter ouvido que a esposa de Philip havia morrido ao dar à luz e, logo depois dessa tragédia, Charles Calvert sofrera um terrível acidente, deixando o filho como único responsável por todos os cuidados referentes à extensa plantação. Se tivesse como demonstrar solidariedade sem se arriscar a parecer indiscreta, tê-lo-ia feito, embora Philip continuasse impassível diante do comentário inoportuno.

— Você não está supondo que eu vá lhe vender as minhas terras, está? — prosseguia Philip.

— Por que não? Talvez eu lhe ofereça um preço irrecusável.

— Sinto muito, mas há bens que não têm preço. Na minha família, não deixamos nem um punhado de terra escapar por entre nossos dedos.

— Haverá outros que pensam diferente de você.

— Então faça negócios com eles, Josiah. Esteja à vontade. Philip viera a Nova York devido a uma carta em que Josiah o convidava para discutirem um negócio de interesse mútuo, mas se a única intenção dele era comprar suas terras a viagem tinha sido uma perda de tempo.

— Eu realmente apreciaria se pudesse comprar suas terras, Philip. No entanto, como contava com sua negativa, tinha pensado em outra coisa. O que acha de arrendá-las?

— Bem... esse é um tipo de negócio que merece ser debatido, — Philip não via problema em obter uma certa renda com sua propriedade, desde que o contrato fosse examinado por advogados experientes. Não pretendia ser enganado por um ianque. — Só me intriga o fato de você ter escolhido essa época de incerteza para iniciar uma fábrica no sul.

Josiah preferiu não dar uma resposta direta, que certamente scandalizaria o rapaz. Contudo, a verdade era que a situação instável só o ajudaria, tornando-o ainda mais rico. Percebera um certo interesse em Calvert e pretendia fechar aquele negócio antes do final da noite.

— Há inúmeros motivos mas... digamos que cheguei a um ponto em minha vida onde já posso me permitir alguns riscos calculados. Embora a maioria dos investidores esteja evitando negociar com os Estados do sul, eu continuo acreditando que ainda será possível um acordo entre as duas facções aparentemente irreconciliáveis. Minha idéia original é usar suas terras e, em vez de lhe pagar um aluguel, oferecer-lhe uma participação na minha fábrica. O que acha?

— Essa participação seria exatamente de quanto?

— Cinco por cento.

— É uma quota insignificante, Josiah. Cinquenta por cento estaria mais dentro da realidade.

— Em hipótese alguma! Quinze é o máximo que posso lhe oferecer.

— Quarenta?

— Trinta!

— Está bem! Aceito trinta por cento, Josiah.

Os dois homens selaram o acordo com um aperto de mãos e um garçom, como se estivesse à espera daquele sinal, surgiu ao lado da mesa com uma garrafa de champanhe.

Já passava muito da meia-noite quando Philip despediu-se dos Mackenzie e voltou a pé para o hotel.

Caminhando pelas ruas desertas, ele pensou que havia feito um ótimo negócio ao arrendar uma área que de qualquer maneira permaneceria inculta por alguns anos para permitir o descanso da terra. Sem dúvida Josiah sabia disso e não lhe oferecera nem um centavo a mais do que julgava justo. Sua única dúvida era quanto à reação do pai.

Agora, o champanhe o fazia acreditar que tudo seria muito fácil mas era melhor estar bem sóbrio quando fosse comunicar a Charles que se tornara sócio de um ianque.

Nenhuma dessas conjecturas o preocupava tanto como a surpreendente expectativa em

ver Sarah Mackenzie no dia seguinte. Ela era completamente diferente de todas as mulheres que conhecera ou que achava atraente. A srta. Jamison se parecia muito mais com as célebres beldades sulinas mas, depois de Daphne, Philip queria uma jovem sem artimanhas femininas ou artifícios enganosos. Sarah o fazia sentir-se seguro e sem a ameaça fatal de viver uma grande paixão. Ele adormeceu lembrando o brilho de inteligência refletido nos olhos cinzentos e ouvindo o som sem fingimentos daquela risada cristalina.

Na noite seguinte, Philip teve uma maior oportunidade de perceber o quão diferente Sarah era das mulheres sulinas que conhecera. Após saírem do teatro, onde Josiah os havia levado para assistirem A Megera Domada de Shakeaspeare, Philip, oferecendo o braço à jovem, procurou manter uma certa distância do outro casal.

— Fiquei bastante surpreso ao ver que você ainda tem uma dama de companhia, Sarah.

— Marilee é minha amiga acima de tudo.

— Eu sei. Só imaginei que ela já estivesse comprometida para casar-se... tem vinte e quatro anos, não é?

— Por que todos os homens pensam que o casamento é o único objetivo na vida de uma mulher? Marilee e eu vivemos muito bem sozinhas.

— Vocês não estão sozinhas. Seu pai é responsável pelas duas. Ele as sustenta, lhes dá atenção e carinho...

Sarah ia explicar melhor àquele desconhecido como era diferente a participação do pai em sua vida mas julgou que seria deslealdade criticar Josiah. Além disso, a noite estava agradável e ela não queria estragar o jantar que lhes seria oferecido por Philip em seu hotel.

— Deve ser fascinante acompanhar a construção de uma fábrica. Quando eu era pequena, ia todos os dias até o local onde estavam reformando uma velha tecelagem e ficava horas entretida com os pedreiros.

— Quem sabe você poderia acompanhar a construção desta fábrica no sul...

O convite foi feito antes que Philip pensasse nas implicações daquele ato irrefletido e a expressão de surpresa surgida no rosto de Sarah demonstrou o quanto ela o achara impulsivo. No entanto, há muito tempo não se sentia tão fascinado por uma mulher quanto por aquela moça atraente e sem afetação.

— Estive pensando naquela visita que fiz a Lowell, oito anos atrás. Que idade você tinha?

— Treze, sr. Calvert. Sua pergunta é um tanto indelicada, pois estará indiretamente calculando quantos anos tenho agora, não é?

— Desculpe-me, senhorita. — Philip hesitou antes de perceber o tom irônico de Sarah. — Não converso com uma mulher bonita há tanto tempo que devo ter perdido a prática.

Aquele comentário lembrou Sarah da morte da esposa de Philip e ela procurou amenizar a atitude insensível de Josiah durante o jantar da noite anterior.

— Meu pai não devia ter mencionado aquele episódio penoso de sua vida, sr. Calvert. Perder um ente querido é tão trágico...

Philip ficou alguns segundos em silêncio, pois jamais falara sobre Daphne com ninguém. No entanto, essa incapacidade de abrir seu coração desapareceu por completo diante da sinceridade de Sarah.

— Eu me sinto culpado pela morte de Daphne.

A surpresa de Sarah ao ouvir um homem admitir sua responsabilidade pela morte da esposa foi tão grande que ela parou de caminhar.

— Sua esposa morreu de parto, sr. Calvert?

— Sim... quando nasceu William, meu filho.

Philip não estava tão desesperado para confiar em alguém a ponto de confessar que o remorso se originava principalmente por haver forçado a esposa a ter aquele filho. Essa dor ainda o feria demais para ser formulada em palavras.

— Minha mãe também morreu dando à luz.

— A maioria das mulheres sobrevivem a esse fato natural, senhorita. — Philip percebeu o terror estampado no olhar de Sarah ao mencionar a morte da mãe. — Minha irmã, Kitty, tem cinco filhos e parece uma garota, cheia de saúde e energia.

— Prefiro falar sobre outro assunto, sr. Calvert. Conte-me algo sobre a Virgínia. Nós ouvimos tantas histórias sobre o sul mas sabemos tão pouco!

— A senhorita me surpreende com essa pergunta. A maioria das pessoas aqui no norte se considera perita em assuntos referentes ao sul e estão sempre me dando informações sobre

minha terra natal.

— Ninguém pode conhecer realmente um lugar sem ter vivido lá, ao menos por algum tempo, creio eu.

— Então a senhorita é um caso único.

— Não interprete mal o sentido de minhas palavras, sr. Calvert. A maioria dos sulistas também acredita conhecer tudo sobre o norte... É um engano mútuo.

Philip levou alguns segundos até entender que fora censurado por Sarah com extrema diplomacia e, quando o percebeu, deu uma gargalhada que fez Josiah virar-se para trás a fim de ver o que acontecia com o jovem casal.

— Sei que é uma pergunta indiscreta, srta. Mackenzie, mas... tem muitos pretendentes?

— Pretendentes? — Sarah espantou-se com a mudança inesperada do rumo da conversa. — Não, eu não tenho...

— Você os assusta, não é?

— É... creio que sim — ela respondeu secamente pois imaginou ter notado um tom desdenhoso na pergunta de Philip.

— Tenho a impressão de que você não se preocupa muito com isso, não é?

— Realmente não. Como já lhe disse, sinto-me bastante feliz com minha vida e não imagino como o casamento poderia melhorar minha situação.

— Então a senhorita é mesmo uma raridade no gênero feminino. Não há nada que gostaria de modificar?

Como explicar-lhe que ela gostaria de livrar-se do medo, da raiva e da sensação de não se sentir parte do mundo no qual vivia?

— Talvez você precise conhecer novos horizontes e expandir seus desejos.

Sarah não pretendia nem pensar sobre o significado das palavras de Philip. Viviam de modo muito diferente e era-lhe impossível até mesmo imaginar como seria o ambiente de onde vinha aquele homem difícil de decifrar. Apesar de perceber que Philip não tinha a menor semelhança com seu pai, o instinto a avisava de que no fundo todos os homens eram iguais. Agradável e gentil, Philip Calvert a encantava mas não iria mudar em nada sua opinião sobre o sexo oposto.

Realmente, durante o jantar, Philip se mostrou uma companhia fascinante, descobrindo os gostos de cada um e manobrando a conversa com desembaraço e habilidade. Ao perceber o interesse de Josiah em corridas de cavalo, aproveitou para formalizar o convite feito a Sarah, insistindo para que todos fossem assistir à disputa eqüestre mais importante da Virgínia, na qual os cavalos de Calvert Cypress sempre ganhavam.

Josiah demonstrou um entusiasmo indisfarçável pela oportunidade de ser apresentado àquela sociedade requintada sob a proteção de um Calvert. Nunca esquecera as humilhações e o trabalho árduo de sua infância naquelas terras pertencentes a outros homens, sem coragem de olhar de frente os poderosos senhores das fazendas de algodão. Agora iria ter a chance de enfrentá-los no mesmo nível.

— Essas duas jovens encantadoras mostrarão aos meus companheiros do sul que existem beldades ianques.

— Sempre ouvi falar na hospitalidade sulina! — exclamou Marilee, deliciada com a idéia da viagem. — Vai ser uma experiência maravilhosa.

— E quanto a você, srta. Sarah? Também acha que seria uma viagem "maravilhosa"?

— Bem... depende de tantos detalhes. Em que época iríamos para o sul?

— Dentro de alguns meses — afirmou Josiah. — Partiremos no fim de novembro ou, no mais tardar, no início de dezembro.

— Então vou adorar. Sou a favor de qualquer plano que me afaste de Boston tão logo termina o verão.

— A senhorita não gosta de frio?

— Ela se parece muito com a mãe nesse aspecto — interferiu Josiah. — Catherine jamais se sentia feliz quando a temperatura se tornava baixa.

Sarah fitou o pai sem esconder o espanto. Josiah raramente tocava no nome da esposa e ela não conseguia imaginar por que o fizera em relação a um assunto tão insignificante. Aliás, também não compreendia o olhar complacente com o qual Josiah fitava Philip e ela!

CAPÍTULO XVII

Philip tinha visto o cavaleiro aproximando-se pela alameda e fora até o alpendre receber o recém-chegado. Ao notar a expressão aborrecida de Peter Rider concluiu que aquela não era apenas uma visita social.

— Ontem tornaram a surgir problemas na fazenda dos Danvers.

— Peter falou muito baixo para evitar que os escravos mais próximos da porta de entrada o ouvissem. — Será que podemos conversar em particular?

— É claro, Peter. Vamos até a biblioteca.

Só depois de fecharem a porta Peter deu um suspiro de desânimo e, sentando-se na confortável poltrona, habitualmente reservada a Charles, mencionou o que havia acontecido.

— Aqueles dois idiotas... pai e filho... começaram a discutir quem iria usufruir em primeiro lugar o corpo de uma jovem mulata recém-comprada. Enquanto argumentavam, o marido da moça cometeu a tolice de fazer objeções ao uso de sua esposa e os dois acharam extremamente engraçada a audácia do negro. — Peter interrompeu o relato e sua expressão revelou um desgosto intenso.

— Às gargalhadas, ambos usaram a moça ao mesmo tempo e na frente do marido!

Philip sentiu um gosto amargo na boca e, indo até o bar, encheu um copo de conhaque para cada um deles, o que deu forças a Peter para continuar a história vergonhosa.

— Quando o negro tentou impedi-los de continuarem maltratando sua esposa, eles cortaram-lhe o pescoço e o penduraram numa árvore onde colocam os porcos para sangrar até morrer.

— Oh! Meu Deus! — Philip segurou o copo com força.

— Deus não tem nada a ver com esse ato de selvageria! Os outros escravos ficaram tão chocados que se recusaram a ir para o campo e permanecem fechados em suas cabanas desde ontem. O velho Frederick mandou Paul à minha fazenda para pedir ajuda, pois acham que os negros vão cortar-lhes a garganta no minuto em que tiverem uma chance. Para falar a verdade, Philip... Espero que o façam!

Nenhum deles precisava de palavras para definir a situação ambígua em que se encontravam. Ambos desprezavam os Danvers por sua crueldade e violência contra os negros mas, se os deixassem ser massacrados pelos próprios escravos, estariam abrindo um precedente perigoso. Logo a notícia correria e haveria problemas semelhantes em todas as outras fazendas, inclusive nas deles!

Ninguém ignorava que o controle de centenas de negros dependia de constantes demonstrações de força. Ao menor sinal de rebeldia, a retribuição teria de ser rápida e muito violenta. Essa era a essência do sistema de vida baseado na escravidão e não havia como disfarçar realidade tão brutal. Se eles violassem a única regra que mantinha os negros submissos, estariam iniciando um processo cujas consequências seriam catastróficas!

No entanto, como viver em paz com a própria consciência quando se era obrigado a tomar o partido do criminoso contra o injustiçado apenas para preservar uma tradição? Tradição esta, aliás, que logo transformaria o sul num campo de batalha.

— Não posso oferecer meu apoio a canalhas como Frederick e Paul Danvers, Peter!

— Eu também me sinto como você, Philip... pode acreditar! Mas que outra chance nos resta? Sabe o que vai acontecer se nós ficarmos de lado, não é?

— Eles simplesmente receberão um castigo merecido e justo!

— E nós seremos engolidos por uma revolta de escravos de proporções incalculáveis! A notícia vai correr como um rastilho de pólvora e a explosão não será insignificante, Philip. A agitação provocada pelos abolicionistas é bem maior do que nós sequer conseguimos imaginar!

Uma insurreição de escravos só podia ser debelada pela milícia do Estado da Virgínia e, antes de terminar, haveria uma chacina onde muitos morreriam. Sem dúvida, alguns poucos brancos também perderiam a vida, mas a grande maioria das vítimas seriam os negros. Não só durante as lutas iniciais mas principalmente no período posterior à revolta, quando surgiria um inevitável desejo de vingança por parte dos brancos.

Philip lembrava-se vagamente de uma época distante, perdida nas brumas de sua infância, em que vira uma quantidade inacreditável de corpos pendurados em árvores. A impressão mais forte que restara em sua mente eram os lamentos dos negros e o cheiro

adocicado e terrível de sangue. Ele e o pai jamais haviam discutido a respeito, pois a expressão de Charles a cada vez que mencionava o assunto se tornava incomunicável.

Alguns anos mais tarde, Philip deduziu que aquelas cenas terríveis deviam ter acontecido na revolta liderada por Nat Turner em 1831, quando ele tinha apenas três anos de idade. Essa rebelião destruíra inúmeras fazendas até ser sufocada pela violência da milícia estadual. Mais de cinquenta brancos haviam morrido na defesa de suas propriedades. Quanto ao número de negros mortos, era incalculável e muitos haviam sido leiloados. Os líderes da insurreição tinham sido separados de suas famílias, vendidos e enviados para fazendas distantes. A mera lembrança dessa época de selvageria além da imaginação mostrava como era fino o verniz de civilização que encobria um mar de brutalidade. Ninguém queria se arriscar a uma repetição dessa calamidade.

— Você tem razão, Peter! Precisamos fazer algo mas não será o que eles esperam de nós. Se a milícia entrar em Beauterre, significará que todos nós, os fazendeiros desta região, concordamos e apoiamos a atitude criminosa dos Danvers e os negros terão ainda mais motivos para nos odiar.

— Pois eu não vejo nenhuma outra alternativa. Você pode me sugerir alguma opção diferente?

— Sim! Nós iremos todos mas sem uniforme, a fim de não dar a impressão de uma manifestação de força e poder. Vamos conversar com os Danvers e deixar bem claro que essas brutalidades contra os negros devem parar por completo. — Ao perceber a expressão de incredulidade no rosto de Peter, ele explicou melhor a idéia. — Todos nós sabemos que uma condenação silenciosa mas extremamente eficaz pode transformar a vida daqueles que desrespeitam nosso código de honra. Nem Frederick nem Paul terão coragem de se expor a um exílio tão absoluto, a um isolamento completo em meio a uma comunidade da qual se orgulham de pertencer. Eles aceitarão nossos termos tão logo percebam que não têm outra escolha!

— Muito bem, pode ser que você tenha razão quanto aos Danvers, mas e a situação explosiva que tomou conta de Beauterre? Com certeza, há um punhado de escravos dispostos a se vingar dessa morte brutal e o farão a qualquer custo!

— Vamos isolá-los! Cada um de nós comprará um deles e separados não terão mais forças para iniciar uma revolta.

— Talvez fosse melhor entregá-los a um estranho que os venderá a proprietários bem distantes. Só receio que os Danvers se recusem a aceitar essa solução, pois perderão dinheiro ao vender negros com fama de revoltosos.

— Isso realmente não importa nem um pouco, Peter! Ou aceitam nossa estratégia ou ficam sozinhos para resolverem o problema que eles próprios criaram. É apenas esse aspecto que deve ser deixado bem claro!

Como Peter já tinha previsto, demoraram para entender o ponto de vista dos outros fazendeiros que haviam aderido à idéia de Philip. No início, Frederick e Paul entusiasmaram-se com os outros senhores de escravos que vinham apoiá-los, embora estranhassem a ausência do uniforme da milícia.

Com a barba por fazer e os olhos vermelhos pela falta de sono, Frederick os recebeu com uma velha e enferrujada espada nas mãos que tremiam descontroladamente. Paul, no entanto, fitou com desconfiança e um certo desafio aqueles homens que não pareciam dispostos a empunhar armas para defendê-los.

— Imagino que vocês vieram até aqui para nos ajudar a dar uma lição inesquecível a esses negros miseráveis, não é?

Os dozes que haviam galopado sem um minuto de descanso até Beauterre permaneceram em silêncio. Embora Peter fosse oficialmente o comandante e porta-voz da milícia, todos olharam para Philip à espera de suas palavras. Tinha sido ele o arquiteto daquele plano, explicando as razões e convencendo a todos com uma argumentação racional e convincente. Quando Philip terminara de expor os prós e contras da situação, ninguém tivera dúvida alguma de que aquela era a melhor maneira de resolver o problema. Agora, porém, nenhum deles se sentia à vontade para comunicar a decisão unânime aos Danvers.

— Nós viemos até aqui para pôr fim a qualquer crise que exista em Beauterre. E sabemos que esse problema foi causado exclusivamente por vocês.

— Nós causamos? — Paul Danvers aproximou-se de Philip, com uma expressão de fúria descontrolada. — Sobre que diabos você está falando? Nós apenas castigamos um negro indisciplinado.

— Vocês o mataram, sangrando-o como um porco só porque ele tentou defender a própria mulher! Se tivesse dado um revólver a cada um de seus escravos, o resultado seria o mesmo!

O rosto de Paul Danvers ficou tão vermelho que ele parecia a ponto de ter uma apoplexia. Cerrou os punhos e avançava em direção de Philip quando Peter o deteve.

— Vocês estão criando uma situação difícil para todos nós, Paul. Esses desmandos precisam terminar ou não teremos como controlar uma revolta que se alastrará por todo o Estado da Virgínia.

Se conseguir manter a calma o tempo suficiente para se inteirar dos nossos planos, Philip lhe explicará tudo.

— Eu não quero ouvir nada desse traidor. Philip Calvert gosta dos negros, é um degenerado! — Paul voltou-se para os outros homens desafiando-os a contestarem suas palavras ofensivas. — O que há de errado com vocês? Se não nos mantivermos unidos, esses criminosos nos destruirão! Não compreendem a gravidade da situação?

— Nós estamos juntos e é justamente sobre essa união que você precisa ouvir!

— Pelo amor de Deus! Escute Philip, Paul! — Frederick menos arrogante que o filho, percebera o olhar de determinação daqueles homens e, mais realista, tinha visto que não havia como não concordar.

— As atrocidades cometidas com tanta frequência aqui em Beauterre estão criando um clima de tensão e revolta que atinge a todos nós. É imprescindível que vocês tomem consciência disso e evitem novas... *punições disciplinares*! Será necessário vender os negros com maior espírito de liderança para impedir que vocês os castiguem, não importando o prejuízo que essa venda precipitada vá provocar. Nós compraremos alguns, mas os outros deverão ser entregues aos mercadores de escravos.

— Que não nos oferecerão nem a metade do valor justo! — explodiu Frederick, furioso. — Por que não nos sugerem que cortemos nossas veias?

O olhar de Philip denunciava claramente que ele achava essa atitude a mais perfeita diante do problema criado pela brutalidade daqueles dois homens sem consciência ou moral. No entanto, antes que pudesse exprimir suas opiniões, Peter interveio novamente num tom de conciliação.

— Sabemos o quanto será prejudicial a vocês esse prejuízo inesperado, por isso nós lhes pagaremos um preço justo pelos escravos que comprarmos. Só precisarão vender os mais agressivos, que seguramente serão bem poucos!

— Pois você se engana, Peter! Aqui em Beauterre há um número bastante significativo de rebeldes.

Mais uma vez Philip evitou falar. Não tinha a menor dúvida de que o tratamento brutal dos Danvers provocava essa revolta incomum nos escravos da fazenda. Ele forcara seu ponto de vista mas não queria chegar à humilhação total dos Danvers. O complexo código de valores dos sulistas não aceitaria que um deles ultrapassasse um determinado ponto, julgado por todos como limite de honra. Se Philip insistisse em demonstrar o quanto pai e filho eram indignos de qualquer respeito, a opinião geral se voltaria contra ele e apoiariam os Danvers como se eles fossem realmente os injustiçados. Apesar do desprezo de todos pelos dois!

— Vamos encontrar um meio de não piorarmos essa situação já tão crítica! Ninguém quer que vocês tenham grandes prejuízos, só desejamos terminar de uma vez por todas com essa crise perigosa.

O resto da tarde foi perdida em discussões mesquinhas em torno de centavos. Frederick e Paul se recusavam a aceitar os preços oferecidos. O antigo feitor de Calvert Cypress foi chamado para indicar quais os escravos que deveriam ser separados para não causar mais problemas e Philip ficou chocado ao ver como Johnson se tornara ainda mais duro e violento sem a influência amenizado-ra de Charles Calvert.

— Não é certo, sr. Danvers — afirmou Johnson, olhando com ódio para Philip que o despedira meses atrás. — Esses negros precisavam ser castigados para servir de exemplo aos outros. Com cem chicotadas em cada um, bem na frente de todos os escravos, a lição jamais seria esquecida e nunca mais haveria outra besteira como essa que aconteceu ontem!

— Desta vez, a atitude será diferente — Philip falou rapidamente ao perceber que Paul pretendia apoiar o feitor. — Ou vocês não querem mesmo o nosso apoio?

Os Danvers não podiam se dar ao luxo de recusar mas também não queriam ceder nem um centímetro de sua posição. Quando as negociações terminaram, Philip teve certeza absoluta de que Frederick e Paul haviam lucrado muito. Enfurecia-o ver que os dois tinham ganho uma quantia espantosa em troca de um ato de violência, mas já estava tão enjoado com toda aquela farsa que aceitou comprar a jovem mulata causadora de todo o problema.

— Não vai se arrepender de levar essa negrinha, sr. Calvert. Ela é mais quente que uma brasa e...

— Cale a boca, seu miserável!

— Calma, Philip — interrompeu Frederick, agora sorridente e simpático pois já calculara os lucros inesperados daquela tarde. — Não há motivo para brigarmos justamente quando tudo foi resolvido muito bem!

Philip voltou para Calvert Cypress com a jovem de fisionomia fechada em cujos olhos brilhava um ódio intenso. Ele só queria voltar para casa e entregar aquela criatura maltratada, e conseqüentemente revoltada contra os homens brancos, aos cuidados de Marcus e depois descansar. Tinha sido um dia cuja exaustão não provinha do cansaço físico mas da necessidade de enxergar uma realidade que tentava não ver!

No entanto, seu repouso não durou mais do que o tempo suficiente para tomar um gole de conhaque. Rameses veio procurá-lo na biblioteca para avisar que Marcus precisava falar-lhe. Por uma fração de segundo, Philip teve vontade de dar um pretexto qualquer para evitar o encontro. Sabia exatamente qual seria o assunto daquela conversa e ainda não se julgava preparado para discutir os acontecimentos da tarde. No entanto, era melhor resolver tudo o mais rápido possível!

— Estão comentando na senzala que você impediu uma revolta em Beauterre. É verdade?

— Eu sempre me espanto como as notícias correm rápidas por aqui!

Philip serviu Marcus de conhaque e, como fazia sempre que estavam sozinhos, tratou-o com a mesma informalidade que havia existido entre eles na infância. Ambos agiam como irmãos mas nenhum se iludia a ponto de pensar que os laços fraternais sobreviveriam fora das paredes daquela sala.

— Os Danvers são idiotas! Eles acabarão causando sua própria destruição e hoje quase nos arrastaram por sua insensatez!

— Ouvi dizer que eles mataram um negro.

— É verdade. Mataram-no porque ele tentou defender a esposa dos abusos sexuais daqueles dois degenerados. Foi essa jovem que eu comprei e trouxe para cá... Agradeceria muito se você a ajudasse a se ambientar.

— Ginny está cuidando dela agora, Philip.

— Talvez algo de bom aconteça em função dessa tragédia. Morgan, Carslile, Daniels, Rider e outros fazendeiros ficaram do meu lado, insistindo para que os Danvers mudem seu comportamento brutal. Deixamos bem claro que essas barbaridades devem parar.

— E você acredita mesmo que eles vão mudar?

— Não sei. Mas, se quiseram sobreviver na sociedade que freqüentam, serão obrigados a respeitar nossas proposições. O velho Danvers lutou a vida inteira para ser aceito como um fazendeiro respeitável e sabe que pode perder tudo com um único ato de violência!

Marcus achava muito difícil que a simples ameaça de exílio social impedisse aqueles animais de maltratarem seus escravos. Todavia, se aprendera algo em sua convivência com os brancos, era que eles pensavam e agiam estranhamente.

— Danvers está velho e não vai durar muitos anos. O filho logo assumirá o comando de Beauterre, então...

— É ainda mais importante para Paul o fato de ser aceito como um igual entre os grandes reis do algodão. Lembre-se de que Frederick viveu grande parte da vida sem luxo mas o filho só conheceu o fausto e o sucesso conseguidos pelo trabalho duro do pai. A ameaça de perder tudo o que ele mais preza será o suficiente para mantê-lo na linha.

— Ou simplesmente o tornará mais audacioso e traiçoeiro.

— Pelo amor de Deus, Marcus! O que você quer me obrigar a dizer? Não posso dar-lhe nenhuma garantia de que eles irão respeitar os escravos a partir de hoje. O fato realmente

importante é a união de todos nós contra a atitude criminosa dos Danvers. Foi um passo em direção ao caminho certo.

— E você espera que nós mostremos nossa mais abjeta gratidão?

— Droga! Se você me agradecesse eu seria capaz de morrer de susto! Agora, por favor, eu preciso descansar, Marcus! Foi um dia miserável!

— A cada dia você está mais parecido com seu pai, Philip!

— Já lhe ocorreu que você também?

— Como? — Marcus, que já estava próximo da porta, parou para fitar Philip. — O que quer dizer com isso?

— Você é teimoso, esperto e hábil como Charles. Amanhã eu irei contar-lhe tudo o que aconteceu em Beauterre e aposto que Charles me fará as mesmas perguntas!

— E você lhe dará as mesmas respostas, Philip?

— Infelizmente, sim! São as únicas que tenho!

Sozinho no alpendre, Philip acompanhou com o olhar a figura atlética de Marcus se distanciando até se diluir na escuridão. O silêncio da noite era absoluto, nenhum som vinha da casa ou da senzala, mas aquela aparente tranquilidade não o iludia.

Era como se um lamento surdo e constante não cessasse nem por um segundo, dia após dia, noite após noite.

CAPÍTULO XVIII

Acontecimentos alheios à vontade de Josiah o impediram de realizar a tão ansiada visita a Calvert Cypress no final de novembro. A avó Mackenzie faleceu na véspera do dia de Ação de Graças e, após o funeral e o período obrigatório de luto, foi necessário adiar a viagem para a próxima primavera. Ele ficou bastante contrariado por não poder dar andamento imediato a seus planos em relação à fábrica no sul, mas havia inúmeros outros assuntos que exigiam sua atenção imediata.

O problema mais premente era Gideon. A contragosto e com muita relutância, Josiah viu-se obrigado a enfrentar uma realidade desagradável em relação ao filho mais velho. O rapaz não era o herdeiro que ele tanto desejara ter, porém não conseguia definir com exatidão o que havia de errado.

Desde criança, Gideon tinha sido uma criança fechada, quieta, incapaz de qualquer esforço para se comunicar com os outros e ainda menos interessado em se mostrar agradável. Isso não tinha preocupado Josiah, que considerava a gentileza de alguns homens como evidente falta de masculinidade. O temperamento soturno do filho era para ele uma prova de virilidade, bem como sua inteligência e ambição sem limites. Contudo, quando percebeu que as noções de moral de Gideon deixavam muito a desejar e, mais que isso, o rapaz pretendia usurpar-lhe o cargo, começou a se inquietar, embora não a ponto de perder o sono. Ainda manteria por muito tempo a rédea de seu império firmemente presa nas mãos.

Era outro o fato que lhe chamava a atenção. O relacionamento entre Gideon e Sarah tornara-se cada vez mais estranho após a volta do rapaz de Harvard. Como ele passara quase oito anos fora de casa, descontando-se raras e breves visitas, Josiah achou que haveria um período de readaptação à vida familiar. No entanto, não imaginava que todo o ambiente de seu lar fosse tão afetado com o retorno do filho mais velho.

De natureza pouco expansiva, Sarah retraiu-se ainda mais depois da chegada do irmão, permanecendo muda durante as refeições e evitando-o de todos os modos possíveis. Ao pensar no assunto, Josiah concluiu que esse comportamento já existia durante as visitas de Gideon e logo a filha se acostumaria com a situação.

Entretanto, a apatia de Sarah, ao invés de diminuir, foi aumentando com o passar dos meses. Se Josiah tivesse maior intimidade com a filha discutiria esse problema diretamente com ela. Todavia, não ignorava o abismo provocado entre os dois pela morte de Catherine, da qual Sarah ainda o considerava culpado. Ela o tratava com cortesia mas sem o menor calor humano e, para saber algum detalhe da vida da filha, ele precisava recorrer a Marilee.

Após acompanhar o agravamento gradual da relação entre os irmãos, ele procurou a jovem que ouviu pacientemente todos os seus rodeios até que tivesse coragem de tocar no

assunto.

— Eu acho melhor que Gideon e Sarah não tenham mesmo muito contato.

— Mas por quê? — Josiah andava de um lado para outro da sala de visitas enquanto Marilee o fitava calmamente, sem se levantar do sofá.

— Sarah tem medo de Gideon. Eu já havia percebido isso há algum tempo, embora não tivesse a menor idéia da causa. Não sei por que ela sente-se assim mas acredito que tenha suas razões. A intuição me diz que não devemos forçar nenhuma aproximação entre os dois.

— Sarah não lhe fez nenhuma confidencia?

— Sobre esse assunto, não. Sarah preserva muito sua privacidade e em alguns aspectos confia apenas em si mesma.

— Eu já notei que... Gideon parece vigiá-la! É uma sensação tão absurda que custa-me acreditar.

— Mas é verdade, eu também percebi.

Marilee tinha a impressão de que Josiah esquecia-se de sua idade. Ela não era muito mais velha do que Sarah e tão inocente quanto a amiga mas percebia a necessidade daquele homem em confiar numa mulher que pudesse ajudá-lo a compreender a filha. Saber que Josiah a via como alguém com capacidade de apoiá-lo a enchia de determinação. Tinha recebido demais e por muito tempo ansiara em encontrar um meio de retribuir tanta bondade. Agora essa ocasião chegara.

— Sr. Mackenzie... Josiah... Eu creio que não há motivos para grandes preocupações. Logo Sarah se casará e irá viver na casa do marido, longe da vigilância sinistra de Gideon.

— Minha filha não parece nem um pouco interessada em casamento, Marilee. Já reparou nisso, não é?

— Sarah se ilude pensando que não quer um marido. — Marilee não gostaria de trair a confiança da amiga mas nos últimos meses começara a preocupar-se com o futuro da jovem. — Se essa decisão for deixada nas mãos dela, sua vida será muito triste, muito vazia. Durante alguns minutos, Josiah permaneceu em silêncio, com o olhar pensativo fixo nas cortinas agitadas pela brisa.

— É assim que você se sente, Marilee? Julga sua vida triste e vazia?

Ela o fitou rapidamente e depois abaixou os olhos. Quando respondeu, sua voz era tão baixa que Josiah precisou inclinar-se para mais perto dela a fim de ouvi-la.

— É... às vezes eu me sinto assim triste e vazia.

Esse assunto não tornou a ser mencionado, mas quando Josiah comunicou que Gideon permaneceria em Boston, tomando conta dos negócios, enquanto ele viajassem com Sarah e Marilee para a Virgínia, ficou bastante claro que havia passado todos aqueles meses pensando sobre as palavras da jovem.

— Quero que vocês duas renovem todo o guarda-roupa. Estaremos indo para Richmond em plena primavera e os estilos mudaram. Não quero ninguém comentando que minha filha e sua companheira são moças tacañas e deselegantes!

Para Sarah, aquela atitude do pai era completamente fora dos padrões austeros em que tinha sido criada.

— Acho que ele ficou maluco, Marilee! — disse ela à amiga quando as duas ficaram sozinhas. — Nunca supus que meu pai soubesse sequer o sentido da palavra elegância, quanto mais julgar se um traje está ou não na moda!

— Garanto-lhe que seu pai sabe muito sobre assuntos dos quais você nem desconfia, Sarah!

Em outra situação as palavras enigmáticas de Marilee provocariam inúmeras conjecturas em Sarah, mas os preparativos da viagem não lhe deixavam um minuto livre para pensar e ambas mal continham a ansiedade por partir.

Era um percurso relativamente longo. Trocariam de trem em Nova York e depois em Washington, quando tomariam o Central Virgínia que os levaria sem baldeações até Richmond.

Na agitada estação de onde partia o expresso para a Virgínia, Sarah surpreendeu-se novamente com o pai.

Josiah havia reservado um vagão particular para levá-los a Richmond! Camarotes com banheiro, sala de estar e de jantar e até um pequeno escritório formavam um agradável ambiente onde as jovens ficavam completamente à vontade sem a presença inoportuna de outros passageiros. Enquanto Josiah trabalhava, as duas se deliciavam com a mudança da

paisagem.

O cenário desfilando através das janelas do trem mudava de forma surpreendente à medida que avançavam para o sul. Era impossível ignorar que estavam penetrando num ambiente muito diferente daquele marcado pela austeridade dos puritanos que haviam colonizado o norte dos Estados Unidos.

A natureza mais gentil enchia de flores coloridas e perfumadas uma região onde a arquitetura das casas parecia menos dura, os trajes menos severos e até o modo de falar mais lento e musical. As duas moças estavam fascinadas por encontrar, após o longo e rigoroso inverno de Boston, um mundo cheio de aromas suaves como o das magnólias que sombreavam a estação de Richmond. Uma explosão de cores, perfumes e calor as envolvia num abraço quase embriagador!

Uma imponente carruagem esperava a família Mackenzie e um velho negro, muito digno em sua libré de galões dourados, apresentou-se como Rameses, o enviado de Philip Calvert para receber os hóspedes de honra.

— O patrãozinho Philip "num" pôde vir porque deu um vazamento no açude e ele mesmo foi lá para consertar tudo.

Sarah e Marilee permaneceram num silêncio constrangido enquanto Josiah e o velho Rameses verificavam que as bagagens fossem colocadas numa carroça conduzida por outro negro. Aquela era a primeira aproximação de ambas com escravos e não sabiam como agir. Tinham medo de demonstrar seu embaraço ou deixar transparecer uma curiosidade inevitável diante das criaturas de pele escura que jamais haviam visto antes.

Para Josiah, esse contato com os negros não lhe causava problemas pois lembrava-se ainda muito bem de sua infância, quando observava a distância os arrogantes rapazes da aristocracia sulina sendo servidos por seus escravos. Como os invejara, sentindo um desejo profundo de se tornar como eles! Agora, olhando a magnífica parelha de puros-sangues à frente da carruagem que o levava a Calvert Cypress, Josiah foi invadido por um profundo orgulho ao constatar que conseguira alcançar o sonho infantil de conviver com a nata da sociedade sulina.

Josiah conhecia as infinitas graduações da sempre generosa hospitalidade do sul que podia oferecer de um simples colchão de palha no celeiro à mais suntuosa recepção. O fato de Philip Calvert ter enviado uma carruagem de luxo, puxada por dois de seus melhores cavalos, além de mandar em seu lugar o escravo mais categorizado da casa era um sinal evidente da importância que estava dando aos hóspedes do norte.

A ausência de Philip o havia perturbado de início mas as desculpas apresentadas por Rameses dissiparam sua inquietação. Calvert não era o tipo de homem que deixasse nas mãos dos empregados as tarefas de maior responsabilidade, estando presente em todo lugar onde surgisse algum problema. Tamanha dedicação conquistava o respeito de Josiah por aquele rapaz que, entre tantos companheiros indolentes, demonstrava força de vontade e uma capacidade de trabalho extremamente raras.

Calvert Cypress ficava a duas horas ao sudoeste de Richmond e a estrada seguia os meandros caprichosos do rio James. O calor excessivo, a poeira, a sede e o cansaço foram diminuindo o entusiasmo das jovens pela natureza exuberante. Sarah e Marilee começavam a ansiar pelo fim da jornada quando o velho Rameses parou a carruagem e voltou-se para os hóspedes com um sorriso cheio de orgulho.

— Aí está Calvert Cypress... A mais bonita e antiga fazenda do rio James!

Um portal de pedras gastas dava acesso a uma alameda cujos carvalhos centenários formavam um toldo verde sobre as cabeças dos viajantes. Quando a carruagem retomou o caminho, o conforto da sombra os reanimou e todos olharam com enorme expectativa para as curvas suaves do trajeto, à espera da primeira visão da casa.

Uma exclamação de surpresa e prazer escapou dos lábios de Sarah ao ver a graciosa mansão de pilares brancos. Jamais encontrara antes combinação tão perfeita de aconchego e elegância. Calvert Cypress possuía uma pureza de linhas estéticas que em nada destoava da natureza ao redor.

Quando a carruagem se aproximou mais, ela mal notou as inúmeras construções nas cercanias da casa porque o aroma intenso das rosas a envolveu por completo. A fragrância delicada e potente das flores completava um cenário quase irreal. A figura do anfitrião à espera

deles no alpendre também lhe pareceu muito diferente do homem que conhecera no norte.

Com calças justas de montaria, botas enlameadas e uma camisa branca aberta no peito, Philip Calvert não era mais o rapaz elegante do jantar em Lowell nem o cavalheiro sofisticado das noites de Nova York. Ali estava um homem cuja força se ligava à terra vigorosa e fértil daquela região onde a natureza aparentemente gentil podia se transformar em segundos num desencadear de elementos incontroláveis!

— Desculpem-me não lhes dar a mão, mas cheguei neste instante do açude e positivamente não estou em condições de me apresentar a vocês! — Com uma reverência rápida às duas moças, ele concluiu: — É um prazer imenso recebê-las em minha casa, senhoritas. Como devem estar exaustas com a viagem, sugiro que descansem bastante antes do jantar!

Sarah não percebeu nenhum gesto ou sinal da parte de Philip mas, mal ele terminara de falar, meia dúzia de escravos surgiram de algum lugar e em poucos segundos as malas já tinham sido descarregadas e levadas para dentro da casa.

— Devo-lhes pedir desculpas pela ausência de minha tia — continuou Philip, enquanto acompanhava os visitantes até o vestíbulo. — Ela precisou ir fazer companhia a uma prima em Atlanta que adoeceu subitamente.

— E seu pai?

Josiah fez a pergunta sem olhar para Philip pois não se cansava de fitar a ampla escadaria de mármore e o teto alto de onde pendiam dois magníficos lustres de cristal.

— Ele está na biblioteca à sua espera, senhor.

Charles insistira em receber o antigo conhecido no escritório, como se o acidente não tivesse mudado sua vida. Philip compreendia essa atitude orgulhosa do pai, mas esperava que ele não se esgotasse demais. Enquanto Augusta levava as duas jovens para o andar de cima, ele acompanhou Josiah para cumprimentar o inválido, admirando a atitude descontraída do primeiro diante do homem sentado à poltrona com as pernas cobertas com uma manta de lã.

Percebendo que a conversa entre os dois velhos parceiros de negócios dispensaria sua presença, Philip foi tomar o banho pelo qual ansiava há horas. Passara toda a tarde no meio da lama, tentando fechar o vazamento do açude que ameaçava destruir parte da nova plantação de algodão. Se não tivesse conseguido tapar a fenda que se alargava com rapidez, perderiam milhões de dólares. Mas isso não o preocupava mais. Agora, o único pensamento que ocupava sua mente era a postura graciosa da srta. Mackenzie. Aquela jovem atraente e segura tinha entrado no vestíbulo de Calvert Cypress como se tivesse vivido sempre numa mansão sulina!

Racionalmente, sabia que essa idéia não passava de uma fantasia absurda, pois Sarah nascera no norte e era uma completa estranha. Tinham-se visto muito pouco em Nova York para ter qualquer ilusão a respeito de um conhecimento mais profundo. No entanto, pretendia remediar essa falha durante os dias que passassem em Calvert Cypress.

Depois de vestir-se, Philip foi para o seu canto preferido do alpendre onde cadeiras de vime encontravam-se dispostas diante das roseiras de Elizabeth Calvert. Quando Jacob trouxe seu aperitivo predileto, ele mandou o escravo avisar as jovens que as esperava para um momento de relaxamento antes do jantar. Josiah e Charles ainda discutiam sobre negócios na biblioteca. .

Sarah recebeu o recado por uma mocinha negra muito tímida que se apresentou como Callie e não lhe permitiu sequer que abrisse as malas. Embora ela e Marilee tivessem uma criada em Boston, a presença silenciosa e servil da jovem escrava a perturbava sobremaneira. Seria impossível, porém, recusar a ajuda da garota sem ofendê-la.

Na verdade, Callie demonstrou o dom de transformar os cabelos de Sarah em um penteado gracioso e ao mesmo tempo sofisticado, como ela nunca usara em Boston. As mechas emolduravam seu rosto com mais suavidade do que de costume e, ao sair do quarto, com um dos elegantes vestidos novos, sentiu-se realmente uma beldade sulina!

Encontrou Marilee a sua espera no corredor que levava às escadarias para descenderem juntas.

— Deus do céu! Tenho a impressão de que morri e acordei no paraíso, Sarah!

— É um lugar magnífico, realmente. Nunca vi uma casa tão linda nem tão...

— ...Acolhedora! A hospitalidade sulina é famosa e com razão! A minha criada, Bessie, não me deixou sequer desabotoar o vestido!

— Pois eu acho que não deveríamos aceitar esse tipo de servidão.

— Ora! E por que não?

— Elas são escravas, Marilee...

Sarah não sabia bem como exprimir sua revolta ao ver aquelas mulheres servindo-a sem receberem salário apenas porque pertenciam ao senhor de Calvert Cypress. Ela e Marilee tinham discutido muito sobre a escravidão e a consideravam um crime. Como então aceitar a delicadeza das criadas que as tratavam com meiguice e sem a hostilidade que haviam imaginado existir?

— Nós somos hóspedes aqui, Sarah. Seria terrivelmente grosseiro se começássemos a discutir política, não acha?

Sarah não se convenceu muito com as palavras da amiga mas era difícil lutar contra o encantamento exercido por um ambiente tão sedutor ou escapar do charme irresistível de Philip. Quando ele veio encontrá-las para conduzi-las ao terraço, Sarah brindou-o com um belo sorriso.

CAPÍTULO XIX

— Se as senhoritas quiserem nos acompanhar até o local onde será construída a nova fábrica, eu posso lhes arranjar montarias não muito ariscas.

O convite de Philip no café da manhã tomou Sarah de surpresa pois não imaginara que a companhia feminina fosse apreciada ao se tratarem de negócios.

— Deus me livre, eu detesto cavalos — interveio Marilee. Ao perceber a hesitação da amiga, acrescentou: — Mas Sarah cavalga bastante bem e poderá acompanhá-lo. Quanto a mim, Augusta me prometeu ensinar a fazer aqueles pãozinhos com sementes de papoula que comemos ontem no jantar e não quero perder esta chance!

— Marilee está exagerando um pouco — explicou Sarah, contrafeita com o elogio um tanto exagerado da amiga. — Eu mal consigo me manter em cima de um cavalo e iria atrapalhá-los.

— Bobagem sua — retrucou Josiah. — Nós não temos pressa alguma, não é, Philip? Se há algo em que os sulistas nos suplantam é a capacidade de não se esgotarem correndo atrás do tempo. É uma maneira muito mais agradável de viver!

Decididamente Sarah já não compreendia mais as atitudes inesperadas do pai. Tinha imaginado que ele faria tudo para se ver livre de sua presença e, muito pelo contrário, estava encorajando-a a acompanhá-los!

— Está bem, eu irei... se vocês esperarem alguns minutos até eu colocar meu traje de montaria.

Quando um pouco mais tarde Sarah desceu as escadas, Philip surpreendeu-se mais uma vez com aquela jovem que demonstrava tantas facetas diferentes. No jantar da noite anterior, ela surgira diante de seus olhos como uma mulher atraente, cujo vestido de seda verde realçava as curvas sensuais. Pela manhã, o vestido de fustão branco revelara uma adolescente graciosa e ingênua. Agora, a criatura majestosa em traje de montaria parecia ter saído de uma mansão de campo inglesa! Por sorte, ela não descera o véu preto do chapéu, deixando à mostra os traços que, embora não fossem de uma beleza clássica e tradicional, eram de uma harmonia atraente e incomum!

Ao ajudá-la a montar, Philip notou a cintura muito fina, aspirou o aroma das rosas que emanava da pele sedosa e, por uma fração de segundo, sentiu um desejo tão violento que quase a soltou antes de vê-la firmemente segura. Há muito tempo nenhuma mulher despertava seus instintos com tanto ímpeto e ele decidiu fazer uma visita a Richmond e a Luraine antes de tomar alguma atitude inconveniente com uma hóspede de respeito!

Os três cavaleiros seguiram pela estreita estrada de terra margeando o rio James. Josiah demonstrava claramente o seu prazer por estar cavalgando uma excelente montaria. Fazia uma bela figura com seu físico perfeito apesar dos quarenta e oito anos. Os exercícios contínuos eram para ele um modo de fugir dos tormentos que o perturbavam continuamente.

Fazia mais de dez anos que Catherine morrera e, nesse período, muitas das certezas absolutas que haviam norteado a vida de Josiah tinham se desfeito. Nem a si mesmo compreendia mais. Não seria capaz de explicar por que se tornara menos severo com os filhos

ou por que se via desejando algo indefinível que completasse sua vida. Só uma certeza restava: amava profundamente a terra, apesar de não possuí-la. As campinas verdes de Calvert Cypress pareciam-lhe o espetáculo mais lindo que já contemplara na vida... Desmontaram à margem de um afluente do rio James, cuja correnteza rápida seria ideal para mover as rodas de água da futura tecelagem. Josiah lembrava-se com perfeição dessa área onde vivera em criança. A sensação de triunfo que o dominou naquele momento foi quase insuportável. Por um instante mágico, em pé sobre a terra com a qual sonhava há décadas, viu diante de seus olhos todo o projeto terminado, um império refulgindo ao sol da Virgínia.

Com passos longos, Josiah percorreu de ponta a ponta o terreno, parando apenas para apanhar punhados de terra que deixava escorrer entre os dedos. Philip o fitava surpreso com aquele gesto tão típico de homens ligados à agricultura e não à indústria.

— Vamos precisar de pedras cortadas na medida exata, de madeira... Trouxe as plantas comigo e...

Philip já imaginara que Josiah planejava pôr imediatamente em ação seus planos e providenciara um pedreiro que os esperava a uma certa distância.

O jovial e corpulento irlandês e Josiah se entenderam de imediato, dando a Philip a chance que tanto esperava. Iria mostrar Calvert Cypress a Sarah e tentar conhecê-la melhor.

Apesar da imensa curiosidade de Sarah em conhecer todos os aspectos de uma grande plantação de algodão, ela surpreendeu-se acima de tudo com a atitude de Philip, tão diferente da que havia imaginado. O orgulho demonstrado pela propriedade não se assemelhava nem um pouco à arrogância da qual os sulistas eram acusados.

Ao vê-lo tomar a terra nas mãos, num gesto semelhante ao de Josiah há pouco, Sarah notou uma expressão de prazer no rosto de Philip que a deixou impressionada. Sempre ouvira falar do amor dos sulistas pela terra mas jamais presenciara a verdade dessas palavras. Os olhos que fitavam a ondulação suave dos campos e admiravam os tons de variações infinitas de verde poderiam ser os de um amante.

Essa imagem perturbadora fez com que Sarah evitasse seguir aquela linha de pensamentos. Ela não possuía nenhuma experiência pessoal com esse tipo de emoções e há muito se convencera de que não pretendia se envolver sentimentalmente. No entanto, foi impossível abafar uma pontada de desaponto. Jamais seria amada com tanta paixão e intensidade...

— Por que aceitou arrendar suas terras a meu pai? — perguntou ela, enquanto cruzavam os campos onde os pés de algodão eram separados das menos extensas plantações de tabaco por veredas de terra.

O céu muito azul contrastava com a paisagem em verde e marrom. O sol já esquentara e o ar pesado e úmido do meio-dia parecia imóvel ao redor deles. Philip passou o lenço na testa e esse movimento revelou a musculatura sólida de um corpo masculino de proporções perfeitas.

— Eu queria construir uma fábrica aqui.

— Mas por quê? — insistiu ela. — Sempre pensei que os sulistas se opunham radicalmente à industrialização.

— Nem todos... Na verdade, nem mesmo a maioria deles tem essa opinião. Nós simplesmente queremos decidir de que modo tudo deverá ser feito.

— E não deixar os industriais do norte tomarem decisões por vocês, é isso?

— Exatamente! — Philip surpreendia-se todas as vezes que Sarah lhe dava uma resposta ou fazia um comentário inteligente. Ainda não se acostumara com o hábito das mulheres ianques de não ocultarem sua perspicácia como se fosse um grande defeito.

— Philip, o seu pai... Bem, eu tive a nítida impressão de que ele não gostou muito de sua decisão.

— Não gostou mesmo — respondeu ele. Outra característica desconcertante de Sarah era sua franqueza sem rodeios, mas essa atitude o deixava mais livre para poder discutir qualquer assunto sem fingimentos. — Se dependesse de Charles, a fábrica jamais seria construída em Calvert Cypress. Felizmente ele respeita o meu julgamento e se dispôs a... tolerar esse empreendimento.

— E você quer mesmo construir a fábrica?

— Tem dúvidas sobre isso, senhorita?

— Bem... Este lugar me parece tão idílico! Se me pertencesse, eu jamais permitiria que o

estragassem com fábricas, destruindo a beleza perfeita da natureza.

Como Sarah era diferente das mulheres que ele conhecera durante toda a vida! Nenhuma delas jamais pensaria em possuir bens, principalmente uma grande fazenda! Tudo que pertencesse a uma esposa seria do marido e nem sequer ousariam se imaginar no papel de proprietárias!

— Farei o possível para não estragar a natureza, mas há mudanças que são necessárias.

— Quais?

— É difícil explicar. Nada permanece imutável e o que parece perfeito para uma fase se torna obsoleto em outra. Tudo se transforma no mundo...

— Desculpe-me ter tocado nesse assunto, Philip. Sei como é delicado discutir sobre progresso e mudanças, principalmente com uma nortista como eu.

— Nortista? Céus! Você está falando exatamente como uma sulista. Vão acabar achando que nasceu em algum Estado aqui do sul.

Sarah sorriu, aceitando as palavras de Philip como uma brincadeira sem importância. Ninguém a confundiria com uma jovem nascida no sul. Em primeiro lugar, era franca demais, dava suas opiniões e se opunha a posições contra as quais discordava. Além disso, jamais teria a graciosidade de gestos e expressões de uma dama sulina, cuja beleza delicada lembrava as pétalas sedosas da belíssima magnólia, a flor típica do sul.

Philip, no entanto, parecia achar essa diferença estimulante. Não cessava de fazer-lhe perguntas e puxar assunto, mostrando-se ansioso por conhecê-la melhor.

O som da chuva batendo nas vidraças acordou Sarah, que sentou-se na cama sem saber onde estava. Quando um raio iluminou o céu, ela reconheceu o quarto e, ao ouvir o estrondo do trovão, despertou por completo, correndo até a janela.

Um vento furioso dobrava os galhos dos ciprestes até quase o chão e a ramagem de um velho carvalho roçava a grade do terraço diante de seu quarto. No chão, redemoinhos de folhas dançavam loucamente, erguendo-se num vôo alucinado. Segurando-se ao parapeito, Sarah sentiu a camisola ensopada colar-se ao seu corpo mas não teve forças para resistir.

As tempestades eram sua única e secreta paixão. O som e a visão da fúria da natureza despertavam nela um lado primitivo e incontido, sempre reprimido e mantido sob controle. Quando pensava com lucidez, percebia como podia ser perigoso arrostar a tormenta, mas seu impulso de enfrentar os elementos, desafiando um mundo metódico e seguro, era irreprimível!

Colocando um xale sobre a camisola, Sarah desceu as escadas em silêncio e, embora ainda não conhecesse a casa, entrou em uma sala cujas portas de veneziana se abriam para o alpendre. No portão que ligava a casa à cozinha externa, ela encontrou o lugar ideal para participar daquela explosão da natureza.

Deixando o vento trazer a chuva até o rosto, Sarah abriu os braços para receber a carícia das gotas grossas e incessantes que a molharam da cabeça aos pés. A risada espontânea e livre se mesclou aos sons da chuva e, por um longo tempo, ela se manteve ali, imóvel. Como uma estátua esguia emanando o prazer da liberdade, Sarah sentia-se viva e parte de um mundo sem repressões ou regras rígidas.

Subitamente, uma intuição inexplicável a alertou de que não estava mais sozinha. Alguém a observava e, apesar da silhueta indefinida pela escuridão, a postura era familiar. Quando o homem ficou de perfil, permitindo que Sarah distinguisse melhor suas feições, ela relaxou.

— Oh! É você, Philip! Não o tinha reconhecido, por isso me assustei. — Ela sorriu para disfarçar o embaraço. — Não resisti a essa tempestade tão...

— Pode ser perigoso ficar aqui fora. — Ele deu um passo à frente embora ainda se mantivesse oculto pela sombra do telhado do alpendre. — Acho melhor a senhorita entrar.

— Que bobagem! Eu adoro tempestades! Não quer apreciar comigo essa manifestação da natureza?

Como não recebesse uma resposta imediata, Sarah logo percebeu que tinha agido de modo imperdoável de acordo com os padrões sociais daquela região. Sem dúvida alguma, nenhuma dama sulina seria tão ousada a ponto de andar em casas estranhas apenas com um xale sobre a camisola nem convidaria homens pouco conhecidos para admirarem tempestades no meio da noite!

No entanto, ao ouvir-lhe o riso, Sarah relaxou. Ele não parecia ofendido com sua atitude pouco convencional.

— Eu também gosto de tempestades, mas esta não é a noite ideal para admirá-las. Além disso, a senhorita pode ficar resfriada.

— Outra tolíce sua! Eu jamais fico doente, Philip. E por que hoje não é a noite ideal?

Marcus, pois se tratava dele e não do dono da casa, mordeu o lábio sem saber que resposta dar aquela moça curiosa. Não devia ter falado nada que pudesse provocar perguntas indiscretas mas fora pego de surpresa e perdera a presença de espírito. A tempestade já era um problema bastante desagradável numa noite em que os fugitivos iriam chegar, mas uma jovem passeando pelos arredores àquela hora tornava a situação ainda mais difícil!

Ele soubera da chegada dos convidados e o motivo pelo qual haviam vindo de Boston. Achava excelente a idéia da construção de uma fábrica em Calvert Cypress e alegrara-se com a perspectiva de os negros encontrarem oportunidades melhores de trabalho. Agora, ao observar a jovem esguia e atraente, começava a suspeitar que talvez houvesse algo além de um simples negócio envolvido naquela visita dos ianques.

— A senhorita está enganada. Eu não sou Philip.

Marcus aproximou-se um pouco, mantendo uma certa distância para que a jovem não se sentisse ameaçada. Só lhe faltava ter nas mãos uma mulher histérica naquela noite já tão complicada!

— Oh! — Sarah observou-o com atenção. — Pois se parece muito com ele e sua voz também é bastante semelhante. Vocês são irmãos?

Aquela era a primeira experiência de Marcus com ianques que ignoravam as complexidades de um sistema baseado na escravidão. Com um sorriso irônico, fitou a jovem que o olhava sem medo.

— De um certo modo, somos irmãos. No entanto, o mais importante é que a senhorita saia dessa chuva.

— Qual é o seu nome? — perguntou Sarah sem se mover e continuando a olhá-lo com firmeza. „

— Marcus, senhorita.

— Você é um escravo?

Sarah não pôde evitar aquelas palavras embora soubesse o quanto estava sendo rude. Entretanto, a semelhança entre aquele homem e Philip era espantosa. Se não fosse a cor da pele, os dois poderiam ser gêmeos!

— Sim, senhorita... sou um escravo.

Marcus percebeu o choque estampado nas feições de Sarah e, apesar de seu esforço para não se sentir magoado, ressentiu-se com a possível repulsa que aquela moça vinda do norte devia estar experimentando. Para seu espanto, porém, a reação dela foi de total indignação.

— Como pode ser um escravo?!

— A vida é assim aqui no sul, moça. Será que não quer entrar e...

— Não consigo compreender! Como Philip pode permitir? É um absurdo.

— A decisão desses problemas não está ao alcance da vontade de Philip. — Marcus não pretendia perder mais tempo explicando os problemas de alforria de negros e os motivos de Charles nunca ter libertado seu filho mestiço. — A chuva está piorando...

Na verdade, a tempestade começava a amainar e logo os escravos ocultos nas moitas iriam sair de seus esconderijos para alcançarem a segurança das cabanas da senzala. Do lugar onde estavam, a passagem dos negros seria vista nitidamente pela jovem!

— Por favor, moça! Se alguém nos vir juntos aqui fora a esta hora da noite, eu terei sérios problemas!

— Oh! Desculpe-me! — Sarah lembrou-se de histórias terríveis sobre escravos que ousavam desafiar sua condição civil. — Não pensei nisso... Vou entrar agora mesmo, não se preocupe. E não direi a ninguém que o encontrei.

— Muito obrigado, moça... agradeço muito a sua consideração!

— Mesmo assim, continuo achando um absurdo essa situação e...

— Por favor, moça! Acho que vem vindo alguém!

Sarah percebeu a angústia do homem e deixou que ele fechasse a porta de vidro atrás dela, mas permaneceu ainda alguns segundos fitando aquele sócia de Philip.

Quando Marcus viu a silhueta feminina afastar-se, encostou na parede quase sem forças para se manter em pé. Apesar do vento frio, estava molhado de suor e pedia a Deus que a jovem de olhos curiosos e excessivamente inteligentes tivesse aceito sua explicação sobre os perigos de serem visto juntos. Por sorte, a moça não conhecia bem os costumes do sul para saber que um escravo jamais poderia vagar pela casa durante a noite. Restava-lhe rezar para que ela realmente não mencionasse o encontro a ninguém.

Ele só pensava nos homens escondidos atrás das moitas e no medo desesperado que estariam sentindo ao vê-lo conversar com uma mulher branca. O terror daqueles pobres fugitivos o fez esquecer os próprios receios e o anseio de se encontrar na segurança de sua cabana e dos braços de Ginny.

Marcus, no entanto, jamais cederia ao impulso de seguir o caminho mais fácil. Tinha consciência de que jamais existiria segurança sem liberdade.

Algum dia... em algum ponto de um futuro remoto, esse sonho impossível se tornaria realidade e então todos os negros teriam a paz de dormir sem pesadelos, de amar sem medo e de serem felizes.

CAPÍTULO XX

A frieza de Sarah mal foi notada por Philip. Tendo acordado de madrugada para verificar os consertos feitos no açude, ele ainda não conseguira um minuto de tranqüilidade para prestar atenção na jovem convidada. Além dos problemas habituais da fazenda, a impaciência de Josiah em iniciar imediatamente a construção da fábrica não estava lhe deixando tempo nem mesmo para tomar o café da manhã com a habitual serenidade.

A entrada de Rameses com um olhar assustado foi o ponto final naquele momento de sossego, onde se reuniam as energias para enfrentar o dia.

— Querem falar com o patrãozinho... São caçadores de escravos fugitivos.

Philip levantou-se da mesa do café com relutância, pois detestava aquele tipo de indivíduo, mas não havia como evitar. Foi para o alpendre mas não se dignou descer ao pátio, onde o aguardavam cinco homens a cavalo, mal vestidos e de aparência sinistra, acompanhados por vários cachorros perdigueiros.

— Desculpe interromper o seu café, senhor, mas soubemos que há um par de escravos fugidos por aqui.

— Não me diga! E quem lhes disse que eles estariam na minha propriedade?

— Bem... os negros foram vistos perto daqui e precisamos ver se é verdade...

— Rameses? — Philip chamou o escravo, continuando a uma boa distância dos recém-chegados. — Há algum negro estranho em nossa senzala?

— Ora! "Num" vi nenhum, patrãozinho. Se tivesse algum eu ia saber com certeza! "Num" tem mesmo!

— Vocês ouviram? Sinto não poder ajudá-los, mas não há estranho algum em Calvert Cypress.

O chefe do grupo cuspiu no chão, bem perto dos pés de Rameses e fitou Philip com insolência.

— Só porque seu negro disse que não tem nenhum? Acha que eu vou aceitar a palavra de um escravo?

Ao perceber que a situação ia se agravar, Rameses correu para dentro de casa, colidindo com Sarah que vinha para o alpendre, por ter ouvido as vozes alteradas através das portas de veneziana. Ela chegou em tempo de ver Philip descendo as escadas e se aproximando do líder dos caçadores de escravos.

— Não me importo com o que você aceite ou não! Os negros que está procurando não se encontram em minha propriedade, portanto não há motivo para que permaneçam aqui!

Os homens se entreolharam e fitaram o chefe à espera de uma decisão. Rubro de raiva, ele enfrentou Philip com ódio.

— Não precisa ficar nervoso nem mandar a gente embora! Nosso trabalho é caçar esses animais e temos direito de procurá-los aqui!

— Acho que não me ouviu bem. Eu disse que os quero fora das minhas terras... fora

daqui! Agora deu para entender?

— Deu, sim! Então é bem verdade o que dizem por aí... Philip Calvert não passa de um lambe-botas dos negros!

O suspiro de Rameses chamou a atenção de Sarah que, por voltar-se para fitá-lo, quase não viu o gesto rápido de Philip, que agarrou o homem de cima do cavalo e jogou-o ao chão. Antes de os companheiros do caçador de negros poderem ajudá-lo, Philip dobrou-lhe o braço como se fosse quebrá-lo enquanto o fitava com ódio.

— Tem coragem de repetir o que disse? Vamos! Eu quero ter certeza de que meus ouvidos não me enganaram.

— Nada! Eu não disse nada...

— Há algum motivo para sua presença em minhas terras?

— Não, senhor! Eu vou embora... solte o meu braço!

— Por acaso não vai se esquecer e voltar aqui para me perturbar outra vez?

— Não... solte o meu braço, pelo amor de Deus!

Philip largou o homem com um empurrão. A agitação chamara a atenção de todos e Davies, o feitor, já havia chegado com um grupo de cavaleiros armados, formando um semicírculo em volta dos intrusos, que saíram de cabeça baixa e muito rapidamente da propriedade dos Calvert.

A esta altura, Josiah e Charles tinham se juntado a Sarah no alpendre e todos comentavam a ousadia daqueles caçadores de escravos que não aceitavam a palavra de um homem de bem!

— Eu cheguei em tempo de vê-lo derrubar aquele miserável! — Josiah deu um tapa amistoso nas costas de Philip. — Não gostaria de ter perdido esta cena!

— Pois eu sinto ter perdido o controle, Josiah.

— Ora! Ele o provocou demais!

— O problema será saber quantos mais concordam com as atitudes desses miseráveis — interveio Charles em sua cadeira de rodas parada à porta da sala de jantar.

— O senhor queria que eu os deixasse revistar as nossas terras?

— Não, filho. Só acho que poucos brancos aceitariam como válida a palavra de um *negro* afirmando que não há outros *negros* escondidos na senzala.

— Eles tinham a minha palavra, isso devia bastar! O senhor sabe tão bem quanto eu que esses miseráveis aterrorizam escravos inocentes...

— Concordo plenamente com você, Philip. No entanto, eles fazem um tipo de trabalho que muitos consideram indispensável e não sei como essas pessoas irão interpretar sua falta de colaboração.

— Pois eu não vou perder nem um minuto de sono por causa dessas... *pessoas*! Que tal terminarmos de tomar nosso café?

O final da refeição matinal foi cheio de constrangimento e logo Philip desculpou-se afirmando que tinha problemas a resolver. Pela janela da sala, Sarah o viu afastar-se da casa ao lado de Marcus.

No final da tarde, quando Philip convidou Sarah para passear no jardim antes do jantar, ela já não demonstrou a frieza com que o cumprimentara de manhã. Interessada em tudo que se relacionasse com Calvert Cypress, ouviu a história daquela casa construída pelo primeiro Calvert que viera da Inglaterra há tantas décadas.

A luz mágica do crepúsculo inspirou a ambos para que contassem aspectos mais íntimos de suas vidas e encontrassem inúmeros pontos em comum. Gostavam de história, música e pintura, adoravam viajar pelo mundo e não tinham paciência com pessoas formais e afetadas.

— Não estou afirmando que todas as pessoas de Boston sejam hipócritas, é claro! — Sarah parou de caminhar um instante para admirar uma belíssima rosa amarela. — Todavia, dá-se ênfase mais à aparência do que à essência e eu penso de maneira radicalmente oposta. Jamais acreditarei que o modo correto de dobrar o canto de um cartão de visitas tenha alguma importância real na vida!

— Essa farsa ridícula de convenções sociais obsoletas também predomina aqui no sul.

Philip não admirava a beleza das rosas e sim o tom quase dourado dos cabelos castanhos banhados pelo sol poente. Tudo nela era diferente das beldades sulinas a começar pelo penteado, menos perfeito, que deixava mechas sedosas caírem livres sobre o pescoço

esguio. O vestido, embora de cor suave como convém a uma jovem solteira, tinha um decote ligeiramente mais audacioso do que seria permitido a uma garota. Todavia, os seios que surgiam entre as rendas eram os de uma mulher!

Num impulso, Philip colocou sua mão sobre a dela, que segurava o botão de rosa e, ao notar o olhar assustado de Sarah, tranqüilizou-a com um sorriso. Antes que ela pudesse protestar, quebrou a haste da flor e colocou-a entre a massa sedosa dos cabelos rebeldes demais para permanecerem presos num coque elegante e formal.

Perturbada pelo ligeiríssimo roçar dos dedos na pele de sua mão, Sarah quis evitar aqueles olhos azuis tão penetrantes e fechou os seus por um instante. Quando os reabriu, viu o rosto de Philip muito próximo ao seu.

— Sarah...

Involuntariamente, seus olhos se fixaram naquela boca sensual e ela notou, pela primeira vez na vida, os contornos dos lábios masculinos. Firme e emanando uma força vital, o lábio inferior era ligeiramente mais carnudo e Sarah viu-se muito perto de uma situação contra a qual não tinha defesas. Percebendo que sua boca ficara seca, passou a língua nos lábios tentando umedecê-los.

— Não faça isso, Sarah.

Ela sentiu o toque áspero roçando a pele macia de seus ombros. Eram mãos de um homem a quem o trabalho não amedrontava e, apesar de pertencer a uma elite, não se refugiava numa indolência feita de prazer e tédio. Como num sonho vago, ela lembrou da musculatura sólida quando o vira erguer um fardo de algodão, da graça felina e letal no instante em que derrubara o caçador de escravos do cavalo e todas as imagens se reuniram para formar a figura sentimental de um cavalheiro medieval.

Com os olhos fechados, Sarah flutuou por alguns segundos numa nuvem de ilusão e fantasia, instantes que separaram a expectativa de um beijo romântico e a realidade de lábios se tocando.

Sarah jamais havia sido beijada antes e, embora sentisse uma certa curiosidade sobre esse ato íntimo e afetuoso, sempre tivera certeza absoluta de que acharia esse contato extremamente desagradável. Nas raríssimas ocasiões em que poderia ter havido uma oportunidade, a vergonha e a culpa inspiradas pelas palavras de Gideon a faziam recuar e impedir essa liberdade inaceitável.

Com Philip não houve tempo ou espaço para receios ou permissões pois a boca que dominou a sua não forçou nem exigiu nada de imediato. Com uma lentidão sensual, ele foi aos poucos dissipando o choque do contato inicial e inesperado até sentir os lábios suaves cederem à pressão dos seus. Só então envolveu-a num abraço leve mas inescapável.

As mãos de Sarah se ergueram, pousando no peito de Philip, mas sua intenção não foi a de afastá-lo e sim um desejo incompreensível de tocar aquele homem que conseguira romper as barreiras erguidas ao seu redor. Através do linho muito fino da camisa, ela sentiu os contornos rijos do corpo masculino e uma curiosidade fascinada venceu sua vontade de resistir. Com um murmúrio inconscientemente sensual, Sarah entreabriu os lábios.

Philip não se iludiu, considerando a reação de Sarah como uma entrega, pois percebera a inocência completa daquela mulher de vinte e dois anos que sentia pela primeira vez o despertar da sensualidade. A inexperiência total daquela jovem o fazia sentir-se ainda mais responsável e cheio de ternura, pois tinha nas mãos uma pedra de raro valor e de seu talento dependia o brilho futuro daquela jóia. Contra sua vontade, voltou-lhe à mente a avidez de Daphne em resposta às suas carícias, ressaltando ainda mais a inocência de Sarah. Sem recuar ou permanecer passiva, ela aceitava e o acompanhava num ritual ainda muito primário do ato de amor. Mas sua atitude o fazia sentir-se seguro e em pleno controle da situação.

— Acho melhor entrarmos, querida — murmurou Philip, afastando-se e acariciando levemente o rosto erguido para ele com um olhar de espanto. — Já nos chamaram para o jantar.

A tímida surpresa de Sarah ao perceber o quão completamente se envolvera naquele beijo encheu Philip de prazer e ele sentiu-se tentado a beijá-la novamente para reafirmar a sensação de pureza daqueles lábios. No entanto, não era tão tolo a ponto de confiar num autocontrole que poderia subitamente se desfazer. Ainda não chegara a hora de iniciar Sarah nos prazeres mais profundos de um verdadeiro beijo que poderia trazer conseqüências indesejadas.

Os dois voltaram para casa em silêncio e conseguiram suportar a conversa geral do jantar, mas seus olhares se procuravam a todo instante. Essa necessidade de se fitarem não passou despercebida a Josiah ou Charles, que trocaram um sorriso de cumplicidade, nem por Marilee, que manteve uma expressão impassível mas sentiu uma alegria intensa pela amiga que jurara jamais se envolver afetivamente com homem algum.

O dia seguinte foi tão cheio de acontecimentos importantes que Philip e Sarah mal tiveram tempo de trocar duas palavras a sós.

No entanto não deixaram de sorrir encantados cada vez que suas mãos acidentalmente se tocavam ou seus olhos se encontravam.

Durante a manhã, assistiram à famosa corrida de Richmond e, depois do triunfo do cavalo de Calvert Cypress,— Philip levou Sarah para conhecer os outros fazendeiros que sempre compareciam a esse evento importante. Ele notou a curiosidade de todos a respeito da jovem vinda do norte e ficou aliviado ao ver que Sarah continuava espontânea, sem sequer perceber os olhares que a analisavam da cabeça aos pés.

Naquela noite, o baile tradicionalmente efetuado após a corrida foi oferecido por um primo dos Calvert, cuja mansão era uma das mais luxuosas da cidade. A notícia de que Philip maltratara o caçador de escravos já havia se espalhado e muitos o fitavam com censura e indignação. Contudo ele mal os notou, concentrado em acompanhar Sarah com olhares de admiração.

Mais uma vez, ela o surpreendera e sem dúvida também provocaria o espanto dos habitantes de Richmond. Sem dar-se conta dos costumes regionais sobre as cores ideais para jovens solteiras, Sarah usava um vestido de tafetá vermelho, que causou impacto imediato. Após a surpresa inicial, ele sentiu orgulho da coragem daquela jovem em desafiar tradições e só se lamentava do grupo de rapazes que a cercava, ávido pelas atenções da visitante do norte.

Para Sarah, aquela foi uma noite de encantamento, finalmente se convencendo de que era uma jovem bonita e capaz de atrair atenções. Dançou, conversou e riu sem por um instante deixar de perceber a figura alta e atraente que raras vezes se afastava dela. Todos os limites de uma vida cheia de repressões desapareceram para dar lugar à euforia de se sentir bela e desejada.

Todas as pessoas lhe pareciam simpáticas e a fama da hospitalidade sulina dava-lhe a impressão de ter sido subestimada. A perfeição daquele ambiente festivo raramente poderia ser imaginada por alguém no norte. Até seu pai sorria para Marilee com uma alegria indisfarçável, enquanto dançavam. Sarah jamais imaginara que Josiah sequer soubesse dançar!

Num intervalo da música, Philip colocou-lhe a mão na cintura e levou-a gentilmente até o jardim iluminado por centenas de lanternas. O brilho dourado entre as imensas magnólias criava um cenário de sonho e, quando ele a beijou novamente, Sarah não se surpreendeu. Entregou-se àquele contato terno que era o complemento ideal de uma noite romântica e inesquecível. Quando voltasse a Boston, seriam aqueles momentos que levaria em seu coração!

E ao ouvir Philip pedindo-lhe que se tornasse sua esposa, Sarah não pôde pensar em nada além de dizer-lhe sim!

CAPÍTULO XXI

A luz fria da manhã trouxe de volta a capacidade de raciocinar e Sarah reconsiderou, sem fantasias românticas, a enormidade do passo que havia dado. Teria mesmo aceitado a proposta de Philip sem sequer pensar no significado dessa decisão? Como concordara em mudar sua vida de um modo que violava completamente seus princípios? No entanto, assumira um compromisso que, apesar de precipitado, não poderia ser reprimido. Philip tinha se confessado surpreso diante da própria impetuosidade mas não parecia disposto a libertá-la de sua palavra a não ser por algum motivo muito grave.

A decisão de pedir Sarah em casamento, porém, não fora fácil de ser tomada por Philip.

Ele não costumava raciocinar ou usar o intelecto em assuntos sentimentais, preferindo confiar no instinto. Suas emoções lhe diziam que Sarah era a mulher ideal para ele. Entretanto, seria falsidade da sua parte não admitir algumas razões bastante concretas que o impeliam: estava sem esposa há muito tempo, William precisava de uma mãe e Calvert Cypress necessitava urgentemente de uma mulher com habilidades domésticas!

Philip não escondeu esses motivos de Sarah quando se encontraram na biblioteca no dia seguinte ao baile para discutirem um futuro em comum. Josiah e Marilee, apesar de não terem sido informados, perceberam a situação e saíram para um passeio a fim de dar aos dois jovens tempo e liberdade para conversarem a sós. Essa atitude demonstrava uma consideração gentil e Philip sentiu-se agradecido pois pretendia usar todos os argumentos possíveis para dissipar as dúvidas de Sarah.

Ela preocupava-se com as profundas diferenças em suas experiências de vida e temia que os problemas de culturas tão opostas fossem praticamente impossíveis de serem superados. Mas, a cada questão sua, Philip apresentava uma solução sensata, dissipando aos poucos as inquietações mais prementes.

Philip apenas não disse a Sarah que sua maior certeza no sucesso de um casamento entre eles vinha justamente do fato de existirem diferenças culturais tão grandes entre norte e sul. Sarah representava a segurança pois não havia nada nela que o fizesse recordar Daphne. Inconscientemente, dividia as mulheres em dois grupos: as beldades sulinas e as eficientes e racionais ianques, como acontecia já por gerações de homens e mulheres que acreditavam em tipos definidos e rígidos de comportamento social.

Daphne representava a indolência caprichosa, cheia de artifícios encantadores cuja sensualidade ardente o seduzira, subjugara e enfim vencera. Com apelos graciosos, pedidos sedutores ou crises temperamentais, a jovem beldade conseguira tudo dele até levá-lo à derrota final.

Em comparação, Sarah surgia como a personificação da segurança racional, estável e sem reações insensatas que fossem lhe causar surpresas desagradáveis. Uma mulher previsível, controlada e controlável era a companheira de que ele precisava para partilhar seu leito, educar William e dar-lhe outros filhos além de dirigir Calvert Cypress com mãos hábeis e acostumadas ao trabalho. Philip a desejava como mulher e não poderia almejar qualidades melhores em uma esposa.

Na mente de Sarah, a aceitação de um envolvimento tão sério quanto um casamento não se resumia a questões simples. A maioria de suas dúvidas não poderia ser elucidada por Philip pois nem ela própria conseguira definir onde residia a essência de sua repulsa ao matrimônio. Diante da determinação daquele homem, seus temores se tornavam ainda mais vagos e informes. O fato de sua mãe ter morrido de parto talvez a tivesse atemorizado, mas seria essa a verdadeira razão pela qual decidira que nunca iria se casar?

Tinha sido a admissão de um desejo jamais imaginado que a mergulhara numa profunda indecisão. O prazer provocado pelos beijos de Philip a obrigara a pensar nas outras intimidades partilhadas por um casal e então as palavras de Gideon voltavam-lhe à mente, destruindo o momento idílico daquele contato físico. Todavia, como relacionar os pensamentos pecaminosos inculcados pelo irmão com um gesto tão carinhoso?

Philip parecia ter nas mãos a chave que a livraria de uma prisão eterna. A suas perguntas ansiosas, contrapunha sempre uma resposta racional e tranquilizadora: era mesmo uma decisão repentina demais, eles tinham profundas diferenças de educação e ambiente cultural mas também partilhavam de inúmeros pontos em comum e ele jamais faria nada que pudesse magoá-la!

Se Sarah estivesse apaixonada por Philip em vez de simplesmente desejá-lo e admirá-lo, talvez sentisse medo por se tornar vulnerável às mágoas causadas pelo amor. No entanto, como a situação lhe parecia segura, tinha certeza de que não havia nada a temer.

Embora sua experiência nesse campo fosse bastante limitada, Sarah entendia que o amor era um sentimento destrutivo. Algumas mulheres se deixavam arrasar por circunstâncias às quais davam como desculpa o excesso de paixão por um homem que não as merecia. Outras se envolviam em situações desagradáveis e inescapáveis porque não acreditavam que houvesse outra opção em suas vidas a não ser o casamento. Suportavam maridos cruéis apenas por conveniência mas, acima de tudo, para sobreviver em um mundo predominantemente masculino.

Por sorte, Sarah não se enquadrava em nenhuma dessas duas condições e a argumentação serena de Philip foi mais forte do que suas objeções.

Quando Josiah e Marilee voltaram do passeio, Philip convidou o pai de Sarah para acompanhá-lo ao escritório onde pediu-lhe formalmente a mão de Sarah. Para sua surpresa, não recebeu uma resposta imediata.

Josiah seria cego se não tivesse percebido a atração entre os dois jovens e se alegrara com o fato. Mas agora, diante do fato consumado, muitos dilemas se cruzavam em sua mente.

Em primeiro lugar, não tinha a menor dúvida de que em breve estariam envolvidos numa guerra civil. Apesar de ocultar esta certeza de Philip, não acreditava que as profundas diferenças de opinião entre norte e sul pudessem ser resolvidas pacificamente. Esse tinha sido um dos motivos mais fortes para que ele apressasse a construção de uma fábrica na Virgínia, pois assim a guerra não o privaria da matéria-prima sulina quando o comércio fosse impedido pelas hostilidades militares.

No entanto, contrariando a opinião de Sarah que o julgava um pai indiferente, ele preocupava-se e muito com a segurança e a felicidade da filha. Jamais concordaria com uma situação que a colocasse em contato com a tragédia e o horror provocados por uma guerra. Contudo, também era de opinião que esse período crítico seria de curta duração, no máximo alguns meses, até que as duas facções recuperassem o bom senso.

Refletiu com cuidado sobre essas questões, ponderou sobre a situação de Calvert Cypress e fez algumas perguntas a Philip sobre seus planos para o futuro em relação à vida que poderia proporcionar a Sarah. Quando sentiu-se satisfeito a respeito de todos os detalhes que julgava importantes, avisou Sarah de que queria falar a sós com ela.

Os dois se encontraram na sala de música onde a jovem ficara esperando ansiosamente pelo resultado da conversa entre seu pai e Philip. Apesar da postura aparentemente calma, o rubor das faces indicava seu estado emotivo e ele a fitou por um longo tempo em silêncio, como se quisesse analisar cada nuance da expressão da filha. -

— Philip pediu sua mão em casamento.

— E o que lhe respondeu?

— Disse-lhe que não tenho nenhuma objeção e a resposta só depende de você.

Mais uma vez Josiah a surpreendera! Ela não esperava que o pai fosse se preocupar com seus sentimentos pessoais desde que considerasse o casamento como uma boa aliança.

— Seria excelente sob seu ponto de vista, não é?

— Sim, mas nós dois sabemos que um casamento não depende apenas disso. A decisão pertence apenas a você, filha.

— Bem... eu admiro Philip e...

— Fico feliz em saber disso porque ele também a considera uma pessoa cheia de qualidades.

A conversa estava tomando um rumo inesperado e Sarah não compreendia o motivo do brilho malicioso nos olhos do pai.

— Na verdade, nem sei por que ele me pediu em casamento.

— Deve ser pelas razões habituais, não acha? E você! Por que o aceitou?

— Eu não disse que o aceitei!

— Bem, então me enganei, pois tive a exata impressão de que vocês dois haviam chegado a um acordo.

— É... foi mais ou menos assim mas eu não sei nem por que o fiz. Talvez tenha sido a magia do sul, não entendo!

— Você o considera apenas um amigo?

— Gosto muito de Philip e o respeito como ser humano. — Sarah não mencionou que sua admiração crescera ao conhecer Marcus e saber que ele tinha um meio-irmão escravo.

— Como se sentiria se Philip fosse se casar com outra mulher?

— Ora! Não é bem esse o caso! Há alguma razão para que o senhor me faça essa pergunta?

— Philip precisa de uma esposa e, se não o aceitar, talvez ele procure outra mulher. Eu queria apenas saber se você se ressentiria com isso ou se realmente o considera apenas um... amigo!

— O senhor ficou viúvo e, apesar das expectativas gerais, não tornou a se casar. Seu exemplo não tem fundamento, pai.

— Para tudo há um tempo certo, filha. Para plantar, para colher... — Josiah ergueu-se, percebendo na expressão de Sarah o quanto a filha detestava quando ele se refugiava atrás de citações bíblicas. Por muito tempo, aquilo servira para substituir uma afeição inexistente mas já não era mais assim. — É o tempo certo para você? Quer mesmo casar-se com Philip?

Sarah fitou o patriarca severo que dominara sua infância e que ainda via como o causador da morte de Catherine. Seu futuro seria ao lado desse homem autoritário e sem fraquezas a não ser que ela escolhesse outro caminho para trilhar!

— Sim, pai. Eu quero mesmo casar-me com Philip.

A alegria de Marilee ao saber da novidade foi tão grande que parecia ser ela a própria noiva. Com entusiasmo entregou-se inteiramente aos preparativos. Ao ver a infinidade de detalhes relacionados a um casamento, Sarah percebeu que realmente passara grande parte de sua vida sem a preocupação da maioria das jovens com enxoval e outras futilidades!

A notícia foi enviada sem demora para Tia Louise, que imediatamente voltou de Charleston a chamado do sobrinho. Philip queria casar-se em menos de um mês, o que lhe deixava apenas três semanas para preparar um evento de proporções inimagináveis a um homem!

— É impossível, Philip! Não haverá tempo suficiente nem para fazer os convites! Você pode mudar a data porque...

No entanto, a velha senhora reclamava sempre e no final conseguia, com uma eficiência inacreditável, ter tudo a postos na data certa. Ela reconheceu em Marilee uma alma gêmea e juntas mergulharam num furacão de atividades.

— Vamos conseguir, Marilee! Mas só estou fazendo esse esforço por causa de Sarah, não de Philip! Ela também quer casar-se logo e isso é o mais importante para mim!

Tia Louise considerava Marilee muito mais apropriada para ser a futura senhora de Calvert Cypress não só pelas qualidades excepcionais de dona de casa, mas também pelo temperamento mais dócil e pela beleza meiga. Todavia, se Philip havia escolhido Sarah para esposa, nada mais era importante! A decisão do sobrinho foi aceita como um desígnio divino, e que ninguém ousasse fazer qualquer comentário pouco delicado diante dela.

Nem os olhares desconfiados dos amigos que se ressentiam com uma esposa vinda do norte, nem a preocupação dos escravos que temiam mudanças imponderáveis em suas vidas, iriam empanar o brilho do casamento!

Nas senzalas, Marcus foi o elemento pacificador, tranquilizando a todos a respeito daquela jovem diferente que viera do norte.

— Ela é uma moça boa, Ginny.

— Como pode confiar numa mulher branca, Marcus? Ela "num" pode ser melhor do que as outras!

O grande problema de Marcus era que ele não podia explicar a ninguém o verdadeiro motivo de sua confiança em Sarah. Não tinha revelado a Ginny que a jovem não o traía na noite da tempestade, mantendo em segredo aquele encontro accidental. Sarah também presenciara a chegada dos caçadores de escravos e ele não duvidava que logo aquela mulher inteligente iria ligar os dois fatos. Mesmo sem ter certeza absoluta, desconfiaria que ele ajudava escravos fugitivos. Isso significava que sua vida estava literalmente nas mãos de Sarah Mackenzie... Calvert!

— Ela veio do norte, é uma ianque, Ginny. Eles são do nosso lado!

— "Num" tem branco nenhum do lado dos negros! Eles só querem mandar a gente "pra" África! Sabe como é lá?

— Não sei nem quero saber, Ginny. Mas este país é grande, deve ter algum lugar "pra" gente!

Algun lugar, algum dia... Que desejo vago e inatingível surgia sempre nas asas de um sonho indefinido e irreal. A ânsia que corroía sua alma, todavia, era bem real e definida. Marcus sentia a liberdade dentro do peito como uma força viva, crescendo sempre à espera do momento de alçar vôo. Perdera a conta de quantas vezes tinha pensado em fugir. Com sua aparência e maneira correta de falar, ele passaria por branco em qualquer Estado do norte. Passes eram forjados diariamente e as moedas escondidas sob o colchão o levariam junto com Ginny para um mundo sem escravidão. Nem seu pai nem Philip jamais enviariam caçadores de

escravos atrás deles, portanto alcançariam o Canadá onde poderiam iniciar uma nova vida.

Sua desculpa para não seguir esse caminho era de que estava numa posição excepcional para ajudar os outros escravos fugitivos. Essa afirmação era em parte verdadeira, porém Marcus jamais revelara a Ginny que sentia-se ligado de modo indissolúvel a Calvert Cypress. Era o filho mais velho de Charles Calvert e, num mundo mais justo, seria o herdeiro daquela propriedade em vez de Philip. Por maior que fosse seu ódio pela escravidão, era ainda mais profundo o amor pela terra que o prendia ali com uma força que nem correntes e grilhões conseguiriam.

A futilidade absurda desse amor não deixava de amargurá-lo pois jamais chegaria a possuir um punhado daquela terra vermelha. Porém, a mera idéia de se afastar dali lhe partia o coração.

Em seus braços, Ginny dormia um sono agitado e ele tocou as cicatrizes causadas pelos castigos violentos nos anos em que ela estivera em Beauterre. Essas marcas jamais desapareceriam, mas talvez as cicatrizes no coração daquela mulher sofrida fossem esquecidas... em algum lugar, algum dia...

Se Marcus sonhava com a liberdade de um futuro distante, Sarah pensava no que iria perder muito em breve. Como o jovem negro, ela não alimentava muitas ilusões sobre a realidade. As condições de vida de uma mulher casada estavam longe de ser agradáveis.

Legalmente, uma esposa tinha tantos direitos quanto um escravo. Não podia votar, ser proprietária de nada, nem abrir uma conta num banco, assinar um contrato ou decidir onde queria morar. Em teoria, um escravo que fosse alforriado alcançaria uma série de direitos aos quais esposa alguma teria acesso. Após o casamento, ela passava do controle do pai para o do marido e, se ficasse viúva, tomar-se-ia responsável de algum parente do sexo masculino. Nem a lei nem a sociedade reconheciam o direito da mulher controlar seu próprio destino!

No entanto, Sarah pretendia colocar-se nessa situação pois sentira em Philip um mesmo anseio pela liberdade do ser humano. Sem a fantasia do amor romântico, as expectativas mútuas se tornavam bastante claras. Ele queria uma esposa que fosse uma aliada, uma companheira e não uma carga a mais em sua vida já carregada de responsabilidades. Ela desejava um marido que compreendesse sua necessidade de preservar a individualidade, o desejo de pensar e agir por si própria. Philip tomaria as rédeas da fazenda e Sarah dirigiria a casa: dois mundos unidos mas onde cada um deles manteria sua autonomia nos respectivos domínios.

— Não me julgue presunçosa, Philip, mas eu sempre tive uma cabeça bastante boa e pretendo continuar a usá-la. Se tivesse nascido homem, estaria tomando conta dos negócios de meu pai, mas como é impossível esse tipo de trabalho para uma mulher, preciso encontrar onde utilizar minhas capacidades... Não sou uma mulher ociosa.

— Creio que você irá encontrar uma infinidade de desafios como senhora de uma fazenda imensa como Calvert Cypress. Tia Louise poderá lhe explicar todos os detalhes pois não são conhecidos pela maioria dos homens. Só sei que ela é ocupadíssima e tem tantas responsabilidades ou mais do que qualquer fazendeiro!

Sarah já havia percebido a agitação de Tia Louise e, mesmo sabendo que o movimento da casa aumentara devido à proximidade do casamento, vira que muitas atividades eram rotineiras. Há poucos dias encontrara a velha senhora fazendo velas com banha de porco. Quando lhe perguntara por que não encarregava uma escrava dessa tarefa, Louise havia respondido que não era nada fácil conseguir um trabalho perfeito. Disposta a aprender, Sarah tinha ficado várias horas ajudando-a e, no final do dia, apenas um pequeno número alcançara a qualidade desejada.

— Por que vocês não comprem velas? É realmente um trabalho exaustivo e de resultados mínimos!

— Jamais compramos o que pode ser feito com o nosso trabalho. — A surpresa de Louise era de causar riso. — Procuramos ser auto-suficientes e nada é desperdiçado!

Ao mencionar aquele incidente a Philip, Sarah tinha tentado mostrar o desperdício de trabalho e o aspecto ligeiramente cômico daquela atividade para a qual não tinha o menor dom.

— Todo o mês de dezembro, nós matamos centenas de porcos e a gordura é usada para misturar na cera que usamos para fazer velas. Basta ter um pouco mais de prática, querida.

Sarah não acreditou muito nas palavras de Philip mas estava disposta a tentar. Pela

primeira vez, sentia-se uma pessoa útil, de quem outros iriam depender. Entre essas criaturas estava o pequeno William.

O garotinho não recebera muito bem a notícia de que tia Louise não seria mais a única a cuidar dele e reagira com frieza à aproximação de Sarah. Ela não tinha imaginado que fosse ser aceita de imediato mas também não antecipara aquela rejeição completa!

— Sei que é uma surpresa enorme para você, querido. Mas não deve se preocupar com nada pois teremos muito tempo para nos conhecermos melhor. Não pense em mim como sua mãe, se não quiser. Vamos ser apenas amigos, está bem?

William a fitou cheio de dúvidas mas fugiu do abraço de Sarah, que continuou conversando com ele, usando um tom de voz suave e baixo até sentir a tensão abandonar o corpinho frágil do menino.

— Podemos ser amigos, William?

Ele apenas sorriu e o coração de Sarah encheu-se de uma alegria inesperada. Quando o garoto escapou de seus braços para brincar com Esaú, seu escravo particular, ela notou nos olhos de Philip uma expressão que não vira antes.

— Você tem muito jeito com crianças, Sarah.

— Eu nunca tive contato com nenhuma mas...

— É um dom instintivo e parece-me que inexperiência não lhe faz falta alguma nessa área!

Conhecendo-a melhor a cada dia que passava, Philip começava a se perguntar se Sarah seria mesmo tão hábil em tudo o que fazia mesmo sem ter experiência. Com ansiedade, passou a esperar a noite de núpcias.

No início, acreditou que sua impaciência se devia ao fato de estar há longo tempo sem ter uma mulher mas já não podia mais se iludir. Era Sarah que ele desejava! Aquela jovem mulher ingênua e cheia de orgulho, doce e pronta a lutar por suas idéias, despertara nele um anseio inesperado. Queria acordar na sensualidade adormecida de Sarah o mesmo impulso que o atormentava... Porém, essa sua atitude o assustava.

Tinha jurado a si próprio nunca mais se envolver num relacionamento como o que tivera com Daphne. O desejo podia se tornar uma arma perigosa e até mesmo fatal nas mãos de uma mulher inescrupulosa. Por mais que afirmasse a si mesmo que Sarah jamais agiria assim, temia estar errado!

CAPÍTULO XXII

Quantos metros de cetim, seda, rendas e fitas foram utilizados no vestido? Quantas pérolas minúsculas e flores de laranjeiras foram bordadas no tule do véu?

Sarah perdeu a conta das inúmeras horas passadas no quarto de costura onde três modistas de Richmond orientavam com seu talento criativo as dezenas de escravas que se esmeravam na confecção de um vestido de noiva cujo efeito seria insuperável!

Quando finalmente no dia do casamento se mirou ao espelho, não reconheceu a figura romântica que parecia ter saído de algum conto de fadas lido na infância. A impressão final daquela profusão de pérolas e tecidos preciosos era a de uma feminilidade frágil e etérea, a verdadeira imagem de um sonho.

Sarah tinha permanecido toda a manhã desse dia especial entregue aos cuidados de Callie e Augusta, que a fizeram passar por todos os habituais artifícios com que as beldades sulinas acentuavam sua beleza natural. Banho de leite perfumado com pétalas de rosas, óleos aromáticos para tornar a pele mais macia, cabelos lavados com suco de limão e secos com lenços de seda para dar-lhes mais brilho eram artifícios totalmente desconhecidos por uma jovem mais acostumada a dirigir uma casa do que a perder horas em cuidados supérfluos!

Quando Marilee lhe colocou o véu bordado com minúsculas pérolas e preso ao alto da cabeça por uma pequena coroa de rosas brancas, a imagem da noiva irradiando felicidade se tornou completa!

— Você está maravilhosa, Sarah querida. Nunca vi uma noiva tão linda!

— É verdade, "dona menina"! O patrãozinho Philip vai se tornar o homem mais feliz do mundo quando enxergar a noiva dele!

Callie fitava a nova senhora com um olhar afetuoso. Como todas as outras escravas, estava usando um vestido novo de algodão e os homens haviam recebido calças e camisas novas. Os escravos da lavoura teriam o dia livre para festejar o casamento de seu senhor, mas aos escravos domésticos não seria permitido esse descanso no entanto, receberiam moedas de prata como prêmio pelo dia de intensa atividade.

Aliás, o trabalho não seria pouco pois desde o início da manhã os convidados haviam começado a chegar em grupos ruidosos. Quando vira a lista feita por tia Louise, Sarah se surpreendera com o número de pessoas que viriam a Calvert Cypress para o casamento.

— Há alguém em toda a Virgínia que não foi convidado?

— Espero que não, querida! — exclamou tia Louise, aflita. — Não gostaria de ferir a sensibilidade de ninguém!

Tinham sido enviados duzentos convites, mas sabia-se que compareceria o dobro de pessoas. Sempre havia inúmeros hóspedes nas fazendas das famílias que viriam ao casamento. Pela quantidade de presentes expostos na sala de visitas, Sarah imaginou que haveria muito mais do que quatrocentas pessoas presentes à cerimônia. Ela jamais vira tanto cristal, prata e porcelana inglesa reunidos num só cômodo.

Josiah presenteara Philip com dois magníficos cavalos puro-sangue para puxar a belíssima carruagem com o escudo dos Calvert, uma pretensão que fora severamente criticada por Sarah. Brasões eram prerrogativas apenas de nobres e não existia nobreza num país democrático como os Estados Unidos! Philip foi menos rigoroso com o sogro, compreendendo a emoção daquele homem que criara uma fortuna através do próprio esforço ao ver a filha casar-se com uma ilustre família sulina.

Para a filha, Josiah mandara buscar um belíssimo colar de pérolas cinzentas que viera por encomenda do mar do Japão, além de um camafeu que pertencera a Catherine. Junto com esse presente, chegara uma carta de Gideon que irritara Josiah a ponto de jogá-la na lareira. Sarah não chegara a saber o conteúdo daquela missiva, mas havia percebido, pelo silêncio preocupado do pai, que o filho o aborrecera profundamente com algum comentário sobre o casamento. Apenas Marilee conseguira se comunicar com ele e, aos poucos, lhe amenizara o mau humor. Afinal, o pai da noiva deveria sorrir naquele dia tão importante!

Nathan também escrevera, mas enviara sua carta a Sarah, manifestando o desejo de conhecer o homem que tinha conquistado o coração de sua irmã, embora achasse aquela decisão muito repentina. Ela não conseguira conter as lágrimas diante das palavras meigas do irmão caçula e Philip prometeu que mandaria buscar o jovem para passar uma longa temporada em Calvert Cypress.

Diante de tantos parentes de Philip, Sarah tinha apenas Marilee e Josiah. Quando o pai veio buscá-la para conduzi-la ao altar, tentou não analisá-lo com muita severidade. Como todos os outros homens, ele estava vestido formalmente com as roupas usadas pelos cavalheiros sulinos em ocasiões solenes e sentindo-se pouco à vontade.

— Oh, Josiah! Como você está atraente! — exclamou Marilee ao vê-lo com roupas de gala.

Ele enrubesceu tanto quanto a jovem que falara num impulso e logo se arrependera por ter feito um comentário tão pessoal. Sarah os fitou perplexa, pois percebeu que a amiga realmente achava seu pai um homem atraente, uma possibilidade que jamais lhe viera à mente. Todavia, não houve tempo para nada mais, pois Augusta os chamava ansiosa para que a noiva saísse do quarto a fim de se iniciar a cerimônia.

Os primeiros acordes da *Marcha Nupcial* soaram quando Sarah começou a descer a escadaria. No saguão, Marilee e Kitty saíram na frente da noiva, pisando sobre as pétalas de rosas espalhadas pela linda garotinha loira, filha de Kitty.

Sarah atravessou o gramado sem sequer distinguir as feições dos convidados ao lado da ala que se abria diante dela. Percebia apenas a figura indistinta de Peter Rider, o padrinho, e do reverendo Donnelly, que a fitavam do altar improvisado sob um dossel de rosas. Toda a sua atenção se concentrava em Philip!

Ela pensava vagamente que estava se comportando como qualquer noiva tola e sentimental. Seu coração disparara ao ver o noivo à sua espera. Marilee achara Josiah atraente e essa designação lhe parecia fraca demais para descrever Philip Calvert! As feições aristocráticas, de uma dignidade orgulhosa, não eram apenas bonitas nem a postura ereta daquele corpo forte e bem proporcionado era apenas fascinante.

Ali estava um homem que emanava segurança, autoridade e força, alguém que sabia exatamente quais eram os seus objetivos e como atingi-los. Quando os olhos azuis fitaram a jovem que vinha em sua direção, transmitiram-lhe uma mensagem misteriosa e mágica que provocou uma onda de alegria profunda na noiva.

Ao notar que a expressão de felicidade no rosto do noivo tinha sido provocada por ela, Sarah rezou para não desapontá-lo nunca.

A cerimônia se passou num sonho do qual ela guardou apenas algumas impressões: o toque frio do ouro da aliança, o calor da mão de Philip ao colocá-la em seu dedo, as vozes que repetiam os votos sagrados... Quando ele ergueu o véu para beijá-la ligeiramente nos lábios, Sarah ficou trêmula como qualquer noiva profundamente apaixonada. Aquele toque simbólico era o prenúncio de uma nova vida que, tão logo o sol se pusesse no horizonte se iniciaria na intimidade do quarto.

O tempo conseguia ser tão caprichoso quanta o destino e a ordem metódica de um relógio desaparecia diante da realidade. Ninguém ignorava como os minutos podiam correr ou se arrastar como horas e até mesmo se imobilizar por longos períodos!

O céu apresentava-se muito azul naquela tarde de primavera perfumada pelas centenas de botões de magnólias. Nos gramados extensos de Calvert Cypress, os convidados misturavam as cores brilhantes de seus trajes luxuosos com a modéstia incomparável das rosas. O cenário era perfeito mas, para Sarah, o tempo se imobilizara por completo.

Ela conversou, sorriu e dançou, tendo apenas uma vaga noção do que dizia ou ouvia. Os únicos momentos reais eram quando Philip a tomava nos braços e ambos se moviam como um só corpo ao som romântico das valsas tocadas pela orquestra vinda de Richmond. Apenas nessas frações de segundo Sarah tinha noção de si própria. Durante o resto do tempo, nada parecia ter o menor sentido. Apesar de rodeados por centenas de convidados, ela e Philip poderiam estar sozinhos no mundo!

Essa absorção completa dos noivos não passou despercebida a ninguém, mas todos sorriam por presenciar aquele estado de felicidade tão raro e, infelizmente, tão curto na maioria dos casos. Os sorrisos indulgentes nem sequer foram notados pelo casal fechado em seu universo próprio.

Pela primeira vez desde que aceitara o pedido de Philip, Sarah sentiu medo. Nunca imaginara que algum dia seria capaz de ignorar tudo à sua volta, presa ao fascínio de uma voz, um olhar, um sorriso. Além do temor criado por essa vulnerabilidade, havia a ameaça da realidade que logo retomaria o controle de tudo. O sol voltaria a seguir seu caminho em direção do horizonte, a noite viria e então os dois ficariam completamente sós.

Sarah ansiava e temia esse momento pois toda a euforia daquelas horas de festa não podia ser seguida por uma grande decepção! Ao mesmo tempo que sabia ser a sua função de esposa e que deveria se submeter sem revolta, temia admitir que desejava descobrir os segredos daquele ato. Só enfrentando o misterioso encontro entre um homem e uma mulher, ela poderia aceitar seu dever e levar adiante a vida.

Finalmente o sol terminou seu lento percurso e mergulhou no horizonte, colorindo a multidão festiva de tons dourados. Uma lua pálida surgiu das águas do rio James e Sarah aceitou mais uma taça de champanhe, certa de que seria a última e poderia dar-lhe mais coragem.

Quando Marilee murmurou ao seu ouvido que chegara a hora de sair do jardim, Sarah ergueu-se, muito pálida, e viu o olhar de Philip pousado sobre ela, cheio de expectativa.

Callie a esperava no alto da escadaria para levá-la ao apartamento que passaria a partilhar com Philip. Sarah não havia entrado naquele quarto essencialmente masculino onde uma enorme cama de mogno dominava o ambiente austero. Seus vestidos haviam sido pendurados nos armários e o jogo de escovas com cabo de marfim que Kitty lhe dera já se encontrava ao lado dos de Philip sobre a penteadeira.

A jovem escrava ria sem timidez enquanto desabotoava as minúsculas pérolas que fechavam o vestido de Sarah. A quantidade de rum consumida por Callie fora um tanto excessiva e, por esse motivo, ela se mostrava muito mais falante do que de costume.

— Que camisola linda, "dona menina"! Mas "num" vai usar muito tempo, "num" é?

Sarah evitou dar qualquer resposta pois a cada degrau que subira, seus temores haviam crescido. A euforia da festa, a agitação dos preparativos tinham ajudado a manter bem afastadas as preocupações que só surgiam muito esmaecidas em alguns momentos mais

lúcidos. Agora, não havia como escapar de um fato desagradável sem o adorno de fantasias românticas. Logo Philip chegaria, a encontraria vestindo uma camisola transparente e provocante, esperando-o... para quê?

Subitamente, uma onda de revolta tomou conta da noiva meiga e dócil. Afinal, ela não era uma ovelha sendo conduzida ao sacrifício e se recusava a assumir uma atitude de submissão!

— Pode deixar que eu me visto sozinha, Callie!

— Mas...

— Eu preciso ficar sozinha, entende? — Ao ver a expressão mortificada da jovem, Sarah foi menos rude. — Você não fez nada errado mas eu quero ter alguns minutos para pensar.

— Ah! Eu entendo, sim! Mas a menina não precisa ter medo do patrãozinho, ele é um homem bom, "num" vai...

— Eu sei, Callie. Eu sei! Só que... é uma situação muito nova e diferente...

— Lógico! Eu também fiquei nervosa quando o Benny... — Callie interrompeu-se, assumindo uma expressão séria. — Já sei! Tem uma coisa que vai ajudar a menina.

— Que coisa?

— A tia Augusta fez uma poção! Eu "num" ia dar nada que fizesse mal à menina, não é? A tia já deu essa poção "pra" tantas noivas e elas todas ficaram menos nervosas!

Callie saiu correndo do quarto, deixando Sarah numa dúvida cruel. Devia aceitar aquela bebida misteriosa? Ou seria ainda pior deixar Philip encontrar uma noiva tensa e prestes a fugir da menor carícia? Afinal, a noite de núpcias pertencia aos dois e nada que Augusta fizesse iria provocar-lhe algum mal!

Sarah aceitou o líquido cor de âmbar que Callie lhe trouxe numa taça e reconheceu o sabor de canela, rum, açúcar e algo que não conseguia identificar.

— Como devo me sentir depois de ter bebido?

— Ah! A menina vai ficar relaxada, sem medo dê nada! Ela ainda estava olhando para a taça quando Callie sentou-a diante da penteadeira e soltou os longos cabelos castanho-dourados.

— Hum! Acho que já está fazendo efeito, Callie. Parece que não sinto mais nenhuma ansiedade, nem medo...

— Eu "num" disse? Agora só falta escovar esse cabelo "que nem" seda... Ah! o patrãozinho vai adorar esse cabelo macio...

Sarah deixou-se guiar pela jovem até a cama e nem a viu sair. O quarto parecia estar quente, e os travesseiros macios e, os lençóis tinham um aroma suave de lavanda, eram como seda de encontro à pele. Entretida com as sensações físicas muito novas e inesperadas, Sarah só percebeu a entrada de Philip no quarto quando ele já estava bem próximo da cama.

Ele conseguira escapar dos amigos com a ajuda de Peter Rider, evitando que todos o acompanhassem até a porta, fazendo uma algazarra que sem dúvida aterrorizaria a noiva. Entrara silenciosamente no aposento iluminado apenas por duas velas e vira o vulto indistinto de Sarah na cama envolta pelas sombras. Mas, ao aproximar-se, teve a agradável surpresa de encontrá-la sorrindo para ele.

Quando iria aprender a adivinhar as reações inesperadas daquela jovem? Ao vê-la subir, percebera a expressão tensa e o olhar ansioso e imaginara que encontraria uma noiva nervosa e atemorizada. Tinha se determinado a tratá-la com cuidados especiais apesar do desejo crescente, mas a criatura que o fitava era uma mulher madura e pronta a se entregar ao amor!

— Sarah... você está bem?

— Lógico! Estou ótima... não deveria estar?

— Sim, é claro que devia...

Philip aproximou-se mais, com passos lentos e cautelosos, mas Sarah continuava sorrindo contraída. Então ela sentou-se na cama e os lençóis escorregaram, deixando à mostra o corpo coberto pelo finíssimo algodão da camisola. Sem perceber o efeito, Sarah ergueu-se mais, evidenciando os seios rijos cujos mamilos se delineavam como flores rubras no tecido semitransparente.

Quem ficou tenso e nervoso foi Philip, que sentiu dificuldades em respirar normalmente. Com gestos bruscos e pouco coordenados, ele começou a despir-se, de costas para Sarah, num súbito acesso de timidez geralmente reservado às noivas.

— Pensei que você estivesse nervosa, querida.

— Oh! Eu estou e muito!

— Pois não parece.
— É porque... — Sarah hesitou, temendo revelar um segredo que poderia complicar a situação de Callie e Augusta. Todavia, não podia iniciar sua vida de casada sem usar a mais completa honestidade com o marido. — Eu tomei algo... uma bebida.
— Está falando das inúmeras taças de champanhe.
— Não! Uma poção que Augusta fez para mim.
Philip parou de desabotoar a camisa e virou-se para fitar a esposa.
— Por acaso é um tônico com gosto de canela e rum?
— Exatamente! Você também tomou um pouco?
— Não, querida... — Ele fez um esforço supremo para controlar o riso. — Esse tônico realmente a ajudou a ficar menos tensa?
— Eu acho que sim... — Sarah fitou o peito nu do marido e inconscientemente suspirou de expectativa. — Pelo menos, não estou nem um pouquinho nervosa agora.
Philip terminou de despir-se enquanto agradecia mentalmente à inspiração de Augusta. Há anos a velha escrava oferecia seu tônico a noivas nervosas, brancas ou negras e até mesmo a alguns noivos e o efeito nunca falhara. Ninguém jamais soubera quais eram os ingredientes daquela poção misteriosa mas Philip supunha que não havia nada mais efetivo do que a pitada do único afrodisíaco existente naquela região: a pimenta *caienne*.
Augusta jamais poderia imaginar quantos casamentos felizes se deviam àquela primeira noite sem traumas ou lágrimas! Graças aos cuidados de sua "mãe preta", Philip poderia ter uma verdadeira noite de núpcias. Além disso, o gesto da velha escrava também significava o quanto ela aprovava aquela jovem sem vaidade e de personalidade marcante que seria a nova senhora de Calvert Cypress. Um pensamento involuntário e perturbador veio à mente de Philip pouco antes de procurar o calor do corpo da esposa. Por que Augusta não oferecera o tônico a Daphne? Teria sido por não simpatizar com a jovem ou porque percebera que ela já descobrira a sensualidade sozinha?

CAPÍTULO XXIII

Muitos homens acreditavam na cômoda teoria de que o prazer sexual não fazia parte integrante da natureza feminina. Philip jamais aceitara essa opinião, pois julgava que a passividade das mulheres se tratava apenas de indiferença. Ele nunca desejara tanto que uma jovem sentisse prazer de ser amada como agora; queria despertar em Sarah a mesma volúpia que sentia ao possuí-la.

No entanto, estava encontrando uma série de dificuldades porque cometera o terrível engano de comparar as reações da garota inocente e ingênua com a malícia sensual de Daphne. A primeira esposa o surpreendera com sua incrível facilidade de atingir o orgasmo e, no início do relacionamento, ele se orgulhara por ter sido o responsável por essa sensualidade à flor da pele. Só algum tempo depois, analisando certas atitudes desinibidas de Daphne, percebera que ela, embora virgem, já havia trilhado os caminhos do prazer.

Sarah nem sequer imaginava o que havia ao seu alcance no mundo das sensações e ele estava em dúvida de como mostrar-lhe uma satisfação sem repressões. Nos olhos cinzentos, ele via um brilho de desafio que o provocava a provar-lhe a existência de emoções sem controle. Ao mesmo tempo, ele temia um excesso de ardor que tivesse o efeito oposto ao desejado.

Momentos antes, Philip a tomara nos braços, acariciando-a com uma ânsia crescente que a descontração causada pelo tônico de Augusta só ajudara a aumentar. Todavia, quando a penetrara, a dor se mostrara mais intensa do que os efeitos da poção e Sarah se debatera para afastá-lo dela. Imóvel, tinha esperado até a resistência à violação daquele corpo virgem cessar e só então vira o brilho das lágrimas no rosto pálido da esposa.

Consciente de ter sido impulsivo demais, levado por uma descontração apenas superficial de Sarah, Philip demonstrou seu arrependimento beijando aquelas gotas cristalinas que haviam lhe dissipado a expressão de prazer na fisionomia. Quando sugou a última marca de sofrimento, sentiu que o corpo jovem e inexperiente se movia de encontro ao dele, procurando agora uma outra forma de contato.

— Você é tão doce que suas lágrimas têm gosto de mel, Sarah querida...

Com movimentos lentos, Philip procurou levá-la junto com ele em busca do êxtase e, aos poucos, ela ajustou-se ao ritmo milenar do amor. Todavia, o autocontrole não foi suficiente pois ele a desejava já há tantos dias que não pôde esperá-la para alcançarem juntos um clímax mútuo.

Repousando a cabeça na maciez dos seios de Sarah, Philip esperou algum tempo antes de reiniciar as carícias ousadas que a faziam enrubescer e ao mesmo tempo suspirar de prazer.

— Você não está cansada, querida?

— Não.

— Tem certeza?

— Lógico. O tônico de Augusta...

— ... é uma farsa!

— Como?

— Não há nada naquela bebida além de rum, canela e algumas outras especiarias. Não fique aborrecida com isso, pois não foi a primeira noiva que acreditou nos efeitos fantásticos dessa poção milagrosa.

— Não é possível! Então como eu pude me sentir como se não...

— Sentir-se como, querida?

Sarah cerrou os lábios, obstinada, e só os reabriu para protestar quando Philip recommençou a acariciar seus mamilos eretos.

— Não faça assim!

— Por que não? Há poucos minutos você gostou e até pediu mais.

— É mentira! Foi tudo por causa do tônico e agora eu...

— As sensações vieram de seu próprio corpo, querida, não da bebida. — Ele tomou o mamilo nos lábios e começou a sugá-los com avidez.

— Não! Eu não quero que você me toque assim.

— Sarah querida! Até agora, você tinha a desculpa de sentir prazer porque se julgava defendida por uma bebida milagrosa. Deixe suas emoções virem à tona, liberte-as...

Sarah não costumava se iludir e admitiu que o tônico a livrara da responsabilidade de assumir os desejos urgentes de seu corpo. Tinha podido se abandonar à paixão sem sentir-se culpada e agora não havia mais como ocultar a própria sensualidade atrás de um pretexto que a tranquilizasse. No entanto, Philip não lhe permitiria recuar!

— Você me deseja, Sarah, e eu a desejo. Não há nada errado ou pecaminoso no sexo entre dois seres que se sentem atraídos e querem se unir num ato de completa fusão...

As mãos de Philip percorriam o corpo de Sarah, despertando nela sensações ainda mais intensas do que as sentidas sob o efeito ligeiramente atordoante do tônico. Ele não conseguia esconder a euforia de saber que a conduzia e a dominava.

As inúmeras noites passadas nos bordéis de Richmond e Princeton o ajudavam agora a despertar a esposa para a paixão. Conhecia o corpo dela muito melhor do que a própria Sarah e sabia exatamente como levá-la até um auge de delírio que afastasse toda a inibição e todas as censuras de uma educação puritana. Usou até o último artifício para envolvê-la numa volúpia incontável.

Quando Sarah ouviu seu próprio gemido de prazer, sentiu um início de vergonha logo dissolvida pela intensidade do delírio. Dentro dela, uma flor entreabria as pétalas, em busca do sol, uma força ainda sem nome, avolumando-se até tomar conta de todo o seu ser. Um momento antes, entreabriu os olhos e viu as feições de Philip onde a ternura fora substituída pela força viril do desejo e então ambos mergulharam na escuridão densa, onde um vento violento e primitivo os arrastou para longe do mundo que os cercava.

A cama estava vazia e o lugar de Philip muito frio quando Sarah acordou. Sem dúvida, ele já tinha se levantado há horas e a deixara descansar. Ao lembrar do motivo pelo qual não fora despertada, enrubescer e envergonhou-se ainda mais ao perceber que estava nua sob os lençóis.

Mas Sarah não era do tipo de mulher que se perdia em conjecturas inúteis. Nunca pensara em se casar, tinha jurado que se recusaria a se submeter aos caprichos de um homem e, no entanto, o fizera. Tinha um marido e partilhara com ele alguns momentos de intenso

prazer, portanto não iria agir como uma virgem chocada!

Quando Callie entrou no quarto, ela já estava com um roupão de seda, começando a escovar os cabelos.

— Que horas são, Callie?

— Meio-dia, "dona menina". Eu trouxe um bom café da manhã pra "menina" se alimentar bem.

— Meio-dia? Por que não me acordou antes?

Sarah ficou revoltada por terem deixado que ela dormisse até tão tarde! Aquele era seu primeiro dia como senhora de Calvert Cypress e ela dera um belo exemplo de indolência. O que iria tia Louise pensar da preguiçosa esposa de Philip? Será que todos sabiam o motivo da exaustão que a fizera perder a hora?

Callie sem dúvida sabia pois não parava de rir enquanto a servia de café e croissants quentinhos.

— "Num" se preocupe, "dona menina". Ninguém imagina que uma noiva acorde cedinho. O patrãozinho Philip mandou deixar a menina dormir o quanto quisesse!

— Onde está ele, Callie?

— O patrão? Ora, já "tá" no campo e só volta no pôr-do-sol. O casal nem sequer tinha mencionado a possibilidade de uma lua-de-mel. Ela compreendera sem necessidade de explicações que Philip não queria repetir nada que o fizesse lembrar as experiências partilhadas com Daphne. No entanto, não imaginara que ele fosse voltar ao trabalho logo no dia seguinte ao casamento. Não podia reclamar, porém. Nenhum dos dois pretendia iniciar um relacionamento baseado em farsas hipócritas: não havia paixão mas, por muita sorte, existia o desejo!

— Pegue o meu vestido cor-de-rosa, Callie. Não vou passar o dia inteiro no quarto, e de camisola. Não sou uma inválida nem estou doente!

— Mas, "pâtroazinha"... descanse mais um dia...

— Nada de desculpas, Callie! Tenho muito a aprender até conseguir ser uma verdadeira fazendeira e quanto antes eu começar, melhor será!

Meia hora mais tarde, Sarah foi ao encontro de tia Louise, que não escondeu sua surpresa ao vê-la vestida e fora do quarto antes do final do dia.

— Oh! querida... eu não a esperava tão cedo. Imaginei que só desceria na hora do jantar!

— Acho até que já é um pouco tarde para vir ajudá-la. Planejou alguma tarefa especial para hoje?

— Eu... tarefa? Bem, sempre há um número incrível de tarefas, querida, mas nada que deva preocupá-la. Vamos limpar tudo que foi usado na festa, os cristais, as pratas, as toalhas... Só que você não precisa fazer nada.

Sarah estava hesitante quanto à atitude que deveria tomar. Louise fora a única senhora de Calvert Cypress por mais de vinte anos e talvez não estivesse disposta a ceder essa posição de mando a uma jovem esposa. Ela não queria agir de modo a ameaçar a autoridade daquela senhora gentil mas também não pretendia ser apenas uma hóspede bem recebida na casa do seu marido.

— Não tenho intenções de ofendê-la, tia Louise. No entanto, eu quero mesmo ajudar e participar dos trabalhos da casa!

A velha senhora fitou Sarah com a mesma hesitação demonstrada pela jovem momentos atrás, pois também não sabia como agir. Nunca se casara e imaginava a noite de núpcias como algo torturante e arrasador. Entretanto, sua nova sobrinha parecia estar extremamente bem disposta, provando que não passara por nenhum trauma debilitante. Mesmo não tendo experiência conjugal, ela vira inúmeras outras jovens esposas que, ao contrário de Sarah, haviam se mostrado chocadas e aterrorizadas com as atitudes do marido. Essa moça ativa só lhe dava a impressão de ter a segurança de alguém que enfrentara um enorme desafio e saíra vencedora!

— Está bem. Se você realmente se sente capaz de agüentar uma tarde de trabalho, eu lhe agradeço a ajuda e você nem sabe quanto, querida! Fico numa posição difícil pois não quero que se sinta sobrecarregada como se eu estivesse empurrando todas as responsabilidades sobre seus ombros. Contudo, tudo o que você quiser aprender eu lhe

ensinarei como se estivesse fazendo para minha própria filha!

Após a noite de núpcias, Sarah Calvert iniciou sua nova jornada. À noite, descobria nos braços de Philip um lado de seu temperamento que jamais suspeitara existir na escuridão do quarto. A disciplina austera se dissolvia, liberando a criatura sensual. Ainda não conseguira suprimir certas inibições e algumas autocensuras mas sempre se entregava com abandono à paixão.

Durante o dia, trabalhava ao lado de tia Louise, descobrindo que a famosa indolência da mulher sulina era um mito absurdo! Também chegou à conclusão de que sua concepção de trabalho pesado não passava de brincadeira de criança! Logo percebeu que os homens, sob a autoridade suprema de Philip, cuidavam da plantação, desde o plantio até a colheita, e da colocação do produto no mercado. As mulheres porém eram responsáveis pelo resto e isso incluía literalmente *tudo*!

As roupas que vestiam trezentos escravos eram confeccionadas, o tecido inclusive, em Calvert Cypress. Até os sapatos, um par a cada semestre para todos, devia ser produzido na fazenda. Leite, carne de porco e milho tinham de ser divididos e distribuídos em quantias diárias, acompanhadas de verduras e uma fruta a cada cabana da senzala. Acidentes, doenças e partos dos escravos eram atendidos pela senhora da fazenda, que mal encontrava um segundo para respirar!

Não havia tempo para pensar em descanso. Quando Sarah não estava na horta, supervisionando o plantio das verduras que seriam servidas em todas as refeições, ou verificando o preparo da manteiga e do queijo ou cerzindo meias, estava verificando quais os tapetes a serem lavados, os gansos a serem depenados para que suas penas fossem usadas em novos travesseiros e acolchoados, as conservas das frutas e legumes da estação a serem colocadas em vidros e guardadas na despensa. Não se tratava apenas de supervisionar os escravos domésticos, pois havia uma parcela bastante pesada que lhe cabia, árdua a ponto de não lembrar-se à noite de como o dia havia começado.

Nem por um momento arrependimento ou infelicidade a perturbavam. Após o choque inicial, logo se acostumou àquela atividade incessante. Alguns meses depois do casamento, tinha vontade de rir ao lembrar-se da imagem criada no norte sobre os sulistas indolentes cujas belas mulheres reclinavam-se sob alpendres floridos sem erguer um dedo. Se existia alguma mulher assim, Sarah nunca a vira nem tinha ouvido falar dela!

Quando comentou com a cunhada como era falsa a impressão que se fazia da vida nos Estados do sul, Kitty riu, demonstrando uma ironia onde não havia nenhum traço de amargura ou revolta.

— Não é só no norte que se pensa assim, Sarah. Aqui no sul mantém-se em segredo essa vida dura e ninguém menciona o cansaço, embora evitar o assunto não o faça desaparecer, não é?

Kitty olhou pensativa para o jardim bem cuidado de Calvert Cypress, deixando de bordar a delicada peça de cambraia que estava fazendo para o sexto filho. Apesar de se aproximar do final da gravidez, ela viera visitar a cunhada e se oferecer para ajudá-la dentro do possível.

— Sem dúvida você sabia como seria sua vida antes de casar, não é, Kitty?

— Não com muitos detalhes. Como todas as jovens, eu era considerada uma beldade sulina cujo objetivo se resumia em encontrar um marido. Minha cabeça só se ocupava com roupas novas, festas, namorados e o único esforço era experimentar vestidos!

— Tia Louise nunca a ensinou a tomar conta de uma casa? Desculpe-me... não estou sendo crítica mas apenas curiosa!

— Ela nunca me ensinou nada! Não se costuma fazer isso como também nenhum rapaz aprende a cuidar das plantações. O caso de Philip é diferente porque meu pai sempre foi mais esclarecido. Quanto a mim, passei alguns anos na deliciosa indolência de uma jovem à espera de um marido e confesso que não gostaria de ter perdido esses anos dourados.

Sarah via claramente que Kitty amava o marido e os filhos, gostava de seu lar mas havia uma nota de nostalgia em sua voz.

— Há sempre tanto a ser feito, Kitty. Como você...

— Oh! Eu não me incomodo com o trabalho pois é bom sentir que precisam de nós, não acha? Mas, às vezes, fico meio zangada e juro que não vou agüentar mais nem o peso de um alfinete!

— E o que faz para continuar suportando?

— Tomo um bom gole de conhaque! — Ao notar a expressão escandalizada de Sarah, Kitty caiu na gargalhada. — Não pense que sou uma alcoólatra, querida. Os homens não são os únicos que precisam de um "bom gole"! Aliás, não é bem melhor do que tomar algumas colheres de láudano, como fazem inúmeras mulheres a fim de suportar o trabalho? Láudano tem ópio na sua composição e vicia para o resto da vida.

Tendo crescido numa casa de princípios puritanos, Sarah jamais tocara uma bebida alcoólica e só muito recentemente conseguira tomar champanhe e vinho. Mesmo sentindo náuseas só em pensar numa bebida mais forte, não reprovava Kitty. Considerava-se feliz em Calvert Cypress, mas não ignorava as desvantagens desse tipo de vida. O que mais a perturbava era o isolamento. Não tinha imaginado que fosse ficar tão completamente sem contato com todos os que a ligavam ao passado. Jamais supusera também que Marilee não fosse ficar com ela.

— Recebeu alguma carta de Boston?

— Nathan me escreveu na semana passada. Fiquei surpresa ao saber que ele pretende estudar religião em Yale. Meu irmão sempre teve um temperamento doce e gentil mas...

— E os outros? Estão bem?

— Meu pai ficou bastante resfriado e... Marilee está bem.

— Foi um grande choque para você, não é verdade, Sarah?

— Eu deveria ter percebido antes que os dois se sentiam atraídos. Foi cegueira minha.

— É muito difícil perceber que as pessoas são diferentes das imagens que fazemos delas, Sarah.

— Sempre achei que Marilee tinha um carinho especial por meu Pai, só não imaginei...

— ... que ele também sentisse carinho por ela?

— Não supus que o sentimento fosse tão forte!

Sarah jamais esqueceria aquela tarde, uma semana depois do seu casamento, quando Marilee fora à sua procura na despensa onde ela fazia uma lista das conservas guardadas para o inverno.

— Acho que você está ocupada demais... Eu volto mais tarde!

— Não vai adiantar, Marilee. Tenho a impressão de que estarei ocupada até o fim da minha vida. Em todo o caso, tia Louise está sendo maravilhosa comigo, me ensinando tudo com paciência e...

— Eu percebi e... seu pai também. Você se adaptou com muita rapidez... Está mesmo feliz aqui, Sarah?

— Ora! Acho que sim! É tudo ainda muito novo e diferente mas... Philip é um bom marido.

— Pois bem, Sarah. Preciso comunicar-lhe algo e não sei como iniciar a conversa.

— Fale logo! Que bobagem é essa de não saber como?

— Vou voltar a Boston com seu pai.

— Você? Mas por quê? Nunca imaginei que não fosse ficar aqui comigo! Deve ter pensado que todos farão comentários maldosos se permanecer na mesma casa com Josiah e Gideon.

— Sarah... Eu e seu pai... bem, nós decidimos, isto é, ele me pediu...

A expressão de Marilee foi mais eloqüente do que seria qualquer palavra e Sarah ficou pálida de choque.

— Você... e meu pai? Não acredito!

— É verdade e por favor não fique com raiva de nós.

— Você tem menos do que a metade da idade dele!

— Eu amo Josiah, Sarah. Acho que o amei desde o dia em que ele salvou minha vida.

— Você era apenas uma criança. Não passa de gratidão!

— Eu já tinha idade para saber. Não ignoro como o relacionamento entre você e Josiah tem sido difícil, mas procure vê-lo sob outros aspectos. Ele é tudo para mim.

— Tudo? Mais do que nossa amizade?

— Você foi a irmã que eu não tive mas...

— Mas ele nunca foi visto como pai, certo?

— Sinto muito se você não consegue compreender, Sarah. Há anos eu esperava pelo dia em que Josiah percebesse o quanto eu o amava...

A voz de Kitty chamou-a de volta ao presente, aflita com a expressão distante do rosto da cunhada.

— Você está bem, Sarah?

— Desculpe-me, eu me distraí pensando em meu pai e Marilee. Com o tempo vou me acostumar...

— As mudanças sempre nos perturbam mas há algo que devo dizer-lhe, querida. No caso de Philip, a modificação só lhe fez bem. Calvert Cypress é hoje uma casa feliz. Só sinto não poder ajudá-la mais... — Kitty tocou o ventre distendido com um sorriso feliz.

Sarah não pôde deixar de comparar sua silhueta esguia com a da cunhada. A cada mês, ela não sabia se ficava alegre ou decepcionada mas Philip não escondia seu desapontamento. Ele desejava ardentemente outros filhos. Sarah, porém, temia o dia em que se comprovasse uma gravidez. Mesmo vendo Kitty rosada e saudável antes de dar a luz ao sexto filho, ainda ouvia, embora raramente, os gritos ecoando na casa sombria de Lowell...

CAPÍTULO XXIV

Em meados de dezembro, Sarah se deu conta de que nunca mais conseguiria associar aquele mês a festividades familiares, presentes ou boa comida. O trabalho exaustivo e traumatizante da matança dos porcos tinha destruído para sempre suas melhores impressões sobre o fim de ano.

Ela e tia Louise estavam sentadas à mesa rústica da cozinha, esforçando-se para tomar a nutritiva sopa preparada por Augusta para ajudá-las a recuperar as energias exauridas em dez dias devotados a matar, carnear e preservar a carne de centenas de porcos. Sarah tinha jurado solenemente que jamais conseguiria olhar, quanto mais comer, qualquer alimento que a lembrasse daquela experiência sangrenta: tocinho, presunto ou pernil provocariam náuseas só ao recordar a cena inacreditavelmente violenta.

— Não entendo por que criar tantos porcos e depois matá-los!

— Você tem feito essa mesma pergunta há dias, querida. Infelizmente, só posso lhe repetir o que ouvi. — Tia Louise mal conseguia manter a xícara de chá nas mãos trêmulas de cansaço. — O porco é um animal útil pois nos dá comida, gordura, couro, além de prover o adubo orgânico necessário às plantações. Foi meu pai quem me disse tudo isso mas ele nunca teve que lidar com esses animais escorregadios e guinchadores!

Sarah tinha perdido a conta de quantos porcos haviam sido mortos, cinquenta? Cem? Após um certo ponto, ela perdera a noção dos números e não notava mais as dores nas costas e no pescoço. Depois do violento choque inicial de ver os escravos darem uma pancada na cabeça dos animais para estonteá-los e então cortar-lhes o pescoço, uma apatia provocada pelo excesso de brutalidade tomara conta dela e Sarah não mais ouvira o barulho ensurdecedor ou o odor adocicado e repugnante do sangue.

Desanimada, ela olhou para as mãos, vermelhas e cheias de arranhões, que pareciam pertencer a alguém com o dobro da sua idade. O sal que era colocado no barril onde seria conservada a carne havia queimado a pele fina mas também impedira que os arranhões se infeccionassem.

— Deus do céu! Quando será o primeiro baile da estação, tia Louise?

— Na próxima semana, querida.

— Então temos apenas sete dias para transformar essas mãos em algo apresentável? É bem pouco tempo para recuperar a célebre beleza bem cuidada de uma beldade sulina!

— Se lhe servir de algum consolo... você não será a única a ter esses problemas, Sarah. Todas as mulheres estarão se dedicando a cuidados especiais para surgirem nas festas como verdadeiras damas cujo único trabalho é experimentar vestidos ou penteados!

Usando todos os artifícios centenários, criados por mulheres dispostas a parecerem sempre belas, os traços de exaustão foram completamente apagados pouco antes do início da estação festiva. Durante quinze dias, todas as tarefas domésticas seriam esquecidas e o ambiente de alegria iria crescendo até culminar com o magnífico Baile de Ano-Novo, oferecido pela família Carslile.

O nervosismo de Sarah chegou a um ponto quase incontrolável quando a carruagem que os conduzia se aproximou da imponente mansão dos Carlsile. A iluminação feérica se refletia nas águas plácidas do rio, criando um cenário de sonho; mesmo assim ela não conseguia se acalmar. Racionalmente sabia que não deveria preocupar-se tanto só porque iria encontrar todos os amigos de Philip. Essas pessoas haviam comparecido ao seu casamento e já a haviam visto antes.

Entretanto, ela mal se lembrava dos eventos daquele dia e, depois da cerimônia, não tinha havido oportunidade alguma de receber ou fazer visitas. Os noivos eram sempre dispensados de participar dos eventos sociais durante um período inicial após a lua-de-mel e depois se iniciara a fase mais trabalhosa da rotina de uma fazenda. As festividades natalinas seriam a primeira vez em que essas pessoas iriam realmente ter chance de conversar com ela e Sarah temia tornar-se alvo de críticas.

Philip percebeu a inquietação da esposa e tocou-lhe levemente o rosto ansioso no momento em que desceram da carruagem.

— Não se preocupe com nada, querida. Você está linda!

— Talvez... mas estou tendo dificuldades terríveis para respirar — brincou Sarah para disfarçar o seu nervosismo.

Callie tinha lhe apertado o espartilho ao ponto máximo, pois a moda exigia cinturas a cada ano mais finas. A vaidade de algumas mulheres que insistiam em apertar os corpetes até mesmo durante a gravidez estava provocando uma reação violenta nos médicos. Eles não se conformavam com um artifício que sem dúvida iria prejudicar seriamente o bebê!

Sarah normalmente não aceitava essa tirania da moda, mas uma profunda insegurança diante da sociedade que iria enfrentar pela primeira vez como esposa de Philip foi maior do que as suas convicções. Deixou Callie arrumá-la como se fosse realmente uma jovem sulina e não foi possível negar que o efeito final era magnífico. Ela parecia realmente uma daquelas figuras etéreas, de uma delicadeza de bibelô aliada a uma sensualidade sutil.

Dando o braço a Sarah e a tia Louise, Philip conduziu-as até o vestibulo onde os Carlsile recebiam seus convidados. John e Mary estavam casados há dois anos e receberam com sorrisos de cumplicidade o outro casal unido ainda há menos tempo do que eles.

— É um prazer vê-la novamente, sra. Calvert — murmurou Mary com uma voz doce e baixa. — Eu pretendia fazer-lhe uma visita mas estive tão ocupada...

— Imagino como! Aqui também foram os porcos? As palavras de Sarah criaram um silêncio profundo e Mary a fitou com uma expressão de espanto e horror, mas logo não conseguiu se controlar e caiu numa gargalhada espontânea.

— Sem dúvida, foram os porcos! Como eu detesto esses animais odiosos! Pela sua aparência, deduzo que conseguiu sobreviver à matança, como eu, certo?

Os dois maridos se entreolharam perplexos diante daquela conversa absolutamente incomum. Todos sabiam que as mulheres se encarregavam dessa tarefa pesada mas nenhum deles sequer imaginava os detalhes desagradáveis ou pensava no esforço exigido daquelas criaturas aparentemente frágeis. As risadas de Sarah e Mary, às quais tia Louise se uniu, os surpreendeu por ser uma quebra de etiqueta que, no entanto, estava sendo incentivada por três ilustres senhoras da mais alta sociedade sulina!

— Vamos logo, querida — interrompeu Philip. — Há muitas pessoas a quem quero apresentar minha bela esposa!

Sarah seguiu-o, sorrindo, mais tranqüila ao perceber a compreensão de Mary. Era como se uma força misteriosa fluísse entre as mulheres, unindo-as numa comunhão quase mística e apenas feminina. Elas partilhavam de um mundo secreto cujos limites os homens, com suas atitudes dominadoras a ponto de parecer infantis, sequer conseguiam ultrapassar.

A verdadeira essência de suas vidas era mantida à parte e um olhar ou um sorriso trocado por ela significavam a admissão a uma sociedade exclusiva e fechada.

No entanto, essa sensação de ter sido aceita durou muito pouco, pois logo Sarah notou uma certa frieza em algumas das senhoras presentes, em especial a hostilidade indisfarçada de uma robusta matrona cujo marido era um dos mais prósperos comerciantes de Richmond.

— Então você é de Boston? — A senhora a fitava como se estivesse diante de algum animal estranho. — Sabe que é a primeira mulher ianque que eu já vi?

— Não acredito que sejamos muito diferentes, não acha? — Sarah estava sem o apoio de tia Louise e Philip se encontrava num grupo de amigos. Ao notar seu olhar de apelo, apenas

sorriu, sem se dispor a vir ajudá-la. — Aliás, não existem realmente as tão faladas diferenças entre norte e sul. Ou, pelo menos, não há nenhum abismo insuperável e basta apenas um certo bom senso para superar essas divergências de opinião.

As mulheres à volta de Sarah demonstraram desconforto diante daquela conversa, pois a política era um assunto geralmente restrito aos homens, ao menos nas reuniões sociais. No entanto, a matrona vestida de veludo negro não vinha de uma família tradicional das fazendas de algodão e não tinha a diplomacia inata daquelas damas sulinas.

— Bom senso? Você deve estar sonhando, minha cara! Essa situação insustentável só se resolveria se os ianques deixassem de interferir em nossos negócios e se limitassem a cuidar das próprias vidas!

— Não é tão simples quanto parece. Afinal, somos uma nação e...

— Por enquanto, minha cara! Por enquanto...

— O norte e o sul não podem se separar, pois a nossa força vem justamente dessa união.

— O sul tem forças que o norte jamais conseguirá entender. — A robusta senhora emanava uma indignação quase palpável. — Nós só seremos beneficiados com essa separação!

Uma onda de raiva dominou Sarah, impedindo-a de responder. As palavras daquela senhora eram absurdas e ela não podia crer que a opinião daquela mulher representasse um crença generalizada. Sem dúvida, fora apenas por acaso que caíra bem no meio de um grupo de fanáticas!

— Com licença, meu marido está me chamando — murmurou, aflita por afastar-se daquela situação perigosa. Logo perderia o pouco controle que lhe restava e acabaria envergonhando Philip com uma resposta rude.

Sem preocupar-se com sua mentira óbvia, Sarah atravessou o salão para ir ao encontro do marido, que continuava entre o grupo de amigos discutindo política.

— Se vocês pudessem escolher entre Douglas, Lincoln e Davis, qual seria o seu candidato à Presidência da República?

— Creio que seria Douglas, pois ele é o mais inclinado a conceder autonomia aos Estados. Com isso nos deixaria livres para tomarmos nossas decisões. — Os homens em volta demonstraram uma surpresa ofendida diante da escolha de Philip.

— Você ficou louco? Devemos dar nosso apoio a Jefferson Davis.

Philip não acreditava que Davis, apenas por ter nascido num Estado sulino, fosse a indicação ideal. Não iria convencer ninguém com suas palavras, mas assim mesmo insistiu:

— O sr. Davis acredita que o norte acabará aceitando a escravidão como um fato imutável e isso jamais acontecerá. Nossa melhor opção é Douglas, pois ele nos deixará resolver esse problema a nosso modo sem provocar grandes distúrbios. Além disso, Davis tem poucas condições de vencer e, se não dermos nossos votos a Douglas, acabaremos tendo de aceitar Lincoln. Esse homem não marcou uma data definida para acabar com a escravidão porém quer nos obrigar a admitir o quanto é errado e imoral esse sistema.

— Lincoln! Esse homem é um perigo! — Paul Danvers continuava esperando que o pai lhe desse alguma responsabilidade no controle da fazenda e, enquanto isso, ia aumentando a quantidade diária de bebida. — Eu vi esse sujeito sinistro fazendo um discurso quando estive em Nova York. Ele é feio, magérrimo e desajeitado mas sabe usar as palavras como se fosse um mágico!

— Pois que fale o quanto quiser — interferiu Louis. — Enquanto ele discursa, nós afiamos nossas espadas!

— É realmente isso o que vocês querem? — Philip ficou chocado ao notar as expressões excitadas nos rostos de seus amigos após as palavras de Louis. — Querem mesmo uma guerra?

— Por que não? Pelo menos assim a situação se resolveria.

— E a favor de quem?

— Deve estar brincando, Philip! — explodiu John Carslile. — Nós esmagaremos esses malditos ianques antes de começar o plantio da nova safra.

— Quem pode garantir? — Uma voz vinda de fora do grupo se fez ouvir. Até ali Peter Rider evitara entrar na discussão mas chegara o momento de acalmar os ânimos. — Não devemos subestimar o exército do norte. Se houver uma vitória, não será rápida.

— Acredita que eles sejam superiores a nós?

— Infelizmente sou tão arrogante quanto vocês, porém tenho receio de que a guerra dure muitos anos se algum dia começar. Não há razão para otimismo!

Acompanhando em silêncio a conversa, Sarah notou que a idéia de uma derrota jamais seria aceita e os comentários de Peter Rider não causavam a menor impressão em ninguém a não ser em Philip. No entanto, como não eram essas as palavras que todos queriam ouvir, eles mudaram de assunto, passando a falar sobre cavalos, a outra grande paixão que os animava.

Aos poucos, o grupo foi se dispersando e Peter ficou a sós com Philip e Sarah.

— Falando em cavalos, você deveria aceitar a oferta de John Carslile sobre a égua inglesa que ele importou.

— Ora! Nunca soube que você se interessasse por criação de cavalos, Peter.

— Realmente não me interessa mas sei o quanto você gosta de animais puro-sangue e detestaria vê-lo desapontado. Nesse ano que começa agora não haverá muitas oportunidades para criar nada.

— Está falando sério, Peter?

— Infelizmente, sim. As nuvens estão se avolumando no horizonte.

— E, se isso acontecer, não haverá uma vitória rápida como você mencionou?

— O sul nunca foi testado antes, Philip.

— Nem o norte! — Sarah falou num impulso, esquecendo-se de que uma mulher jamais devia participar de discussões.

— Sinto muito mas discordo de sua opinião, minha cara senhora. Talvez por ter vindo do norte, não vê a capacidade de organização e a força de homens que olham para o sul como lobos famintos.

— Há homens bons de ambos os lados... a paz será mantida.

— Desculpe-me tê-la preocupado, Sarah... Esqueça tudo o que eu disse.

No entanto, quando ela e Philip se beijaram ao soar da meia-noite, Sarah sentiu um inexplicável arrepio de medo. O sino não lhe parecia anunciar com alegria o início de um novo ano e sim tocar um dobre fúnebre em desacordo com a euforia geral. Mesmo tentando encontrar refúgio nos braços do marido, não esquecia as palavras fatídicas de Peter Rider. No horizonte, as nuvens negras anunciavam um período de trevas...

PARTE III

1861-1863

CAPÍTULO XXV

A carta de Philip, breve e seca, revelava muito mais do que ele poderia imaginar. A letra quase incompreensível, o papel ligeiramente amassado e as palavras sem entusiasmo denunciavam exaustão e desânimo. Sarah a releu inúmeras vezes, tentando afastar a sensação de depressão.

Ele já estava em Richmond há quatro semanas, desde o fim de fevereiro, quando as discussões sobre a proximidade de uma guerra civil tinham atingido um nível alarmante. Com a eleição de Lincoln, a situação se agravara e Philip, embora afirmasse acreditar na paz, também a instruíra para que estocasse víveres e outros objetos de primeira necessidade. Para surpresa de Sarah, ele estava gastando uma reserva de capital para armazenar matérias-primas como carvão, óleo e ferro, pois achava que logo não seria mais possível obtê-las.

Sarah não queria acreditar naqueles sinais de mau agouro e repetiu a si mesma, pela milionésima vez, que se houvesse mesmo uma guerra seria curta. Não havia necessidade de tantos preparativos, embora, como uma pessoa obediente, precisasse acatar as ordens do

marido.

Só depois que a discussão entre norte e sul sobre o problema da escravidão chegara a um ponto insuportável, ela começara a se conformar com a idéia de uma guerra iminente. Mesmo assim, ainda esperara que Douglas ganhasse as eleições apesar de preferir Lincoln, pois o primeiro talvez conseguisse evitar uma tragédia.

No entanto, o alto e magro carpinteiro vencera e parecia pedir tão pouco à nação! Queria apenas que o sul libertasse os escravos, uma situação considerada inevitável até mesmo pela grande maioria dos fazendeiros do sul. Só era preciso conduzir o processo de maneira lenta para evitar grandes abalos econômicos e Philip fora a Richmond justamente para defender esse ponto de vista. A carta que acabara de chegar demonstrava o fracasso de todos os seus esforços: ele não iria conseguir apoio de ninguém.

Na ausência do marido, Sarah passara a usar a escrivaninha da biblioteca para cuidar dos negócios de Calvert Cypress. Ali sentia-se mais próxima de Philip. Jamais acreditaria que fosse sentir tanta falta dele! Durante os dias longos, ela conseguia manter afastados os pensamentos perturbadores, mas à noite, sozinha na imensa cama de casal, as lembranças dos momentos de intimidade a impediam de dormir.

Já haviam completado dois anos de casados e Philip ainda a mantinha num estado de expectativa e ansiedade. Tinha imaginado que, com o tempo, acostumar-se-ia às novidades do casamento e à rotina doméstica; no entanto, ainda se sentia uma estranha num lugar hostil e só ao lado de Philip podia esquecer esses problemas. A paixão era seu único refúgio e agora não tinha para onde fugir!

Sarah olhou através das cortinas e viu o sol escaldando a terra. Estava quente demais para o mês de março e os escravos, que adoravam o calor, falavam mais alto e com mais animação. Na maior parte do tempo aquelas vozes dolentes lhe passavam despercebidas, dando-lhe a impressão de estar em Lowell ou em Boston. Só muito raramente o fato de existirem escravos sob suas ordens vinha perturbá-la.

Porém, era dona de vidas humanas...

Mal via os escravos da lavoura, encontrando-os apenas quando estavam doentes ou quando precisava entregar-lhes rações e roupas novas. Tinha tentado discutir esse assunto com Philip mas ele se evadira, provavelmente por também não ter respostas a tantas questões insolúveis. Sarah temia que o marido estivesse querendo protegê-la de uma realidade amarga pois sabia que esses esforços seriam inúteis.

Para afastar esses pensamentos sombrios, Sarah releu as cartas de Nathan e Marilee com notícias alegres e sem as preocupações que a perturbavam. A amiga perdera um bebê no início da gravidez e Josiah levava a esposa a Paris de onde tinham acabado de chegar.

"Há muitos boatos correndo em Paris sobre uma possível guerra civil mas ninguém parece acreditar que isso vá realmente acontecer: *Beaucoup de bruit mais pas d'action*... 'Muita conversa e pouca ação', é o que eles dizem! Eu rezo para que não aconteça nada de tão rápido no nosso querido país."

Sarah também pedia a Deus que os livrasse dessa calamidade mas sua fé não era profunda e não acreditava que suas preces fossem ouvidas. Além disso, ela sempre preferira agir a ficar passiva, esperando soluções e se torturando com possibilidades imponderáveis. Era melhor terminar logo a contabilidade de Calvert Cypress em vez de se perder em conjecturas inúteis.

Só bem no final da tarde, Sarah guardou os papéis e trancou a gaveta onde os guardava. Estava cansada de ficar sentada e resolveu dar um passeio pela fazenda ou a falta de exercício não a deixaria dormir. Os dias dedicados à contabilidade eram inativos demais para o seu temperamento!

Quando Augusta a viu sair, perguntou-lhe onde pretendia ir e, ao saber que Sarah desejava verificar se havia necessidade de algum reparo nas cabanas da senzala, se alarmou:

— É muito tarde pra ir até lá, "dona menina". E "pra" que quer ir se logo já vai ficar escuro?

— Ainda há uma ou duas horas de claridade, Augusta. E eu tive a impressão de que as cabanas terão de ser criadas de novo.

— O feitor pode ver isso "pra" menina!

— Ele já tem muito o que fazer na ausência de Philip. Não se preocupe. Eu volto logo, está bem?

Sarah não se sentia à vontade com o feitor que a tratava como se ela fosse uma criatura feita de porcelana e incapaz de tomar uma única decisão. E antes que Augusta pudesse continuar argumentando, ela saiu rapidamente pela porta da cozinha. O esforço da velha escrava em dissuadi-la de assumir mais um encargo sempre a divertia.

Uma das vitórias de que Sarah mais se orgulhava era de ter conseguido ganhar a confiança de Augusta após uma longa e árdua batalha. Agora a mulher e os escravos domésticos aceitavam suas ordens, porém ela não duvidava de que não a obedeceriam se a julgassem completamente errada. Todavia, haviam sido eles a ajudá-la, impedindo-a de cometer inumeráveis enganos, alguns até bastante embaraçosos. Apesar da assistência constante de tia Louise, surgiam situações inesperadas em que não sabia como agir e então os escravos a orientavam com muita diplomacia, não demonstrando sua superioridade no assunto.

Por sorte ela já se sentia mais confiante e segura. Tia Louise estava com uma artrite aguda que começava a deformar-lhe as mãos, além de uma perda de visão bastante pronunciada. Apesar dos corajosos esforços havia dias em que a pobre senhora só conseguia chegar até o terraço, onde ficava fazendo companhia a Charles Calvert.

Enquanto caminhava em direção à senzala, Sarah reconheceu o tino comercial de Philip ao cruzar o famoso garanhão King com várias éguas das redondezas, apesar dos protestos do pai. O dinheiro obtido com a venda dos potros fora utilizado para tornar Calvert Cypress ainda mais auto-suficiente. Uma clínica bem equipada para atender aos escravos fora construída próxima das cabanas e ela para lá se dirigiu, para ver uma jovem que dera à luz na véspera e ainda não tinha leite.

Depois de dar ordens para que fosse fornecido leite de vaca ao bebê, Sarah continuou sua caminhada, sentindo-se orgulhosa pelo alto nível de saúde dos escravos de Calvert Cypress. Das dozes crianças nascidas após seu casamento, apenas uma tinha morrido e todas as mães haviam tornado a conceber. Essa situação a confortava, como se fosse uma compensação por sua incapacidade de dar um filho a Philip.

Ela gostava tanto de crianças! Naquela época do ano, as senzalas estavam quase desertas pois todos os homens eram necessários nos campos e só os velhos e as crianças se aqueciam ao sol da tarde no pátio de terra. Sarah já conhecia aqueles negrinhos alegres e cheios de vida que a rodeavam e também os anciãos quase centenários que pareciam a ponto de se desfazer de velhice.

Aliás, essa idéia de escravos desaparecendo a fez lembrar que, nos últimos meses, se iniciara uma verdadeira maré de fugas em todo o Estado. Apesar dos esforços para que os outros escravos não soubessem, a notícia corria como um rastilho de pólvora e notava-se no ar uma inquietação nascida da expectativa. Todos temiam que, com uma guerra, as fronteiras entre norte e sul fossem fechadas, pondo um fim à rota de fuga clandestina que libertara uma quantidade imensa de cativos. Aqueles que apenas tinham uma vaga esperança de fugir algum dia precipitavam-se antes do início da guerra e simplesmente desapareciam.

Um pouco antes da partida de Philip para Richmond surgira um problema com Sukie, a escrava comprada dos Danvers. Por algum tempo, ela trabalhara com Ginny na cozinha, mas nem Sarah nem tia Louise sentiam-se à vontade ao lado daquela criatura de ar soturno. Até Augusta, sempre tão condescendente, se queixara de sua insolência e a jovem fora removida para o trabalho na lavoura. Sarah não chegara a saber de todos os detalhes mas, pelos comentários gerais, Sukie havia conseguido sair da fazenda e ir até a estação onde o vendedor de passagens, suspeitando da situação chamou Philip. Quando os dois retornaram, o rosto dele estava marcado por arranhões. Ela o agredira diante de um grupo de fazendeiros brancos, selando assim a própria sorte.

Pela primeira vez desde que Sarah viera para Calvert Cypress, um escravo foi castigado. Ela passou a visitar a jovem na enfermaria pois era uma obrigação à qual não poderia se furtar. Sukie jamais lhe dirigiu a palavra ou respondeu a qualquer pergunta. Apenas fitava-a com um ódio tão profundo que ela respirou aliviada quando a jovem retornou ao trabalho.

Sarah estava examinando com atenção as paredes das cabanas, agora todas vazias, quando um movimento entrevisto entre duas tábuas lhe chamou a atenção. Não havia motivo para que algum escravo estivesse ali dentro! Disfarçadamente, ela aproximou-se mais e viu um braço se estendendo até alcançar o prato de comida, colocado ao lado do colchão de palha.

Em pânico, ela se afastou, segurando as mãos que tremiam incontrolavelmente. Era um

fugitivo! Que outra explicação poderia haver? Um negro estava escondido numa cabana de Calvert Cypress e isso significava que um escravo costumava auxiliá-lo!

Caminhando rapidamente de volta para casa, lembrou-se do encontro com Marcus na noite da tempestade. Naquela época, tinha suspeitado do envolvimento dele com fugitivos mas com o tempo acabara se esquecendo do assunto. Agora tudo lhe voltava à mente com uma nitidez incrível, como se tivesse acontecido apenas na noite anterior.

Sarah olhou em volta, fingindo-se descontraída para o caso de alguém ter notado sua aproximação da cabana. Não havia nenhuma pessoa por perto mas isso não a deixou mais segura. Atrás dos arbustos ou nas outras choupanas poderia haver alguém à espreita! Segurando as saias volumosas, ela correu até a casa, sem parar nem por um momento, até a segurança da cozinha.

Augusta e Rameses conversavam em voz baixa quando ela entrou. Cheia de suspeitas, Sarah achou-os hesitantes e tensos.

— Está bem, "dona menina"?

— Ótima, Augusta, mas cansei-me demais. Vou verificar as cabanas outro dia.

— Boa idéia! Por que "num" senta no alpendre "pra"descansar? — Rameses parecia nitidamente aliviado. — Vou levar uma limonada "pra" menina.

Sarah recusou pois precisava ficar sozinha até acalmar-se. Foi para o seu quarto onde permaneceu por horas imóvel diante da janela, até decidir que o melhor caminho a tomar seria não fazer absolutamente nada. Sem dúvida, logo o homem iria embora e ela esqueceria que o vira.

No entanto, havia uma grande preocupação em sua mente e essa não poderia ser ignorada: precisava alertar Marcus! Se ela descobrira, algum outro branco também poderia desconfiar e era um assunto de vida ou morte! Mas como chamar Marcus até a casa na ausência de Philip sem despertar comentários e suspeitas? Só se conseguisse lhe mandar uma mensagem que apenas ele pudesse compreender!

Antes do jantar, Sarah retornou à cozinha e tentou alertar Ginny sempre muito calada, que descascava batatas.

— O que acha de reformar aquelas cabanas desocupadas, Augusta?

As escravas todas se imobilizaram para fitá-la, menos Ginny que continuou de olhos baixos e com as mãos em movimento. No entanto, Sarah percebeu a tensão da jovem que parecia esperar suas próximas palavras.

— Afinal, não sabemos se logo precisarão ser usadas e notei que algumas estão bem estragadas. Há vãos entre as tábuas, tão largos; que é possível ver tudo lá dentro!

— A "dona menina" tem razão — afirmou Augusta, precipitadamente. — É melhor fazer alguma coisa mesmo.

— Ginny! — Sarah olhou diretamente para a moça, que só então ergueu a cabeça para fitar a patroa. — Talvez você pudesse dizer isso a Marcus. Ele é um ótimo marceneiro e saberá exatamente o que fazer.

— Eu vou falar "pra" ele hoje mesmo, patroa. Ele "num" vai demorar "pra" consertar.

A voz de Ginny soou clara e firme, mas o olhar que encontrou o de Sarah exprimia algo indefinível entre medo, ódio e agradecimento.

CAPÍTULO XXVI

Uma única vela iluminava a mesa tosca onde Marcus e Ginny haviam sentado, fitando-se com angústia por um longo tempo. O resto da cabana permanecia numa escuridão sinistra que os murmúrios tensos ajudavam a tornar ainda mais fúnebre. Há horas ela implorava ao marido, entre lágrimas e ameaças, que ambos fugissem dali enquanto lhes restava uma esperança de escapar a um destino trágico e fatal!

— A gente precisa fugir, Marcus! Agora!

— Ainda "num tá" na hora, Ginny. Tem um monte de fugitivos vindo "pra" cá. Eu "num" posso ir... O que eles vão fazer se eu não estiver aqui "pra" ajudar os pobres coitados?

— "Num" sei e "num" quero saber, Marcus! Só a vida do meu homem me interessa, só isso! Quantos negros você já ajudou? Cem? Duzentos? "Num" chega? Até quando vai arriscar

o castigo?

— Nunca vai chegar o dia, mulher. Sei que você "num" entende por que eu faço isso, mas só vou parar quando todos os negros ficarem livres!

— Isso "num" vai acontecer nunca! .

— Ah! Vai sim! Estou até sentindo o cheiro da liberdade, o cheiro "tá" no ar, mulher. Vem vindo... Os ianques podem querer essa guerra por muitas coisas que "num" têm nada a ver com os negros mas, no fim das contas, a liberdade vai chegar "pra" todos nós!

Como continuar discordando de Marcus diante do brilho de seus olhos? Ele desejava tanto acreditar no que estava falando e Ginny não tinha coragem de culpar aquele homem com tantos sonhos bons! Quando ela era criança, vira um negro se afogando até que alguém lhe jogara uma corda. A expressão no rosto daquele homem ao sentir que iria sobreviver era igualzinha à luz refletida na fisionomia de Marcus nesse momento de decisão.

Pela primeira vez na vida, Marcus sentia a esperança em seu coração, não apenas para si próprio, mas para todos os seus irmãos da raça negra. Ginny, preocupada demais com a própria sobrevivência, não entendia essa necessidade de salvar outras criaturas. Na verdade, só começara a dar valor à sua existência como ser humano depois que Marcus lhe devolvera o respeito por si mesma, e por essa dívida lhe seria eternamente grata. No entanto, aprendera também que precisava defender a qualquer custo aquele homem cuja devoção a uma causa poderia ser fatal!

— Você "num" entende mesmo! A menina Sarah já sabe e ela "num" é burra. Vai logo imaginar quem é que ajuda os negros fugitivos, Marcus!

— E o que a menina fez? Avisou o patrão Charles? Não! Ela mandou um recado "pra" me avisar, foi isso que ela fez! Você "num" vê? Ela está me protegendo!

— "Pra" que uma branca vai proteger um negro?

— Dona Sarah é ianque, não gosta da escravidão.

— Mas "num" reclama nem um pouco quando nós trabalhamos "pra" ela.

— Dona Sarah trabalha duro também e nunca trata mal nenhum escravo, não é verdade?

— É... é verdade, mas "num" sei por que você acredita tanto nessa branca.

Marcus não podia mais evitar a revelação daquele encontro com Sarah na noite da tempestade. Quisera manter esse fato em segredo, mas Ginny não sossegaría enquanto não se sentisse segura. Então, com um suspiro, narrou o episódio à esposa.

— Ela guardou esse segredo até agora?

— É por isso que eu confio nela, mulher.

— E agora ela "num" vai mais falar. Como vai explicar "pro" marido que escondeu uma coisa dele tanto tempo?

A interpretação de Ginny sobre os motivos do silêncio de Sarah não era a mesma de Marcus, porém ele reconhecia a futilidade de tentar mudar-lhe a opinião sobre os brancos.

Ao menos, a acalmara e poderiam dormir!

Sarah despertava tão cedo quanto os escravos domésticos. O dia tinha sempre tantas tarefas à espera que ela não podia se dar ao luxo de dormir algumas horas a mais. Já havia feito seus planos na véspera e pretendia verificar com o velho jardineiro se poderiam iniciar o plantio das hortaliças que supriam a mesa de Calvert Cypress.

— O que você acha, Jebediah? Vamos tentar?

— Ontem eu vi um bando de gansos voando por cima da casa, "dona menina".

Há algum tempo, um comentário tão enigmático teria desconcertado Sarah, mas ela já aprendera que raras vezes os negros diziam algo direto e preciso aos brancos. Os escravos preferiam se esconder atrás da segurança de metáforas e simbolismos que os defendiam de uma interpretação duvidosa.

— Então os gansos acham que o inverno acabou?

— Parece que sim, "dona menina". A mãe natureza pode pregar uma peça em nós, mas...

— Vamos esperar que ela seja generosa conosco este ano, certo? É só limpar o terreno e pode começar a plantar tomates, pepinos e o que mais você quiser.

— "Tá" bom, "dona menina".

Jebediah não fez mais nenhum comentário, mas Sarah reconheceu no sorriso manso do velho sua aprovação e observou-o caminhar lentamente pela horta chamando os garotos que o

auxiliariam no plantio.

Ainda não eram sete horas quando Sarah retornou a casa e chamou as escravas para afastarem os móveis de todas as salas. O dia prometia ser quente e seco e já estava na hora de arejar os tapetes que tendiam a mojar após a época das chuvas. A mobília pesada dificultava a tarefa das doze escravas que ajudavam Sarah e, quando conseguiram pendurar os tapetes nas cordas onde os garotos bateriam com longas hastes de junco para retirar o pó, estavam todas sem fôlego e molhadas de suor.

Sarah sentia-se dolorida, cansada e com sede, porém não havia tempo para descansar. Desde os primeiros dias de seu casamento, ela reservava os períodos do almoço ao enteadado. Nada era tão importante ou urgente a ponto de impedi-la de passar algumas horas conversando com William.

Sarah encontrou-o nas cavalariças com Esaú, ambos escovando o gracioso pônei vindo da Irlanda que William ganhara ao completar oito anos. Ela observou os dois garotos, exatamente da mesma idade, um branco e outro negro, ambos saudáveis e cheios de energia. Aquela visão a fazia recuperar a fé num futuro mais justo e uma onda de paz a envolveu.

— Ih! Eu me esqueci outra vez, não é? Está na hora do almoço?

— Acertou, querido. Vamos lavar as mãos e o rosto? William entregou a escova do cavalo a Esaú e correu para junto de Sarah. Ela se surpreendia como a cada dia o garoto se tornava mais parecido com o pai. Embora o cabelo fosse escuro e os olhos verdes, o menino de nove anos refletia as mesmas expressões e posturas de Philip!

O almoço era na varanda, numa pequena mesa apenas para duas pessoas, preparada por Rameses que os servia auxiliado pelo jovem escravo a quem estava treinando para substituí-lo. A temperatura tinha se tornado tão agradável e a sala de refeições era tão grande apenas para os dois que Sarah iniciara esse novo hábito de almoço ao ar livre.

— Esaú e eu fomos até no rio e...

— Fomo até o rio, William.

— Está bem! Fomos até o rio e vimos três barcos indo para Richmond. Aposto que tinham canhões a bordo.

— Ora! Por que imaginou uma tolice dessas?

— Porque vai haver uma guerra, é claro! — William sorriu satisfeito mas, numa demonstração de sensibilidade rara numa criança, lembrou-se com quem estava falando e mudou de tom. — Deve ser muito difícil para você, vinda do norte, estar morando conosco aqui no sul nesse momento, Sarah.

— Há uma série de problemas mesmo, porém logo tudo se resolverá, creio eu.

— Então você acha que não vai ter nenhuma guerra?

O rosto do garoto refletia um tal desapontamento que Sarah sentiu vontade de rir, mas a situação era grave demais para diversões. Se William fosse poucos anos mais velho, seria envolvido na calamidade que pendia sobre suas cabeças e só de pensar nessa eventualidade ela perdeu o apetite.

— William querido... eu rezo todos os dias para que não aconteça uma tragédia tão terrível. Seria muito trágico para todos nós do norte e do sul, pois muitos homens bons e dignos morreriam sem motivo.

— É... isso ia acontecer, mas a guerra não duraria muito tempo e logo todos nós poderíamos ser amigos outra vez!

— Foi seu pai quem lhe explicou isso?

— Não... Ele falou muito pouco sobre a guerra comigo. No entanto, meu pai não estaria em Richmond agora se não se importasse com o que vai acontecer, não é?

— É verdade, Philip fará o possível para que se consiga chegar a uma solução pacífica.

— Então não vai haver guerra nenhuma! — A fé absoluta de William no pai apagou de sua mente todas as visões de glória militar. — Meu pai sempre tem razão e uma guerra iria atrapalhar o início da plantação.

— E faria muitos outros estragos, querido. — Sarah hesitou em revelar toda a instabilidade da situação, mas achou que William já tinha maturidade e devia saber que nada fora decidido ainda. — Há outros homens, como seu pai, tentando evitar o confronto militar e procurando encontrar uma solução que agrade a ambos os lados. Infelizmente, talvez não tenham sucesso.

O fato de que o pai poderia falhar em algum aspecto jamais ocorrera a William e ele fitou

Sarah boquiaberto diante da possibilidade de um fracasso.

— Pode ser... que haja mesmo essa guerra?

— Talvez aconteça, querido. É por isso que estamos armazenando suprimentos. — Ela viu o medo no rosto do garoto e logo explicou. — Não que vá haver necessidade disso, é claro! Apenas estamos sendo precavidos.

William abaixou a cabeça, fitando o prato. De repente um ruído chamou a atenção dos dois. Sarah ficou imediatamente tensa ao perceber a poeira na alameda que chegava até as portas da casa. Não poderia ser Philip o cavalheiro vindo para Calvert Cypress, pois afirmara na carta que ainda ficaria uma semana em Richmond.

— É meu pai! — gritou William, levantando-se da mesa num salto. — Ele veio para casa!

Sem saber o motivo de seu gesto impulsivo, Sarah agarrou o braço do garoto, impedindo-o de sair da varanda. Há muito tempo ninguém perdia tempo fazendo visitas!

Quando os cavalheiros se aproximaram, Sarah sentiu um arrepio de medo, pois reconheceu o homem magro e mal-encarado que a fitava com insolência. Ela o vira apenas uma vez, mas jamais esquecera a fisionomia sinistra daquele caçador de escravos. Desta vez, ele viera acompanhado por um grupo ainda mais numeroso e todos estavam armados!

— Vá para dentro, Rameses — murmurou ela, lutando contra o pânico. — Avise o patrão Charles sobre os nossos visitantes.

Forçando-se a demonstrar calma e segurança, Sarah apoiou-se na balaustrada da varanda e fitou o grupo empoeirado e extremamente ameaçador. Ouviu a exclamação de horror vinda de William antes de perceber o que a causara, e então viu uma trouxa de lona presa por uma corda a um dos cavalos. A realidade custou a penetrar em sua consciência e Sarah só teve certeza do que era aquele monte de pano quando William a empurrou para trás.

— Não chegue mais perto, Sarah! A voz do garoto assumira um tom de autoridade e segurança que a tornava idêntica à do pai e ela se lembrou da situação vulnerável em que se encontravam devido à ausência de Philip. O que poderiam fazer um garoto de nove anos e um velho paralítico?

— O que vocês querem aqui?

— É melhor chamar o seu pai, menino. Nós temos negócios para discutir com ele.

Sarah ia dizer que Philip não estava em casa quando foi impedida pelo gesto autoritário de William.

— Ele já vira recebê-los, mas antes digam qual é o assunto que querem discutir!

— Negócios de escravos, menino! Estamos atrás de escravos!

— Não houve nenhuma fuga aqui em Calvert Cypress.

— Tem tanta certeza assim, garotinho esperto?

O homem desmontou do cavalo e chutou a trouxa, descobrindo o que a lona encobria até aquele momento. Em seguida fitou Sarah e William com um sorriso maligno.

Ela quase não conseguiu dominar a náusea violenta e agarrou-se a William para não cair. O cadáver era de um jovem negro cujas feições demonstravam claramente a agonia de sua morte. O escravo fora castrado e tinha sido açoitado com tal violência que se enteviam os ossos do tórax. A visão era tão revoltante que Sarah quase desmaiou, mas o controle do garoto obrigou-a a se dominar.

— Como ousam trazer esse cadáver até Calvert Cypress? Saiam já daqui ou...

— ...Ou você faz o quê, menino? — O homem acariciava com displicência o rifle apontado para a varanda e todo o grupo o imitava.

— O que está acontecendo aqui? Charles Calvert surgiu na varanda e, apesar de estar preso a uma cadeira de rodas, ainda emanava um poder e uma autoridade que teriam atemorizado aquele grupo se eles não estivessem tão seguros de sua missão.

— Este negro aqui — o chefe apontou o cadáver coberto de sangue e poeira — foi preso ontem e antes de receber o castigo merecido deu com a língua nos dentes, sabe? Ele contou que passou a noite escondido numa cabana da sua senzala e seus escravos o ajudaram, como vêm fazendo há muito tempo com um número enorme de outros fugitivos. Nós já sabíamos que tinha alguém aqui auxiliando essa cambada de fujões, mas só agora temos o nome do culpado. Quero um escravo seu que se chama Marcus e então nós saímos das suas terras!

— Não!

O grito de Ginny escapou involuntariamente e ela percebeu que cometera um terrível engano. Tinha reconhecido, da janela da cozinha, o corpo do negro que haviam escondido na

noite anterior. Devia ter fugido para avisar Marcus em vez de gritar como uma idiota sem iniciativa. No entanto, ainda restava uma esperança! Antes que pudessem detê-la, ela disparou a correr para alcançar o campo onde encontraria o marido.

— Atrás dela! A negra vai avisar o homem dela para fugir! Eu quero pegá-lo antes!

— Vocês não têm o direito...

Charles gritou, mas sua voz foi abafada pelo galope dos cavalos que se afastavam da casa. Pálido e trêmulo, ele parecia a ponto de desmaiar e Sarah foi ajudá-lo quando viu William correr para os estábulos.

— Vá atrás dele, Sarah! Impeça o menino de presenciar essa barbaridade. Pelo amor de Deus, não deixe...

Quando Sarah chegou ao estábulo, William já partira e, apesar da rapidez com que selaram o seu cavalo, ela não tinha mais esperanças de alcançá-lo em tempo. Mesmo assim, não parou de gritar o nome dele. A meio do caminho, viu um vulto no chão e, ao aproximar-se, reconheceu Ginny, com o rosto ferido e tomada por uma crise de choro incontrollável. Dividida entre a necessidade de auxiliar a jovem escrava e ao mesmo tempo de alcançar William, ela hesitou por uma fração de segundo. Mas quando seus olhos encontraram os de Ginny, ela agiu num impulso.

— Suba no meu cavalo. Rápido!

Com as mãos de Ginny em sua cintura, Sarah galopou através dos campos à procura de Marcus. Acabou encontrando-o ao ver a poeira e ouvir os gritos roucos vindos da beira do rio.

Um grupo de escravos encolhera-se junto a uma árvore e Davies, o feitor, enfrentava os caçadores de escravos com uma pistola leve de apenas seis tiros.

— Vocês não podem exigir que eu lhes entregue um escravo! — gritava Davies quando as duas mulheres chegaram. — Estas terras são propriedade dos Calvert e ninguém pode tocar em nada sem a permissão deles.

— Pois desta vez vamos fazer o diabo e ninguém pode nos impedir! Esse negro... — o chefe apontou o dedo esquelético para Marcus — esse miserável ajudou muitos fugitivos e nós queremos justiça!

Ginny desceu do cavalo e correu para junto do marido, que ao vê-la quase perdeu o controle estóico. Marcus abraçou-a como se tentasse consolá-la de um final inevitável.

— É verdade? — perguntou Davies a Marcus. — Esse homem está falando...

— Não importa se é verdade ou mentira! — a voz de William se fez ouvir novamente, firme e segura. — Estes homens não têm direito algum de prender Marcus. Precisarão esperar a chegada de meu pai e ouvir quais serão as suas ordens!

— Ele só pode dizer uma coisa, menino. Quem ajuda fugitivos morre! Não há dúvidas sobre isso.

— Vocês não podem mesmo prendê-lo — interferiu Sarah que finalmente recuperou a voz. — Este homem tem direito a um julgamento.

— Por favor, dona Sarah, volte para casa e leve o menino. — Davies a fitava aflito, prevendo um final trágico para aquele impasse.

Mas não havia tempo de impedir que os dois presenciassem o final daquela tragédia, pois os caçadores de escravos já estavam fechando o cerco em torno de Marcus. Prendendo-o com uma corda nos pulsos, o chefe amarrou-o à sela do seu cavalo.

— Você vai dar uma voltinha, negro sujo!

William ainda tentou correr na direção de Marcus, mas Davies agarrou-o com firmeza. Nada mais podia ser feito!

O último olhar de Marcus para Ginny foi uma mensagem de angústia, mas havia algo muito forte e íntimo naquela comunicação sem palavras. Ela ergueu os ombros, levantou o queixo e de olhos secos despediu-se do marido em silêncio.

O caçador de escravos chicoteou o cavalo que partiu no galope, puxando a corda que prendia Marcus. Ele conseguiu manter-se em pé, correndo por alguns metros, mas finalmente caiu e foi arrastado pela terra ao lado do cadáver do negro fugitivo.

Só então Ginny soltou um gemido de desespero. Não caiu porque outras escravas a rodearam com seus brados protetores. William permanecia imóvel, refletindo uma incredulidade mesclada por um desespero sem limites.

Apenas Sarah se mexeu naquele momento de paralisia geral.

CAPÍTULO XXVII

A mulher coberta de poeira, com os cabelos despenteados, sem um dos sapatos e com um rasgão na saia de algodão caseiro poderia ser tudo menos a imagem típica de uma refinada dama sulina. Pouco mais de uma hora após o início de sua desenfreada corrida contra o tempo, Sarah desceu do cavalo diante do melhor hotel de Richmond, e, sem perceber a impressão que causava, atravessou o vestibulo cheio de cavalheiros bem vestidos e que a fitavam com espanto. Ainda surpresa por ter-se mantido tanto tempo na sela sem cair de exaustão, ela mal reparou na incredulidade estampada nas feições do recepcionista quando o enfrentou decidida a não perder nem um segundo.

— Ei! Não pode entrar aqui! Este hotel é um lugar decente e...

— Ótimo! Ainda bem que é um "lugar decente", pois meu marido está hospedado aqui. Ele chama-se Philip Calvert e quero falar-lhe imediatamente.

— Seu marido? Mas...

— Por acaso você é surdo? Eu disse imediatamente! Trata-se de uma emergência e garanto-lhe que ele não lhe agradecerá por manter-me esperando!

A postura autoritária, tão oposta à aparência mal-cuidada, surpreendeu de tal modo o homem que ele pareceu ter-se transformado numa estátua, incapaz de agir.

Impaciente, Sarah agarrou o livro de registros e procurou o nome do marido para saber em que quarto ele estava. Quando descobriu que o encontraria no de número 32, dirigiu-se resolutamente para as escadas e seu movimento finalmente trouxe o recepcionista de volta à realidade.

— Não pode subir! Como vou saber se é mesmo quem diz ser? Este é um hotel decente...

A voz do funcionário mal alcançou os ouvidos de Sarah que subira os degraus numa velocidade inesperada para quem já estava tão exausta. Forças vindas de alguma reserva íntima a impeliavam a correr até encontrar a porta do quarto 32, o último na direção oposta à escada. Batendo sem cessar com os punhos fechados, ela rezava para que Philip se encontrasse ali e não tivesse saído com nenhum amigo.

Quando abriu a porta, de roupão e cabelos ainda úmidos do banho, Philip quase caiu de susto ao ver Sarah diante dele com aquela aparência.

— Deus do Céu! O que aconteceu, Sarah?

Ela empurrou-o sem responder e, entrando no aposento, jogou-se sobre a primeira poltrona que encontrou. Recuperando a iniciativa, Philip tomou-a nos braços, percebendo o tremor convulsivo do corpo à beira de um colapso.

— Pelo amor de Deus, diga logo o que foi.

— É Marcus! Os caçadores de escravos... — Sarah mal conseguia falar entre os soluços do pranto que finalmente vencera seu autocontrole. — Descobrimos que ele ajudava escravos fugitivos e foram prendê-lo... levaram Marcus embora! Oh! Meu Deus! Philip! Nós não conseguimos detê-los e vão matá-lo. Você precisa fazer algo! Tem de impedi-los!

Com a fisionomia sombria, Philip começou a vestir-se para partir e em poucos minutos estava pronto.

— Fique neste quarto, Sarah, até eu mandar alguém buscá-la com a carruagem.

— Não! Eu vou também!

— Não há tempo para discutir. Obedeça, por favor. Alguém virá antes do anoitecer.

Sarah cerrou os lábios e abaixou a cabeça como se tivesse acatado as ordens do marido, mas, mal ele saiu do quarto, lavou o rosto e desceu novamente para o vestibulo.

— Por favor, me desculpe, sra. Calvert — balbuciou o recepcionista, envergonhado. — Foi um engano terrível e...

— Não se preocupe com isso. Quero apenas que alguém vá cuidar do meu cavalo, ele está exausto e...

— O animal já está sendo tratado, senhora. Posso lhe sugerir um bom lanche e...

— Preciso de uma carruagem, agora. — Mesmo decidida e firme, Sarah era suficientemente realista para saber que não agüentaria outra viagem a cavalo. — Coloque a despesa na conta do meu marido.

— Ele não disse nada sobre sua partida...

— Por favor, cavalheiro! Talvez tudo lhe pareça muito estranho mas, se me ajudar, eu sairei da sua frente em pouco tempo. Caso contrário... — Sarah deixou a frase em suspenso, permitindo ao homem uma infinidade de imagens desagradáveis de sua presença maltrapilha e histérica no saguão do hotel.

— Está bem, senhora. Quer também um cocheiro?

— Não, eu irei sozinha.

Ela jamais dirigira uma carroça ou carruagem, pois nenhuma dama o fazia, mas queria evitar que mais pessoas soubessem do que acontecera. Sarah gostaria de poder ignorar aquela tragédia que lhe provocava um ódio comparável ao experimentado na morte de sua mãe.

Não havia um único vulto humano à vista quando Philip galopou pela alameda de Calvert Cypress. As senzalas estavam silenciosas e nenhum escravo veio recebê-lo à porta quando ele desmontou.

— Davies? William? Onde estão todos?

— Eu estou aqui, papai. — O garoto chamava de uma das janelas do primeiro andar. — Suba logo.

— Não posso perder nem um minuto, filho.

— É o vovô.

Philip subiu as escadas como um desesperado e encontrou o pai na cama, pálido e com as feições transtornadas. Apenas seus olhos pareciam ainda refletir um brilho vital.

— Aconteceu alguma coisa "pro" patrão... — Rameses murmurou baixinho ao ouvido de Philip. — Quando o Davies contou que os homens tinham levado Marcus, ele deu um grito e segurou a cabeça. Falou que a dor era terrível e depois "num" falou mais nada.

Philip ajoelhou-se ao lado do pai e segurou-lhe as mãos, frias como as de um cadáver.

— Papai? Por favor, fale comigo...

— "Num" tem mais o que fazer, filho. — Augusta tocou os cabelos dourados do homem que ela carregara nos braços há muitos anos. — O Senhor vai decidir por nós agora, filho.

No entanto, havia algo que Philip podia fazer e o brilho nos olhos de seu pai, a última réstia de vida naquele corpo imóvel, lhe pedia para agir com rapidez.

— William, meu filho... fique com ele.

— Eu quero ir com você, papai.

— Não! — Por nada Philip permitiria que o filho presenciasse o final da tragédia mas, para suavizar a ordem autoritária, explicou sua decisão. — Alguém precisa tomar conta de tudo aqui em casa enquanto eu estiver fora.

Um silêncio absoluto cobria Calvert Cypress e até nos estábulos, onde moravam alguns dos jóqueis que montavam os cavalos de corrida da fazenda, não havia som algum. Com dificuldade, Philip conseguiu convencer aqueles homens, cujo contrato não incluía ajuda em problemas da fazenda, a empunharem armas e só obteve a cooperação deles quando lançou mão de um último argumento.

— Se esses miseráveis saírem de minhas terras levando um escravo meu, julgar-se-ão no direito de tomar tudo o que lhes aprouber e os próximos serão os nossos cavalos!

Essas palavras despertaram um espírito de luta naqueles jóqueis que amavam seus animais e eles acompanharam Philip de rifles na mão. Foram seguindo um rastro de galhos quebrados e cada um deles temia a cena com que se deparariam no final da trilha. Nos últimos cem metros, a direção lhes foi indicada por vozes bêbadas e o ruído sinistro do chicote zunindo no ar.

— Nós vamos chegar até eles atirando para cima, mas, se algum desses miseráveis se mover em direção à arma, podem estourar-lhe os miolos!

Havia aproximadamente doze homens na clareira e eles passavam um garrafão de bebida de mão em mão, enquanto se revezavam para açoitar o escravo. Quando se viram cercados por um grupo armado, todos ficaram imóveis, mal percebendo no estupor do alcoolismo o que estava acontecendo.

Philip não queria olhar para o corpo preso à árvore, mas forçou-se a tomar uma decisão à qual não podia escapar. Marcus estava nu até a cintura, com os braços presos num galho sob a cabeça e uma corda em volta do pescoço para impedir que se esquivasse das chicotadas. A

cada tentativa de se mover, ele quase era estrangulado.

O chicote fora usado tantas vezes que era impossível calcular o número, pois tiras de carne pendiam do tórax dilacerado e uma poça de sangue encharcara o chão aos seus pés. Philip sentiu um gosto de fel queimar a boca e suas mãos tremiam quando cortou as cordas e tomou o corpo do irmão nos braços.

Por uma bênção divina, Marcus estava inconsciente e nada sentiu quando Philip o deitou no chão. À volta deles, os jóqueis fitavam a cena revoltados e incapazes de acreditar em tanta crueldade. Quando finalmente o chefe dos caçadores de escravos se aproximou, encontrou não apenas um, mas todo um grupo de homens tomados pelo ódio.

— Ei... você não pode fazer isso. O negro é meu...

— Posso e vou fazer. Além disso, também posso torcer esse seu pescoço nojento, sabe?

Sem esperar por uma resposta, Philip agarrou o homem e foi apertando as mãos em torno do pescoço fino e esquelético. Mas, para espanto de todos, ele o largou subitamente, jogando-o ao chão.

— Não vou matá-lo por um motivo apenas... Por que você deveria ser poupado de tudo o que virá? Nenhum de nós escapará e você também não! Só lhe dou um aviso! Mantenha-se afastado das minhas terras ou é um homem morto. Se eu sequer sentir o seu fedor perto de Calvert Cypress, vou caçá-lo como um animal e deixar sua carcaça para os abutres!

Sem voltar-se para fitá-los, Philip tomou Marcus nos braços e recomeçou a volta para casa. Apesar da insistência dos jóqueis em se revezarem para carregar o corpo pesado do escravo, ele se recusou e chegou coberto do sangue de seu irmão.

Sarah já o aguardava nas escadas da varanda com Ginny ao lado dela. William havia lhe contado sobre Charles e ela o vira rapidamente, pois logo tinha ouvido os cavalos se aproximando.

Ginny não emitiu um único som ao ver o estado a que haviam reduzido seu marido. Apenas mordeu o lábio e acompanhou os dois homens que carregaram Marcus para dentro de casa. Philip, porém, não se iludiu com a postura estoica da jovem mulher e fez um gesto, numa tentativa de tocar-lhe o ombro. O olhar que acompanhou o recuar instintivo da escrava era tão cheio de um ódio mortal que ele não conseguia manter os olhos presos nos dela e abaixou a cabeça. Para Ginny, ele não era o que salvara seu homem mas apenas um branco cruel e detestado.

— Ele terá os melhores médicos, Ginny.

— Sim, senhor, "patrãozinho".

Nunca aquelas palavras tinham lhe parecido tão insultantes, mas ele ainda tentou uma comunicação com a jovem.

— Não foi por minha culpa, eu...

— Sim, senhor, "patrãozinho".

— Com os diabos, Ginny! Ele me traiu! Confiei em Marcus e durante todo esse tempo ele me fez de bobo...

— Philip? — Sarah aproximou-se dele com uma expressão de surpresa. — Você sabia, é claro...

— Sobre a ajuda aos fugitivos? Não, minha cara. Eu não tinha a menor idéia. No entanto, estou começando a perceber que você sabia, não é? Quando descobriu? Por quanto tempo guardou esse segredo?

— Não entendo mais nada... tinha tanta certeza de que você sabia, Philip!

Subitamente, além de todas as tragédias daquele dia funesto, Sarah via-se diante de mais um fato chocante. Ela se apaixonara por um homem a quem julgara um idealista a ponto de lutar, mesmo clandestinamente, contra um sistema deplorável e imoral. Tudo tinha sido apenas um engano lastimável?

— Eu o teria impedido de continuar essa loucura se soubesse antes da verdade e assim essa tragédia brutal não aconteceria.

— Ninguém podia impedir Marcus. — A voz de Ginny soou com clareza na varanda colorida pelo crepúsculo. — Nenhum homem e nenhuma mulher podia fazer isso e eu tentei, tentei muito. Ele só queria saber da liberdade, não a dele, mas a de todos os escravos. O único jeito de fazer ele parar era matando. — A voz tornou-se quase um murmúrio. — E alguém fez isso pelo senhor, "patrãozinho".

Philip já não sentia mais nada, nem ódio, nem revolta. Um grande vazio o envolvera ao

notar o olhar de Sarah no momento em que tinha afirmado não saber das atividades de Marcus. Embora não compreendesse a extensão do desastre, suspeitava que um enorme abismo se abrisse entre eles. Algo mudara drasticamente, pois ele também não podia aceitar o fato de uma esposa manter um segredo tão grave do marido.

A terra parecia se abrir a seus pés e todos os princípios, as regras e crenças de uma existência seriam arrasados por forças cuja impetuosidade nenhum homem podia compreender ou controlar. Sem olhar para nenhuma das mulheres, ele saiu da sala e se fechou na biblioteca.

Sarah o encontrou lá uma hora mais tarde e o pôs a par do estado de Marcus. Além dos estragos causados pelo chicote, ele quebrara várias costelas e talvez tivesse uma concussão cerebral. Todavia, o mais sério poderiam ser os danos a órgãos vitais. Ginny a informara de que muitos escravos severamente chicoteados morriam de infecção nos rins. Só o tempo diria se Marcus conseguiria escapar com vida!

Enquanto isso, ela precisava resolver aquele problema com o marido, pois não poderiam deixar em suspenso um assunto tão grave. No fundo, Philip teria razão para censurá-la, pois o traíra não confiando nele! Estava disposta a pedir-lhe desculpas quando viu que ele estava retirando todos os papéis pessoais da gaveta da escrivaninha.

— O que está fazendo, Philip?

— Arrumando as malas. Volto a Richmond hoje mesmo.

— Você disse que só iria ficar lá mais alguns dias... Então por que está levando todos os seus papéis?

O olhar de Philip transmitia tanto desespero que Sarah sentiu as lágrimas aflorarem. No início, pensou que fosse por causa de Marcus, mas logo soube que a tragédia envolvia muitas outras vidas.

— O Forte Sumter foi atacado hoje. A guerra começou, Sarah...

CAPÍTULO XXVIII

O saguão do hotel Richmond lembrava um quartel, tal a atividade dos oficiais de inúmeros e diferentes regimentos. Philip parou para analisar aquela agitação excitada que só lhe causava desânimo. Suas únicas ambições naquele momento eram um banho e um uísque.

Já estava viajando há dois meses, tendo partido de Richmond logo após seu retorno de Calvert Cypress. Mal voltara à cidade e o juiz Rider pedira para fazer uma pesquisa sobre os arsenais dos Estados do sul. Philip suspeitara de que o juiz tinha criado essa missão para afastá-lo dali pois a notícia dos acontecimentos relacionados a Marcus havia se espalhado rapidamente. Sua atitude não fora bem aceita e seu velho amigo julgara melhor enviá-lo para longe.

Ao concordar, Philip não tinha imaginado como seria difícil a sua tarefa e agora, sabendo das reais condições, não se sentia nem um pouco feliz por ser o portador de tão más novas. Enquanto tomava banho, tentou encontrar um modo de revelar a verdade sem chocar demais Jefferson Davis.

Uma batida à porta obrigou-o a encerrar o banho relaxante e ele recebeu Peter Rider sem o entusiasmo habitual.

— Que ótimo, Philip. Você chegou bem no momento certo! Temos uma reunião hoje à noite e...

— Sinto muito mas não pretendo passar horas sentado, ouvindo como venceremos esta guerra sem esforço! Além disso, tenho um relatório a preparar.

Peter fitou o amigo e notou as linhas de tensão no rosto marcado pelo cansaço. Viu também naqueles olhos azuis uma frieza que jamais existira antes.

— Foi muito ruim a sua viagem?

— Digamos que apenas fortaleceu minha opinião contra os demais. Você sempre soube que desde o início fui contra esta guerra e o que vi me deixou ainda mais desanimado.

— Vai relatar tudo a Davis?

— Lógico! Se eu não lhe revelasse toda a verdade, por pior que fosse, estaria traindo meu compromisso com ele.

Seu único encontro com Jefferson Davis, o presidente dos Estados Confederados, tinha

sido na cidade de Montgomery, Alabama, e fora muito breve. Restara desse contato rápido a impressão de que Davis solicitara sua ajuda para avaliar o material bélico existente no sul por saber que Philip não desejava a guerra e faria um julgamento justo. Mesmo assim, ele não tinha dúvidas de que seu relatório seria mal recebido. Diante da euforia pró-guerra, sua sobriedade só causaria desagrado.

— Esqueça a reunião, Philip. Vejo que você está cansado... Que tal jantarmos no seu quarto?

Essa sugestão foi recebida com entusiasmo por Philip que, apesar do cansaço, não gostaria de ficar a sós com seus pensamentos sombrios. Desde o início da viagem a mando de Davis, fizera o possível para não lembrar os acontecimentos em Calvert Cypress. Era uma ferida ainda muito recente e o simples mencionar do fato a reabria, causando-lhe uma mágoa profunda.

Antes de partir, enviara uma carta a Sarah, dando-lhe todas as instruções necessárias para dirigir a fazenda durante sua ausência. Tinha sido uma missiva seca e ríspida, do tipo que mandaria a um capataz ou a um criado, jamais a uma esposa. Não havia sinal de emoção: raiva, mágoa, perdão ou entendimento. Tinham se correspondido após sua partida, mas sempre através de relatos frios e impessoais.

Peter analisou o amigo enquanto ouviam a comemoração ruidosa cujos ecos chegavam até o quarto. As canções militares não agradavam a nenhum dos dois pois ambos duvidavam da eficácia da vitória sulina em Forte Sumter.

— Deve ter sido bastante difícil para você precisar se afastar de casa nesse período.

— Não tinha como evitar, Peter. Agora preciso voltar e decidir inúmeros problemas.

— E sabe o que vai fazer?

Não havia necessidade de mencionar qual era o problema principal que afligia a ambos.

— Não vou enforcar Marcus, se é o que quer saber! Ele já foi punido o suficiente. Nas cartas de Sarah soube que a recuperação está sendo muito lenta.

— Alguns simpatizam com a sua atitude, sabe? Os caçadores de escravos agiram inescrupulosamente ao tomar uma decisão por você. Além disso, ninguém sabe quantos negros Marcus ajudou a fugir. Alguns querem culpá-lo de todas as fugas dos últimos vinte anos, outros acham que foi a primeira vez. E como, além de tudo, seu pai teve um derrame, acho que você escapará da censura geral apenas vendendo-o.

— Não vou vendê-lo! — Diante da surpresa de Peter, ele explicou. — Ele ficará melhor em Calvert Cypress.

— Por acaso percebe que está criando uma situação bastante difícil para você mesmo, Philip? O problema de Marcus aliado ao relatório que vai apresentar a Davis...

— O que tem um fato a ver com o outro, Peter?

— Não há uma ligação direta mas os dois o colocam numa posição muito diferente da geral. Nunca ouvi falar de um escravo que tenha cometido um crime tão grave e escapado da morte e também não se compreende alguém que não acredita na vitória arrasadora do sul sobre o norte!

— Eu compreendo perfeitamente bem, Peter. Só lhe peço um favor... se estivesse em meu lugar, seria capaz de condenar Marcus à morte? Responda com toda a honestidade possível!

— Oh! Deus! Eu não sei e espero jamais ser colocado numa situação tão terrível.

— E se acontecesse? — insistiu Philip, apesar de saber que estava pisando num terreno perigoso. — Há tanta mistura de raças, como poderemos avaliar se um mestiço qualquer não é seu irmão ou primo? Tenho pensado muito sobre esse problema e... o que eu faria se estivesse no lugar de Marcus? Aceitaria meu destino ou encontraria um modo de lutar contra tudo?

— Você não pode se colocar na posição de um escravo! É uma loucura!

— Acha mesmo? Marcus é um homem, como eu ou você, sabe? Ele ama, odeia, ri, chora e posso lhe garantir que seu sangue é tão vermelho quanto o nosso!

— Não fale assim! Ter dúvidas sobre a moralidade da escravidão é ainda aceitável pois todos nós as tivemos em algum momento de nossas vidas. Sugerir que brancos e negros sejam iguais é uma heresia!

— Eu não disse isso. Acredito que haja certas diferenças mas não sei se são inerentes à raça ou produto do ambiente.

Ou a bebida estava começando a perturbar-lhe o raciocínio ou realmente suas idéias haviam mudado muito!

— Um dia, quando tínhamos quinze anos, eu e Marcus fugimos numa barça e chegamos até Williamsburg onde meu pai nos encontrou. Quando ele percebeu que Marcus passara por branco durante todos aqueles dias, chamou-o de lado e eu jamais esquecerei suas palavras. — Philip parou um instante antes de continuar.

— Charles perguntou-lhe se ele queria continuar a jornada até o norte e lhe ofereceu dinheiro para ajudá-lo nos primeiros meses.

— Por que Marcus não aceitou essa oferta?

— Ele disse que era fácil demais.

— Não entendo!

— Eu também não entendi naquela época mas meu pai compreendeu muito bem. Ele não falou mais nada durante a volta para casa e, uma semana depois, quando Marcus comunicou seu desejo de ir morar na senzala, apenas concordou. Eu fiquei arrasado!

— E agora sabe por que ele foi?

— Percebi toda a verdade quando o vi preso naquela árvore maldita. Marcus sentia uma responsabilidade, uma necessidade profunda de ajudar aqueles que, ao contrário dele, não tinham chance alguma de escapar da escravidão. Ele nunca conseguiu simplesmente ignorar seus irmãos e ir ao encontro da liberdade sozinho. Nós sempre falamos em lealdade e honra, mas Marcus não fala apenas, ele age!

O dilema de Philip era impossível de ser resolvido. Como condenar um homem a quem admirava e, por mais estranho que pudesse parecer, também invejava? Marcus acreditava num sonho pelo qual era capaz de arriscar tudo! Ele desejava desesperadamente sentir a mesma fé num ideal qualquer para sustentá-lo durante o terrível período de trevas que principiava. Não tinha mais nenhuma esperança e esse vazio o perturbava.

— Preciso ir para casa — murmurou Philip, sem perceber que transformara em palavras os seus pensamentos. — Preciso ver Sarah, tentar resolver tudo com ela e...

— O que Sarah tem a ver com essa situação terrível envolvendo você e Marcus?

— Nada... Ela é apenas minha esposa, mais nada.

Peter não compreendeu a resposta de Philip, porém reconheceu uma nuance de desespero no tom desanimado do amigo e achou mais prudente não insistir num assunto tão íntimo. Os dois terminaram a noite cantando o hino do sul, Dixie, embora suas vozes não tivessem o mesmo entusiasmo dos que cantaram nas ruas até o sol raiar.

Por sorte, a ressaca de Philip não foi excessiva e apenas uma ligeira dor de cabeça o incomodava ao apresentar seu relatório a

Jefferson Davis. Ele se surpreendeu por ser recebido pessoalmente pelo presidente.

O homem escolhido para liderar os Confederados continuava um enigma para Philip. Reservado e sem a exuberância típica dos sulinos, Davis era esguio, quase cego de um olho e propenso a crises de intensas dores de cabeça. Dificilmente poderia ser considerado o tipo ideal de um herói, mas o queixo voluntarioso e a boca firme denunciavam uma teimosia que chegava à obstinação.

— Vamos ver se entendi bem! — comentou Davis, depois de Philip terminar seu relatório. — Você acredita que o sul é vulnerável sob todos os aspectos militares, desde alimentos para os cavalos até as balas para nossas armas. Acha também que nos falta estrutura para uma guerra mais prolongada e, se ainda estivermos lutando daqui a um ano, nossa situação se tornará gravíssima. Foi isso que quis me comunicar, sr. Calvert?

— Exatamente, senhor.

Philip mexeu-se inquieto, lastimando que aquele encontro com Davis não tivesse sido a sós. Os outros homens ali reunidos o fitavam com desconfiança e poucos pareciam ter prestado atenção às suas palavras.

— Será preciso lembrar-lhe que capturamos o Forte Sumter sem grande esforço e em breve estaremos marchando para conquistar Washington? O exército do Potomac está desorganizado e os pedidos de Lincoln para mais voluntários os colocou numa posição de aceitar soldados inexperientes e jamais testados em campo de batalha. O gabinete do presidente da nação está dividido, pois alguns apóiam e outros discordam de sua estratégia. Não há nada, absolutamente nada que sequer se assemelhe a um obstáculo à nossa vitória!

— Nada, a não ser a capacidade do norte para se manter mais tempo lutando e, por conseguinte, se organizando melhor.

— Então, meu caro Calvert, faremos o possível para não lhes dar esta chance. Vamos obter uma vitória relâmpago! — exclamou Robert E. Lee.

Philip não conhecia aquele general cuja lealdade ao sul era célebre, em particular pelo seu Estado natal, a Virgínia. Tinham oferecido a esse patriota sulino um alto posto no exército da União mas ele se recusava a abandonar seus amigos.

— Em sua opinião, qual é nossa maior deficiência?

— Armas e munição, general Lee.

— Tem alguma idéia de como consegui-las?

— A Europa precisa do nosso algodão e poderíamos trocá-lo por armas. Ao mesmo tempo, estaríamos privando as fábricas do norte de matéria-prima, enfraquecendo sua economia e obrigando-os a pedir paz!

— Não é uma idéia má, sr. Calvert — interveio Davis com um sorriso malicioso. — No entanto, alguns acreditam que nosso algodão poderá nos dar resultados melhores se for retirado do mercado.

— Sinto muito mas não entendo, sr. Davis.

— Não é tão complicado assim, meu caro! Queremos que a Inglaterra e a França pressionem o norte para pedir a paz rapidamente. Que método seria mais efetivo do que negarmos a eles o nosso precioso algodão?

Philip não podia crer que tivesse ouvido aquelas palavras desatinadas!

— Não vendermos o nosso algodão?

— É nossa melhor arma.

— Mas a Inglaterra e a França só nos apoiarão se acreditarem em uma possibilidade de vitória.

— E logo os asseguraremos dessa certeza, meu caro!

Peter colocou a mão sobre o braço de Philip para impedi-lo de continuar a se expor. Mas, tão logo deixaram a sala de reuniões, Philip deu vazão à sua fúria.

— Eles ficaram loucos! Vão desperdiçar nossa única chance de vencer esta guerra!

— Calma, Philip. O assunto foi debatido por muito tempo. A estratégia dará certo.

— Não pode acreditar nisso, Peter. Você é um soldado, sabe o valor e a necessidade de boas armas.

— Há muitos outros meios de conseguir...

— Como? Roubando os mortos nos campos de batalha?

— Há séculos isso acontece, meu amigo. Eles farão o mesmo conosco sem a menor hesitação.

— Então reze para que isso não aconteça. Nós temos muito a perder e pouco a ganhar.

Afastando-se do amigo, Philip observou o movimento excitado de uma cidade impelida pela euforia da guerra. Ele gostaria muito de sentir essa mesma confiança na vitória, mas não conseguia. Lembrava-se claramente de tudo que vira nessa longa Viagem.

O sul não era a fortaleza inexpugnável imaginada por todos mas apenas uma região agrícola e pastoral dentro de um mundo em pleno progresso. Trilhos de trem e fios de telégrafo cruzavam o norte como um labirinto poderoso e o sul se tornava cada dia mais arcaico.

Philip amava seu lar e queria protegê-lo. Precisava do conforto familiar mas até esse refúgio eterno estava mudando. Precisava voltar embora não tivesse idéia do que fosse encontrar à sua espera. Um cansaço imenso tinha tomado conta não apenas de seu corpo mas também da alma e período algum de repouso traria de volta a sensação de energia e segurança. Seu mundo estava à beira de uma noite de trevas profundas e ele não entrevia mais a luz da esperança...

CAPÍTULO XXIX

O sol ainda estava alto, demoraria tanto para chegar a noite! Sarah ansiava para que o tempo passasse o mais rápido possível. Havia muito a ser feito, o cansaço aumentava sempre e ela lutava para não demonstrar o desânimo e a apatia que tinham consumido sua habitual

energia, após a partida de Philip.

Não deixara nem por um segundo de pensar no marido e censurava sua complacência inexplicável. Deveria continuar furiosa com ele, depois daqueles acontecimentos trágicos. No entanto, o conforto de sentir-se magoada e com raiva se desvanecera em muito pouco tempo e fora substituído por uma profunda desolação. As saudades de Philip haviam aumentado a ponto de se tornar uma tortura quase insuportável.

Precisava daquele homem de todos os modos possíveis, não apenas à noite quando se deitava na enorme cama que parecia zombar de sua solidão! Problemas surgiam a todo instante e ela mal sabia como resolvê-los sem o conselho do marido. Jamais cuidara de tantas tarefas ou sequer imaginara as incríveis dificuldades de tomar conta de centenas de seres humanos.

Às vezes, a necessidade da presença de Philip se tornava tão desesperadora que Sarah chegava a odiá-lo por não estar ali. Essa emoção violenta geralmente vinha à tona quando lia as cartas frias e impessoais. Nessas ocasiões, jurava que nunca mais se tornaria dependente de qualquer criatura na face da terra, em especial daquele homem arrogante que era seu marido e mesmo assim a deixara sozinha!

Sentir-se abandonada por Philip era cometer uma injustiça porque ele simplesmente cumpria seu dever patriótico. No entanto, como podia ignorar seus deveres de esposo? Confusa com a irracionalidade de suas emoções, Sarah procurou não pensar mais nesse dilema. Prender Philip ao seu lado por algum pretexto seria destruir o que haviam partilhado embora por muito pouco tempo.

Massageando o ombro dolorido, Sarah acompanhou com o olhar a longa alameda que se estendia dos jardins de Calvert Cypress até a estrada ao lado do rio James. Ocasionalmente, acordava assustada por ter sonhado que estava galopando em direção oposta à casa. Então, lembrava-se do dia em que chegara ali e chorava por uma inocência perdida. Sem dúvida, aquela ingenuidade completa não poderia mesmo resistir às condições amargas da dura realidade, mas Sarah tivera grandes esperanças de que alguns ideais sobrevivessem. No lugar desse idealismo, só restara a certeza inquietante de que nada na vida era simples ou racional, nem casamento ou lealdade e nunca o amor!

Entretanto, não havia tempo para ficar perdida em filosofias inúteis! Precisava verificar o que estava acontecendo com os lençóis. Nas últimas semanas, surgira no tecido um esgarçamento excessivo que poderia significar velhice do pano ou uma técnica errada ao lavá-los. O problema não era substituí-los, havia armários cheios de roupas de cama jamais usadas, embora Sarah relutasse em pegá-los pois não seria possível repô-los tão cedo. A vaga idéia de que poderiam ser utilizados como bandagens era algo em que ela se recusava a pensar!

Depois de verificar tantas tarefas cansativas, chegava uma das horas de que Sarah mais gostava nos seus dias agitados. Num interlúdio de paz, ela passava alguns momentos ao lado de Charles, que aos poucos recuperava a fala. Surgira entre ela e o sogro uma compreensão tão profunda que era talvez seu único consolo naquele período difícil.

Naquela tarde, Sarah estranhou as cortinas cerradas. Apesar da sensibilidade à luz que irritava os olhos de Charles, ele não queria seu quarto mergulhado numa penumbra doentia!

— O que houve, Salomão? — perguntou ela ao jovem escravo que cuidava de Charles dia e noite. — Ele não está bem hoje?

— Não, "dona menina". "Num" quer comer, "num" ficou quieto... acho que queria ver a senhora!

Sarah sentou-se na cama e tomou a mão muito magra de Charles entre as suas. Ele perdera muito peso apesar dos esforços de todos para alimentá-lo e o rosto era uma sombra vaga do homem atraente e autoritário de alguns anos atrás.

— Sarah?

— Sim, Charles, sou eu. Não está se sentindo bem? Charles não respondeu e Sarah lutou para esconder a ansiedade. Temia que o sogro piorasse durante a ausência de Philip.

— Sente alguma dor? — O aceno de cabeça foi negativo e ela continuou: — Quer ir até o terraço do quarto? Não? Quer que eu leia um pouco? — Finalmente a fisionomia ficou menos rígida. — Então é isso! Que tal um livro novo? Não? — Subitamente Sarah percebeu qual era o problema. — São as cartas de Philip, não é?

Resignada, ela foi buscá-las e pediu a Salomão que ajudasse Ginny enquanto ela ficava com Charles. O elo de ligação que surgira entre elas, nascido do sofrimento, aumentava dia a

dia, tornando-se mais um motivo de esperança para Sarah. Quem sabe no futuro as diferenças raciais seriam realmente superadas?

De volta ao quarto do sogro, começou a ler as cartas que seria capaz de recitar sem sequer olhá-las. Havia ali apenas instruções precisas e breves sobre como dirigir a fazenda, mas Charles parecia sentir-se mais seguro e próximo ao filho ouvindo aquela litania de ordens!

A um certo ponto, Sarah o viu tão imóvel que imaginou estar dormindo e se calou. Imediatamente, Charles abriu os olhos, ainda lúcidos e alertas.

— Marcus?

Sarah não fingiu que não o entendera. Como poderia fazê-lo se Charles repetia diariamente a mesma pergunta? O nome do filho mestiço estava constantemente em seus lábios, quase totalmente privados da palavra.

— Ele está melhor, Charles.

— Marcus... vem?

— Ele virá logo... talvez amanhã possa visitá-lo.

— Verdade?

— Sim, Charles... é a pura verdade. Marcus está muito melhor embora ainda encontre um pouco de dificuldade em andar. Eu pediria a Salomão para colocá-lo na sua cadeira de rodas a fim de trazê-lo até aqui mas tenho medo de que Marcus se ressinta com isso. Compreende por que ainda não tomei essa atitude?

Charles fez um sinal afirmativo, ouvindo cada palavra de Sarah com uma concentração que ela sabia causar-lhe um cansaço extremo.

— Ginny fica com Marcus quase todo o tempo e dorme num colchão ao lado da cama do marido. Ela também ajudou a cuidar do senhor, sabia? Foi talvez a maneira de demonstrar que não o culpava pelo acontecido.

— Culpa minha! — Os olhos se encheram de lágrimas que ele já não tinha mais forças para controlar. — Velho... fraco...

— Não é verdade! Tentou protegê-lo e fez o que lhe foi possível. Graças a Deus, Philip chegou em tempo e é só nisso que devemos pensar agora.

Ao mencionar o nome do marido, todas as tensões daquele dia descenderam sobre seus ombros e Sarah abaixou os olhos para evitar que Charles visse o tormento refletido neles. Após um momento de silêncio, ouviu o murmúrio suave do sogro.

— Ama... Philip.

— Como assim? Eu...

— Você... ama... Philip.

— Não é isso, Charles. Sou a esposa dele e o amor não tem nada a ver com nossa união.

— Tudo...

— Continuo não entendendo.

— Amor... é tudo.

— Você realmente acredita nisso, Charles? Fico surpresa...

— Amei Elizabeth, a mãe de Philip...

— Eu sei. Todos me dizem como ela era uma mulher maravilhosa.

— Antes... amei Lacey.

— Lacey? Quem era ela?

— A mãe de Marcus.

— Mas... você amou... uma escrava?

— Errado, eu sei, mas... não pude lutar contra.

Sarah não imaginara essa ligação afetiva entre Charles e uma escrava, mas agora começava a compreender os motivos pelos quais o sogro violara as leis de sua sociedade quando se recusara a vender Marcus após o incidente.

— O que aconteceu com Lacey?

— Ela morreu... Marcus só com seis meses... febre tifóide.

Ainda havia um tom de tristeza na voz de Charles ao falar daquele amor distante. Sem dúvida, seu amor tinha sido considerado ameaçador, tanto aos brancos quanto aos negros e aquela morte prematura devia ter causado um alívio geral. E como Lacey teria sofrido ao se apaixonar por alguém da raça que oprimia seu povo!

— Punido... Lacey disse que ia acontecer... Punição.

— Porque vocês se amavam?
— Não foi justo. Ela sofreu... Culpa minha.
— A culpa não é de ninguém, Charles. O destino decide tudo por nós.
— Agora... Eu pago... aceito. Mas não Marcus!
— É nisso que está pensando, Charles? Que Marcus está pagando pelo seu pecado de amar Lacey? — As mãos de Charles seguraram as de Sarah com desespero. — Eu me recuso a acreditar! Nunca é errado amar e nenhuma criança concebida por amor irá pagar pelos pecados dos pais. Você... por que não o mandou para o norte?

— Tentei...
— E ele não aceitou?
— Disse... muito fácil... Pensei que fosse fácil para mim... já não sei mais.
— Acha que Marcus acreditava ser fácil demais para ele, é isso?
— Você sabe!
— Eu? Está enganado! Não tenho a menor idéia do motivo pelo qual ele ficou.
— Você ficou...
— Mas... é diferente! Eu sou a esposa de Philip, este é meu lar.
— Verdade... mesmo?
— Bem, não sei...
— Mas ficou... e fica.

Sarah não conseguiu mais enfrentar a percepção penetrante dos olhos de Charles. Ele tocara num ponto que não gostava sequer de pensar mas não poderia negar! Tanto ela como Marcus estavam presos a Calvert Cypress pela lei e pelos costumes: ele preso por grilhões criados pela cor e por ser escravo, e ela aprisionada por seu sexo e por uma sociedade que a considerava propriedade do marido. No entanto, ambos poderiam ter fugido!

Marcus encontraria a liberdade se aceitasse a oferta do pai, ela a teria de volta se escapasse na ausência do marido e ambos seriam bem recebidos no norte mesmo se com alguma desconfiança inicial. No entanto, os dois haviam permanecido presos por uma verdade mais forte do que qualquer prisão: ninguém foge de si mesmo!

Aquele mestiço corajoso amava uma terra que jamais seria sua e ela se apaixonara por um homem que nem sequer conhecia bem e já não podia mais se evadir desse amor. Como lutara para evitar essa emoção! Até mesmo quando já era uma cegueira completa negar esse fato, Sarah resistira enquanto tudo à sua volta mudava em função do amor. Por causa desse sentimento, não se satisfaria mais apenas com segurança ou uma afeição morna e conveniente. Queria muito mais agora... exigia muito mais! E o único que sabia dessa sua necessidade ardente era Charles Calvert!

— Sarah... não chore...
— Tem razão, Charles. Não tenho tempo para chorar.
— Sarah... boa menina.
— Muito boa mesmo! Acho que sou um problema e você deveria estar descansando em vez de se esgotar, tentando me consolar. Em todo caso, muito obrigada... pai.

Sarah beijou o rosto macilento de Charles e esperou que as mãos dele se relaxassem com o sono. Só então saiu do quarto e foi para a varanda na esperança de que os tons mágicos do crepúsculo amenizassem sua mágoa.

Philip parou na colina diante de Calvert Cypress, a mesma onde permanecera observando seu lar há tantos anos quando retornara de Princeton. A cena era tão familiar e idêntica que ele tentou convencer-se da permanência de um mundo conhecido e seguro. No entanto, sabia que seria tolice se iludir!

Calvert Cypress tinha mudado tanto quanto ele. Muitos anos de mentiras, evasões e deliberada ignorância dos murmúrios reprovadores de sua própria consciência o atormentavam. Todavia, bem no fundo do coração, sempre soubera e fora covarde em não enfrentar a verdade. Marcus jamais tinha mentido, por isso não se tratava de uma questão de traição! Onde estava escrito que um homem devia confiar no outro apenas pelo fato de ser seu escravo?! Só um tolo acreditaria em tal absurdo!

Essa fantasia criada por mentes inconscientes continuava viva numa época de crescente agitação e a euforia de Richmond era uma prova disso! Aqueles homens e mulheres fascinados pela guerra não tinham a menor noção da realidade! Mas, num caos tão

incompreensível, nada era impossível, nem mesmo os seus sonhos!

Sarah estava sentada na varanda com um copo de limonada nas mãos quando ele desmontou do cavalo exausto. Philip não a viu mover um músculo nem mesmo piscar os olhos por vê-lo chegar inesperadamente!

— Traga mais uma limonada, Rameses. Philip chegou agora mesmo.

— Está muito quente, Sarah, mas em Richmond o calor chegou a quarenta graus.

— Imagine que horror.

Philip sentou-se ao lado da esposa, procurando não tocá-la mas próximo o suficiente para sentir o perfume inconfundível de lilás, verbena e rosas emanando daquela mulher que o fitava impassível.

— Esteve muito ocupada, não?

— Bastante... Mas bem menos do que na época da matança dos porcos.

Philip deu uma gargalhada, tão cheia de alegria espontânea que Rameses quase derrubou a bandeja com a limonada. Há muito tempo não se ouvia um som tão reconfortante.

Quando o velho escravo os deixou novamente a sós, Philip observou com atenção o perfil delicado de Sarah. Ela permanecia imóvel como se estivesse protegida por uma concha de solidão e calma, mas uma veia pulsando no pescoço muito branco demonstrava que a indiferença não era tão profunda. Os cabelos, sempre rebeldes e muito lisos, haviam escapado do coque severo e flutuavam na brisa perfumada como plumas leves e brilhantes. O vestido de algodão fino, sem espartilho ou anáguas, mostrava com muito mais nitidez as curvas do corpo esguio. Sarah continuava linda mas o ar de cansaço provocou uma onda de remorsos em Philip.

— Como está meu pai?

— Bem melhor. Aos poucos, ele vai recuperando a fala, usando palavras novas e já move a cabeça e os braços.

— Qual é a opinião do médico?

— Ele diz que não há nada a ser feito exceto tornar a vida de Charles a mais confortável possível.

Philip levantou-se e, apoiando-se na balaustrada de madeira, ficou por algum tempo fitando os campos a se perder de vista no horizonte, sem ver nada diante de seus olhos cheios de dor.

— Eu devia ter voltado para casa antes. Eu devia...

— Você precisava cumprir um dever ao qual não podia escapar. — No íntimo, Sarah concordava com ele mas não queria aumentar a mágoa refletida naquela expressão torturada.

— Foi um esforço inútil. Ninguém aceitou ou sequer acreditou no meu relatório e, quanto às minhas opiniões, foram claramente consideradas... nulas!

— Até pelo sr. Davis?

— Ele e todos os outros estão plenamente convictos de que a guerra não durará mais do que uns poucos meses. O sul sairá vitorioso após meia dúzia de triunfos espetaculares.

— Deus queira que estejam certos.

— Como sempre, você me surpreende, Sarah. — Philip aproximou-se da esposa e sentou-se no chão para fitá-la nos olhos. — Pensei que sua lealdade fosse para com o norte.

— Este é meu lar. — Sarah ficou tensa mas não fugiu do olhar do marido. — A este lugar eu devo ser leal.

— Lealdade a um lugar?

— Está bem... Lealdade a você, ao meu marido.

Philip tomou as mãos da esposa entre as suas, tocando os dedos com cortes, os calos nas palmas outrora delicadas e suspirou. Quando ela tentou retirá-las, segurou-as com mais força.

— São medalhas de honra, Sarah. Toda mulher sulina deveria se orgulhar de suas mãos, que são uma prova de trabalho abnegado e incessante.

Ele abaixou a cabeça, tão dourada ao sol poente e beijou cada dedo cuja pele já não mais era macia como a seda. Ao levantar os olhos, viu que o rosto da esposa estava rosado e os lábios tremiam.

— Admiro sua lealdade e a considero meu bem mais precioso ainda que sem saber se a mereço realmente. Mesmo assim... eu quero mais. Já não me basta o conforto de uma esposa fiel e dócil, uma mãe para William, uma senhora para Calvert Cypress. Nem mesmo a mulher

sensual que atormenta minhas noites longe daqui é suficiente, Sarah. Eu quero tudo isso e mais.

— Eu também, Philip.

As palavras não pronunciadas, os juramentos não refeitos permaneceram suspensos no ar entre o canto das cigarras que chamavam a noite, ocultas entre as rosas. Philip ergueu-se e puxou Sarah para junto dele sem esperar explicações. O passado deixara de existir, o futuro era incerto e ainda muito distante, só lhes restava o momento presente.

Sarah deixou cair a cesta de costura que tinha em seu colo para seguir o marido. Os fios coloridos se espalharam pelo chão, formando um labirinto onde não havia começo ou fim, apenas beleza e cor.

CAPÍTULO XXX

A dor foi muito além das piores expectativas de Sarah. Nem a aceitação dos últimos seis meses, quando se conformara afinal com a gravidez, a havia preparado para essa situação. Só quando aquela pontada cruciante marcou o começo de uma agonia inimaginável, ela compreendeu a realidade do que lhe ia acontecer. Insidioso e traiçoeiro, o mal-estar começara na tarde anterior como uma dor de costas banal e crescera até tomar conta de todo seu corpo.

Todavia, havia um companheiro naquela angústia: o medo. Sarah não queria morrer. Apesar de todas as incertezas de um período de guerra, do trabalho árduo e extenuante, a vida lhe parecia doce porque havia Philip. Pensar que poderia não vê-lo nunca mais a fez gritar, o que nem o sofrimento físico conseguira ainda.

— Faça força, "menina"! Força que acaba logo!

As vozes mentiam, aquela tortura jamais terminaria! O seu destino fora decidido no dia da morte de Catherine e ela sabia que partilharia com a mãe aquela tragédia. Quase podia enxergar uma sombra à sua espera.

A partir de um certo ponto, Sarah já não teve mais noção de nada e lutou contra os braços que a prendiam contra a cama. Ela era uma vítima, como todas as mulheres, de um corpo frágil exposto a realidades sobre as quais não tinha controle. Só um pensamento evitava a loucura: o bebê! Aquele ser desconhecido mas já familiar e querido a prendia à vida. Seu filho, parte de si mesma, precisava nascer!

Quando Sarah acreditou que não teria mais forças nem para respirar, um choro alto se fez ouvir. Indignado e cheio de autoridade, o som encheu o quarto de alegria.

— Deixem-me ver! Quero ver o bebê!

Mãos negras lhe ofereceram uma forma minúscula e rosada que chorava com um vigor inacreditável.

— A "menina" tem agora uma filha linda...

— Uma... filha?

— Isso mesmo! Só que precisa me dar o nenê "pra" eu limpar ela...

Sarah devolveu com relutância o corpo cálido da garotinha, completamente atônita diante daquele milagre da natureza do qual participara. O movimento em volta dela continuava, mas nada interrompia o estado de euforia suprema e de felicidade.

Algum tempo depois, o bebê voltou aos braços da mãe vestido de rosa e com as feições plácidas do sono repousante.

— Como vai chamar o nenê, "dona menina"?

— Elizabeth... — Sarah percebeu as lágrimas correndo das faces de tia Louise e continuou: — Elizabeth Catherine Calvert!

Sarah e Philip já haviam discutido sobre os possíveis nomes antes da última partida dele. Uma misteriosa intuição parecia ter avisado ao marido de que seria uma menina e ela se alegrava por saber que o presenteara com aquela garotinha loira como o pai!

— Durma um pouco, "menina"! Precisa descansar!

Sarah não queria perder nem um minuto da companhia ainda tão recente da filha mas a exaustão tornou-se incontrolável. Os olhos se fechavam involuntariamente e o último pensamento antes de ceder a um sono profundo foi para Philip. Se ao menos ele pudesse ver o resultado de um momento de amor ocorrido nove meses atrás! Era uma pena mas o pai tinha

perdido a alegria de presenciar a vinda ao mundo do ser que ele ajudara a criar num instante de paixão...

Sarah não tinha a menor idéia do dia em que ficara grávida. Sua filha fora concebida na noite da volta de Philip após o longo período de permanência em Richmond.

Como não acontecera nem nas primeiras semanas do casamento, a paixão se mostrara inextinguível e seus corpos não se saciavam, procurando sempre um prazer ainda mais completo. A manhã os encontrara ainda cheios de desejos, iluminando os corpos nus e enlaçados. Finalmente exaustos, os dois haviam adormecido quando a casa despertava para o dia e, nessa mesma tarde, Philip partiu novamente.

Mas aquela noite jamais seria esquecida! Ele havia tomado a iniciativa, conduzindo-a ao caminho ativo e alternadamente cada um deles guiou o companheiro numa volúpia crescente. Sarah admitia finalmente o profundo amor pelo marido e queria provar essa emoção transbordante, dando-lhe todo o seu ser sem reservas. Num momento de serenidade durante a madrugada, ela o fitou, permitindo-se demonstrar o quanto o amava.

— Está querendo recuperar o tempo perdido, querido?

— Sim... todo o passado e todo o futuro existem apenas neste momento presente.

Sarah ia pedir-lhe uma explicação sobre aquelas palavras enigmáticas mas sua pergunta transformou-se num gemido de prazer. Philip tomara-lhe o mamilo sensível com os lábios e o sugava com ardor, como se quisesse retirar de seu corpo a essência da paixão. Seus corpos ansiavam por se unir novamente e, um momento antes do êxtase, Sarah procurou os olhos do marido, escuros de uma volúpia incontável.

— Eu amo você, Philip.

— Eu também a amo, Sarah.

Só o silêncio podia se seguir a palavras tão breves e simples. Apenas murmúrios e gemidos de amor acompanhavam o ritmo de seus corpos ávidos. Numa fusão completa, ambos haviam se tornado um único elemento no universo, homem e mulher transformados numa força imemorial, que não tinha passado ou futuro porque existia apenas naquela fração de segundo em que tudo o mais cessava a não ser o prazer.

Sarah compreendeu as palavras de Philip embora não pudesse aceitá-las com tanta docilidade. Sendo mulher, ela estava muito mais ligada ao sentido da continuidade na vida e, intuitivamente, sentiu que, se os corpos se separavam, algo de Philip permanecia nela. Quando, três meses depois, descobriu que a intuição se tornara uma certeza, Sarah chorou, aceitando finalmente sua condição feminina. Eram lágrimas de triunfo.

Elizabeth Catherine Calvert tomava o seu primeiro banho na mesma bacia de porcelana usada pelo bisavô, aos cinco dias de vida. A pele rosada e os ruídos de prazer do bebê mergulhado na água tépida não ajudavam a diminuir os receios da mãe, que temia causar algum dano àquela criaturinha tão frágil.

— É assim mesmo, "dona menina". Segura a cabecinha do nenê "pro" pescoço "num" cair. É fácil!

Augusta só não recebeu um olhar indignado de Sarah porque ela não ousava tirar os olhos da filha enquanto a ensaboava. No entanto, não passavam de preocupações sem fundamento e Sarah sabia disso pois a garotinha era saudável e ativa, chorando apenas quando estava com fome ou molhada, o que levava tia Louise a dizer que a sobrinha-neta era uma criança bastante calma.

A mãe, por sua vez, apesar dos olhares de censura, decidira amamentar a própria filha em vez de seguir o tradicional costume sulista de procurar uma escrava forte para dar seu leite à criança.

A maioria das mulheres da casa insistia que a recuperação após o parto estava sendo lenta porque Sarah esgotava suas energias por não aceitar uma "mãe preta" para o bebê.

Porém, havia tantos outros motivos que impediam Sarah de voltar rapidamente ao normal! Philip conseguira enviar três cartas apenas desde que se juntara ao seu regimento em Richmond. A capital estava em estado de alerta pois acreditava-se num ataque iminente. Os ianques haviam tomado o Forte Monroe na baía de Chesapeake no final do mês e desde então tentavam avançar mais para o sul. Sob o comando do carismático general McClellan, um ataque em três frentes seria desferido em breve: parte do exército viria pelo rio James, outra

pelo rio York e a maioria chegaria por terra.

Esse ataque brutal conseguira ser evitado até agora devido aos esforços dos teatrais mas eficazes métodos do general Magruder, que, através de tiros noturnos e um movimento excessivo mas falso em sua guarnição de Yorktown, convencera McClellan de que os sulistas tinham o dobro do número de seus soldados. Mas, se os ianques ignoravam como sua avaliação estava distante da realidade, muitos sulistas sabiam perfeitamente bem que em breve não haveria mais como detê-los!

Sarah fez um esforço para concentrar sua atenção no banho da filha pois não era hora de pensar em estratégias militares. Tinha agora um bebê encantador para tomar conta e, com a ajuda de Augusta, pretendia ser uma mãe perfeita.

— Você tinha razão, Augusta! Não foi tão difícil!

— É que a "dona menina" nasceu "pra" ser mãe.

Como Sarah precisava ouvir aquelas palavras confortadoras! Jamais havia tomado conta de um bebê como acontecia a tantas jovens de famílias numerosas. Nathan nascera quando ela só tinha cinco anos e começara a prestar atenção no irmãozinho apenas bem mais tarde. Nunca tinha lhe passado pela cabeça como um recém-nascido podia ser dependente da atenção geral. Por outro lado, começava a julgar Elizabeth uma pequena déspota!

Numa casa ameaçada pelas sombras da guerra, a garotinha era um raio de sol ao qual ninguém conseguia resistir. Sarah, tia Louise, William, Charles e até Augusta, que não sabia contar o número de crianças que ajudara a criar, praticamente passaram a viver em função do bebê. Até Ginny, que sempre evitara aproximar-se de crianças para não se lembrar de como sentia falta de um filho, rodeava o berço de Elizabeth, sorrindo encantada.

A compreensão entre Sarah e Ginny amadurecera desde seu início através da tragédia. Ambas partilhavam o horror a qualquer tipo de crueldade e aos poucos foi crescendo a confiança entre elas. Jamais se poderia apagar o fato de que uma era branca livre e a outra negra e escrava mas, na essência, eram apenas duas mulheres. Quando Sarah entrou no quarto da filha, numa tarde excessivamente cheia de tarefas inadiáveis e encontrou Ginny debruçada sobre o berço, não ficou surpresa nem preocupada. As terríveis histórias sussurradas em surdina sobre a crueldade de escravas que se vingavam nos bebês de suas senhoras jamais passariam por sua cabeça. Sabia exatamente o que significava a mão da jovem negra pousada na cabecinha dourada de Elizabeth.

— Eu já estava quase perdendo as esperanças, sabe? Ginny levantou a cabeça e em seus olhos brilhavam lágrimas de tristeza. Tomada de surpresa pela declaração de Sarah, tão idêntica à sua mágoa mais profunda, ela respondeu sem pensar nas palavras a serem usadas.

— Achou que nunca seria mãe?

— Ora, Ginny! — Sarah sorriu ao perceber a expressão contrariada da escrava por ter se traído. — Desde quando você aprendeu a falar exatamente como os brancos?

Ginny afastou-se do berço e, ao fitar o rosto sorridente de Sarah, sentiu um enorme alívio por poder dar um fim àquela farsa.

— Eu ouvia Marcus e, sem perceber, acabei falando como ele.

— Sempre achei muito estranha a diferença entre o modo de falar dos brancos e dos negros. Nunca me pareceu ter sentido essa diversidade de expressões.

— Somos povos diferentes. Nós "num"... quero dizer, que não há como evitar a diferença de cores.

— É, imagino que seja assim. Todavia, são pessoas que vivem em contato constante e por vezes bastante íntimo, por isso supus que acabariam falando da mesma maneira.

— Muitos negros jamais chegam a falar com um branco. Os escravos da lavoura, como eu fui em Beauterre, só vêem o capataz e dizem apenas... sim, "sinhô!" .

— Algum dia, tudo vai mudar, Ginny! Algum dia...

— É... Marcus também dizia isso.

— Dizia?

— Ultimamente ele... quase não fala... — A voz de Ginny era amarga mas desta vez não tinha argumentos diante de uma verdade tão evidente.

Sarah havia notado as profundas mudanças ocorridas naquele homem cujo corpo aos poucos recuperava as forças. Ele permanecia sombrio e quase mudo. Marcus tinha deixado de trabalhar na lavoura e viera para casa a pedido de Philip. Seu marido usava o amor do meio-irmão pela fazenda para afastá-lo do trabalho duro. Sob o pretexto de que, em sua ausência,

Sarah precisaria de auxílio, trouxera-o para mais perto do pai.

Marcus concordara com muita relutância pois não se deixara enganar pelo pretexto de Philip. Sabia muito bem o quanto uma ilusão podia ser traiçoeira mas, ao mesmo tempo, a oferta era sedutora demais para ser recusada. Contra a vontade porém sem forças para resistir, ele se enquadrara na rotina pouco habitual de dar conselhos a Sarah sobre todos os problemas de Calvert Cypress.

Ela precisava realmente dessa ajuda mas transmitia as ordens ao feitor como se houvesse decidido sozinha. Na verdade, essa farsa não enganava ninguém mas evitava uma quebra na hierarquia tradicional. Tinha funcionado bem desde o início e no final de sua gravidez Sarah passara a depender de Marcus quase por completo. Agora, após o nascimento da filha, sentia-se ainda mais segura por saber que ele estava por perto.

O momento de crise provocava uma tal insegurança em todos que Sarah precisava de todo o apoio que pudesse conseguir. Além de suas dúvidas sobre como ser uma boa mãe, as ameaças a Richmond eram de extremo perigo. O exército da União, numeroso e bem equipado, aproximava-se da capital da Virgínia, comandado por um general ambicioso e disposto a fazer uma carreira brilhante. No momento em que norte e sul se enfrentassem, a batalha seria brutal e arrasadora, pois McClellan encontraria sulistas determinados a jamais se render.

As notícias chegavam sempre mais alarmantes e Sarah não queria pensar nesse confronto mortal pois Philip estaria bem no meio do fogo cruzado de armas disparando sem mercê. Aliás, Calvert Cypress também se encontrava num ponto extremamente vulnerável pois ficava bem no centro da única rota possível para que os ianques chegassem até Richmond.

— Por favor, fique com o bebê para mim, Ginny! — Sarah não continha o nervosismo que a envolvera nos últimos três dias. — Preciso falar com Marcus!

Ginny sorriu, satisfeita por ficar com Elizabeth. Finalmente conseguia acreditar que a delicadeza e cortesia de Sarah não eram apenas um verniz para encobrir a costumeira crueldade que ela sempre sofrera nas mãos dos brancos. Aos poucos, fora aceitando a verdade, percebendo o quanto era genuína a confiança daquela mulher capaz de lhe entregar a filha sem medo. Tomando o bebê nos braços, concentrou sua atenção na pureza da infância para não pensar no que Sarah teria para conversar com Marcus... só podia ser a maldita guerra!

Sarah encontrou Marcus no parapeito de pedras junto à colina de onde se avistava o rio. Com um binóculo de Philip, ele olhava atentamente para o leste.

— Por acaso está vendo algo?

— Tive a impressão de um movimento muito ligeiro poucos momentos atrás, talvez uma carroça, não sei. Agora não há nada a vista.

— Os ianques não vão mudar a rota...

— Não vão mesmo, Sarah. Se ao menos eles se mantiverem na outra margem do rio, estaremos salvos.

— Pois eu rezo para que Deus o ouça, Marcus!

Sarah já ouvira inúmeras histórias de fazendas saqueadas e depois queimadas pelos exércitos do norte à medida que avançavam. Essa demora em alcançarem Richmond se devia à defesa de Yorktown pelos confederados que durava várias semanas. Infelizmente agora o avanço seria bem rápido pois haviam tomado o forte e vinham à conquista da capital.

— Eu gostaria de manter alguns homens aqui durante a noite, Marcus. O que acha?

— Ótima idéia — respondeu ele sem virar-se, pois continuava procurando algum sinal do exército inimigo.

Para Marcus, a guerra e sua tragédia pessoal se interligavam inexplicavelmente. Ambas haviam mudado o seu mundo e nada mais lhe parecia real. Estava usando roupas de Philip e o que mais, o preocupava era como se sentia à vontade nelas. A ilusão de ser um homem branco e livre acabaria destruindo sua sanidade.

— Acho melhor voltar para casa. Vou mandar alguém ficar aqui em meu lugar.

— Oh! Não está se sentindo bem?

— Não há problema algum, fique tranquila.

Marcus queria ir ao encontro de Ginny mas não tinha coragem de deixar Sarah sozinha à espreita de um inimigo que logo chegaria. Com um peso tão grande nos ombros frágeis, aquela mulher ainda se mostrava forte. O marido fora para a guerra, tinha um recém-nascido nas

mãos mas a ameaça muito próxima não havia quebrado seu orgulho!

Às vezes, ele sentia ódio de Philip por se envolver numa guerra sem sentido deixando-lhe tantas responsabilidades nas mãos! Ainda se lembrava da última conversa:

— Sei que você não quer mas é a única pessoa com quem posso contar. Alguém precisa tomar conta de tudo enquanto eu estiver ausente, alguém de total confiança. Aceita meu pedido, Marcus?

— Acredita mesmo que pode confiar em mim?

— Você é meu irmão.

Os dois se fitaram por segundos angustiantes e Marcus sentiu um desejo profundo de gritar em altos brados que era negro e escravo e se Philip tivesse dúvidas bastava olhar para suas costas cobertas de cicatrizes.

— Se eu pudesse ter impedido! — murmurou Philip, lendo os pensamentos do irmão. — Daria quase tudo para evitar essa tragédia.

— Quase?

— Só não arriscaria Sarah e o bebê. Fora isso...

— Não faça promessas vazias, irmão!

— Está bem, não as farei... agora. Mas continuo precisando de sua ajuda.

Marcus não conseguira se negar àquele apelo. Por algum tempo, seria o homem que sempre sonhara ser, andando livremente pelos campos de algodão, orgulhoso de fazer o trabalho precioso e único de cuidar de suas próprias terras. Essa ilusão, embora por tempo limitado, o ajudara a recuperar as forças mas também o obrigara a enfrentar o maior problema de sua vida: não era nem branco, nem negro! Todavia, as cores contrastantes de sua herança se anulavam, transformando-o apenas num homem...

Sarah era uma mulher e precisava do seu auxílio, recordou ele, voltando à realidade. Num gesto impulsivo, estendeu a mão para aquela mulher corajosa e ambos voltaram juntos para casa.

CAPÍTULO XXXI

Os ianques chegaram nas primeiras horas da manhã. Não vieram pelo rio, como todos temiam, mas por um caminho ainda mais ameaçador para a segurança de Calvert Cypress. Pela estrada que seguia ao lado da fazenda e com um major a frente do destacamento, eles marchavam apesar da aparente exaustão e Sarah observou-os percorrer a alameda em direção à casa.

O major era jovem e a fadiga da batalha se mesclava a uma resignação indiferente. Ele parou diante da mulher que parecia ser a mais importante no local e tirou o quepe.

— Madame, nós preferimos evitar qualquer problema, mas meus homens precisam de comida, água e tratamento para vários feridos. Se a senhora estiver disposta a nos ajudar, agradeceremos, porém, se não for esse o caso, seremos obrigados a tomar tudo o que necessitamos.

Sarah olhou para o rapaz alto enquanto considerava as suas opções e, então, escolheu com cuidado as palavras.

— O meu marido está em Richmond com a Milícia Confederada, major.

— Mas... a senhora é do norte?

Nos últimos anos, modificara-se bastante o modo de falar de Sarah, que absorvera a cadência musical e dolente dos sulistas. Todavia, pronunciara sua frase com o melhor sotaque de Boston a fim de impressionar o major.

— Realmente, sou de Massachusetts.

— Então a senhora nos coloca numa situação muito delicada. Este batalhão é o 5º Regimento de Massachusetts.

— Eu pensei mesmo ter reconhecido a bandeira.

— Talvez seja melhor continuarmos nossa marcha e... — O major tentou forçar o cavalo a sair do lugar mas o animal, tão exausto quanto o dono, resistiu e não se moveu.

Tão indecisa quanto o major, Sarah não tinha mais certeza do que era certo ou errado. Porém era incapaz de recusar água e comida àquele grupo de jovens esgotados que a

lembravam de seu irmão, Nathan. Se não oferecesse os primeiros socorros aos feridos, teria de viver com uma terrível sensação de ter negado auxílio a quem mais precisava.

— Espere, major. Há quantos feridos?

— Três... Eles estão sem tratamento desde Williamsburg mas não foi possível parar antes.

— Então os leve para dentro da casa.

— Madame? Para onde?

— Exatamente o que ouviu, major. Poderemos tratá-los melhor dentro de uma sala do que ao ar livre.

— A senhora não precisa fazer isso...

— O senhor está enganado, major. Eu tenho necessidade de fazê-lo — replicou Sarah com uma postura altiva e digna.

Duas horas mais tarde, todos os homens já haviam sido tratados e alimentados pelos escravos de Calvert Cypress, dirigidos por Ginny. O major Jeremy Blackston tinha aproximadamente trinta anos e uma aparência de firmeza no comando de seus homens. Enquanto esperava, ele aceitou uma bebida e sentou-se na sala de visitas, diante de Sarah, que lhe pareceu muito tensa.

— O seu marido não vai gostar do seu gesto, não é, madame? Nós iremos embora antes do meio-dia, pode ser que ele nem chegue a saber de nossa passagem por aqui.

— O senhor não conhece nem um pouco a vida numa fazenda, major. Aqui é impossível manter segredos! Quando Philip voltar para casa, eu mesma lhe contarei tudo.

— Está tão segura quanto à reação dele?

— Não, já não vejo segurança ou certeza em mais nada.

Na verdade, Sarah tinha imaginado a chegada dos ianques de um modo totalmente diverso. Antevira tiros e ordens autoritárias e não um grupo de homens corteses e gratos pelos cuidados que recebiam. Além disso, não teria acreditado que fossem tão jovens, quase meninos ainda. Philip já lhe dissera que eram crianças lutando numa guerra sem sentido e morrendo por nada...

— Acredita que... este horror terminará logo?

— Não sei, madame, mas espero que sim.

A necessidade de falar com alguém compreensivo levou o major a contar a Sarah .que era casado e tinha um filho recém-nascido no norte. Só se alistara porque tinha julgado ser o dever patriótico de todo o cidadão e fora imediatamente aceito porque estudara em West Point, a famosa Academia Militar.

— Eu conheço um rapaz... — Sarah falou sem pensar, pois sem dúvida ambos eram agora inimigos mortais. — É... Peter Rider, ele também freqüentou a academia.

— Estudei com ele... Oh! Meu Deus! Como eu odeio essa guerra maldita! Colocando em campos contrários tantos amigos! Desculpe-me a força de expressão, madame, mas...

— Não se preocupe, major. Todos nós odiamos a guerra.

— A senhora em especial, não é? Deve ser terrível estar entre dois mundos...

— Vou ser honesta com o senhor. Não me sinto dividida pois amo meu marido e farei tudo o que for necessário para ajudá-lo.

— E ele apóia a causa dos confederados, certo?

— Philip não teria outra opção! Ele nasceu no sul mas não é tolo e nem sempre aprova certos costumes e tradições seculares.

— A senhora também segue as opiniões dele sobre a escravidão?

— Não aprovo este sistema desumano e cruel mas já vivo aqui há tempo suficiente para compreender que a mudança dessa situação não será tão fácil como muitos acreditam.

— Está falando sobre os abolicionistas, não? Eles têm certeza absoluta de que só é necessário dar a liberdade a todos os escravos e o problema estará resolvido.

— Concorda com eles, major?

— Nunca pensei muito sobre esse assunto. É evidente que a escravidão deve terminar, porém agora o importante é manter o país unido.

— Foi mesmo a escravidão que provocou a secessão?

— Na minha opinião, os problemas foram, como sempre, relacionados ao poder do dinheiro. O norte queria aumentar as taxas sobre a exportação e o sul, que precisa vender sua produção agrícola a quem pagar mais, não aceitou essa medida. Os Estados nortistas exigem

que seja dada a eles a preferência no momento da compra, evitando perder o algodão e o tabaco para a Inglaterra e a França, que oferecem preços mais altos. Um modo de aceitar essas diferenças teria sido encontrado, mas também havia a escravidão e não foi possível impedir a catástrofe.

- Quem sabe ainda será possível um acordo?
- Não mais, madame. A União tem de ser mantida.
- E se o sul ganhar esta guerra?
- Não conseguirão. São corajosos e bons soldados, mas nós temos forças para resistir por muito tempo. O sul será derrotado.

Sarah ainda se lembrava claramente das palavras do major quando o marido chegou a Calvert Cypress várias semanas depois. Richmond continuava resistindo ao cerco dos ianques e num jornal que Philip conseguira receber do norte ela viu na lista de mortos o nome do major Blackston.

— Ele era tão jovem e idealista! — murmurou nos braços de Philip. — Tinha uma esposa e um filhinho. Não é justo!

— Não há justiça na guerra, Sarah. As balas não escolhem seus alvos e homens bons morrem enquanto os maus continuam vivos.

— Acha que errei ao recebê-los aqui, deixando-os descansar?

— Errado? Ele teria feito o que quisesse, com ou sem o seu consentimento, querida.

— Mas eu não agi daquele modo porque temesse a força dos soldados. Pelo menos... penso que não foi esse o motivo.

— O motivo não importa...

Philip reconheceu que devia tomar uma posição rígida em relação aos inimigos mas jamais seria capaz de negar algum conforto a outros seres humanos caso o necessitassem. Essa mesma sensibilidade o impedia de ignorar o conflito de Sarah.

— Não é errado simpatizar com os dois lados, querida. Você, em especial, só podia sentir-se assim.

— Pensei que tivesse feito minha escolha mas...

— Não é uma decisão simples para ninguém. Minha lealdade ao sul é firme mas ainda assim tenho dúvidas sobre a validade do que estamos fazendo.

— Sei o quanto você lutou por um acordo que evitasse a guerra, Philip.

— Não se trata apenas de ter sido derrotado em meus pontos de vista. O horror são as mortes, Sarah! Tivemos muita sorte em Richmond pois os ianques recuaram em vez de conquistar a cidade de qualquer modo, mas eu ouvi tantas histórias terríveis! Todos repetiam como é horrível ver um homem morrer, sabendo que foi você quem o matou!

— Então não pense mais nisso, querido. Logo tudo terá terminado e então...

— Acreditar que a paz está próxima tem sido minha única força nessas últimas semanas...

Philip e Sarah passaram apenas três dias juntos, ávidos por recuperar os meses de ausência. O tempo dividido entre os momentos de paixão e a necessidade de conversar sobre tantos assuntos importantes fazia as horas voarem como segundos. O interlúdio foi bruscamente interrompido pela notícia de que o exército da Virgínia, sob o comando do general Lee, se concentrava para atacar Washington e Philip partiu.

Como todos os outros sulistas, Sarah acreditava que, se a capital da União dos Estados do norte fosse invadida, a guerra terminaria com a vitória do sul. Ela não se importava com qual lado fosse o vencedor, pois só queria ver o fim daquela calamidade.

Há poucos dias, uma carta de Marilee chegara apesar do bloqueio, escrita há mais de três meses, onde ela comunicava que Nathan tinha decidido se alistar. Josiah fizera o possível para impedi-lo, pois conseguira livrar Gideon da convocação, mas o jovem acreditava no seu dever patriótico e ignorara os esforços do pai para mantê-lo longe dos campos de batalha.

Sarah chorou pelo irmão caçula, a quem não via há tantos anos e sobretudo pelo luto que a guerra estava causando em tantas famílias. Nem o conforto dos braços de tia Louise conseguiram conter seu pranto desesperado.

— Ele ainda ficará algum tempo sendo treinado e, com sorte, a guerra terminará antes de Nathan deixar a segurança do quartel, Sarah.

— Espero que seja assim, tia Louise. Nathan não nasceu para os campos de batalha, ele

sempre foi tão meigo!

— Ninguém foi feito para a guerra, querida. Todos esses jovens deviam estar em casa, com suas famílias.

— Sempre pensei que a senhora apoiasse a causa dos sulistas, tia Louise.

— Ah! Minha querida. Os homens são muito tolos!

Sarah surpreendeu-se ao ouvir uma avaliação tão sábia sobre os homens, vinda de uma mulher que não se casara. A ironia de tia Louise a fez enfrentar o resto do dia com menos desânimo. Como sempre, havia dezenas de problemas a serem resolvidos com Marcus além do tempo dedicado a William e Elizabeth. Só bem tarde da noite, ela foi à biblioteca analisar o mapa onde marcava os movimentos dos dois exércitos.

As notícias eram censuradas mas dizia-se que as forças do general Lee encontravam-se em Maryland, perto de Sharpsberg. Nessa pequena cidade havia um córrego a ser cruzado, o rio Antietam. Ela adormeceu pensando que talvez na manhã seguinte o exército confederado já tivesse conseguido atravessar o rio, tomando Washington e colocando um ponto final na guerra!

As esperanças de Sarah não podiam estar mais longe da realidade. O exército da Virgínia se colocava numa elevação à beira do Antietam apesar de não ser esse o plano original da batalha. Corriam rumores entre os soldados de que Lee fora forçado a mudar de tática quando detalhes de sua estratégia haviam caído nas mãos de McClellan. Apesar desse grave embaraço, tinham conseguido cruzar o Potomac dois dias atrás onde se uniram às forças do regimento sob o comando de Stonewall Jackson, que acabara de tomar Harpers Ferry. Nenhum dos dois generais sulistas entendia por que McClellan não lhes oferecia resistência para impedir que eles se unissem. Na verdade, preferiam não pensar muito nessa falha tão incomum por parte de um brilhante general, tentando acreditar apenas num golpe de sorte!

— Logo estaremos lutando, Philip.

Peter Rider, Philip e os outros homens da cavalaria tinham encontrado abrigo num celeiro. Naquela noite cheia de tensão, partilharam uma refeição de feijão e carne defumada fria pois não pretendiam revelar sua posição acendendo uma fogueira. Já podiam considerar-se mais felizes do que a maioria, desabrigada sob uma garoa fria e um nevoeiro intenso que aumentava rapidamente.

As conversas eram mantidas em voz baixa pois o general Jeb Stuart, que comandava seu regimento, os avisara de que o acampamento dos ianques ficava a menos de quinhentos metros dali, oculto por um trigal. Ele apenas lhes pedia muita cautela e que não se movessem dali pois aquele lugar era vital demais para ser perdido por um descuido.

Philip deitou-se sobre um monte de palha, tentando não pensar nos homens que dormiam a pouca distância e que ele seria obrigado a matar no dia seguinte. Ao contrário de Peter, que já lutara em Williamsburg, ele ainda não passara pela prova de fogo de seu primeiro combate. Mas não havia por que se preocupar pois essa falha seria sanada em muito pouco tempo!

— Eu estava pensando sobre o amanhã...

— Ótima idéia, Philip!

— Como assim? Por quê?

— O ideal é pensar agora em tudo o que quiser pois, a partir do primeiro tiro, não há tempo para mais nada.

— Foi a essa conclusão que você chegou depois da primeira experiência de batalha?

— Sim, mas já nos haviam prevenido sobre essa reação em West Point, como sendo perfeitamente normal e inevitável. Mas não se preocupe, amigo, você se sairá bem!

— Já me sentirei satisfeito se não me comportar como um covarde!

— Ora, que tolice! Estarei ouvindo um cavaleiro sulista sugerir que não é o maior herói da face da terra?

— Realmente, não tenho essa certeza e, para ser honesto, tenho ainda outro receio, bem grave.

— Tem medo de ficar apavorado e correr, não é?

— Absolutamente! Não é isto.

— Então não há motivo para preocupações.

— Ora, Peter! Deve haver algo mais numa vitória do que simplesmente não correr da

batalha.

— Você se engana. Apesar da arrogância e das histórias contadas pelos militares, o único fato que determina uma vitória é não recuar... desde que você não seja massacrado enquanto tenta manter sua posição, é claro!

Philip suspirou, ansioso e incapaz de se acomodar mais confortavelmente no monte de palha, a fim de dormir ao menos algumas horas. A preocupação pelo dia seguinte, todavia, o impedia de fechar os olhos.

— Dizem que eles têm uma superioridade numérica bastante significativa.

— Provavelmente é verdade, mas nós temos várias vantagens. Aqui, à beira do regato de Antietam, reúne-se a nata do exército do sul sob o comando de um dos mais brilhantes generais que esta nação já viu. Amanhã provaremos isso!

Aquela madrugada ficaria gravada para sempre na mente de Philip. Um silêncio artificial, criado pelo excesso de tensão, era rompido apenas pelo ocasional relinchar de um cavalo, cuja sensibilidade animal percebia o ambiente de nervosismo. Não havia mais nada a ser dito, as ordens já tinham sido dadas e para nenhum daqueles homens restava qualquer dúvida sobre o que deveria fazer. A neblina começava a se dissipar e a luz cinzenta da manhã transformava todos em figuras imóveis, tão irreais como se fizessem parte de um quadro sinistro e sombrio.

Uma explosão súbita, seguida imediatamente por outra mais forte, rompeu a imobilidade, e Philip, sentindo King agitar-se nervosamente, murmurou palavras de conforto para acalmar o cavalo, pois a batalha ainda nem começara. A segunda bateria de canhões disparou, ouviu-se um grito e a movimentação dos soldados, muito lenta no início, subitamente tornou-se rápida demais.

E eles vieram, vestidos de azul, em ondas sucessivas e contínuas. As expressões deformadas pela sede de matar, os olhos cheios de uma luz vingativa se repetiam em cada fisionomia. A humilhação de Forte Sumter, de Buli Run e Yorktown os impelia num ímpeto contra o qual não havia barreiras possíveis. Nem a fúria dos canhões confederados nem o fogo cruzado que os prendia nos vales rasos em uma armadilha fatal ou sequer o avanço incessante dos soldados de cinza, pisando sobre os corpos de seus próprios mortos, conseguia deter aquela onda humana.

Philip descobriu que nada em seu treinamento militar o preparara para a realidade da batalha. Era um caos onde não havia tempo para pensar, só a ação e reação governavam corpo e mente. O primeiro homem que ele abateu não passava de um garoto imberbe, cujo olhar de surpresa diante da morte o abalou profundamente. O chão se encharcou de sangue e os cascos de King derrapavam naquela lama sinistra.

Não havia sequer tempo para saborear o valor da sobrevivência ou para contar a quantos conseguira atingir com seu sabre. A túnica e as calças encharcadas de sangue se colavam à pele úmida de um suor nascido do medo e da descarga de adrenalina que evitavam o cansaço, o medo ou o remorso.

King já havia caído duas vezes e, na terceira, enquanto tentava ajudá-lo a levantar-se, Philip distraiu-se por um segundo da calamidade ao seu redor. Ele mal sentiu um ardor no braço, como se o tivesse queimado, e olhou para o lado. No chão devastado pelos passos de tantos soldados e animais, estava um braço imóvel como se fosse parte de um brinquedo quebrado.

O cavalo finalmente ergueu-se e Philip agarrou-se ao animal sem enxergar nada, ouvindo apenas o ruído alucinante de gritos e explosões. À sua frente, os uniformes cinzentos se distanciavam e os azuis pareciam ficar sempre mais próximos. Num esforço desesperado, ele esporeou King e galopou, ouvindo o silvar das balas muito próximas a sua cabeça.

A visão de Philip diminuiu a ponto de só enxergar os borrões cinzentos ao seu redor e, sem entender o que acontecia, uma bruma espessa o envolveu e ele caiu lentamente num abismo de trevas.

CAPÍTULO XXXII

A terra caía sobre o pinho rústico e ordinário do caixão que em outros tempos teria sido de carvalho polido, representando a força e a resistência de uma madeira nobre para uma

estirpe nobre! Infelizmente, naquela época de calamidade, conseguir um ataúde era quase um milagre pois não os havia em número suficiente diante de tantas mortes. A alternativa de cortar um dos cedros de Calvert Cypress parecia ser mais um crime contra aquela terra pela qual tanto sangue estava sendo derramado.

Ao lado de Sarah, Philip deu um suspiro angustiado. Ela imaginava que o marido estivesse sentindo dores mas seria absolutamente inútil oferecer-lhe qualquer ajuda. Há oito meses, ele voltara de Antietam, muito próximo da morte e mesmo assim recusara qualquer auxílio por mais insignificante que fosse. Inconsciente e tomado pelo delírio da febre, o marido pouco falava e nada pedia.

A morte de Charles tinha sido uma bênção para o pobre homem, mas fora mais um golpe de que Philip precisaria se recuperar... se o conseguisse! A recuperação física chegara a ser surpreendente em sua rapidez mas o deixara emocionalmente morto. Era como se uma parte vital e significativa da mente e do coração de Philip tivesse deixado de existir. .

Sarah não podia sequer culpar o marido pela apatia e indiferença causadas por golpes sucessivos, capazes de derrotar o mais forte dos homens. Por muitas semanas após Philip recuperar a consciência, ela conseguira não revelar-lhe que Antietam não fora uma verdadeira vitória para os sulistas, mas simplesmente o fim de uma tendência. No entanto, Marcus fora obrigado a dar a Philip a informação desejada pois ele não cessava de insistir em saber notícias da guerra.

Os dois exércitos que haviam se enfrentado com fúria à beira do regato não tinham conseguido nada além da morte inútil de vinte mil homens, a maioria dos quais fora enterrada numa vala comum, por falta de caixões, na mesma terra pela qual tinham se sacrificado. Alguns conseguiram ser identificados entre as centenas de corpos e trazidos para serem enterrados em suas propriedades, entre eles Louis Devereaux e William Morgan. O dia mais sangrento da História da nação só poderia ser redimido através da tão desejada paz que no entanto continuava fugidia.

A angustiante trajetória iniciada em Antietam prosseguiu e a legião de mortos foi crescendo após as batalhas de Fredericksburg e Chancellorsville. As notícias continuavam a chegar, sendo recebidas com choque e desespero pois a nata da juventude sulista estava sendo dizimada. Além disso, a comunicação da morte do brilhante general Stonewall Jackson mergulhara todos num pânico geral já que só se podiam esperar batalhas ainda mais cruéis no verão que começava.

Sarah agradecia a Deus por Philip estar de volta ao lar embora soubesse que não devia sentir-se grata por esse fato. Ter-se transformado num herói em Antietam não diminuía a frustração de Philip e sua incapacidade de se conformar com o golpe desferido pelo destino. Ele desprezava o próprio corpo que considerava mutilado e não aceitava as fraquezas provocadas pela perda excessiva de sangue. No entanto, era contra Sarah que se dirigia a maior parte de sua raiva!

A situação entre eles, já bastante difícil, piorou com a morte de Charles. O amor que Sarah jamais pudera dar ao pai tinha sido oferecido e recebido com emoção pelo sogro, tornando-os muito unidos. Saber que a morte o livrara de mais sofrimento não a consolava, pois sabia o quanto iria sentir falta daquele amigo e confidente, principalmente porque não havia como se comunicar com Philip. Seu marido se recusava a deixá-la se aproximar dele!

Enfim tudo estava terminado e Kitty, que soluçara durante todo o funeral, tomou o braço de Sarah e saíram juntas do pequeno mas bem cuidado cemitério de Calvert Cypress. Philip as seguia ao lado de Marcus, acompanhados pelos escravos apenas pois não havia mais ninguém presente ao enterro.

A maioria das famílias amigas dos Calvert eram agora constituídas apenas de mulheres. O homem estavam na guerra e elas não se arriscavam a sair sozinhas, temendo encontrar ianques que vagavam pelos campos pilhando e queimando grandes propriedades. Os poucos homens que já haviam voltado para casa também não queriam se afastar pois logo após a batalha de Antietam fora proclamada a abolição de todos os escravos dos Estados do sul. Embora essa decisão tivesse sido tomada em Washington e considerada sem efeito no sul, todos temiam uma revolta dos negros.

— Está tão quente hoje! — murmurou Kitty quando ambas chegaram à varanda. — Um calor insuportável!

— Sente-se para descansar um pouquinho que irei ver se tia Louise melhorou.

A velha senhora não tivera condições nem de comparecer ao funeral pois sentira violentas dores no peito, logo após a morte do cunhado. O médico havia contado confidencialmente a Philip que Louise tivera um enfarte mas poderia se recuperar se fizesse um repouso quase absoluto. Obrigá-la a parar teria sido difícil mas a falta de Charles a privara de toda energia e vitalidade.

Sarah encontrou-a dormindo, com Ginny ao lado dela. As duas conversaram baixinho sobre as condições de Louise e logo ela decidiu voltar para junto do marido e da cunhada. Todavia, estava ainda na escada quando ouviu as vozes de Philip e Kitty vindas da biblioteca e o tom agressivo dos dois a perturbou. O que haveria de muito grave a ponto de fazê-los brigar num dia tão triste como aquele?

— Não fez a menor diferença o que você pensa ou não, Kitty. Marcus é mencionado no testamento de papai e tem de estar presente na hora da leitura.

— Como pode insistir em tal absurdo?

Próxima da porta, Sarah viu Kitty levantar-se indignada da cadeira e parar diante do irmão numa postura desafiante e teimosa.

— Nunca se ouviu falar em nada tão ridículo. Se papai deixou a Marcus alguma pequena quantia, como deve ter feito a vários outros escravos, você pode comunicar isso a eles em particular. Agora... chamar um deles para ouvir a leitura do testamento junto conosco como se ele fosse um membro da...

Subitamente, Kitty parou de falar e não conseguiu suportar o olhar fixo e impiedoso de Philip. Abaixou a cabeça e soluçou baixinho, provocando a piedade de Sarah que aproximou-se da cunhada, fitando o marido com raiva. Kitty tinha insistido em vir ao enterro do pai apesar de estar grávida novamente e, pela primeira vez, sentia-se apavorada, temendo perder o filho e o marido, ainda lutando pelas tradições do sul.

— Você precisa descansar, querida — murmurou Sarah, reconduzindo-a até a poltrona. — Vou pedir a Rameses que lhe traga uma limonada e depois pensaremos em algo para alimentá-la.

— Não posso nem pensar em comer!

— Tem de pensar no bebê, Kitty.

— Desculpe-me, mana. — Philip sentou-se ao lado da irmã. — Foi um dia terrível para todos nós...

— Então não vai chamá-lo?

— Sinto muito, Kitty. — O rosto de Philip adquiriu uma expressão fria e distante que Sarah já conhecia muito bem. — A decisão foi tomada e é definitiva.

— Por favor, não vamos mais discutir — interferiu Sarah e, aproveitando a chegada de Rameses com as limonadas, tentou mudar o assunto. — Tem recebido notícias de Jeremy, Kitty?

— Chegou uma carta há três dias e, embora não seja possível contar detalhes, ele diz que está bem.

— Então deve ser verdade.

— Não sei... tenho ouvido histórias tão terríveis vindas de Richmond! Dizem que o exército já não tem mais remédios nem comida suficiente. Alguns soldados sequer possuem botas e... são obrigados a tirá-las dos mortos para não ficarem descalços.

Philip abraçou a irmã que recomeçara a chorar e, ao ver a luta do marido para não ceder a emoções que julgava um sinal de fraqueza, rezou para que ele não fosse tão duro consigo mesmo. Gestos de consolo ou de carinho já não mais faziam parte da personalidade de Philip Calvert!

— Não fique preocupada, irmãzinha. Jeremy é um homem forte e tenho certeza de que continuará resistindo bem.

A duas mulheres sabiam o quão inconsistentes era aquelas palavras de conforto. Não havia como determinar quem ficaria ou não imune a tanta devastação. No entanto, Kitty precisava desesperadamente manter uma esperança e aceitou a afirmação do irmão, cheia de confiança.

— Você acha mesmo? Ele tem esperanças de estar em casa quando o bebê nascer, isto é, se conseguir uma licença! Jeremy acredita que haja possibilidades disso.

— Talvez ele venha mesmo. — Ao perceber o olhar ansioso das duas, Philip explicou-se melhor. — Lee não pode continuar eternamente tentando a conquista de Washington, sem

obter sucesso. Se não conseguir tomar a cidade em muito pouco tempo, vai mudar seus planos e assim o exército da Virgínia terá um período de descanso.

— Más ele tem de conseguir! Essa resistência não vai durar muito mais! Todo mundo sabe que já devíamos ter vencido esta guerra e o teríamos conseguido se não fosse pela traição de Antietam.

Se havia um assunto jamais mencionado por Philip era a batalha onde perdera o braço. No início, não podia nem pensar sobre isso mas aos poucos se forçara a responder às perguntas como um observador impessoal de acontecimentos nos quais não tomara parte.

— Lee sabia que seus planos originais haviam sido roubados e mudou-os antes de enfrentar o inimigo. Não há motivo algum para considerar aquele massacre como sendo o resultado de uma traição.

— Ah! Mas o primeiro plano era melhor! — Kitty parecia estar recuperando sua habitual energia. — Todos dizem isso. E ele teria vencido se pudesse usá-lo!

— Talvez sim, talvez não... já não faz a menor diferença agora, Kitty.

Finalmente ela percebeu o mal-estar do irmão e desistiu de falar sobre aquela batalha tão controversa. Com um suspiro, emudeceu, perdendo-se em seus próprios pensamentos.

Sarah notou o olhar de Philip que fitava os campos com a mesma expressão interrogativa que marcava sua fisionomia, há semanas. Como conseguiriam fazer a colheita? Até agora, nenhum escravo fugira de Calvert Cypress mas bastaria chegar um grupo de abolicionistas até ali para convencê-los a sair em menos de uma hora. E, caso conseguissem recolher a safra de algodão, trigo e outros produtos, teriam de entregá-la ao governo e seriam pagos em dólares dos confederados que valiam um terço do valor da moeda. De que modo manter a fazenda em funcionamento, sem dinheiro?

Todos esses dilemas insolúveis perturbavam Philip que, desrespeitando as ordens do médico, trabalhava desde madrugada até tarde da noite, quando a exaustão o levava a dormir no sofá da biblioteca, mais próximo do que seu quarto. Sarah já havia desistido de tentar que ele se cuidasse melhor. Por entender os motivos daquele trabalho desesperado, só rezava para que a saúde do marido resistisse aos excessos cometidos!

Com uma voz grave e pausada, o advogado iniciou a leitura do testamento. Ele viera de Richmond no dia seguinte ao do funeral e ocupava o lugar de honra, sentado à escrivaninha da biblioteca.

"Eu, Charles Edward Calvert, em plena posse de minhas, faculdades físicas e mentais, afirmo serem estas as minhas últimas vontades. Ao meu filho, Philip Charles Calvert, deixo a propriedade conhecida como Calvert Cypress, incluindo todas as construções e objetos pertencentes à mesma, exceto por alguns itens que mencionarei posteriormente. Deixo-lhe também as ações da Estrada de Ferro da Virgínia, da Fundação de Richmond e de todas as outras empresas das quais possuo ações. Todas elas poderão ser encontradas no meu cofre do Banco de Richmond, do qual também passam a ele todas as somas creditadas.

À minha filha, Katherine Helen Calvert Hudson, deixo dez mil dólares, depositados no Banco de Richmond, além da cômoda Luís XV que dei à mãe dela em nosso primeiro aniversário de casamento e o colar de safiras e brilhantes que pertenceu a sua avó materna."

Kitty chorava baixinho, não por ter recebido uma elevada quantia, mas pela consideração do pai que se lembrara do quanto ela amava aquelas duas peças em especial.

Vários outros objetos foram destinados a amigos e somas de dinheiro a muitos escravos, inclusive Augusta e Rameses, que receberam o suficiente para comprar sua própria liberdade e viver confortavelmente pelo resto de suas vidas.

Subitamente, o advogado calou-se, olhando para todos os presentes na sala e só começou a falar quando percebeu que Philip lhe fazia um sinal impaciente para prosseguir a leitura.

"Ao meu filho, Marcus, eu deixo a carta de alforria e a escritura definitiva de uma propriedade de nome Santa Vista, localizada no território do Novo México. Além disso, deixo-lhe a soma de dez mil dólares e é minha esperança mais profunda que ele use esse legado para iniciar uma vida nova onde possa apagar todas as cicatrizes do passado."

Com uma visível relutância, o advogado separou quatro folhas de papel que empurrou por sobre a escrivaninha, em direção a Marcus.

— Evidentemente, você não sabe ler, por isso lhe direi o que está escrito nestes papéis.

— O tom de voz era insultante, mas o homem era obrigado a cumprir sua função até o fim. — Aqui está a sua carta de alforria, a de uma escrava de nome Ginny e uma para os filhos que tenham ou venham a ter. Este quarto documento é a escritura da propriedade no Novo México, uma fazenda à beira do Rio Grande.

Marcus já não ouvia mais o advogado, lendo e relendo aqueles papéis para ter certeza de que não estava sonhando. Segurando-os nas mãos, ele fitou Philip, ainda incrédulo.

— Papai queria que você recebesse sua parte, Marcus. — Ele se aproximou do irmão e tocou-o no braço. — Quis ser justo e achou que você tinha direito a uma herança digna.

— Como você se sentiu quando soube?

— Quer realmente que lhe responda? Na verdade, vou ficar bastante preocupado se perder sua colaboração num momento tão difícil e irei tentar de todos os modos convencê-lo de que é mais seguro ficar aqui até essa guerra absurda terminar. No entanto, compreenderei se quiser partir imediatamente, pois você seria louco se não usasse essa oportunidade de construir uma nova vida.

— Liberdade... mal posso acreditar! Estas letras juntam-se para formar a declaração de meu único sonho... o final da escravidão.

— Você sabe muito bem que poderia ter conseguido ser livre já há muito tempo, Marcus!

— Sei, mas não seria tão válido. Eu não teria uma propriedade para tomar conta e fazer crescer. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — No México... Meu Deus! Não sei nem onde fica, mas tenho certeza de que é um lugar maravilhoso!

— Papai comprou essas terras há seis anos e verificou todos os detalhes minuciosamente. São oitocentos hectares à beira do Rio Grande, numa região ótima para criar gado. E também cavalos de raça, aposto!

— Ainda não consigo acreditar. E Ginny? Ela vai ficar maluca de alegria quando souber!

O entusiasmo de Marcus era tão contagiante que, pela primeira vez há muitos meses, a risada de Philip foi espontânea e alegre.

— Vá logo, Marcus. Ela não deve ficar muito tempo sem saber dessa notícia tão boa!

— Tem razão, Philip. Ginny já esperou tempo demais... — Marcus se dirigia para a porta quando parou, voltando a encarar o irmão. — Você sabia de tudo?

— Papai conversou muitas vezes comigo sobre esse assunto.

— E não tem objeção alguma?

— Acredita que eu fosse considerar esse ato de meu pai como uma atitude errada ou injusta?

— Você lutou e quase morreu para preservar um modo de vida que não permite esse tipo de comportamento, Philip.

Sarah prendeu a respiração, fitando os dois homens que se enfrentavam. Ao mesmo tempo tão iguais e tão diferentes, os dois irmãos tinham um abismo entre eles, pois o destino os colocara em mundos opostos. Apesar de tudo, ambos haviam lutado contra essa separação artificial criada pela sociedade, e Sarah rezava para que a pergunta de Marcus não provocasse um desentendimento que nem uma guerra conseguira causar.

— Eu lutei pelo que julgava certo! Há uma infinidade de costumes válidos e dignos de serem mantidos embora talvez você não concorde comigo, agora. No entanto, eu também sempre soube que havia muitas mudanças necessárias e queria alcançá-las. Só não pretendia que outros determinassem por nós quais deveriam ser essas transformações, pois nós tínhamos o direito de decidir por nossa própria conta.

— Não sei... O sul jamais mudará se não for forçado a isso.

— Muito já está diferente, Marcus. Tantos homens morreram, tantos outros perderam sua arrogância diante da derrota de suas convicções que já não é mais possível acreditar na manutenção de uma estabilidade irreal. Triunfo ou derrota não farão a menor diferença, pois o velho sul já não existe mais!

Marcus ergueu a mão e tocou a manga vazia da camisa de Philip.

— Foi esse o preço a ser pago por essas mudanças, Philip?

— Não se trata de nada tão nobre... foi apenas azar.

— Realmente? Desde quando é azar continuar vivo? Marcus deixou a sala rapidamente, escondendo as lágrimas de tristeza pelo irmão e de alegria por Ginny. Após a saída dele, só o silêncio reinou na sala.

CAPÍTULO XXXIII

Marcus ficou em Calvert Cypress.

A safra daquele verão foi colhida e a maior parte dos produtos enviada para os armazéns do governo, onde seriam distribuídos para os soldados. Philip esforçou-se por considerar sua participação em alimentar e vestir o exército como uma contribuição pessoal por não poder mais ajudá-los empunhando um sabre no campo de batalha.

No entanto, esse auxílio lhe parecia tão insignificante e sem valor! Em julho daquele ano, poucos dias após a morte de Charles, os confederados foram vencidos em Gettysburg e quase simultaneamente em Vicksburg. A maré da sorte tinha virado, e Philip percebeu que o fim do sul se aproximava. Como ele, pensavam alguns outros que também evitavam expor suas opiniões diante de uma maioria convicta de um triunfo arrasador.

Em agosto, ele foi a Richmond para ajudar a coordenar a distribuição dos suprimentos a cada dia mais escassos e encontrou a cidade ainda tomada pela mesma certeza de uma vitória próxima. Todos concordavam, cabisbaixos, que haviam sofrido derrotas. Porém a recuperação não tardaria, por isso afirmar o contrário era considerado uma traição!

Como nas outras vezes, Philip não foi levado a sério por ninguém, nem mesmo por Peter Rider, que viera à cidade gozar três dias de licença. Para comemorar aquela reunião, agora tão difícil de ser conseguida, ambos tomaram uma garrafa de conhaque enquanto rememoravam os dias de um passado glorioso. A conversa foi extremamente agradável até o momento em que Philip resolveu mencionar sua opinião sobre a paz.

— Não é possível sequer pensar nisso! Só haverá um fim para esta guerra e é quando nossos mortos forem vingados. Como pode pensar um absurdo tão monstruoso como... pedir clemência.

— É muito fácil, Peter. Vi os mortos, embora não tantos quanto você, admito. Nunca conseguirei esquecer a máscara da morte. No entanto, se existe uma verdade na vida é que eles estão num outro mundo, além da dor, do conforto e, sobretudo, além da vingança. Eles já se foram, Peter, nada que fizermos os trará de volta! Nossa obrigação é cuidar dos que estão vivos... ainda.

Philip olhou à sua volta, notando que o saguão do hotel estava quase vazio. Apenas em algumas mesas permaneciam criaturas cujos sonhos torturantes os impediam de dormir. Talvez, como ele, esses homens precisassem permanecer acordados, a salvo dos pesadelos.

— Tenho um cunhado lutando no exército do norte. Nathan é apenas um garoto e, quando recebemos as raras cartas que ele envia, Sarah não contém as lágrimas. Mas... como censurá-la? Sarah chora tão raramente.

— É uma situação penosa, admito. Não ha nada mais trágico do que uma família dividida pela guerra e esse fato tem se tornado bastante freqüente. Agora consigo entender melhor seu desejo de paz.

— Eu me sentiria do mesmo modo mesmo se não houvesse essa ligação. Estamos nos destruindo em nome de uma insanidade que precisa parar!

— Loucura ou não, vai continuar e nada que você possa dizer irá alterar a situação. — Peter passou a mão no rosto exausto e precocemente envelhecido antes de prosseguir com uma voz sem qualquer esperança. — Volte para casa, Philip. Olhe para o futuro e reconstrua sua vida o melhor que puder.

— Você também pode fazer o mesmo. Todos têm direito a essa chance de recomeçar a viver.

— Não... para a maioria de nós nada mais resta. A oportunidade já passou e não voltará.

— Não aceito isso!

— Então não aceite, meu caro Philip. Saiba, porém, que minha opinião continua a mesma embora eu não consiga explicar os motivos. É como se o mundo de paz e serenidade que conhecíamos tivesse se tornado um sonho. A única realidade passou a ser o campo de batalha. A batalha se torna nossa única razão de ser, somos engolidos por ela, até nossa alma se vai, como o sangue dos mortos que o solo absorveu...

— Não fale assim, Peter — exclamou Philip assustado. — Você me dá a impressão de que já se considera longe demais para voltar, como se...

— ...se eu estivesse morto? Pois, às vezes, sinto-me exatamente dessa maneira. Dormi, acordei e conversei com cadáveres por tanto tempo que posso até chamá-los de amigos... aliás poucos ainda permanecem vivos. Soube que John Carslile morreu em Vicksburg.

— Você tem razão, Peter. Restam muito poucos...

Sarah terminou de trocar as fraldas de Elizabeth e deitou-a no berço, certa de que em poucos minutos os protestos da garotinha cederiam a um sono profundo e reparador. Como de costume, a filha tinha passado uma manhã movimentada entre as brincadeiras de William e a desordem que provocava na cozinha sob os olhares benevolentes de Augusta. No entanto, em muito pouco tempo, estaria acordada novamente, repousada e pronta a recomeçar suas atividades.

Se ao menos ela também conseguisse dormir! O calor de agosto parecia mais forte nesse ano e Sarah tentava colocar a culpa nos vestidos de luto por Charles que eram quentes demais. Porém sabia que os motivos eram outros. Sem esperar que a filha adormecesse, saiu do quarto, disposta a passar algumas horas sozinha com seus pensamentos.

Ultimamente, vinha achando bastante difícil resolver seus dilemas e estava se tornando perita em evitá-los. No entanto, essa fuga não podia continuar. Jamais fizera parte de sua personalidade essa, constante evasão de realidade e nunca se escondera dos problemas atrás de subterfúgios e pretextos. Sempre encarara as situações de frente e nessa atitude via uma de suas poucas semelhanças com o pai. Josiah possuía esse dom de não fugir de nada que o desagradasse e Sarah tinha acreditado que tal modo racional de ser significasse frieza e indiferença. Agora conseguia compreendê-lo melhor!

Apesar dos cuidados de Philip, a escassez começava a ser sentida em Calvert Cypress. Legumes, verduras e laticínios até então reservados para o uso da família estavam sendo requisitados pelo Exército, mais da metade do gado fora sacrificada para alimentar as tropas e, sem dúvida, logo o restante teria o mesmo destino. Já não havia mais cavalos nos estábulos nem possibilidades de voltar a tê-los pois a nata dos puros-sangues sulistas morrera nos campos de batalha.

No entanto, de que lhes serviriam os cavalos agora? Já não havia mais corridas ou caçadas, muito menos bailes e festas campestres. Sarah não percebera como tinha sido encantadora a vida social no sul até o momento em que tudo cessara. Isolada na fazenda, sem mulher alguma de sua idade com quem conversar, ela sentia-se exatamente como uma criatura solitária no meio de uma tormenta.

Sarah sentia uma falta imensa da companhia de Philip. Sabia que tivera muita sorte por estar com o marido em casa mas era uma presença apenas física, pois a essência daquele homem não tinha voltado com ele da última batalha.

Essa viagem de Philip a Richmond lhe provocara um alívio que a enchia de culpa. No entanto, por alguns dias, deixaria de fingir que a indiferença dele não a magoava. Sozinha, podia admitir o quanto estava preocupada com um problema quase insolúvel. E ela tentara, até o último alento, vencer a barreira que os separava...

Enquanto caminhava pelo roseiral de Elizabeth, que já há muito tempo se tornara seu refúgio predileto, Sarah pensou em tudo o que fizera para ajudar o marido a se recuperar, tanto física como emocionalmente. Lembrando-se de quão perto da morte Philip chegara, podia considerar que conseguira restaurar-lhe a saúde mas, quanto à parte emocional...

Com lágrimas toldando-lhe a visão, Sarah contemplou aquela mansão graciosa, como que adormecida sob o sol do final da tarde. Existiria algum outro lugar tão sereno e encantador? Apesar da crença de que a beleza das mansões sulistas escondia um mundo decadente, ela se recusava a aceitar essa falsidade. A casa, assim como o estilo de vida de que era o retrato, tinham valores muito significativos como honra, decência e coragem, aliados a um amor respeitoso pela terra. Philip era uma prova da sua certeza de que esse lado bom sobrepujaria as incompreensões, acreditando que o sul não só sobreviveria sem escravos como também sairia lucrando com a abolição. Mas, além disso, ele quisera ser dono de seu próprio destino e Sarah jamais o culparia por ter sentido esse desejo do qual partilhava.

Nos fundos da casa, Sarah viu a silhueta corpulenta de Augusta, conversando com alguém oculto atrás da porta da cozinha. A velha cozinheira deu uma gargalhada espontânea em resposta a algo que a divertira. Aquela alegria sem reservas obrigou-a a rever sua atitude, causando-lhe uma profunda vergonha. Augusta jamais conhecera na vida nada além de um trabalho incessante que durava desde a mais tenra infância até a velhice e ria como se o

mundo fosse um lugar de alegria e perfeição. Como ela podia ficar pelos cantos, lamentando sua própria sorte? Disposta a não se deixar vencer, Sarah retornou para a varanda sem ter chegado a conclusão alguma. Só sabia que estava num período, de espera, como um nadador que flutuasse nas águas prateadas do rio aguardando a correnteza que o levaria numa direção ou noutra.

Naquela noite, uma tempestade chegou, soprada pelo vento leste, trazendo ventos fortes e uma chuva torrencial. Sarah ainda não adormecera quando caiu o primeiro raio e, levantando-se da cama, foi até o quarto da filha para fechar as janelas. Depois de observar por algum tempo o sono sereno da garotinha, voltou pelo corredor e parou diante da alta janela de vidro para admirar a tormenta. Lembrou-se de uma outra noite em que fizera o mesmo, tantos anos atrás.

Como ela tinha mudado desde sua chegada a Calvert Cypress! A jovem, mais garota que mulher, vivera tantas experiências, boas e ruins, e todas haviam deixado uma marca indelével em sua personalidade. Algumas despertavam em Sarah dor e mágoa, como a brutalidade que quase destruíra Marcus, a morte lenta e angustiante de Charles e essa guerra violenta que parecia não ter fim. Mas jamais sofreria por nada acontecido entre ela e Philip... nem mesmo o sofrimento do marido a fazia se arrepender de um dia ter vindo para o sul!

Poderia parecer frieza ou indiferença não sentir pena de um homem que perdera o braço no campo de batalha.

O tempo não conseguira diminuir o impacto daquelas semanas terríveis quando Philip voltara para casa semimorto e, até que o marido recuperasse a consciência, ela estivera ao seu lado, o tempo todo ajudando a cuidar do ferimento.

Sarah tinha visto o resultado da amputação feita às pressas por um médico desesperado demais com a chegada incessante de feridos e moribundos para executar uma cirurgia bem-feita. A falta da anestesia fizera Philip entrar em estado de choque e, logo em seguida, a infecção se instalou no corpo debilitado. Quando o trouxeram a Calvert Cypress, ele estava muito próximo da morte. Só escapara graças à determinação obstinada da esposa que não podia aceitar tanto sofrimento sem um resultado feliz.

No entanto, ela se perguntava se Philip não a culpava por tê-lo impedido de morrer!

A tormenta aumentava em sua violência e Sarah decidiu sair na chuva, pois necessitava urgentemente de uma válvula de escape para emoções reprimidas dentro de si mesma já há tantos meses. A urgência de sentir a água fria escorrendo em seu rosto a impeliu a abrir a janela, inclinando-se para fora. Foi então que ouviu ruídos incomuns para aquela hora da noite: o galope de um cavalo, o tinir de esporas e arreios, mesclados às vozes baixas de dois homens.

— Eu tomo conta dele, "patrãozinho".

— Obrigado, Willy. Boa noite.

Era Philip voltando para casa! Sem pensar, Sarah agarrou um xale de renda, presente de tia Louise no Natal, e colocou sobre a camisola, correndo pelas escadas para ir ao encontro dele na biblioteca. Parou à porta e observou por alguns instantes o homem alto de pé na sala às escuras, olhando para a janela, com uma postura de derrota.

— Philip?

A impressão de Sarah foi que ele não tinha ouvido, pois demorou alguns segundos até virar-se de frente para a esposa.

— Pensei que você estivesse dormindo, Sarah.

— Com uma tempestade dessas?

Sarah deu um passo à frente, mas evitou aproximar-se demais daquele homem que, apesar da aparência cansada e dos trajes cheios de poeira, ainda era o mais atraente e sedutor que já encontrara em toda a sua vida. Existia uma mescla de força e gentileza naquelas feições aristocráticas que a prenderiam para sempre!

Não havia nenhuma luz acesa na sala, mas o céu se tornara do tom de cinza que precedia as grandes tormentas, colorindo o ambiente de prateado.

— Como eu poderia esquecer sua fascinação por tempestades, Sarah?

Os olhos de Philip a fitaram e ela teve certeza de que ele estava se lembrando de uma noite daquelas, quando os últimos vestígios da sua reserva puritana haviam se dissolvido e finalmente demonstrara ao marido a intensidade de sua paixão. Essa lembrança era dolorosa demais para ambos e evitaram sequer pensar naquela experiência maravilhosa.

— Como está a situação em Richmond? — Sarah parou ao lado da escrivaninha, colocando em ordem alguns papéis já perfeitamente arrumados.

— Como sempre... a única novidade foi meu encontro com Peter.

— Ele vai bem?

— Pareceu-me exausto...

Philip não queria fitar a esposa ao responder a suas perguntas. Sem dúvida, ela ignorava como o xale de renda apenas realçava suas curvas em vez de ocultá-las. Era um corpo que ele conhecia e, apesar da gravidez, continuava tão perfeito como antes. Aliás... perfeito e completo!

— Acho melhor você ir dormir, Sarah. É tarde.

Ela mordeu o lábio, contrariada com aquela sugestão fria. Uma semana ou um mês antes teria obedecido sem replicar, mas naquela noite algo a impeliu a reagir. Teria sido o aroma pungente das rosas de Elizabeth demonstrando que o amor podia durar até depois da morte?

— Tem razão, Philip. Mas só irei se me responder a uma única pergunta.

— Se eu tiver a resposta...

— Quando pretende parar de sentir pena de si próprio?

— Eu nem sequer notei que estava me autolastimando, Sarah.

— Então como explica seu comportamento? — Ela não tinha pensado em continuar mas perdeu um controle que vinha mantendo há meses e não pôde parar. — Você perdeu um braço, o que é uma tristeza, mas ainda está vivo, tem sua casa e sua família. Não está enterrado como tantos outros em valas comuns ou morrendo aos poucos numa prisão do norte. Você não é igual a Peter Rider, um militar preso para sempre às batalhas sem saber quando ou se algum dia terminarão.

— Você é uma mulher, Sarah, não passou pela tortura de estar num campo de batalha, não sabe...

— Então preciso saber, Philip! — Sarah não se conteve e tomou o rosto torturado em suas mãos, obrigando-o a fitá-la. — Diga-me o que eu não sei!

— Uma noite, eu acordei... algumas semanas depois de minha volta e vi sua expressão quando olhava para o meu ferimento... seu rosto estava distorcido pela repulsa.

— Foi por isso que não aceitou mais a minha ajuda?

— O que mais eu poderia fazer? Pela sua expressão você me pareceu a ponto de ter náuseas e eu nem sequer podia censurá-la pelo seu modo de sentir e pensar.

— Tanta generosidade me deixa maravilhada, Philip... principalmente se você considerar o fato de que não tem a menor noção dos meus sentimentos! Aliás, vou ser ainda mais clara... você não tem mais noção de nada!

— Sarah... desculpe-me. Se me enganei ao analisar a situação, peço realmente que me perdoe.

Pela primeira vez há meses, Philip sentia um ligeiro renascer de esperança.

— Se você acreditou que eu me afastaria de meu marido apenas porque ele se feriu, deve fazer muito mau juízo da personalidade de sua esposa! É um julgamento tão sério e depreciativo que nem sei como teve coragem de casar-se com uma mulher tão sem qualidades!

— Eu me casei com você para dar uma mãe a William, uma esposa que me desse mais filhos e uma mulher que cuidasse de minha casa.

— Ah! Então você admite que...

— E então me apaixonei, Sarah... perdidamente! Já tinha lhe dito isso antes, não?

— Há muito tempo não pronunciava essas palavras, Philip.

— Eu estava certo de que você não me amava mais. Hoje não sou mais o mesmo homem com quem se casou ou se apaixonou. Mudei de muitos modos e perder meu braço foi apenas um detalhe. Acreditava em tantas verdades e todas se mostraram falsas... e acima de tudo o valor que eu considerava mais importante na vida de um homem, o de proteger os seres amados, está ameaçado gravemente neste momento!

As palavras para refutar os argumentos de Philip seriam tão fáceis de ser ditas! Mas faltou a Sarah coragem, porque sabia que ele tinha razão. Sobre tudo que lhes era mais caro, pairava uma sombra sinistra, avolumando-se dia a dia. A onda destrutiva se deslocara para o oeste nas últimas semanas mas a mudança viria, inevitável e certa. Todo o sul desabaria como um enorme carvalho derrubado pelas forças brutais de uma tempestade e sua queda

majestosa mas estrondosa arrastaria consigo as tradições das célebres famílias sulistas.

No entanto, Sarah estava convencida de que os Calvert resistiriam ao final daquela tragédia! Uma família com tanta dignidade, honra e amor sobreviveria apesar de todas as transformações e as dificuldades que a mudança de um estilo de vida fatalmente traria. Eles não seriam derrotados! Nem Philip nem ela perderiam o ânimo, pois enfrentariam todas as amarguras juntos e, partilhando dores e alegrias, alcançariam o verdadeiro triunfo do amor.

Sarah tomou a mão de Philip que tocava seu braço e, levando-a aos lábios, beijou-a com carinho. Só então deixou-se envolver por um abraço de onde jamais precisaria sair. Fora de casa, a tempestade rugia, destrutiva como a guerra cruel que assolava o sul. Dentro daquelas paredes erguidas com a dedicação de tantas gerações, amor, coragem e esperança no futuro tornaram a aquecer os corações.

FIM

Próximo lançamento:

Clássicos da Literatura Romântica

As bruxas de Kenwood

Willo Davis Roberts

A sonhadora e linda Christina

A impetuosa e sensual Roxane

A meiga e loira Megan

Três mulheres muito desejadas, amadas, perseguidas num país onde a bruxaria é punida com a morte!

No final do século dezessete, a caça às bruxas estende suas negras asas sobre o mundo. Desesperadas, acossadas e acusadas de feitiçaria, as três irmãs Kenwood deixam a Inglaterra e fogem para o Novo Mundo. A América é a salvação, a esperança. E Massachusetts é a terra da aventura e do romance, a chance de mudar o destino. Grandes paixões despertam e amadurecem à sombra de preconceitos e ódio. Mas a perseguição às bruxas continua, implacável!

NOVA CULTURAL